

Universidade Federal de São Carlos- UFSCar
Centro de Educação e Ciências Humanas- CECH
Programa de Pós-Graduação em Sociologia- PPGS

Mariana Cardozo Batista de Oliveira

**CLASSE, CULTURA E POLÍTICA: UM ESTUDO RELACIONAL SOBRE
TRAJETÓRIAS E ENGAJAMENTO MILITANTE EM JUIZ DE FORA - MG**

São Carlos - SP

2025

MARIANA CARDOZO BATISTA DE OLIVEIRA

**CLASSE, CULTURA E POLÍTICA: UM ESTUDO RELACIONAL SOBRE
TRAJETÓRIAS E ENGAJAMENTO MILITANTE EM JUIZ DE FORA - MG**

Tese apresentada como requisito final para a obtenção do título de Doutora no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos.

Orientador: Prof. Dr. Fábio José Bechara Sanchez

Financiamento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

São Carlos - SP

2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Folha de Aprovação

Defesa de Tese de Doutorado da candidata Mariana Cardozo Batista de Oliveira, realizada em 27/02/2025.

Comissão Julgadora:

Prof. Dr. Fábio José Bechara Sanchez (UFSCar)

Prof. Dr. Rodrigo Constante Martins (UFSCar)

Profa. Dra. Vera Alves Cepêda (UFSCar)

Profa. Dra. Kimi Aparecida Tomizaki (USP)

Prof. Dr. Lorenzo Barrault-Stella (CNRS)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia.

A todas as pessoas queridas que permitem que eu me posicione e me reconheça nesse mundo.

AGRADECIMENTOS

A produção do conhecimento intelectual e acadêmico nunca é individual, mas sim um processo coletivo e social. Sendo assim, os trabalhos realizados no passado inspiram os que estão sendo produzidos no presente que, por sua vez, inspirarão os que vierem a se desenvolver no futuro; e assim a ciência se transforma continuamente. É isso o que mais me encanta no meu trabalho como pesquisadora, por isso não posso deixar de agradecer a todas as pessoas que passaram pela realização dessa pesquisa e nela deixaram a sua marca, seja pelos comentários e debates a seu respeito, seja pelo afeto e pelos momentos de acolhimento que me proporcionaram durante este longo caminho.

Início agradecendo aos meus pais, Rosa e Lourival, pelo apoio e compreensão incondicionais durante todo o processo de doutorado.

Ao meu companheiro de vida, Gilie, pelo constante afeto e cuidado a mim dispensados, que me permitiram escrever essa tese de uma forma mais leve.

Ao meu orientador, Fábio Sanchez, pelos debates intensos, pela acolhida nos momentos difíceis, por se fazer presente durante todo esse percurso, por ter me conferido autonomia para desenvolver a tese da maneira que escolhi e, principalmente, por ter me “desorganizado para que eu pudesse me organizar”.

Ao PPGS/UFSCar, que acolheu a minha pesquisa e me proporcionou momentos de debate e discussão preciosos junto de professores e colegas.

À Ana Livia, que é mais que uma amiga – é uma irmã –, minha gratidão pela presença constante, pelo apoio incondicional e por nunca medir esforços para me ajudar no que fosse necessário. Não há palavras que expressem o quanto ela é importante na minha vida, então só posso agradecer por sua existência neste mundo.

Aos muitos amigos que se fizeram presentes durante essa longa caminhada, compartilhando afeto, risadas e colo. Em especial à Jaque, à Camilinha e à Aninha Sabadin, que, conhecendo de perto as agruras da vida acadêmica, sempre estiveram presentes para comemorar comigo as pequenas vitórias e para ouvir meus desabaços nos momentos mais difíceis.

Ao CESSP/EHESS, instituto francês que me recebeu durante o doutorado sanduíche, pelas oportunidades de aprimorar a base teórico-metodológica desta pesquisa por meio de cursos, seminários e frutíferas discussões com professores e colegas. Agradeço especialmente ao meu supervisor, Julien Duval (CESSP/EHESS), e a Frédéric Lebaron (ENS Paris-Saclay) e

Lorenzo Barrault-Stella (CSU-CRESPPA), pela generosidade e disponibilidade em discutir os dados provisórios desta pesquisa enquanto estive na França.

Aos amigos que fiz na Maison du Brésil, que viraram família nos meses passados longe de casa, pelos calorosos momentos que compartilhamos em uma (muitas vezes) fria Paris. Meu agradecimento especial à Thaís, Bianca, João, Balu, Gabriel, Francesco e Pedro, amigos queridos que levarei para o resto da vida.

Ao meu orientador de mestrado, professor Dmitri Fernandes, pelo apoio constante ao longo de todo o processo de desenvolvimento desta tese. Nossos diálogos sempre se mostraram extremamente enriquecedores, reafirmando a ideia de que “não existe ex-orientador”.

À Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em especial ao Departamento de Ciências Sociais, pelo suporte institucional e pela concessão de acesso ao *software* utilizado na análise dos dados desta pesquisa.

Ao Grupo de Estudos em Bourdieu (GEBU)/Unicamp, que me proporcionou momentos muito preciosos de reflexão sobre a minha pesquisa por meio dos grupos de estudos e dos cursos de extensão que organizou. Em especial, agradeço ao professor Edison Bertencelo e ao Gustavo Vieira pela generosidade em discutir meus dados junto comigo e pelas indicações bibliográficas que tanto enriqueceram este trabalho.

Aos amigos de trabalho no CAEd/UFJF, Giovanna, Caíque, Carlos e Izabella, pelo apoio, acolhimento, compreensão e ajuda a mim dispensados no momento de conclusão da tese. Os momentos de conversas e compartilhamento de guloseimas com certeza fizeram toda a diferença nessa reta final.

A todos os ativistas políticos de Juiz de Fora que, de muito bom grado, aceitaram responder ao questionário e participar das entrevistas. Sem eles esta tese não seria possível.

À banca de defesa, que prontamente aceitou o meu convite para debater e avaliar esse trabalho. Agradeço especialmente à Kimi, que durante esses anos se tornou uma parceira de trabalho e uma amiga querida pela qual eu nutro um profundo respeito e uma grande admiração.

A Pierre Bourdieu, que me mostra continuamente, por meio das suas obras, qual é a minha verdadeira vocação: exercer o ofício de socióloga.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que possibilitaram a realização desta pesquisa tanto no Brasil como na França por meio da concessão de financiamento.

Para citar *Novos Baianos*, durante esses cinco anos de doutorado, a despeito dos obstáculos de uma pandemia, eu joguei o meu corpo no mundo, rodei por vários cantos e, pela

lei natural dos encontros, deixei e recebi um tanto. Todas as relações que construí nesses caminhos permitiram, de alguma forma, que eu chegasse até aqui. A todas elas, o meu profundo agradecimento.

Isto quer dizer que não se pode fazer uma ciência das classificações sem se fazer uma ciência da luta dessas classificações e sem se tomar em linha de conta a posição que, nesta luta pelo poder de conhecimento, pelo poder por meio do conhecimento, pelo monopólio da violência simbólica legítima, ocupa cada um dos agentes ou grupos de agentes que nela se acham envolvidos, quer se trate de simples particulares, condenados aos acasos da luta simbólica quotidiana, quer se trate de profissionais autorizados - e entre eles todos os que falam ou escrevem a respeito das classes sociais e que se distinguem conforme as suas classificações.

(Bourdieu, 1989, p. 149).

RESUMO

Esta tese tem como objetivo investigar como as dimensões sociais e simbólicas se entrelaçam com o comportamento político de ativistas na cidade de Juiz de Fora – MG. A partir de uma pesquisa realizada com 121 militantes de diferentes espectros políticos, buscou-se situá-los em um espaço relacional construído por meio da técnica de análise de correspondências múltiplas (ACM). A abordagem teórica adotada fundamenta-se na sociologia política de Pierre Bourdieu, partindo do pressuposto de que uma compreensão multidimensional de classe, informada pelo modelo do espaço social, possibilita avanços significativos na análise do engajamento político no Brasil contemporâneo. Os resultados confirmam as duas hipóteses teóricas principais: (i) as lutas políticas contemporâneas são protagonizadas por ativistas provenientes de classes médias, independentemente de sua orientação ideológica, e (ii) a filiação política desses ativistas varia conforme a sua composição de capitais, influenciando seu posicionamento no espaço relacional analisado. Especificamente, os dados coletados revelam que os ativistas de esquerda pertencem a uma fração cultural da classe média, enquanto os de direita se inserem em uma fração econômica desta mesma classe, demonstrando que as divisões políticas se manifestam na interação entre diferentes formas de capital. Com base nesses resultados, o trabalho evidencia que as práticas políticas integram um estilo de vida mais abrangente que mantém afinidades diretas com outras práticas simbólicas de distinção. Além de uma análise mais estrutural, o estudo também engloba uma perspectiva processual da militância ao analisar as trajetórias individuais e políticas de 15 entrevistados, demonstrando que existem diferenças significativas entre os ativismos de esquerda e de direita, sobretudo em relação aos processos de socialização política e às motivações para o ativismo. A tese busca contribuir para a construção de uma agenda de estudos na sociologia brasileira que integre classe e cultura não apenas em seu sentido estrito - como consumo de bens culturais -, mas que também incorpore as práticas políticas ao conjunto mais amplo das práticas simbólicas.

Palavras-chave: Classe Social. Ativismo político. Espaço social. Análise de correspondências múltiplas. Sociologia política.

ABSTRACT

This thesis aims to investigate how social and symbolic dimensions intertwine with the political behavior of activists in the city of Juiz de Fora – MG. Based on a study conducted with 121 militants from different political spectrums, the research sought to position them within a relational space constructed through the technique of multiple correspondence analysis (MCA). The theoretical approach adopted is grounded in Pierre Bourdieu's political sociology, assuming that a multidimensional understanding of class, informed by the social space model, enables significant advances in the analysis of political engagement in contemporary Brazil. The results confirm the two main theoretical hypotheses: (i) contemporary political struggles are led by activists from the middle classes, regardless of their ideological orientation, and (ii) the political affiliation of these activists varies according to their capital composition, influencing their positioning within the analyzed relational space. Specifically, the collected data reveal that left-wing activists belong to a cultural fraction of the middle class, while right-wing activists are situated in an economic fraction of the same class. This demonstrates that political divisions manifest through the interaction between different forms of capital. Based on these findings, the study highlights that political practices are part of a broader lifestyle, directly linked to other symbolic practices of distinction. In addition to a more structural analysis, the research also includes a processual perspective on activism by examining the individual and political trajectories of 15 interviewees. It shows that there are significant differences between left-wing and right-wing activism, particularly regarding political socialization processes and motivations for activism. This thesis aims to contribute to the development of a research agenda in Brazilian sociology that integrates class and culture not only in their strict sense—as the consumption of cultural goods—but also by incorporating political practices into the broader set of symbolic practices.

Keywords: Social class. Political activism. Social space. Multiple correspondence analysis. Political sociology.

RESUMEN

Esta tesis tiene como objetivo investigar cómo las dimensiones sociales y simbólicas se entrelazan con el comportamiento político de los activistas en la ciudad de Juiz de Fora – MG. A partir de un estudio realizado con 121 militantes de diferentes espectros políticos, se buscó posicionarlos en un espacio relacional construido mediante la técnica de análisis de correspondencias múltiples (ACM). El enfoque teórico adoptado se basa en la sociología política de Pierre Bourdieu, partiendo del supuesto de que una comprensión multidimensional de la clase, informada por el modelo del espacio social, permite avances significativos en el análisis del compromiso político en el Brasil contemporáneo. Los resultados confirman las dos principales hipótesis teóricas: (i) las luchas políticas contemporáneas están protagonizadas por activistas provenientes de las clases medias, independientemente de su orientación ideológica, y (ii) la afiliación política de estos activistas varía según su composición de capitales, lo que influye en su posicionamiento dentro del espacio relacional analizado. Específicamente, los datos recopilados revelan que los activistas de izquierda pertenecen a una fracción cultural de la clase media, mientras que los de derecha se insertan en una fracción económica de esta misma clase, lo que demuestra que las divisiones políticas se manifiestan en la interacción entre diferentes formas de capital. A partir de estos hallazgos, el estudio destaca que las prácticas políticas forman parte de un estilo de vida más amplio, estrechamente vinculado con otras prácticas simbólicas de distinción. Además de un análisis más estructural, la investigación también incorpora una perspectiva procesual del activismo al examinar las trayectorias individuales y políticas de 15 entrevistados. Se demuestra que existen diferencias significativas entre los activismos de izquierda y de derecha, especialmente en lo que respecta a los procesos de socialización política y las motivaciones para el activismo. Esta tesis busca contribuir a la construcción de una agenda de estudios en la sociología brasileña que integre clase y cultura no solo en su sentido estricto—como el consumo de bienes culturales—sino también incorporando las prácticas políticas al conjunto más amplio de las prácticas simbólicas.

Palabras clave: Clase social. Activismo político. Espacio social. Análisis de correspondencias múltiples. Sociología política.

RÉSUMÉ

Cette thèse vise à analyser comment les dimensions sociales et symboliques s'entrelacent avec le comportement politique des activistes dans la ville de Juiz de Fora – MG. À partir d'une enquête menée auprès de 121 militants de différents spectres politiques, il s'agit de les positionner dans un espace relationnel construit grâce à la technique de l'analyse des correspondances multiples (ACM). L'approche théorique adoptée s'appuie sur la sociologie politique de Pierre Bourdieu, en partant du postulat qu'une compréhension multidimensionnelle de la classe, éclairée par le modèle de l'espace social, permet des avancées significatives dans l'analyse de l'engagement politique dans le Brésil contemporain. Les résultats confirment les deux principales hypothèses théoriques : (i) les luttes politiques contemporaines sont menées par des activistes issus des classes moyennes, quelle que soit leur orientation idéologique, et (ii) leur affiliation politique varie en fonction de leur composition en capitaux, influençant ainsi leur positionnement dans l'espace relationnel analysé. Plus précisément, les données recueillies montrent que les activistes de gauche appartiennent à une fraction culturelle de la classe moyenne, tandis que ceux de droite s'insèrent dans une fraction économique de cette même classe, ce qui démontre que les divisions politiques se manifestent à travers l'interaction entre différentes formes de capital. À partir de ces résultats, cette étude met en évidence que les pratiques politiques s'intègrent dans un style de vie plus large, en lien direct avec d'autres pratiques symboliques de distinction. En plus d'une analyse structurelle, la recherche adopte également une perspective processuelle de l'activisme, en examinant les trajectoires individuelles et politiques de 15 enquêtés. Il en ressort des différences significatives entre les activistes de gauche et de droite, notamment en ce qui concerne les processus de socialisation politique et les motivations à l'engagement militant. Cette thèse entend ainsi contribuer à la construction d'un programme de recherche en sociologie brésilienne qui intègre classe et culture non seulement dans leur sens strict – comme la consommation de biens culturels –, mais aussi en incorporant les pratiques politiques dans l'ensemble plus large des pratiques symboliques.

Mots-clés : Classe sociale. Activisme politique. Espace social. Analyse des correspondances multiples. Sociologie politique.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Espectro político.....	85
Tabela 2 – Sempre se identificou com esse espectro?.....	86
Tabela 3 – Afinidade com linha de pensamento.....	88
Tabela 4 – Tempo de ativismo.....	90
Tabela 5 – Principal motivação para o ativismo.....	90
Tabela 6 – Local de início da trajetória política.....	92
Tabela 7 – Filiação Partidária.....	95
Tabela 8 – Participação em grupo / coletivo político.....	97
Tabela 9 – Participação em Sindicato.....	99
Tabela 10 – Exercício de cargo político (eletivo ou comissionado).....	99
Tabela 11 – Frequência de ativismo político.....	100
Tabela 12 – Participação em manifestações de rua em Juiz de Fora entre os anos de 2015 e 2022.....	100
Tabela 13 – Democracia x Ditadura.....	102

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Espectro Político x Sempre se identificou com esse espectro?.....	86
Quadro 2 – Espectro Político x Afinidade com linha de pensamento.....	88
Quadro 3 – Motivação para o ativismo x Tempo de ativismo.....	91
Quadro 4 – Espectro Político x Local de início da trajetória política.....	93
Quadro 5 – Espectro Político x Filiação Partidária.....	96
Quadro 6 – Grupos políticos mencionados pelos respondentes.....	97
Quadro 7 – Espectro Político x Participação em manifestações de rua em Juiz de Fora entre 2015 e 2022.....	101
Quadro 8 – Espectro Político x Sexo/Gênero.....	103
Quadro 9 – Espectro Político x Idade.....	104
Quadro 10 – Espectro Político x Cor.....	105
Quadro 11 – Espectro Político x Escolaridade.....	107
Quadro 12 – Espectro Político x Área de Formação Profissional.....	108
Quadro 13 – Espectro Político x Ocupação.....	110
Quadro 14 – Espectro Político x Renda Familiar.....	112
Quadro 15 – Espectro Político x Local de Residência.....	114
Quadro 16 – Espectro Político x Religião.....	115
Quadro 17 – Espectro Político x Condições de vida entre gerações.....	117
Quadro 18 – Perfil socioeconômico e perfil político dos entrevistados.....	119

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Esquerda x Direita (modalidades ativas do eixo 1).....	132
Figura 2 – Esquerda x Direita (modalidades suplementares do eixo 1).....	134
Figura 3 – Centro-esquerda x Esquerda (modalidades ativas do eixo 2).....	137
Figura 4 – Centro-esquerda x Esquerda (modalidades suplementares do eixo 2).....	140
Figura 5 – Conservadorismo x Liberalismo (modalidades ativas do eixo 3).....	142
Figura 6 - Liberalismo x Conservadorismo (modalidades suplementares do eixo 3).....	145
Figura 7 – Cluster 1 (modalidades ativas).....	150
Figura 8 – Cluster 1 (modalidades suplementares).....	151
Figura 9 – Cluster 2 (modalidades ativas).....	153
Figura 10 – Cluster 2 (modalidades suplementares).....	153
Figura 11 – Cluster 3 (modalidades ativas).....	155
Figura 12 – Cluster 3 (modalidades suplementares).....	156
Figura 13 - Os clusters na nuvem de indivíduos.....	157
Figura 14 – Entrevistados na nuvem de indivíduos.....	181

LISTA DE SIGLAS

ANEL - Assembleia Nacional dos Estudantes Livres
ANPG - Associação Nacional de Pós-Graduandos/as
APG - Associação dos Pós-Graduandos
CFCAM/JF - Coletivo Feminista Classista Ana Montenegro – JF/MG
CMDM/JF - Conselho Municipal de Direitos da Mulher JF
CMS/JF - Conselho Municipal de Saúde/JF
CTU - Colégio Técnico Universitário
CUT - Central Única dos Trabalhadores
DA - Diretório Acadêmico
DAP - PT/JF - Diálogo e Ação Petista
DCE - Diretório Central dos Estudantes
DEM - Democratas
IF Sudeste - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais
GETO - Grêmio Estudantil Técnico Universitário
MBL - Movimento Brasil Livre
MDB - Movimento Democrático Brasileiro
MNU - Movimento Negro Unificado
MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
NAJUP - Núcleo de Assessoria Jurídica Popular
PCB - Partido Comunista Brasileiro
PCdoB - Partido Comunista do Brasil
PDT - Partido Democrático Trabalhista
PHS - Partido Humanista da Solidariedade
PL - Partido Liberal
PPS - Partido Popular Socialista
PPS - Progressistas
PRTB - Partido Renovador Trabalhista Brasileiro
PSB - Partido Socialista Brasileiro
PSC - Partido Social Cristão
PSD - Partido Social Democrático
PSDB - Partido da Social Democracia Brasileira
PSL - Partido Social Liberal
PSOL - Partido Socialismo e Liberdade
PSTU - Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
PT - Partidos dos Trabalhadores
PTB - Partido Trabalhista Brasileiro
PTC - Partido Trabalhista Cristão
PV - Partido Verde
RAPS - Rede de Ação Política pela Sustentabilidade
SPM - Sociedade Pró-Melhoramentos
UBES - União Brasileira dos Estudantes Secundaristas
UBM - União Brasileira de Mulheres
UEE - União Estadual dos Estudantes
UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora
UJL - União Juventude e Liberdade
UJS - União da Juventude Socialista
UNE - União Nacional dos Estudantes

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	20
2. O MODELO MULTIDIMENSIONAL DE CLASSE E A SUA IMPORTÂNCIA PARA A COMPREENSÃO SOCIOLOGICA DA AÇÃO POLÍTICA	28
2.1. O IMPACTO DAS TRANSFORMAÇÕES POLÍTICO-SOCIAIS NO DEBATE TEÓRICO SOBRE CLASSE E ATITUDES POLÍTICAS	28
2.2. A DEFINIÇÃO RELACIONAL E HISTÓRICA DA DÍADE DIREITA-ESQUERDA E AS GRANDES IDEOLOGIAS MODERNAS	34
2.3. AS CLASSES MÉDIAS E A POLÍTICA: UM DEBATE CONTRADITÓRIO	39
2.4. AS CLASSES MÉDIAS NA LITERATURA BRASILEIRA: UMA APRESENTAÇÃO COMPARATIVA ENTRE AUTORES	43
2.5. OS NOVOS MOVIMENTOS SOCIAIS COMO MOVIMENTOS DE CLASSE MÉDIA: UMA HIPÓTESE TEÓRICA	52
3. APONTAMENTOS METODOLÓGICOS DE UMA PESQUISA RELACIONAL	59
3.1. APRESENTAÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO: RECORTES, ESTRATÉGIAS, DIFICULDADES E INSTRUMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS	59
3.2. A ANÁLISE DE CORRESPONDÊNCIAS MÚLTIPLAS (ACM)	67
3.2.1. Um breve histórico da ACM	67
3.2.2. Pressupostos teóricos e estatísticos da ACM	72
3.2.3. O passo a passo da construção de uma ACM	76
3.3. PESQUISANDO ATIVISTAS DE DIREITA	77
4. PERFIL POLÍTICO E SOCIOECONÔMICO DO UNIVERSO QUE COMPÕE A PESQUISA	81
4.1. A CIDADE DE JUIZ DE FORA – MG	81
4.2. APRESENTANDO OS RESPONDENTES DO QUESTIONÁRIO EM TERMOS POLÍTICOS	84
4.2.1. Autoposicionamento político	85
4.2.2. Trajetória política	90
4.2.3. Organização e atuação política	94
4.3. APRESENTANDO OS RESPONDENTES DO QUESTIONÁRIO EM TERMOS SOCIOECONÔMICOS	102
4.4. APRESENTANDO OS ENTREVISTADOS EM TERMOS SOCIOECONÔMICOS E POLÍTICOS	119
5. O ESPAÇO RELACIONAL DO ATIVISMO POLÍTICO EM JUIZ DE FORA - MG	128
5.1. CONSTRUÇÃO E DESCRIÇÃO DO ESPAÇO RELACIONAL.....	128
5.1.1. Eixo 1: Direita x Esquerda	131

5.1.2. Eixo 2: Centro-esquerda x Esquerda	136
5.1.3. Eixo 3: Conservadorismo x Liberalismo	142
5.2. CONSTRUÇÕES TIPOLOGICAS OU ANÁLISE DE CLUSTERS	147
5.2.1. Cluster 1: Esquerdistas pertencentes a uma fração cultural de classe.....	149
5.2.2. Cluster 2: Centristas	151
5.2.3. Direitistas pertencentes a uma fração econômica de classe	153
5.3. INTERPRETANDO O ESPAÇO RELACIONAL E OS AGRUPAMENTOS (CLUSTERS) A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA MULTIDIMENSIONAL DE CLASSE.....	158
5.3.1. Efeitos estruturantes do espaço político: volume e composição de capitais dos ativistas pesquisados	159
5.3.1.1. Eixo 3: Liberalismo x Conservadorismo e a relação com o volume global de capital	163
5.3.1.2. Eixo 1 e Clusters 1 e 3: Direita x Esquerda e a relação com a composição de capitais	168
5.4. SÍNTESE DOS PRINCIPAIS ACHADOS ESTRUTURAIS	176
6. DISPOSIÇÕES A MILITAR E SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA.....	179
6.1. ENTREVISTADOS DE ESQUERDA	182
6.1.1. Socialização política na família	182
6.1.2. Escolarização e ocupação.....	188
6.1.3. Espaços de formação e atuação.....	191
6.1.4. Tipos de militância	196
6.2. ENTREVISTADOS DE DIREITA	198
6.2.1. Socialização política na família	198
6.2.2. Escolarização e ocupação.....	201
6.2.3. Espaços de formação e atuação.....	202
6.2.4. Tipos de militância	216
6.3. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	218
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	221
REFERÊNCIAS	226
APÊNDICE A – Questionário	236
APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista	250
APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	253
APÊNDICE D – Manifestações e grupos mapeados entre 2015 e 2022.....	256
APÊNDICE E - Variáveis e categorias ativas utilizadas na ACM.....	261
APÊNDICE F – Variáveis e categorias suplementares utilizadas na ACM.....	267

APÊNDICE G - Tabela demonstrativa da variância explicada pelos eixos 1, 2 e 3 pela Taxa Modificada de Benzécri	282
APÊNDICE H – Gráfico demonstrativo da variância explicada pelos eixos 1, 2 e 3 pela Taxa Modificada de Benzécri	284
APÊNDICE I - Modalidades (ou categorias) ativas que contribuíram acima da média para a conformação do eixo 1 (Figura 1).....	285
APÊNDICE J - Modalidades (ou categorias) suplementares que são importantes para a caracterização do eixo 1 (Figura 2)	286
APÊNDICE K - Modalidades (ou categorias) ativas que contribuíram acima da média para a conformação do eixo 2 (Figura 3).....	287
APÊNDICE L - Modalidades (ou categorias) suplementares que são importantes para a caracterização do eixo 2 (Figura 4)	288
APÊNDICE M - Modalidades (ou categorias) ativas que contribuíram acima da média para a conformação do eixo 3 (Figura 5).....	289
APÊNDICE N - Modalidades (ou categorias) suplementares que são importantes para a caracterização do eixo 3 (Figura 6)	290
APÊNDICE O - Dendrograma de construção dos clusters	291



Imagem de duas casas iguais, localizadas em uma das principais avenidas de Juiz de Fora, na região central da cidade. A casa da esquerda tem uma bandeira do Brasil pendurada, enquanto a casa da direita tem uma bandeira do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra).

Fonte: Autoria própria.

1. INTRODUÇÃO

Desde as manifestações de junho de 2013, a sociedade brasileira tem sido atravessada por um cenário de crise e polarização política, fenômeno que impulsionou uma série de pesquisas acadêmicas voltadas à investigação tanto do (re)surgimento de uma “nova direita”¹ quanto de novas formas de participação política com diferentes orientações no espectro ideológico. Esse contexto redesenhou e acirrou o cenário dos conflitos políticos no país, abrindo novas estruturas de oportunidades para o ativismo não apenas dentro do campo político, mas na sociedade como um todo em seus múltiplos espaços sociais e institucionais (Ancelovici, 2021).

Ancelovici (2021) argumenta, nesse sentido, que em vez de deduzir a primazia da esfera política, é mais adequado investigá-la de forma indutiva e empírica, analisando como múltiplas estruturas – sejam elas políticas (vinculadas ao Estado) ou não – se entrelaçam e podem se constituir mutuamente. Isso implica ir além das instituições estatais, evitando restringir a política ao sistema formal. A proposta de examinar as transformações político-sociais em um espaço social mais amplo, composto por múltiplos campos, permite identificar aberturas e mudanças não apenas na esfera política, mas também em outros contextos que podem ser tão ou mais relevantes para os movimentos sociais do que o próprio campo político (Husu, 2013 apud Ancelovici, 2021). Essa abordagem possibilita uma compreensão mais aprofundada da articulação entre a trajetória das mobilizações e o espaço de tomadas de posição².

¹ Antônio Flávio Pierucci (1988), um dos teóricos pioneiros a conferir um olhar sociológico ao tema da adesão ao discurso da direita pelo eleitorado, já empregava, em estudos que realizou em São Paulo da década de 1980, a expressão “nova direita”, uma vez que tais manifestações estavam se dando logo após o final da ditadura militar (em um período de redemocratização), tendo buscado apreender o que ela significava naquele momento, quais pautas defendia, o que não estava presente em seu discurso, quem eram os seus principais apoiadores etc. Em um brevíssimo resumo, o autor conclui, como veremos mais adiante neste trabalho, que o direitista paulistano daquela época era eminentemente branco, pertencia a uma classe média baixa que, apesar de apresentar algumas posses econômicas, era desprovida de capital cultural e residia em bairros posicionados entre a periferia e o centro de São Paulo, localizados sobretudo nas zonas Norte e Leste da cidade, ou seja, distante das regiões que ofereciam serviços culturais (do outro lado da cidade); era uma direita estatista e moralista. Não se tratava, portanto, de fato, de uma “nova direita”, e sim de uma direita velha ou transformada. Pode-se dizer que o mesmo se sucede atualmente. A direita hoje identificada uma vez mais como “nova” continua trazendo elementos dessa “velha direita”, a despeito de modificações sociais e políticas que provocaram a adesão a discursos neoliberais (elemento praticamente ausente à época dos estudos de Pierucci) (Fernandes; Messenberg, 2018).

² Enquanto as posições sociais são determinadas pela acumulação de uma forma específica de capital valorizada dentro de um campo, as tomadas de posição estão intimamente ligadas às estratégias simbólicas empregadas pelos atores para melhorar sua posição nesse espaço. Como o campo da tomada de posição é estruturado por um sistema de oposições, a construção e o significado dessas tomadas de posição são essencialmente relacionais. Desse modo, cada tomada de posição adquire seu significado, valor e efeitos a partir de sua relação com as demais dentro do campo. Os esforços em busca de distinção e os conflitos gerados nesse processo atuam como forças centrípetas, reforçando a coesão do campo, em vez de forças centrífugas, que tenderiam à dispersão. Essas duas dimensões

Essas recentes transformações político-sociais envolveram a entrada de novos agentes que, ao disputarem o mesmo espaço social que os antigos, desestabilizaram as relações de poder estabelecidas e reorganizaram os atores dominantes. Isso ocorre à medida que esses recém-chegados tomam partido nos conflitos que estruturam os campos e buscam construir alianças estratégicas, tanto com atores dominantes quanto com os dominados, para consolidar ou aprimorar sua posição recém-adquirida³. Da mesma forma, os agentes já estabelecidos também tentam atrair novos participantes, uma vez que "as chances de sucesso das estratégias de conservação e subversão sempre dependem, em parte, do reforço que um ou outro campo pode encontrar em forças externas" (Bourdieu, 1996, p. 234 apud Ancelovici, 2021, p. 165, tradução nossa)⁴. Uma vez inseridos, sua própria presença contribui para a transformação dos campos, alterando a dinâmica dos conflitos: a entrada de novos agentes não é apenas um produto das mudanças na estrutura de um campo, mas também um fator que impulsiona essas transformações (Ancelovici, 2021).

É nesse contexto que se insere esta tese. A partir da ênfase nos agentes envolvidos nesses processos, busco analisar os fenômenos políticos recentes no Brasil por meio de um olhar sociológico relacional, fundamentado principalmente nos estudos de Pierre Bourdieu sobre classe, cultura e política. Há vários benefícios que derivam do uso de uma abordagem bourdieusiana. Por exemplo, o conceito de *habitus* nos fornece uma teoria cultural da ação social que muitas vezes está ausente nos estudos sobre movimentos sociais. Além disso, o conceito de capital de Bourdieu nos confere uma maneira sistemática e relacional de pensar

fundamentais - o espaço das posições sociais e o espaço das tomadas de posição - estão interligadas de forma a refletir os efeitos que o campo exerce sobre seus participantes (Bourdieu, 1992/1996 apud Ancelovici, 2021).

³ Ancelovici (2021, p. 165, tradução nossa) aponta que esses novos entrantes não surgem do nada. "Frequentemente, eles transitam de um campo para outro seguindo uma lógica de expansão, ao tentar converter e reinvestir em outro lugar o capital acumulado em seu campo de "origem". Eles trazem consigo sua experiência prévia, visão e habilidades. De acordo com Fligstein e McAdam (2011, p. 15): 'Desafiadores externos frequentemente são os competidores mais eficazes porque não estão presos às convenções do campo e, em vez disso, são livres para trazer novas definições da situação e novas formas de ação para a disputa'. Em outras palavras, os novos entrantes carregam consigo um conjunto distinto de disposições ou *habitus*, resultantes de outras trajetórias sociais e campos, e assim importam para o campo que ingressam novas práticas e esquemas". Como exemplos recentes desses movimentos no Brasil, podemos citar a ampliação da bancada evangélica e a entrada de *coachs* e *digital influencers* em disputas eleitorais.

⁴ "A hierarquia e as desigualdades de um dado campo significam que certos atores tendem a monopolizar a forma de capital que confere mais poder naquele campo. Essa tendência à monopolização envolve relações não apenas de poder, mas também de dominação, nas quais os atores dominantes são capazes de impor as regras formais e informais do campo, seus principais objetivos e seus critérios de entrada (Bourdieu, 1984c; Bourdieu & Wacquant, 1992). A luta entre os dominantes e os dominados – ou entre os titulares e os desafiantes (cf. Fligstein, 2001, 2008; Fligstein & McAdam, 2011, 2012) – é, portanto, simultaneamente um elemento constitutivo do campo, bem como um efeito do campo. [...]. Assim, apesar da natureza antagônica das interações, os atores envolvidos em lutas dentro de um determinado campo contribuem para sua reprodução. [...]. Como Bourdieu (1992/1996, p. 232) coloca, 'o princípio gerador e unificador deste 'sistema' [de oposições] é a própria luta'" (Ancelovici, 2021, p. 159, tradução nossa).

sobre os tipos de recursos que os atores possuem e usam e para se relacionar com as estruturas sociais (Ancelovici, 2021).

A abordagem classista de Bourdieu reflete a sua concepção marcadamente relacional da vida social. Para o autor, o estofo da realidade social consiste, não em indivíduos ou grupos, mas, sim, em relações apreendidas através de redes de laços materiais e simbólicos que constituem o objeto adequado da análise social, abraçando, ao mesmo tempo, tanto a estrutura quanto o agente (Wacquant, 2013). As posições diferenciais são distinguidas em razão daquilo que não são, em relação ao seu oposto, revelando, assim, seu caráter relacional: “a identidade social define-se e afirma-se na diferença” (Bourdieu, 2015, p. 164). Sendo assim, os estilos de vida são produtos sistemáticos dos *habitus* apreendidos em suas relações mútuas.

A construção de uma teoria do espaço social implica em uma série de rupturas com a teoria marxista no que toca ao tema “classe e política”. É necessário, portanto, privilegiar as relações em detrimento das substâncias, rompendo-se com a ideia de que uma classe teórica representa uma classe real, um grupo efetivamente mobilizado. É preciso também se despir da primazia do economicismo, que leva a reduzir o espaço social, que é multidimensional, ao campo econômico, e de um objetivismo que ignora as lutas simbólicas desenvolvidas nesse espaço, nas quais está em jogo a própria representação hegemônica do mundo social. O conhecimento do espaço das posições - que determina compatibilidades e incompatibilidades, proximidades e distâncias - permite que recortemos classes ou frações de classes que não existem como grupos reais, embora haja a probabilidade de que se constituam como grupos práticos, como clubes, associações, movimentos sociais ou grupos políticos. O que existe, na verdade, é um espaço de relações (Bourdieu, 1989)⁵.

Antes de nos aprofundarmos nos objetos dessa investigação, é importante pontuar que, dentre os trabalhos que têm procurado analisar esse fenômeno, são quase inexistentes aqueles que buscam posicionar os indivíduos dentro da estrutura social, no intuito de compreender, de fato, quais são as raízes sociológicas que o embasam. A maioria dos estudos, portanto, se exime de fazer uma análise mediada, historicizada e relacional do fenômeno, deixando escapar um elemento importante para a inteligibilidade das tomadas de posição dos agentes, que é o escrutínio da organização interna e das propriedades sociais dos mesmos (Fernandes; Vieira, 2019).

⁵ “Mais chegado a um inconsciente de classe que a uma ‘consciência de classe’ no sentido marxista, o sentido da posição ocupada no espaço social [...] está no domínio prático da estrutura social no seu conjunto, o qual se descobre através do sentido da posição ocupada nessa estrutura. As categorias de percepção do mundo social são, no essencial, produto da incorporação das estruturas objetivas do espaço social” (Bourdieu, 1989, p. 141).

Scherer-Warren (2015) aponta a importância de se contemplar, na análise das novas formas de agir político e/ou das manifestações de rua recentes, uma perspectiva que inclua as dimensões sociais e políticas do fenômeno, o que é propiciado pela sociologia política. A autora também pontua que tal perspectiva ainda se revela como uma lacuna dentro das ciências sociais brasileiras, de modo que pensar os dois lados da relação Estado-sociedade vem se colocando como um desafio relevante, além de apresentar uma ampla agenda de investigação empírica e de elaboração teórico-metodológica a ser desenvolvida.

Diante dessas lacunas, especialmente no campo da sociologia brasileira, tenho desenvolvido uma investigação que adota uma abordagem distinta das análises psicossociais do fenômeno (como as de Crochik, 1996; Altemeyer, 1998; Neumann, 2008) ou das análises que, ao explicarem o fenômeno a partir de si mesmo, se limitam a apontar e descrever os discursos adotados pelos agentes, sua similitude e coerência, concluindo, de maneira geral, que este é o modo como esses indivíduos pensam e agem (como as de Tatagiba; Trindade; Teixeira, 2015; Fundação Perseu Abramo, 2017; Messenberg, 2017; Solano, 2018; Fundação Tide Setubal, 2019).

Por fim, também busco me distanciar das interpretações predominantes na maioria dos estudos sobre os fenômenos políticos no Brasil, que, fortemente influenciados por uma ciência política de base norte-americana e ancorados na noção de uma suposta "crise da democracia"⁶, adotam um viés político-institucional e normativo, privilegiando a análise conjuntural em detrimento de uma abordagem sociológica. Embora relevantes e necessárias, essas perspectivas frequentemente negligenciam ou relegam a um segundo plano os condicionantes sociais da política - como os grupos, as classes, a estratificação social, a estrutura econômica e a cultura política -, além de desconsiderarem, em muitos casos, seu caráter histórico⁷.

Ao contrário desses enfoques, a abordagem que proponho baseia-se na sociologia política de Pierre Bourdieu, sobretudo nos achados contidos no Capítulo 8 de *A Distinção*. Nesse sentido, o presente trabalho tem por objetivo investigar de que forma dimensões sociais e simbólicas se entrelaçam com o comportamento político⁸ de militantes de Juiz de Fora – MG,

⁶ Para um aprofundamento desta análise, ver Fernandes e Oliveira (2023).

⁷ Para uma discussão mais ampliada sobre essas questões, ver Perissinotto (2004), Reis (2002) e Scherer-Warren (2015).

⁸ Seguindo os apontamentos de Tomizaki e Silva (2021), compreendo o termo "comportamento político" em um sentido amplo que abrange três níveis de relação com a política: (i) as opiniões, que correspondem a ideias manifestas em afirmações ou comentários sobre determinado tema ou em tomadas de posição em debates sociais; (ii) os comportamentos, que envolvem ações concretas relacionadas à política, como o ato de votar; e (iii) as atitudes, que representam uma predisposição mais ampla, duradoura e profunda que as duas dimensões anteriores, englobando um conjunto de orientações e disposições interiorizadas pelos indivíduos, as quais fundamentam suas opiniões e comportamentos.

buscando posicioná-los em espaços relacionais construídos por meio da análise de correspondências múltiplas (ACM).

Trata-se, portanto, de uma reflexão que se apoia em uma compreensão multidimensional de classe informada pela abordagem do espaço social, procurando demonstrar que o *habitus* é um fator subjacente que conecta práticas políticas a posições de classe. Partindo do pressuposto de que agentes que ocupam posições similares e que, estando submetidos a condições e condicionamentos semelhantes, tendem a compartilhar interesses e disposições semelhantes e, conseqüentemente, a adotar práticas e posturas convergentes (Bourdieu, 2015), investigo quais são os traços comuns entre os ativistas pesquisados e em que aspectos eles diferem, considerando suas orientações e ações político-ideológicas, suas posições sociais e suas trajetórias individuais.

Levando em conta essas premissas, a hipótese que norteia esta tese considera que haveria padrões específicos de práticas e tomadas de posição política que dividiriam as classes sociais e suas frações conforme os princípios de diferenciação operantes no espaço social, especialmente aqueles relacionados ao volume e à composição do capital. Em outras palavras, a cada classe de condições objetivas de existência corresponderiam sistemas de estilos de vida distintos, que, por sua vez, gerariam propensões diferenciais para os tipos de ação política aos quais os indivíduos aderem (Bertoncelo, 2022a).

Isso significa que diferentes classes estabelecem relações distintas com o sistema político, conforme uma combinação particular de *habitus*, capital e estilos de vida. Bourdieu (2011, 2015) sugere que a tendência a formar opiniões políticas varia de acordo com a classe, ou seja, a posição social influencia tanto a capacidade de participação política quanto o acesso a recursos políticos e as práticas de engajamento. A predisposição para a participação política, portanto, deve ser compreendida a partir de condições sociais mais amplas, que ultrapassam o âmbito da "política propriamente dita". Em primeiro lugar, essa predisposição estaria associada à herança social, expressa em um *habitus* moldado pela socialização precoce, que pode ser mais ou menos receptivo às questões políticas. Em segundo lugar, ela resultaria da trajetória social e da acumulação de diferentes formas de capital ao longo da vida, como o capital social (por exemplo, conexões pessoais com o campo político), o capital cultural (habilidades simbólicas para compreender, expressar e atuar em contextos políticos) e o capital econômico (que pode proporcionar tempo e recursos para o engajamento). Sendo assim, fatores como hábitos de consumo de informação e estilos de vida que incentivam a participação política também desempenhariam um papel relevante na disposição para o engajamento (Hovden, 2022).

Em resumo, a literatura sobre a política na contemporaneidade aponta que existe um padrão dominante segundo o qual atitudes positivas, atenção e envolvimento tanto na esfera cultural quanto na esfera política tendem a se correlacionar com a posse de determinados recursos sociais (Harrits, 2013; Hovden, 2022)⁹. Contudo, mesmo entre grupos homogêneos em termos de volume de recursos, as práticas e tomadas de posição política podem variar amplamente, assumindo diferentes vieses ideológicos. Diante disso, o problema de pesquisa se concentrou na busca pelos fatores estruturantes dessas diferenças, que segmentariam as classes em frações horizontais específicas, marcadas pelo predomínio de certos tipos de capital, ou seja, por sua composição. Partindo dessas hipóteses, para depois testá-las empiricamente no contexto de Juiz de Fora – MG, o presente trabalho mapeia, inicialmente, as principais divisões entre ativistas políticos que atuam ou atuaram no município desde 2015, considerando suas trajetórias, práticas e posicionamentos políticos. Em seguida, busca estruturar essas visões políticas a partir das diferenças sociais e simbólicas que as sustentam, com ênfase nas distinções entre frações de classe. A ideia, portanto, é adotar uma abordagem que permita articular elementos sociais e culturais (classe e cultura) na compreensão dos fenômenos políticos contemporâneos.

Segundo Harrits (2013), nos últimos anos, diversos estudos têm destacado a interdependência entre classe e cultura, resultando em um grande número de análises empíricas centradas em questões culturais e práticas. Essa abordagem se aplica tanto a investigações sobre práticas culturais em sentido estrito, como o consumo cultural, quanto àquelas que exploram a relação entre cultura, educação e conhecimento. No entanto, surpreendentemente, poucas dessas contribuições incorporam a política e as práticas políticas em suas análises. Como consequência, o conceito de classe, assim como as concepções contemporâneas sobre classe e cultura, permanece amplamente negligenciado na sociologia política.

Diante desse cenário, este trabalho busca demonstrar como um conceito multidimensional de classe pode contribuir para a compreensão dos padrões contemporâneos de participação política, entendida tanto como prática quanto como cultura política. Argumento que a abordagem dual de classe e cultura proposta por Pierre Bourdieu - na qual ambos os elementos estão interligados no nível estrutural do capital e das relações sociais, bem como no plano das práticas simbólicas - é igualmente relevante para a análise das práticas políticas. Bourdieu, de fato, incluiu a política em diversas de suas análises, especialmente por meio de

⁹ Exemplos de estudos que chegam às mesmas conclusões no contexto brasileiro são os de Coradini (2001, 2002, 2008) o de Dias e Kerbauy (2015).

sua compreensão do poder simbólico e da política como um campo de disputa. Essas ideias influenciaram contribuições recentes para a sociologia política. No entanto, essas abordagens raramente apresentam uma análise abrangente das relações de classe, e as investigações empíricas sobre a interseção entre classe e práticas políticas sob uma perspectiva bourdieusiana permanecem uma exceção no campo acadêmico (Harrits, 2013).

Para dar conta desses desafios, a presente tese está estruturada em cinco capítulos: No primeiro capítulo, intitulado *O modelo multidimensional de classe e a sua importância para a compreensão sociológica da ação política*, apresento de forma mais elaborada as hipóteses teóricas que norteiam a pesquisa, chamando a atenção para o fato de que a abordagem multidimensional de classe pode ser uma categoria de análise importante para a compreensão de comportamentos políticos. Realizo, ainda, um debate teórico sobre a conceituação de “classes médias” e sobre o seu protagonismo nas manifestações políticas recentes, amarrando esta ação política à conceitos importantes para o desenvolvimento da tese, como esquerda e direita, classe e frações de classe, *habitus* e espaço social.

No segundo capítulo, intitulado *Apontamentos metodológicos de uma pesquisa relacional*, retomo o desenho da pesquisa de campo - apresentando o recorte e os instrumentos de coleta de dados -, exponho a metodologia que utilizei na análise dos dados coletados por meio do questionário, a análise de correspondências múltiplas (ACM), e faço uma discussão sobre os desafios de produzir dados primários no âmbito da pesquisa com ativistas de direita.

No terceiro capítulo, intitulado *Perfil político e socioeconômico do universo que compõe a pesquisa*, descrevo alguns dados demográficos e políticos mais recentes sobre a cidade de Juiz de Fora – MG, local onde a pesquisa foi realizada, e realizo uma caracterização em termos políticos e socioeconômicos do universo de ativistas que compõe o estudo a partir da exposição de tabelas de frequências e de quadros de referências cruzadas, já numa tentativa preliminar de testar as hipóteses que norteiam a tese.

No quarto capítulo, intitulado *O espaço relacional do ativismo político em Juiz de Fora - MG*, apresento o espaço relacional construído por meio da técnica de análise de correspondências múltiplas (ACM), bem como os clusters gerados a partir desse espaço. Em seguida, realizo uma interpretação sociológica dos resultados, mobilizando conceitos-chave da sociologia bourdieusiana, como espaço social, volume e composição de capitais. A análise revela uma divisão interna entre os ativistas pesquisados, evidenciando que suas divisões políticas se manifestam na interação entre diferentes formas de capital. Embora exista uma diferenciação vertical em termos de volume de capital, demonstro que a dimensão horizontal – frequentemente negligenciada nos estudos de estratificação - é mais significativa para a

compreensão dessas divisões, uma vez que estamos lidando com indivíduos que se posicionam, de maneira geral, em posições intermediárias do espaço social. Assim, ativistas pertencentes a frações de classe onde predomina o capital cultural tendem a adotar posturas alinhadas à esquerda do espectro político, enquanto aqueles inseridos em frações marcadas pelo predomínio do capital econômico se inclinam para a direita. Além disso, aqueles que possuem um maior nível global de volume de capital tendem a ser mais liberais do que suas contrapartes com menos capital geral. Com base nesses resultados, demonstro que as práticas políticas integram um estilo de vida mais abrangente que mantém afinidades diretas com outras práticas simbólicas de distinção.

Por fim, no quinto e último capítulo, intitulado *Disposições a militar e socialização política*, utilizo as entrevistas em profundidade realizadas com 15 ativistas que atuam ou atuaram em Juiz de Fora – MG para analisar de que modo suas características e histórias individuais se relacionam com o tipo de militância a que aderem, considerando aspectos organizacionais e ideológicos. A análise das trajetórias dos entrevistados - que permite abordar os processos de engajamento político de uma forma processual e dinâmica - evidencia diferenças significativas entre as militâncias de esquerda e de direita, especialmente em relação aos processos de socialização política, às motivações para o ativismo e aos espaços de atuação. Enquanto ativistas de esquerda geralmente iniciam sua atuação ainda jovens, em espaços como escolas e universidades, os de direita ingressam na militância já na vida adulta, impulsionados principalmente pelo contexto de acirramento dos conflitos políticos no Brasil pós-2013.

Encerro a tese retomando os principais argumentos defendidos ao longo do seu desenvolvimento e fazendo algumas projeções para trabalhos futuros a fim de continuar explorando achados interessantes que, por questões de tempo, não puderam ser aprofundados neste momento.

Com o desenvolvimento deste trabalho, espero poder contribuir para a construção de uma agenda de estudos na sociologia brasileira que integre classe e cultura não apenas em seu sentido estrito – como consumo cultural -, mas também enquanto cultura política, ou seja, incorporando as práticas políticas ao conjunto mais amplo das práticas simbólicas.

2. O MODELO MULTIDIMENSIONAL DE CLASSE E A SUA IMPORTÂNCIA PARA A COMPREENSÃO SOCIOLÓGICA DA AÇÃO POLÍTICA

Pretendo, neste Capítulo, realizar uma reflexão sobre a atualidade do conceito de classe social para o estudo dos fenômenos políticos. De fato, se a política é o reino onde os interesses do grupo colidem e as crenças são transformadas em políticas, compreender por que certos interesses e crenças recebem apoio de frações específicas da sociedade e outros não continua sendo um desafio sociológico. Desde Marx, a posição de classe tem sido entendida como o fator mais significativo na determinação de variações em atitudes políticas. No entanto, a partir da segunda metade do século XX, esse entendimento tem estado sob escrutínio contínuo, levando vários acadêmicos a anunciar o fim da política de classes (De Keere, 2018). Pretendo, com este capítulo, reavivar esta discussão apoiando-me em uma compreensão alternativa de classe informada pela abordagem do espaço social, tal como concebida pelo sociólogo Pierre Bourdieu. Penso, nesse sentido, que uma perspectiva multidimensional de classe pode ser muito útil para compreender o fenômeno do ativismo político no Brasil contemporâneo.

2.1. O IMPACTO DAS TRANSFORMAÇÕES POLÍTICO-SOCIAIS NO DEBATE TEÓRICO SOBRE CLASSE E ATITUDES POLÍTICAS

Baseando-se sobretudo na sociologia política de Pierre Bourdieu, há todo um conjunto de estudos nórdicos recentes que têm buscado dar sentido às divisões políticas contemporâneas lançando mão da abordagem multidimensional de classe. Nesse sentido, Harrits (2010, 2013) e Jarness, Flemmen e Rosenlund (2019, 2022) trazem um balanço interessante sobre o modo como esse debate tem sido reavivado nos últimos anos, ressaltando a importância de se considerar novas abordagens de classe se quisermos compreender as mudanças recentes no cenário político.

De acordo com os autores, a análise clássica de classe buscava investigar se e como grupos de indivíduos em posições sociais semelhantes formavam classes consolidadas, ou seja, coletivos conscientes de seus interesses sociais e econômicos. Grande parte dessa abordagem se concentrou na classe trabalhadora e em sua "consciência de classe". No entanto, à medida que essa consciência enfraqueceu e a relação entre classe social e preferências eleitorais se tornou menos previsível, essa vertente da análise de classe perdeu força. Durante as décadas de 1980 e 1990, muitos consideravam que o conceito de classe estava em declínio. Esse argumento se sustentava não apenas em concepções específicas sobre o que constitui uma classe social,

mas também em expectativas sobre o comportamento e a percepção de diferentes grupos dentro da hierarquia social. Para os críticos da análise de classe, o baixo nível de “consciência de classe” entre os trabalhadores e a redução do apoio eleitoral da classe trabalhadora à esquerda política pareciam ser provas suficientes desse declínio (Jarness; Flemmen; Rosenlund, 2019). Nos últimos anos, entretanto, a chamada análise cultural de classe resgatou a centralidade do conceito na sociologia, argumentando que a classe ainda desempenha um papel fundamental na organização da vida social (ver, por exemplo, Bennett et al., 2009 e Savage et al., 2013)¹⁰. No entanto, essa nova abordagem não compartilha as mesmas premissas e expectativas da análise clássica, divergindo dela em aspectos significativos.

Duas mudanças se destacam nesse contexto. Em primeiro lugar, a relação entre classe e política deixou de ser o foco principal, sendo substituída por um interesse maior na conexão entre classe e estilo de vida. Diante do aparente declínio da política de classe, a análise cultural passou a investigar se e como os estilos de vida e identidades sociais ainda refletem a estrutura de classes. Apesar de algumas divergências dentro do campo, a maioria dos estudos aponta para uma relação persistente entre classe social e padrões de consumo: nesse sentido, preferências por alimentos e bebidas, vestuário, automóveis, literatura, arte e cinema continuam a ser marcadamente estratificadas (Jarness; Flemmen; Rosenlund, 2019).

Em segundo lugar, a teoria sobre classe passou por uma transformação significativa. Enquanto estudos anteriores tratavam a classe predominantemente como um fenômeno econômico - focado na posse de bens e renda (Weber) e nas relações de produção (Marx) como determinantes da desigualdade social e do conflito -, a análise cultural adota uma visão multidimensional. Inspirada em Bourdieu (2015), essa abordagem compreende as divisões de classe não apenas como econômicas, mas também como fenômenos sociais e culturais. Uma característica central dessa perspectiva é que as desigualdades de classe se expressam na distribuição de diferentes formas de capital. No modelo bourdieusiano do espaço social, as desigualdades não são apenas verticais, definidas pelo volume total de capital acumulado, mas também horizontais, variando conforme a composição do capital. Essa diferenciação horizontal implica que as classes se subdividem em frações, de acordo com a predominância relativa do capital cultural e econômico na trajetória dos indivíduos¹¹.

¹⁰ O estudo da relação entre classe e cultura possui uma longa tradição na sociologia, remontando, pelo menos, a Weber, Veblen, Simmel e Elias. *A Distinção*, de Pierre Bourdieu, se insere nessa tradição e, sobretudo em seus desdobramentos conceituais e metodológicos, torna-se um referencial constante de reflexões e questionamentos no campo sociológico (Bertoncelo; Netto; Ribeiro, 2022).

¹¹ “O conceito de capital refere-se a recursos ou poderes ‘que definem as probabilidades de ganho em um campo determinado’ (Bourdieu, 2005b, p. 134). O capital econômico pode ser apreendido em termos de nível de renda, relação com os meios de produção e posses materiais. O capital cultural existe sob três formas distintas, mas inter-

Apesar das contribuições da análise cultural de classe, esta abordagem apresenta uma lacuna importante: a pouca atenção dada à relação entre classe e atitudes políticas na sociologia bourdieusiana contemporânea, especialmente no mundo anglófono. Embora uma parte substancial da obra *A Distinção* demonstre que as posições políticas podem ser organizadas segundo o modelo do espaço social, os debates recentes sobre a teoria de Bourdieu têm se concentrado quase exclusivamente no consumo cultural (ver, por exemplo Bennett et al, 2009 e Savage, 2015). Para expandir essa perspectiva, este estudo adota uma abordagem cultural também para a análise política, tratando as atitudes políticas como parte do estilo de vida ou, em termos weberianos, como uma expressão da visão de mundo dos indivíduos (Jarness; Flemmen; Rosenlund, 2019, 2022). Assim, a presente pesquisa investiga se e como as divisões políticas entre ativistas em Juiz de Fora - MG se estruturam a partir de suas características sociais e simbólicas.

Embora a análise de cultural de classes tenha demonstrado pouco interesse pela política, a relação entre classe e política continua sendo um tema central na sociologia política. No entanto, as abordagens teórico-metodológicas utilizadas diferem significativamente. No início da sociologia política e da análise de classes, o modelo predominante era relativamente simples: a classe trabalhadora tendia a apoiar partidos de esquerda, enquanto a classe média se alinhava à direita. Esse padrão, porém, foi desestabilizado pela crescente complexidade das relações de classe e pelas transformações no cenário político. Ao longo do século XX, as posições de classe e as preferências políticas se tornaram cada vez mais diversas, com a influência de outros fatores, como gênero, idade e etnia, ganhando relevância (Jarness; Flemmen; Rosenlund, 2019 apud Norris; Inglehart, 2019).

Para alguns estudiosos, essa mudança representava o fim da sociedade de classes; para outros, apenas indicava a emergência de configurações mais complexas. Giddens (1994), por exemplo, argumenta que a antiga "política das oportunidades de vida" - centrada na redistribuição econômica e em questões socioeconômicas - foi substituída por uma "política das escolhas de vida", que passou a se concentrar em temas como igualdade de gênero, direitos LGBTQIAPN+ e ambientalismo. Alguns autores interpretaram essa transição como uma transformação radical na política, onde o conflito tradicional entre socialismo e liberalismo econômico foi suplantado por uma nova agenda "pós-materialista" (como é o caso de Inglehart,

relacionadas. Sob a forma incorporada, o capital cultural refere-se ao conjunto de disposições necessárias para apropriação dos objetos da 'cultura legítima', adquiridas através da socialização no seio familiar e da educação formal. Como tais disposições são recursos importantes em carreiras educacionais bem-sucedidas, elas geralmente adquirem uma forma institucionalizada (credenciais educacionais). Além disso, essas disposições são objetivadas através de bens e práticas consumidas em campos sociais diversos" (Bertoncelo, 2009, p. 34-35).

1990). Isso não significava necessariamente que a classe social havia deixado de ser relevante, mas sim que estava sendo ofuscada pelo chamado "voto cultural", que passou a orientar novas pautas políticas (Jarness; Flemmen; Rosenlund, 2019).

Segundo Manza e Crowley (2018), o interesse na relação entre classe e política foi reacendido pela possibilidade de uma "inversão" na divisão política de classes. Esse fenômeno se manifestaria na crescente adesão de indivíduos da classe média instruída a partidos de esquerda - sejam eles tradicionais ou novos - enquanto partidos da "nova direita" passaram a atrair cada vez mais eleitores das camadas sociais mais baixas. Ainda que com algumas nuances, a posição de classe continua a influenciar atitudes políticas e padrões de votação dentro do eixo econômico que separa a esquerda socialista da direita neoliberal. No entanto, o papel da "nova política" segue sendo um ponto de intenso debate. Muitos pesquisadores argumentam que essa mudança requer um fator explicativo próprio, frequentemente associado à educação ou ao capital cultural (ver, por exemplo, Stubager, 2010).

Em síntese, o debate sobre o enfraquecimento da relação entre classe social e atitudes políticas se apoia em duas linhas de argumentação principais. A primeira diz respeito à transformação da estrutura social: à medida que esta se torna mais complexa, as classes sociais deixam de ser elementos centrais em sua constituição, o que reduz sua influência tanto na formação do comportamento político quanto na construção de identidades políticas. A segunda linha foca na transformação da política, argumentando que a ascensão dos valores ligados a uma "modernidade tardia" (Giddens, 1991) alterou a agenda política nas sociedades industriais avançadas. Nesse sentido, o foco exclusivo no crescimento econômico teria cedido espaço a uma preocupação crescente com seus impactos ambientais, o que faria com que as clivagens políticas passassem a se estruturar menos em torno do conflito de classe e mais em questões culturais e na busca por qualidade de vida (Harrits et al, 2010 apud Inglehart, 1997)¹².

¹² Estudos que adotam essa perspectiva – especialmente a partir da análise de James Hunter sobre as “guerras culturais” – têm sido utilizados para examinar as recentes transformações políticas no Brasil, incluindo a emergência de novos atores. Entre esses trabalhos, destacam-se os de Pablo Ortellado em conjunto com outros pesquisadores (ver, por exemplo, Gallego; Ortellado; Moretto, 2017 e Ortellado; Silva, 2022). Essa abordagem considera que a ascensão do populismo autoritário pode ser explicada como uma “reação cultural”: um “reflexo autoritário” e uma “revolução silenciosa nos valores culturais” que moldam as preferências políticas e o comportamento eleitoral. Nesse sentido, defende que o ambiente propício para essa reação cultural foi, em grande medida, facilitado por transformações históricas que favoreceram a disseminação de valores pós-materialistas. Embora a análise alternativa que estou propondo reconheça a existência de uma "clivagem cultural" na política contemporânea, ela também se distancia dessa abordagem, pois considera que essa perspectiva não avalia adequadamente se e como as divisões políticas atuais correspondem à estrutura de classe. Sem negar a relevância dessas transformações, sustento que tanto a clivagem econômica quanto a clivagem cultural estão sistematicamente relacionadas à estrutura do espaço social. Naturalmente, a manifestação e a intensidade dessas correspondências estruturais podem variar de acordo com o contexto. Ainda assim, este estudo enfatiza a necessidade de uma análise mais aprofundada da relação entre classe e política, adotando um conceito multidimensional de classe.

De maneira semelhante, embora com um enfoque ligeiramente distinto, outros estudiosos direcionam sua atenção para a transformação das instituições e dos processos políticos. Ainda que as classes sociais possam continuar existindo e influenciando outras dimensões da vida social, argumenta-se que seu impacto na formação de atitudes políticas é cada vez mais reduzido. Em uma versão menos radical desse argumento, a tradicional clivagem econômica entre liberais (antiga direita) e social-democratas (antiga esquerda) não desaparece, mas é complementada por uma nova clivagem política, que opõe uma “nova esquerda” e uma “nova direita”, ambas de caráter não materialista. Essa abordagem muitas vezes mantém a classe como um fator relevante para entender a oposição entre a antiga direita e a antiga esquerda, ao passo que a nova política é vista como decorrente de outras transformações que passaram a dar centralidade a valores culturais e morais na construção das identidades políticas. Diante desse cenário, alguns estudiosos tentaram originalmente integrar uma nova concepção de classe ou estratificação à abordagem bidimensional das atitudes políticas, ou seja, à distinção entre antiga e nova política. Outros sugeriram que classe e educação deveriam ser tratadas separadamente, como dois fundamentos estruturais distintos: a classe, relacionada à antiga política, e a educação, como base da nova política (Harrits et al, 2010).

Esse extenso debate evidencia que a análise sociológica tradicional enfrenta desafios fundamentais ao adotar um modelo linear para compreender essas relações, de modo que muitos estudiosos, diante da complexidade social atual, parecem ter desistido de explorar os fundamentos estruturais do comportamento político. Nesse contexto, siga o argumento de Harrits (2010, 2013), que defende que a sociologia política pode se beneficiar da abordagem relacional e multidimensional desenvolvida por Bourdieu. Sob essa perspectiva, não faz sentido contrapor o papel explicativo da educação e do capital cultural ao da classe social, uma vez que tais fatores desempenham um papel central na constituição das diferenças de classe, estando intrinsecamente conectados. Assim, é equivocado argumentar que apenas a política antiga deve ser compreendida em termos de clivagem de classe, enquanto a nova política estaria vinculada exclusivamente a uma clivagem educacional independente.

Em vez disso, adoto um modelo que concebe as divisões de classe como um espaço social estruturado pela interação entre capital econômico e capital cultural, distribuídos segundo dois princípios fundamentais e relativamente autônomos: o volume total de capital e sua composição específica. Esse modelo permite questionar construções teóricas que tratam a política antiga e a nova como dimensões separadas, ao demonstrar a existência de uma homologia estrutural entre o espaço social e o espaço político, revelando uma lógica de classe subjacente a ambas. Em síntese, a interconexão entre política “antiga” e “nova” deve ser

compreendida dentro de uma mesma lógica estrutural, evitando a armadilha de analisá-las como esferas independentes. Para lidar com essa complexidade, a Análise de Correspondências Múltiplas (ACM) se destaca como uma ferramenta metodológica valiosa, pois permite mapear indutivamente essas configurações, evidenciando a importância de um enquadramento teórico que reconheça a interdependência entre classe, identidade e estrutura política (Harrits et al, 2010; Jarness, Flemmen e Rosenlund, 2019).

Por fim, é importante destacar que, para compreender teoricamente a emergência da homologia entre os espaços social e político, recorro ao conceito de *habitus* de Bourdieu. Esse conceito estabelece uma conexão entre estruturas sociais e práticas por meio da internalização de uma estrutura disposicional que orienta percepções, preferências e ações. A política de identidade, frequentemente apontada como um fator central no comportamento eleitoral das sociedades pós-industriais, está intrinsecamente ligada às dinâmicas de classe. Nesse contexto, o *habitus* funciona como o elo entre identidade e classe, possibilitando uma compreensão mais profunda dos processos de formação de atitudes políticas e da produção e reprodução das hierarquias sociais (Bourdieu, 2015; Harrits et al, 2010).

Acredito, portanto, que o conceito de *habitus* permite fazer avanços significativos no que toca à compreensão da participação política dos indivíduos (Crossley, 2003), uma vez que, embora tal conceito “carregue as marcas das estruturas externas, ele delimita, ao mesmo tempo, um espaço para a improvisação e a criatividade dos agentes” (Bertoncelo, 2009, p. 35), sendo também um operador de ações e transformações dentro do espaço social.

Com base nessas premissas teórico-metodológicas e nas recentes transformações sociais que impactaram e remodelaram as relações entre classe e política no mundo contemporâneo, esta pesquisa parte da hipótese central de que os ativistas que compõem o universo estudado tendem a ocupar posições intermediárias no espaço social, se diferenciando internamente nessas posições a partir da composição de seus capitais; ou seja, em termos de frações de classe. O restante deste capítulo se destina, nesse sentido, a apresentar essa hipótese teórica e a trabalhar teoricamente o conceito de “classes médias”, de maneira esclarecer de que forma o mesmo é entendido e operacionalizado no presente trabalho. Tal reflexão é importante tanto para o estabelecimento dos parâmetros necessários à construção dos instrumentos de pesquisa empírica (questionário e roteiro de entrevistas) quanto para a análise dos dados coletados em conjunto com a teoria.

Contudo, antes de entrar em uma discussão mais aprofundada sobre a relação das classes médias com a política contemporânea, considero que é importante fazer uma breve reflexão sobre como a díade esquerda-direita vem se apresentando em termos relacionais e conjunturais

desde a sua consolidação histórica. Destaco, nesse sentido, que esse debate dialoga diretamente com as questões anteriormente discutidas sobre a distinção entre “velha” e “nova” política. Além disso, essa reflexão contribuirá para esclarecer a forma como compreendo alguns conceitos fundamentais que permearão esta tese, como esquerda, direita, socialismo, conservadorismo e liberalismo, fornecendo uma base teórica mais sólida para a análise que se seguirá.

2.2. A DEFINIÇÃO RELACIONAL E HISTÓRICA DA DÍADE DIREITA-ESQUERDA E AS GRANDES IDEOLOGIAS MODERNAS

Pensar a configuração da política brasileira atual implica, inicialmente, em reconhecer a importância e a persistência da díade “direita-esquerda” como palavras-chave do discurso político e como categorias analíticas. Norberto Bobbio (1995), em um contexto histórico pós queda do muro de Berlin e de aparente consolidação das instituições políticas liberais, escreve o livro *Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política* para rebater alegações recorrentes na época de que os conceitos “direita” e “esquerda” haviam se tornado obsoletos com a complexificação das estruturas sociais e com a derrota histórica do socialismo, ficando despojados de qualquer sentido. Outro fato que também inspirou a escrita do livro foi a observação, por parte do autor e de outros intelectuais da época, da (re)ascensão de uma cultura de direita que estivera até então marginalizada. Segundo Bobbio (1995, p. 25), “nunca como neste atual período de transição a cultura de direita suscitou tanta curiosidade e tanto interesse, mesmo por parte de quem não é de direita. Ao que parece, todos os que entraram nesse debate, e são muitos, estão certos de que ‘direita’ e ‘esquerda’ não são ‘caixas vazias’”.

A despeito das alegações de que os conceitos de “direita” e “esquerda” perderam utilidade para a compreensão da política nas sociedades contemporâneas, me alinho à perspectiva de Bobbio (1995), segundo a qual essa díade permanece não apenas atual e funcional, mas também central para a compreensão da vida cotidiana e a construção de identidades no campo político. Nesse sentido, as cosmovisões de “esquerda” e “direita” funcionam como “[...] quadros de referência a partir dos quais os indivíduos interpretam e interagem com o mundo, estabelecendo significados à sua existência e explicando a ‘ordem das coisas’” (Messenberg, 2017, p. 623).

A obra de Bobbio (1995), apesar de estar enraizada historicamente, ainda é bastante atual em razão de importantes definições teóricas trazidas pelo autor, as quais, ao contrário de serem estáticas ou absolutas, afirmam que a dicotomia direita-esquerda tem que ser lida de

maneira relacional, histórica, fluida e relativa, como se estivessem inseridas dentro de um campo gravitacional de forças. Contudo, as categorias possuem um núcleo de distinção irreduzível, ineliminável - e por isso ressurgente - que é o critério sobre como encaram a noção de igualdade¹³.

Nesse sentido, Bobbio (1995, p. 31) descreve os termos “direita” e “esquerda” de uma forma relacional, sendo eles

[...] termos antitéticos que há mais de dois séculos¹⁴ tem sido habitualmente empregados para designar o contraste entre as ideologias e entre os movimentos em que se divide o universo, eminentemente conflitual, do pensamento e das ações políticas. Enquanto temos antitéticos, eles são, com respeito ao universo ao qual se referem, reciprocamente excludentes e conjuntamente exaustivos. São excludentes no sentido de que nenhuma doutrina ou nenhum movimento pode ser simultaneamente de direita e de esquerda. E são exaustivos no sentido de que [...] uma doutrina ou um movimento podem ser apenas ou de direita ou de esquerda.

É importante dizer que a distinção entre “esquerda” e “direita” não exclui a configuração de uma linha contínua em que posições intermediárias ocupam o espaço entre os dois extremos, o que comumente se denomina de “centro”. Sendo assim, a existência de posições centristas não invalida a pertinência da díade, uma vez que tais posições se definem somente a partir da existência dos extremos “direita” e “esquerda”¹⁵. Ademais, esta estrutura está perfeitamente alinhada à composição essencial e originalmente dicotômica do universo político, o qual concebe a política como espaço do antagonismo. Sendo assim, enquanto existirem conflitos, a visão dicotômica não poderá desaparecer (Bobbio, 1995).

Seguindo esta linha argumentativa, Bobbio (1995) diz que os dois termos governam-se um ao outro, ou seja, existe uma direita na medida em que existe uma esquerda e vice-versa; as partes contrapostas são interdependentes. Contudo, isso não significa que ambos tenham a mesma força na conformação da dupla antitética e nem que tal força seja dada

¹³ “Como princípio fundador, a igualdade é o único critério que resiste à usura do tempo, à dissolução a que estiveram sujeitos outros critérios”. (Bobbio, 1995, p. 94). Em relação aos modos de compreender as desigualdades, Bobbio (1995) aponta que, para a direita, ela é natural, enquanto que, para a esquerda, ela é social (ou artificial). “O igualitário parte da convicção de que a maior parte das desigualdades que o indignam [...] são sociais e, enquanto tal, elimináveis; o inigualitário, ao contrário, parte da convicção oposta, de que as desigualdades são naturais e, enquanto tal, inelimináveis” (p. 105). Sendo assim, cabe à esquerda a característica do artificialismo, enquanto a direita, por encarar as coisas como naturais, tende a apoiar mais o habitual, a tradição e a força do passado. “Em nome da igualdade natural, o igualitário condena a desigualdade social; em nome da desigualdade natural, o inigualitário condena a igualdade social” (p. 107).

¹⁴ Bobbio (1995) aponta a Revolução Francesa como marco histórico de surgimento da díade direita-esquerda.

¹⁵ Antônio Flávio Pierucci (1999, p. 77), autor brasileiro que estudou a direita paulistana no final da década de 1980, também entende a díade “esquerda e direita” por um viés relacional que admite gradações. Segundo o autor, “as posições direita e esquerda são posições relativas e que, portanto, a direita se define por oposição ou em relação à esquerda e vice-versa”. Ademais, são posições dispostas num eixo bipolar que as ordena e gradua como num leque e, por conseguinte, admitem variações em função desta disposição em graus.

constitutivamente, sendo, na verdade, determinada pelo tempo e pelas circunstâncias; são arranjos epocais. Em razão disso, cada termo predomina na equação a depender de cada contexto histórico, sem que isso implique na exclusão por completo do outro que perde o protagonismo, de modo que cada um continua a extrair do outro a sua razão de existir.

No Brasil contemporâneo, a “guinada à direita” das forças sociais e políticas - à semelhança do que observava Bobbio (1995) na época em que escrevia a obra em questão - é um exemplo de um momento histórico de transformação política em que a relação entre a parte forte e a parte fraca da díade está se invertendo (após o *impeachment* de Dilma Rousseff, desceu a esquerda e subiu a direita). E tal constatação, ao invés de anunciar o fim da dicotomia, na verdade reforça a sua relevância, uma vez que o presente protagonismo da direita se dá, no âmbito discursivo e prático, em oposição ao que é considerado como estando à esquerda no espectro político. Nas palavras de Bobbio (1995, p. 90), “o nascimento de uma nova direita era por si mesmo uma confirmação da velha díade: o termo ‘direita’ designa a parte de uma dupla que tem como contraparte o termo ‘esquerda’”.

Outro autor chave para conseguirmos conceituar teoricamente o atual arranjo histórico da “nova direita” é Samuel P. Huntington. O autor, preocupado com o destino das instituições norte-americanas em um contexto de Guerra Fria com a União Soviética, escreve, em 1957, um texto denominado *Conservadorismo como uma ideologia*. Neste texto ele busca, a partir de uma perspectiva também voltada à alteridade e aos contextos históricos, conceituar teoricamente o conservadorismo para mostrar a sua importância, naquele momento específico, para a preservação das conquistas do liberalismo americano, as quais se encontravam sob ameaça. Huntington (1957) defende, portanto, uma aliança contingencial entre liberalismo e conservadorismo ao demonstrar que tais ideologias¹⁶ são enraizadas social e historicamente, devendo ser lidas em suas relações a partir de arranjos epocais e políticos.

Nesse sentido, Huntington (1957) se filia a uma definição teórica “situacional” do conservadorismo, segundo a qual o fenômeno seria uma forma de defender instituições ameaçadas por mudanças que se dirigem contra elas, se desenvolvendo a partir de uma necessidade epocal específica. A diferença desta definição em relação às outras definições teóricas de conservadorismo¹⁷ é que a definição situacional aponta que o aparecimento do

¹⁶ Huntington (1957, p. 454, tradução nossa) define ideologia como “[...] um sistema de ideias preocupado com a distribuição de valores políticos e sociais aquiescidos por um grupo social significativo”. No original: “By ideology I mean a system of ideas concerned with the distribution of political and social values and acquiesced in by a significant social group”. (Huntington, 1957, p. 454).

¹⁷ Ao lado da “definição situacional” do conservadorismo como ideologia, Huntington (1957) apresenta a “definição aristocrática” - segundo a qual o conservadorismo é uma ideologia de um único e específico movimento histórico, sendo a reação das classes feudais, aristocráticas e agrárias à Revolução Francesa, ao liberalismo e à

conservadorismo se dá quando determinados grupos sociais (os que atacam as instituições e os que as defendem) estão em uma relação particular e contingencial um com o outro. Contudo, todas as definições teóricas convergem acerca do conteúdo do conservadorismo como ideologia, ou seja, acerca dos valores e ideias nos quais se apoiam os conservadores¹⁸: “[...] a ‘tática divina’ na história; prescrição e tradição; o despreço pela abstração e pela metafísica; a desconfiança na razão humana individual; a concepção orgânica de sociedade; a primazia do homem mau; a aceitação das diferenciações sociais” (Huntington, 1957, p. 457, tradução nossa)¹⁹.

O conservadorismo, juntamente com o liberalismo e o socialismo, compõe a tríade das grandes ideologias políticas. Essas ideologias devem ser compreendidas como tipos ideais, uma vez que não são estáticas, mas se ajustam a diferentes contextos históricos e conjunturais, articulando-se nos campos da esquerda e da direita. O liberalismo é a primeira ideologia a surgir porque se coloca contra o “velho regime”. É revolucionário, pois muda o próprio padrão de sociabilidade, de maneira que a chave da sociedade moderna passa a ser a gramática do liberalismo.

A revolução das gramáticas sociais trazida pelo liberalismo a partir do início da modernidade - cuja origem teórica remonta a John Locke (liberalismo político) e Adam Smith (liberalismo econômico) - é contestada pelo conservadorismo, ideologia sistematizada inicialmente por Edmund Burke e que surge historicamente como reação ao mundo moderno, trazendo uma modelação de futuro com base no passado (tradicionalismo) e adotando uma visão antiprogressista segundo a qual a sociedade não pode ser transformada. Segundo Pierucci (1990) apud Messenberg (2017), o conservadorismo é o núcleo fundante do campo ideológico historicamente construído da direita.

Continuando a cronologia histórica, após o liberalismo e o conservadorismo, surge o socialismo, o qual ganha uma versão teórica mais ampliada no século XIX, com o marxismo.

burguesia, do final do século XVIII até a metade do século XIX – e a “definição autônoma” – segundo a qual o conservadorismo é um sistema autônomo de ideias válidas de maneira geral, as quais não estão acopladas a afiliações sociais ou aos interesses de uma classe ou grupo. O autor entende que tanto a definição aristocrática quanto a definição autônoma falham ao serem analisadas conjuntamente com as ideias gerais representantes do conservadorismo, sendo a definição situacional a que mais se aproxima de tais ideias.

¹⁸ “Todos os analistas do conservadorismo [...] se unem ao identificar Edmund Burke como o arquétipo conservador e ao assumirem que os elementos básicos de seu pensamento são os elementos básicos do conservadorismo” (Huntington, p. 456, tradução nossa). No original: “All analysts of conservatism [...] unite in identifying Edmund Burke as the conservative archetype and in assuming that the basic elements of his thought are the basic elements of conservatism” (Huntington, 1957, p. 456).

¹⁹ No original: “[...] the ‘divine tatic’ in history; prescription and tradition; the dislike of abstraction and metaphysics; the distrust of individual human reason; the organic conception of society; the stress on the evil man; the acceptance of social differentiation” (Huntington, 1957, p. 457).

O socialismo, cuja origem teórica remonta a Rousseau, contesta tanto o liberalismo, demonstrando os seus limites práticos, quanto o conservadorismo, trazendo a noção, a partir de uma contraposição moderna, de que o homem pode se transformar de maneira ilimitada, voltando seus olhos para o futuro e pensando as sociedades de uma forma coletiva – e não individual, como no liberalismo.

Segundo Huntington (1957), o conservadorismo difere tanto do liberalismo como do marxismo em razão de não ser uma teoria sistemática de interpretação do mundo social, a qual, para ser completa, deve trazer uma visão de mundo, uma visão de homem, uma visão de sociedade, uma visão de economia (mercado) e uma visão de política (Estado). O autor afirma que falta ao conservadorismo uma visão positiva sobre como uma sociedade política deve ser organizada, de maneira que é impossível pensar em uma sociedade que se defina politicamente como conservadora, pois falta a esta ideologia uma visão ideal ou utópica. Nesse sentido, “[...] ideologias não conservadoras são, portanto, de natureza ideativa ou transcendente, enquanto o conservadorismo é institucional ou imanente” (p. 458)²⁰.

Em consequência dessa ausência de ideal de transformação, o conservadorismo é essencialmente estático, repetitivo e não revolucionário, de modo que seu conteúdo substantivo pode ser resumido em um número pequeno de ideias básicas, as quais não se modificam com o passar do tempo e com as mudanças geracionais. Disso também deriva o fato de que, ao contrário do socialismo e do liberalismo, o conservadorismo não se subdivide em escolas, o que revela mais uma vez que esta não é uma ideologia que se transmuta a partir do tempo e das circunstâncias, envolvendo necessariamente a repetição contínua das mesmas ideias (Huntington, 1957).

A visão teórica acerca do conservadorismo trazida por Huntington (1957), segundo a qual este fenômeno seria uma reação em defesa de instituições estabelecidas que passam a ser atacadas por uma série de mudanças, é contrastada, pelo próprio autor, com o conceito de reacionarismo. Diferentemente do conservador, o qual pode até se adaptar a algumas pequenas transformações em razão do trabalho inevitável do destino, o reacionário é aquele que, a partir de seu insucesso em conservar, permanece atrelado a velhas ideias, romantizando um passado que nunca existiu de fato e projetando a vontade de voltar a esse passado em seu ideal de presente / futuro.

²⁰ No original: “Non-conservative ideologies are thus *ideational* or transcendent in nature, while conservatism is *institutional* or immanent” (Huntington, 1957, p. 458).

Partir dos pressupostos teóricos colocados por Bobbio (1995) e por Huntington (1957) e também da noção por eles defendida de que tanto os espectros políticos de esquerda ou de direita quanto as ideologias que dão corpo aos ideais revelados por esses espectros são arranjos epocais - ou seja, respondem a situações históricas concretas – nos ajuda a compreender, de uma forma geral, as várias vezes em que o liberalismo e o conservadorismo se juntaram na história e, de uma maneira mais específica, a junção atual de conservadorismo moral e neoliberalismo que se observa na configuração da “nova direita” brasileira. Nesse sentido, o conservadorismo consegue se aproximar do liberalismo em razão de certas afinidades que possuem em comum, podendo, a partir disso, superar suas diferenças, principalmente após o liberalismo ter se dividido em duas correntes que passaram a se tensionar entre si, o liberalismo político e o liberalismo econômico. Tal separação permite, por exemplo, que o conservadorismo moral possa ser defendido ao lado de pautas vinculadas a um liberalismo econômico, o qual conseguiu se desvincular do liberalismo político com o passar do tempo.

É, portanto, a partir dessa concepção relacional e conjuntural que compreendo as relações entre esquerda e direita ao longo desta tese. Essa perspectiva reforça, mais uma vez, que não faz sentido separar analiticamente as atitudes políticas entre "velhas" e "novas", pois elas estão em constante articulação, variando apenas de intensidade conforme o contexto e as transformações históricas. Consequentemente, o próprio significado de ser de esquerda ou de direita também se redefine em cada momento histórico. Feitas essas observações conceituais, passo agora discutir a principal hipótese teórica que informou o desenvolvimento do presente trabalho.

2.3. AS CLASSES MÉDIAS E A POLÍTICA: UM DEBATE CONTRADITÓRIO

De acordo com Flemmen (2014), um dos grandes desafios da análise de classes é compreender a relação entre posicionamentos políticos e posições sociais - um debate que tem se desenvolvido sob diferentes perspectivas ao longo dos anos. No período pós-guerra, pesquisadores e comentaristas começaram a se debruçar sobre o surgimento das chamadas "novas" classes médias, que trouxeram consigo formas inéditas de engajamento político. Diante desse fenômeno, algumas questões passaram a ser centrais: qual a inclinação política desses grupos situados entre os polos da hierarquia social? E, mais importante, como essa inclinação pode ser explicada a partir de sua posição estrutural? Essas perguntas são particularmente relevantes, dado que a "nova classe média" representa um segmento expressivo nos países ocidentais, combinando relativo privilégio e influência. O enigma se aprofundou com o advento

de novas formas de radicalismo, ligadas a temas como guerra e meio ambiente, que contrastavam com as demandas mais imediatas do movimento trabalhista tradicional.

Esse cenário gerou uma diversidade de percepções, receios e expectativas. Para alguns analistas, as novas classes médias poderiam se tornar um novo foco de radicalismo, já que estavam menos atreladas aos mecanismos que sustentavam o poder e os privilégios da antiga classe média. Outros, por outro lado, as viam como uma espécie de "nova classe trabalhadora", antecipando que se alinhariam à tradicional.

Comentaristas liberais destacaram que a ascensão da classe média desafiava certas previsões do campo marxista acerca de uma estrutura de classes polarizada e de um cenário político correspondente. Segundo essa visão, o fortalecimento dos valores do profissionalismo e do gerencialismo indicaria a construção de uma ordem social "pós-capitalista" mais humanizada, tornando o projeto socialista obsoleto. Assim, a ascensão da nova classe média seria menos um sinal de revolução e mais um indicativo de progresso liberal. Entretanto, a década de 1960 trouxe ondas de radicalismo entre esses novos setores médios, desafiando interpretações simplistas. A emergência da Nova Esquerda - caracteristicamente de classe média em certas sociedades - acabou conferindo credibilidade tanto às esperanças dos radicais quanto aos temores dos conservadores (Flemmen, 2014)²¹.

De Keere (2018, p. 380, tradução nossa), a partir de uma revisão teórica que retoma diversos autores, resume bem este contexto:

De várias maneiras, o antigo alinhamento político entre socialistas e liberais refletia o equilíbrio tradicional de poder entre os detentores da força de trabalho e aqueles que possuíam capital. No entanto, esse equilíbrio foi alterado por um duplo processo, no qual tanto o declínio (ou melhor, a transformação) da classe trabalhadora quanto o surgimento de uma nova classe média desempenharam um papel fundamental (Boltanski, 1987; Lash e Urry, 1987). Por um lado, a transição da produção de bens para a prestação de serviços, juntamente com a relocação das indústrias tradicionais, impactou drasticamente a demanda por trabalho manual (ver Lash e Urry, 1987; Piore e Sabel, 1984). Além disso, tanto a deslocalização (o desaparecimento de bairros operários tradicionais) quanto a fragmentação cultural (o grande influxo de migrantes no setor industrial) afetaram profundamente a homogeneidade da classe trabalhadora. Essa precarização política e econômica das classes trabalhadoras menos escolarizadas na sociedade pós-industrial criou um terreno fértil para o populismo e o descontentamento social, fenômeno posteriormente explorado por políticos da nova

²¹ A partir das considerações de Bourdieu, De Keere (2018, p. 381) destaca que “[...] a popularidade dessa contracultura entre as primeiras gerações de graduados do baby boom não deve ser vista apenas como um processo de emancipação cultural genuína, mas sim como uma reação à ameaça de mobilidade social descendente. Seu espírito anti-institucional e desejo por permissividade derivavam da aspiração de escapar das classificações sociais. Ao renunciar às hierarquias e instituições tradicionais, esperavam ‘desafiar a gravidade do campo social’ (Bourdieu, 2010 [1979]: 371). Assim, a ideologia da autoatualização, do bem-estar e da tolerância, adotada por esses estudantes – futuros membros da nova classe média –, foi, em grande parte, uma resposta à necessidade de distinção social. Esse discurso acabou sendo assimilado, institucionalizado e difundido pelos novos partidos de esquerda”.

direita (Houtman et al., 2008). Por outro lado, a nova classe média também contribuiu para esse processo ao atuar como um intermediário entre a força de trabalho e a elite do capital. Diferente da antiga classe média composta por autônomos e pequenos comerciantes, essa nova classe média é formada por trabalhadores do setor de serviços que não possuem meios de produção, mas também não realizam trabalho físico. Assim, dentro da estrutura social, ocupam uma posição intermediária, amortecendo o conflito direto entre os dois grupos. Além disso, a nova classe média tende a apoiar políticas de "terceira via", o que acabou enfraquecendo as defesas políticas da classe trabalhadora (Boltanski, 1987; Boltanski e Chiapello, 2005: 273–342)²².

Flemmen (2014) chama a atenção para o fato de que qualquer análise da política da classe média depende diretamente da forma como essa classe é conceituada, destacando que diversas abordagens já foram propostas (ver, por exemplo, Giddens, 1981; Wright, 1985). No entanto, ele aponta que a teoria de Goldthorpe (1982) sobre a classe de serviço se mantém como uma das mais influentes, em grande parte devido ao sucesso do esquema de classes da EGP, que a define como um grupo composto por executivos, gerentes e profissionais empregados. Baseando-se nessa teoria, para posteriormente questioná-la, ele demonstra que as divisões políticas dentro da classe de serviço refletem suas próprias fragmentações sociais, apoiando-se, para isso, em dados da Pesquisa Eleitoral Norueguesa de 2009.

Ao examinar mais a fundo a teoria de Goldthorpe, Flemmen (2014) observa que, segundo o autor, a classe de serviço guardaria semelhanças com a antiga classe média, já que seus membros desfrutavam de uma posição relativamente privilegiada na ordem social vigente. Por essa razão, teriam poucos incentivos reais para apoiar mudanças radicais nas instituições, funcionando, assim, como um elemento essencialmente conservador nas sociedades modernas. É importante ressaltar que Goldthorpe não ignora a existência de alguma heterogeneidade política dentro da classe de serviços; ele apenas sustenta que essas variações não são

²² No original: "In many ways, the old political alignment between socialists and liberals mirrored the traditional power balance between the holders of labour and those that possess capital. However, this power balance shifted as a result of a dual process, in which both the decline (or rather, mutation) of the working class and the rise of a new middle class played a fundamental role (Boltanski 1987; Lash and Urry 1987). On the one hand, the transition from the production of goods to the provision of services, together with the relocation of traditional industries, drastically affected the demand for manual labour (see Lash and Urry 1987; Piore and Sabel 1984). In addition, both delocalization (the demise of traditional working-class neighbourhoods) and cultural fragmentation (a large influx of migrants into the manufacturing sector), strongly affected the homogeneity of the working class. This political and economic precarization of the uneducated working classes in post-industrial society ultimately produced a fertile breeding ground for populism and societal discontent which was appropriated by new right politicians (Houtman et al. 2008). On the other hand, the new middle classes also contributed to this processes because they acted as a wedge between the labour force and capital elite. This new middle class exists out of people who are engaged in servisse work and, in contrast to the old middle class of self-employed or shop owners, do not hold means of production but are also not involved in physical labour. Hence, within the overall societal structure, they hold an intermediate position and in this way tempered the direct conflict by mediating between the two camps. Moreover, the new middle classes are also more liable to support a 'third way' policy, which eventually led to undermining the political defences of the labour class (Boltanski 1987; Boltanski and Chiapello 2005: 273–342)" (De Keere, 2018, p. 380).

determinadas pela posição de classe, mas sim por diferenças situacionais, mantendo essa posição mesmo diante de críticas empíricas²³.

Ainda dentro do debate sobre a relação histórica entre as classes médias e a política, destaco também as análises de Adalberto Cardoso (2020), que evidenciam como essa classe já foi associada tanto à esquerda quanto à direita, em diferentes momentos e segundo distintos autores. Ao revisitar diversos estudos, Cardoso (2020) aponta que, do ponto de vista da esquerda, há leituras que sugerem uma possível aproximação entre as classes médias e as classes populares em contextos de proletarização (Klingender, 1935), além de análises que enfatizam o papel das classes médias na estabilidade das democracias (Lipset, 1959). Ele também relembra a centralidade de certos segmentos das classes médias - especialmente a juventude e os setores mais intelectualizados - na revolução cultural dos anos 1960 (Gorz, 1973) e nos "novos movimentos sociais" (Touraine, 1969).

Por outro lado, há diversas interpretações que associam as classes médias ao conservadorismo, destacando seu esforço para se aproximar das classes altas e, sobretudo, seu temor diante da proletarização e da desclassificação social. Um exemplo relevante é o trabalho de Speier (1934), que analisou o contexto da Alemanha do período entreguerras, argumentando que certos fatores estruturais - como posições de autoridade no trabalho, maior nível educacional e forte sentimento nacionalista - afastavam as classes médias das classes populares e as inclinavam ao apoio ao Partido Nazista (Cardoso, 2020).

Cardoso (2020) pondera, ainda, que também há interpretações que apontam para uma passividade política das classes médias, como a de Wright Mills (1969). Segundo essa visão, os membros da nova classe média não teriam um projeto político próprio a defender, diferentemente da classe trabalhadora e da burguesia, e, por isso, tenderiam a aderir ao projeto político que aparentasse ter maior viabilidade no momento.

Por fim, é importante mencionar a contribuição da perspectiva bourdieusiana a esse debate. Adotando uma abordagem distinta da tradicional análise de classes, Bourdieu (2015) demonstrou, em *A Distinção*, que a "classe dominante" - assemelhada à classe de serviços - era internamente fragmentada conforme o tipo de capital predominante. A orientação política para

²³ Segundo Flemmen (2014, p. 546, tradução nossa), “[...] o postulado de Goldthorpe sobre uma classe de serviços essencialmente conservadora mostrou-se altamente contestável. Dois exemplos ilustram essa questão. Antes mesmo da introdução do conceito por Goldthorpe, Giddens argumentava que os profissionais empregados deveriam ser distinguidos dos gerentes e executivos devido às suas diferentes posições nas ‘relações paratecnológicas’, independentemente de sua similaridade no mercado de trabalho (Giddens 1981: 187-188). Erik Olin Wright, por sua vez, destacou a necessidade de distinguir grupos com base nos tipos de ativos – propriedade, organizacionais ou habilidades (Wright 1985). Esse modelo implica que a classe de serviços é sistematicamente dividida pelo tipo de ativo em que seus membros se baseiam. De fato, estudos mostraram que a classe de serviços britânica apresentava divisões políticas conforme o tipo de ativo possuído (Heath e Savage 1995)”.

a direita ou para a esquerda dependia, em grande medida, da composição desse capital. Nesse modelo, a classe de serviços se apresenta como estruturalmente heterogênea: professores e produtores culturais, detentores de alto capital cultural, tendiam a adotar posições de esquerda, enquanto aqueles ligados ao setor industrial e comercial, mais ricos em capital econômico, inclinavam-se para a direita.

A principal razão para que um mesmo fenômeno seja interpretado de maneiras tão divergentes provavelmente reside no fato de que os grupos sociais em questão não possuem um perfil político homogêneo. Dessa forma, tanto aqueles que desejam ressaltar o conservadorismo quanto os que enfatizam o radicalismo da classe média encontram evidências que sustentam ambas as perspectivas. Como já discutido neste capítulo, a crescente complexidade decorrente da diferenciação das estruturas de classe e do cenário político levou ao surgimento de teorias que apontam para o declínio - ou até mesmo a morte - da classe como categoria analítica. Diante desse debate, Flemmen (2014) defende que compreender a política da classe média exige uma abordagem mais complexa tanto de classe quanto de política.

Nesse sentido, segundo De Keere (2018), embora seja possível traçar uma analogia entre a reconfiguração histórica das classes sociais e da estrutura política, compreender os mecanismos que efetivamente levam à adoção de determinadas posições ideológicas é um desafio distinto. A tomada de posição política vai além da simples definição de interesses de classe, pois envolve, necessariamente, processos de distinção social. Para aprofundar essa compreensão, é fundamental considerar o papel das disposições éticas e das fronteiras morais que estruturam as relações entre os indivíduos - princípios que orientam a abordagem adotada no presente trabalho.

2.4. AS CLASSES MÉDIAS NA LITERATURA BRASILEIRA: UMA APRESENTAÇÃO COMPARATIVA ENTRE AUTORES

As classes médias sempre colocaram dificuldades para as teorias tradicionais de classe. A primeira vez que tal apreensão se deu em termos políticos foi nos estudos acerca da participação das classes médias na ascensão do fascismo, tendo sido retomada novamente em 1970 devido ao papel que desempenharam nos chamados novos movimentos sociais (Eder, 2002).

[...] com os novos movimentos sociais, as classes médias tornaram-se, pela primeira vez, um elemento constitutivo de uma emergente nova estrutura de classe. Isso pressupõe a ideia de que a estrutura de classes mudou. A “velha” estrutura de classes

excluiu sistematicamente as classes médias encarando-as como grupos marginais. Vemos os novos movimentos sociais como o mecanismo que está criando uma nova estrutura de classes nas sociedades modernas, dando às classes médias um papel central na reestruturação das relações de classe. (Eder, 2002, p. 268).

Segundo Eder (2002), os novos movimentos sociais não são movimentos de classe no sentido tradicional do século XIX. Contudo, não é por isso que deixam de ser um movimento de classe. Além disso, numa perspectiva construtivista, favorecem, ainda, a construção de novas relações de classe cujo elemento central são as novas classes médias. Nesta pesquisa, a hipótese testada empiricamente foi a de que as novas classes médias constituem a base dos movimentos sociais contemporâneos, a partir do enfoque nos agentes que os integram. No entanto, o objetivo específico deste tópico do capítulo é discutir teoricamente o conceito de "classes médias" no contexto brasileiro, uma etapa fundamental tanto para a construção dos instrumentos de pesquisa empírica quanto para a análise dos dados coletados em diálogo com a teoria.

Como demonstram Cardoso e Préteceille (2017) em texto de balanço sobre as classes médias no Brasil, está pacificado dentro da sociologia brasileira que usar apenas o critério "renda" é insuficiente para a definição metodológica e conceitual das classes médias. Os autores, somando-se aos muitos sociólogos que criticaram o trabalho do economista Marcelo Neri, de 2008, apontam que tomar a renda familiar total como medida de posição de classe das famílias sem levar em conta outras injunções como raça/etnia, gênero, idade, ocupação, local de moradia etc. dos integrantes da família, além da quantidade de membros que a compõem - injunções estas que definem sua estrutura de oportunidades - é pensar no campo da pura ficção econômica.

O estudo coordenado por Neri divide a sociedade brasileira em quatro faixas (AB, C, D e) cujas fronteiras são dadas pela renda. A partir deste critério, o economista, ao tomar os dados sobre o crescimento da faixa C, os interpreta como uma expansão da classe média. No mesmo sentido de Cardoso e Préteceille (2017), Scalon e Salata (2012, p. 388), utilizando dados das PNADs 2002 e 2009, apontam que

[...] apesar da enorme importância da remuneração, partindo do ponto de vista sociológico, talvez esse não seja o critério mais adequado para se atestar o crescimento ou diminuição da classe média. O aumento da renda e do consumo não retrata, necessariamente, mudanças na composição das classes, muito menos no que diz respeito às desigualdades nas chances de vida.

Analisando dados do período entre 2002 e 2014, Cardoso e Préteceille (2017) argumentam que é incontestável que houve uma expansão da capacidade de consumo e um aumento da renda de parcelas expressivas da população brasileira. Contudo, questionam qual

seria a dimensão real dessa mudança para as classes médias, ou seja, até que ponto a melhoria das condições de vida no Brasil resultou de mudanças na estrutura de posições de trabalhadores na divisão social do trabalho. Eles concluem, a partir de uma adaptação para o Brasil das Categorias Socioprofissionais Francesas²⁴, que apesar de as classes médias terem crescido substancialmente no período analisado, tal crescimento foi mais acentuado nas regiões metropolitanas e se deu notadamente em seu estrato inferior, sendo, ainda, bem menos numerosas do que a “nova classe média” de Neri.

A partir disso, Cardoso e Prêteceille (2017) apontam que o Brasil ainda está muito longe de ser um país de classe média, ao contrário do que muitas vezes é apontado por economistas, governos e organismos internacionais como prova do sucesso de “países emergentes”.

Jessé Souza é outro sociólogo que, com base em uma pesquisa empírica com grupos que ele chama de "batalhadores" brasileiros²⁵, argumenta que classificar os "emergentes"²⁶ como parte da "nova classe média" – apenas com base no critério da "renda" – é uma falácia. Para o autor, essa visão serve, na verdade, para sustentar a ideia de que o Brasil está se tornando um país de "primeiro mundo", onde as classes médias são o alicerce da estrutura social, ao contrário dos países da periferia do capitalismo, nos quais os pobres ocupam essa posição. No entanto, essa "constatação" é distorcida, pois desconsidera os conflitos e contradições existentes, reforçando, assim, o domínio do neoliberalismo no Brasil e ocultando a violência simbólica necessária para sua reprodução. Desta forma, associar classe unicamente à renda mais encobre do que explica o fenômeno (Souza, 2012).

Segundo Souza (2012, p. 23),

[...] esconder os fatores não econômicos da desigualdade é, de fato, tornar invisível as duas questões que permitem efetivamente ‘compreender’ o fenômeno da desigualdade social: a sua gênese e a sua reprodução no tempo.

²⁴ “Essas categorias foram definidas pelo Institut National de la Statistique et des Études Économiques (INSEE), homólogo francês do IBGE, e são o produto híbrido de: (i) categorias elaboradas por estatísticos tendo, no ponto de partida, uma inspiração marxista; (ii) classificações profissionais oriundas de negociações coletivas entre patrões e empregados no pós-guerra; e (iii) de discussões com pesquisadores das ciências sociais para incluir as contribuições da sociologia, principalmente aquela inspirada por Pierre Bourdieu nos anos 1970 (cf. Desrosières e Thévenot, 1988)” (Cardoso; Prêteceille, 2017, p. 991).

²⁵ Souza (2012, p. 26) define os “batalhadores” como “uma classe social nova e moderna, produto das transformações recentes do capitalismo mundial, que se situa entre a ‘ralé’ e as classes média e alta. Ela é uma classe incluída no sistema econômico, como produtora de bens e serviços valorizados, ou como consumidora crescente de bens duráveis e serviços que antes eram privilégio das classes média e alta. Essa classe é ‘nova’ posto que resultado de mudanças sociais profundas que acompanharam a instauração de uma nova forma de capitalismo no Brasil e no mundo.

²⁶ O autor utiliza a expressão “emergentes” para designar as pessoas que tiveram aumento no seu poder de consumo, dinamizando o capitalismo brasileiro a partir dos anos 2000, no mesmo sentido de Scalón e Salata (2012) e Cardoso e Prêteceille (2017).

Nesse sentido, essa visão economicista deixa de levar em conta um fator muito importante, que é transferência de valores imateriais na reprodução das classes. Sendo assim, apenas a renda enquanto tal não é suficiente para distinguir as classes. São outros tipos de capital, como o cultural e o social (herança imaterial), mesmo que sejam fundamentados pela riqueza material, que vão permitir de fato a constituição de posições de classe (Souza, 2012).

Souza (2012) segue dizendo que, no estudo das classes médias, a visão economicista é ainda mais problemática, uma vez que são nessas camadas em que se percebe de forma mais clara a transmissão da herança imaterial, que se dá de forma natural, invisível e sem mediação da consciência, resultando em uma legitimação extremamente eficaz do privilégio e em uma vantagem na competição social em relação às classes desfavorecidas.

Essa classe social, ao contrário da classe alta, se reproduz pela transmissão afetiva, invisível porque cotidiana e dentro do universo privado da casa, das precondições que irão permitir aos filhos dessa classe competir, com chances de sucesso, na aquisição e reprodução do capital cultural. O filho ou filha da classe média se acostuma, desde tenra idade, a ver o pai lendo jornal, a mãe lendo um romance, o tio falando inglês fluente, o irmão mais velho ensinando os segredos do computador brincando com jogos (Souza, 2012, p. 24).

A partir de sua pesquisa empírica, levando em conta os argumentos acima trabalhados, Souza (2012) conclui que estamos diante da constituição não de uma “nova classe média”, mas sim de uma “nova classe trabalhadora” (os batalhadores) nas últimas décadas. No tipo de sociedade capitalista em que vivemos, as classes que possuem acesso privilegiado a bens e recursos escassos são as que, tradicionalmente, monopolizaram o acesso ao capital cultural e ao capital econômico (classes médias e classes altas). Por isso, denominar de “classes médias” as classes que emergiram apenas pelo poder de consumo é uma violência simbólica que nega toda a construção social do privilégio como privilégio de classe e permite que todas as conquistas sejam vistas como mérito individual²⁷.

Enquanto Jessé Souza, a partir da crítica de uma visão economicista das classes médias, busca compreender, por meio de um estudo empírico qualitativo, a nova e real composição das classes em um país completamente abrangido pela lógica dos novos modos de produção de um capitalismo financeirizado e flexível, apontando a herança imaterial (capitais cultural, social,

²⁷ No que diz respeito à noção de "mérito individual", Souza (2012) traz uma reflexão importante sobre a "ética do trabalho", presente tanto nas classes médias tradicionais quanto nos batalhadores que ele pesquisou. No entanto, a diferença fundamental está no fato de que, para as classes médias, a ética do trabalho é compreendida como uma extensão natural da ética do estudo. Já para os batalhadores, a necessidade de trabalhar se impõe desde cedo, de maneira paralela ao estudo, que deixa de ser a atividade central, como ocorre na "verdadeira" classe média.

escolar, simbólico etc.) como fator primordial para a análise da conformação das classes médias no Brasil, outros autores como Scalón e Salata (2012) e Cardoso e Préteceille (2017), a partir da mesma crítica, optaram, numa tradição inaugurada por Wright Mills²⁸, por levar em consideração mais especificamente a ocupação²⁹ na definição das classes médias brasileiras para além do critério renda, fazendo uso de dados quantitativos.

Nesse sentido, Cardoso e Préteceille (2017) deram um tratamento empírico à definição de “classes médias”, adaptando o caso brasileiro a partir da Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) às categorias socioprofissionais francesas, categorização esta que entendem ser mais sensível às classes médias do que as outras alternativas disponíveis, uma vez que permite apreender melhor seus diferentes componentes e traçar com mais precisão os limites entre as classes médias, as categorias superiores e as populares. Tal adaptação foi realizada a partir dos dados das PNADs (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio) de 2002 a 2014 e dos dados dos Censos brasileiros, tendo os autores chegado a agrupamentos de ocupações que envolvem uma diferenciação interna em três camadas: “classes médias baixas”, “classes médias médias” e “classes médias altas”³⁰. Ao agregarem essas três categorias, concluíram que a participação das classes médias na estrutura social do Brasil em 2014 somou um total de 24,8% (4,1% nas classes médias altas, 12,2% nas classes médias médias e 8,5% nas classes médias baixas).

Os autores, confrontando o critério ocupação – utilizado por eles – com o critério renda – utilizado por Marcelo Neri – apontam que

[...] estas verdadeiras classes médias, parte das quais são efetivamente novas, de fato existem e têm um tamanho não negligenciável [...], mas bem mais modesto do que o conjunto da “classe C”, que congregou 45% brasileiros em 2014 (Cardoso; Préteceille, 2017, p. 998).

²⁸ Em outro trabalho em conjunto, Adalberto Cardoso e Edmond Préteceille (2021) apontam que boa parte dos trabalhos sobre classes médias no Brasil e no mundo continua sendo pautada por temas colocados por Charles Wright Mills em *A Nova Classe Média*.

²⁹ “Na literatura sociológica sobre estratificação podemos verificar a importância que é atribuída à ocupação dos indivíduos, pois permitem melhor identificar a situação de classe dos mesmos – dada, segundo Weber (1979), pelo componente causal específico de suas chances de vida, na medida em que esse componente é representado, exclusivamente, por interesses econômicos, na posse de bens e oportunidades de rendimentos, sob as condições do mercado de produtos ou do mercado de trabalho” (Scalón; Salata, 2012, p. 391).

³⁰ Levando em conta toda a estrutura social – na qual estão incluídas as classes médias – Cardoso e Préteceille (2017, p. 999) fizeram uma divisão em 8 categorias, quais sejam: proprietários rurais, assalariados agrícolas, pequena burguesia urbana (comerciantes e artesãos), classes superiores urbanas (chefes de empresas, quadros dirigentes das empresas, profissões liberais e quadros superiores da função pública), trabalhadores pouco qualificados dos serviços e do comércio, operários e as três categorias médias citadas acima.

Cardoso e Préteceille (2017) concluem que a presença das classes médias não é negligenciável, tendo crescido em todas as faixas no período por eles analisado (2002-2014)³¹. Contudo, tal crescimento se deu de maneira estratificada, uma vez que se tornaram um estrato social relevante apenas no Brasil metropolitano e particularmente em São Paulo. Mesmo assim, seu peso ainda é menor do que o das classes populares. Podemos notar, portanto, que a partir do critério “ocupação”, não se pode afirmar que o Brasil se tornou um país de classe média, ao contrário do que apontaram os estudos que levam em conta apenas o critério “renda.

Apesar do crescimento das classes médias até o ano de 2014, os autores chamam a atenção para o fato de que a crise econômica iniciada em 2015 - e aprofundada em 2016 e 2017 - provavelmente solapou parte significativa das novas ocupações criadas, uma vez que levou o desemprego a uma taxa de quase 14%. Seria importante observar, portanto, a partir dos dados das próximas PNADs, quais teriam sido as classes mais afetadas pelo desemprego para verificar se o crescimento dos estratos médios foi confirmado ou anulado (Cardoso; Préteceille, 2017).

Scalon e Salata (2012) também se centram no critério “ocupação” para fazer crítica aos estudos de Marcelo Neri, tendo utilizado, para tanto, os dados das PNADs de 2002 e de 2009. Os autores, pautados numa perspectiva que se aproxima mais da concepção weberiana, partem da noção de “classes médias” teorizada nos trabalhos de John H. Goldthorpe³² e Wright Mills, que se refere a

[...] agregados de indivíduos/ocupações que partilham de situações de classe semelhantes, de uma maneira geral localizadas entre os grandes empregadores e os trabalhadores manuais (Scalon; Salata, 2012, p. 391).

Scalon e Salata (2012) analisam os dados das PNADs a partir do esquema de classificação desenvolvido por Erikson, Goldthorpe e Portocarero (EPG) em estudo publicado em 1979. Tal esquema foi construído a partir de informações ocupacionais, tendo por objetivo distinguir posições de dentro do mercado de trabalho e das unidades produtivas com base em

³¹ “Entre setembro de 2002 e setembro de 2014 o Brasil gerou 21.4 milhões de novas ocupações, segundo a PNAD. Destas, [...] 10 milhões, ou 47% do total, foram ocupações de classe média, sendo 4.3 milhões de classe média baixa, 2.7 milhões de classe média ‘média’ e 3 milhões de classe média alta. Os segmentos médios saltaram de 16.9 milhões para 26.9 milhões de pessoas em 13 anos (crescimento de 59%). Isso elevou a participação das classes médias de 21,6% para 27% do total de ocupados”. (Cardoso; Préteceille, 2017, p. 999).

³² Segundo Bertonecelo (2009, p. 27), “John Goldthorpe e seus colaboradores têm produzido os principais estudos de classe dentro daquilo que foi denominado de Programa de Nuffield. [...]. Os estudos sobre estratificação social baseados em Nuffield foram conformados pelas distintas formas de apropriação da obra weberiana na Sociologia britânica. [...]. Seus estudos de classe enfocaram a construção de um esquema de posições de classe que captasse as principais divisões produzidas pelo funcionamento do mercado e sistema produtivo, de forma a investigar o impacto dessas divisões sobre padrões de mobilidade social e progresso educacional”.

dois critérios: o primeiro separa empregadores, autônomos e empregados; o segundo é aplicado apenas aos empregados levando em conta o tipo de contrato de trabalho.

Através do esquema EGP, os autores chegam, então, em seis categorias para analisar a realidade brasileira³³: profissionais e administradores, trabalhadores não manuais de rotina, pequenos proprietários, trabalhadores manuais qualificados, trabalhadores não qualificados e rural. Segundo a classificação adotada pelo estudo, destas seis categorias, três compõem as classes médias: profissionais e administradores, trabalhadores não manuais de rotina e pequenos proprietários (Scalon; Salata, 2012).

A análise dos dados a partir dessas categorias indicou, em primeiro lugar, a imprecisão dos estudos de Neri, uma vez que a “classe C” se revelou bastante heterogênea em termos sócio-ocupacionais. Tanto em 2002 quanto em 2009, puderam ser encontrados desde profissionais e administradores até setores rurais dentro da “classe C”, tendo os trabalhadores não qualificados a maior participação dentro deste grupo (30%) (Scalon; Salata, 2012).

Uma outra conclusão, que se revelou um pouco mais “pessimista” que a de Cardoso e Préteceille (2017) – seja pela diferente forma de classificação das ocupações, seja pela diferença no período analisado – foi a de que a expansão do mercado de trabalho e o crescimento da renda no Brasil foram mais expressivos para as classes inferiores da estrutura social, não tendo sido verificado aumento da participação das classes médias no seio da estrutura social brasileira entre 2002 e 2009. Ademais, os autores também apontam que a composição das classes médias sofreu pouca alteração no período analisado (Scalon; Salata, 2012).

É importante se destacar, ainda, que, dentro das classes médias, há importantes divisões. Nesse sentido, os profissionais e administradores destacam-se por seus rendimentos e níveis educacionais elevados e por serem em maioria brancos. Por outro lado, os trabalhadores não manuais de rotina se aproximam mais das características dos trabalhadores manuais, especialmente os qualificados, uma vez que aqueles foram os que menos aumentaram sua renda e os que mais viram aumentar a proporção de negros. Sendo assim, pode-se dizer que houve “uma aproximação entre a baixa classe média e os estratos mais qualificados da classe trabalhadora” (Scalon; Salata, 2012, p. 402).

A conclusão geral de Scalon e Salata (2012) é a mesma de Souza (2012) e de Cardoso e Préteceille (2017), mesmo que haja, entre os autores, diferenças substantivas em relação aos métodos, às bases teóricas e a alguns resultados específicos. Todos concluem pela insuficiência

³³ Distribuição realizada com base em dados de indivíduos do sexo masculino, com idade entre 24 e 60 anos (Scalon; Salata, 2012).

e pela imprecisão do critério “renda” para caracterizar as classes médias brasileiras, apontando que outros critérios, sejam eles imateriais e/ou ocupacionais³⁴, devem ser considerados na conceituação teórica e na operacionalização empírica desta categoria social tão importante para a compreensão das dinâmicas sociais e políticas no Brasil.

De fato, pesquisas demonstram, por meio de dados quantitativos e qualitativos e por diferentes metodologias de pesquisa, que apenas o critério renda é bastante impreciso para uma definição das classes médias. Contudo, acredito que focar no critério “ocupação” a partir de dados de PNADs e Censos brasileiros também pode se revelar insuficiente nesta caracterização. Inicialmente, a amostra pode ficar prejudicada em razão das diferentes disponibilidades entre as classes para responder as perguntas – geralmente as classes populares são mais acolhedoras que as classes mais altas (Duarte, 2010). Ademais, pesquisas como a de Salata e Scalon (2012), baseadas em dados referentes apenas a adultos do sexo masculino - abandonando, assim, a dimensão de gênero - também veem prejudicada a robustez de suas conclusões.

Por fim, entendo que falta, ainda, a esses estudos, uma mediação com o contexto social no qual os dados foram apreendidos, a exemplo do que faz Souza (2012) em seu trabalho com os batalhadores brasileiros ao estabelecer uma conexão significativa entre a nova dinâmica de formação de classes no Brasil e a dominação do capitalismo financeiro e flexível no país. Isso não significa negar a importância das discussões sobre ocupação, um elemento relevante na definição das “classes médias” e amplamente utilizado pelos teóricos da estratificação e da mobilidade social. No entanto, é fundamental lembrar que as estratificações sociais derivam de uma situação de classe mais ampla (Stavenhagen, 1981), definida historicamente e de maneira relacional. Assim, para serem plenamente compreendidas, não podem ser analisadas isoladamente, mas sim em conjunto com essa estrutura mais abrangente³⁵.

É por isso que, em vez de escolher focar em um único fator para pensar na constituição de uma classe, prefiro me filiar à teoria bourdieusiana de classes sociais, a qual se centra no processo de formação de coletividades sociais e nos modos como elas pautam a sociabilidade na vida cotidiana. Acredito que a sociologia de Bourdieu “permite construir uma perspectiva

³⁴ No que toca aos pressupostos para a definição das classes médias e em consonância com o que vem sendo aqui apresentado acerca dos estudos sociológicos brasileiros sobre o tema, Eder (2002, p. 290) aponta que os “grupos de classe média são os ligados à produção qualificada e às ocupações de serviços, isto é, aqueles que tiveram uma escolaridade que os distingue da cultura da classe trabalhadora e aqueles que produzem e reproduzem os recursos culturais nas sociedades modernas”. Contudo, este é a apenas o primeiro elemento para a construção de uma classe. Eder (2000, p. 290) segue dizendo que o “segundo elemento é o espaço cultural nos quais esses grupos fazem sentido para si próprias”.

³⁵ “A estratificação desempenha, pois, um papel eminentemente conservador na sociedade, ao passo que as oposições e os conflitos de classes constituem um fenômeno de ordem dinâmica, por excelência” (Stavenhagen, 1981, p. 168).

de análise de classe que avança em relação às demais em termos de sua capacidade de sintetizar dimensões da vida social”. (Bertoncelo, 2009, p. 36). Essa perspectiva busca superar críticas dirigidas a teorias que tomam a classe como categoria analítica - como as de inspiração marxista ou weberiana - ao romper com antinomias clássicas da sociologia, como estrutura e ação, material e simbólico, objetivo e subjetivo. Além disso, permite partir da empiria na construção de um modelo de espaço social testável em diferentes realidades. Em vez de definir categorias de classe a priori com base em critérios fixos, como renda ou ocupação (comuns nas teorias tradicionais de estratificação), essa abordagem identifica divisões sociais a partir das práticas, estilos de vida e disposições dos indivíduos. Dessa forma, as classes não são categorias predefinidas, mas emergem da análise empírica das homologias entre posições sociais e modos de vida.

Como Wacquant (2013, p. 91-93) bem pontua,

[...] a abordagem de classe feita por Bourdieu é genuinamente sintética em dois sentidos. Inicialmente, ela entretete tradições teóricas que, geralmente, são percebidas como antagônicas, se não incompatíveis, uma vez que retém a insistência de Marx em assentar a classe em relações materiais de poder, mas a remete aos ensinamentos de Durkheim sobre as representações coletivas e à preocupação de Weber com a autonomia das formas culturais e a potência do status como distinções sociais percebidas. [...]. A revisão que Bourdieu faz de classe tanto perpassa quanto ultrapassa as divisões teóricas convencionais entre marxistas, weberianos, durkheimianos e os partidários da análise pós-classista, as quais Eric Olin Wright [...] tenta em vão superar. A reavaliação de Bourdieu de classe como uma modalidade de formação de grupos tem se mostrado especialmente fértil não somente devido à sua proeza teórica de integrar abordagens de Marx, Weber, Durkheim e Cassirer (bem como de Merleau-Ponty, Goffman, Austin e outros), mas também porque ele gerou um amplo corpo de pesquisa empírica no qual seus princípios centrais foram testados, refinados e revisados para cobrir as principais classes da sociedade contemporânea, capturadas em fases de consolidação, assim como em ciclos de decomposição, na França e também em outros países.

É importante destacar, por fim, que, diferente de uma construção da estrutura de classes com base em uma análise da distribuição relacional de diferentes tipos de capitais, a maioria dos estudos sobre estratificação social no Brasil não parte da empiria, mas de modelos de divisão de classes definidos previamente pelos pesquisadores com critérios para o estabelecimento das fronteiras estruturais entre as classes. Como aponta Bertoncelo (2009), esses modelos divergem em termos de abordagens teóricas marxistas (cujo principal representante é Erik Olin Wright) ou weberianas (cujo principal expoente é John Goldthorpe), mas possuem como ponto em comum o fato de construírem as classes como agregados ocupacionais que se diferenciam em camadas altas, médias e baixas.

Os modelos utilizados para construir a estrutura ocupacional variam conforme os diferentes pressupostos teóricos em que se baseiam. No entanto, em todos os casos, tratam-se de construções apriorísticas elaboradas pelos pesquisadores, com a expectativa de que consigam representar adequadamente a desigualdade na distribuição das oportunidades de vida e as estratégias de ação social. Como resultado, a análise empírica da estrutura social já parte de uma limitação imposta pelo modelo previamente estabelecido. Dessa forma, a análise só consegue alcançar os aspectos previamente definidos no modelo, logo, se houver alguma diferenciação estrutural nas posições sociais que não tenha sido prevista na concepção do modelo, é provável que essa diferença não seja identificada (Vieira, 2024).

O elemento de diferenciação horizontal em termos de composição de capitais é, portanto, ausente nessas análises, o que impede que as classes médias sejam pensadas em termos de frações. Em contrapartida, a abordagem bourdieusiana possibilita uma exploração diferenciada das divisões internas dentro das classes intermediárias – a partir da conjugação de critérios materiais e simbólicos –, oferecendo, como venho argumentando ao longo deste capítulo, um recurso valioso para a compreensão das dinâmicas internas subjacentes a essa categoria social.

2.5. OS NOVOS MOVIMENTOS SOCIAIS COMO MOVIMENTOS DE CLASSE MÉDIA: UMA HIPÓTESE TEÓRICA

Conforme aponta a discussão que abre o presente capítulo, a partir da década de 1970, observa-se, na teoria social, um declínio da concepção marxista que vincula classe e política. Esse processo se intensificou nas décadas de 1980 e 1990, de modo que a tese de que as formas contemporâneas de protesto coletivo não se restringiam mais à dinâmica da luta de classes ganhou preponderância. Naquele contexto, passou-se a argumentar que as divisões de classe teriam perdido relevância diante da emergência de novas formas de organização das relações sociais (Bertoncelo, 2009; Ferraz, 2009; Sallum Junior, 2005).

A partir deste marco temporal, surgiram várias interpretações de movimentos de protesto que também investigaram se os mesmos poderiam ser vinculados com as classes sociais. Sallum Junior (2005) aponta três abordagens que se ocuparam do tema neste período: a primeira, elaborada por Alvin Gouldner no final da década de 1970, identifica nos movimentos sociais a expressão dos interesses de uma Nova Classe – a dos intelectuais – os quais se chocavam com grupos que controlavam a economia e a política e eram moldados a partir de sua educação e de seu capital cultural. Esta “Nova Classe”, para o autor, a partir da

valorização de seu capital cultural e de uma ideologia própria pautada na cultura do discurso crítico, seria um sujeito histórico muito mais provável que o proletariado.

A segunda abordagem trazida por Sallum Junior (2005) é a formulada pelos teóricos dos Novos Movimentos Sociais em meados da década de 1980. Tais teóricos, apesar de reconhecerem que existe um vínculo estrutural de classe entre os agentes, afirmam que as demandas dos novos movimentos sociais eram dispersas e plurais, não tendo qualquer especificidade de classe; as demandas, seriam, assim, transclassistas.

Por fim, a terceira abordagem explorada por Sallum Junior (2005) é a teoria da guinada cultural, de Ronald Inglehart, elaborada no final da década de 1970. Segundo Inglehart, a abundância gerada pelo desenvolvimento do capitalismo após a Segunda Guerra Mundial teria reduzido a utilidade do determinismo econômico, de modo que fatores pós-materialistas passaram a moldar as sociedades capitalistas avançadas em grau crescente. Os movimentos de protesto seriam, então, afirmações dos novos valores de uma classe média que estava buscando suprir suas necessidades pós-materiais, como busca de identidade, significado pessoal e qualidade de vida.

Estas três interpretações, apesar de divergirem mais do que convergirem, possuem um ponto em comum: reconhecem o predomínio de ativistas de uma nova classe média nos movimentos sociais de protesto. Contudo, nenhuma delas consegue vincular, de forma satisfatória, classe e ação coletiva (Sallum Junior, 2005).

Segundo Sallum Junior (2005), esta insuficiência interpretativa e o posterior declínio de explicações classistas para formas de ação derivam do fato de que tais teorias subestimam o papel desempenhado pela cultura³⁶ na articulação entre os dois termos (classe e ação coletiva). Adotar uma abordagem que separa classe e cultura, em vez de articulá-las, dificulta a compreensão de como o comportamento político pode resultar da interação entre fatores materiais e simbólicos. Em vez de tratá-las como dimensões teoricamente independentes desde o início, defendo o argumento de que é necessário um enquadramento analítico capaz de investigar as formas complexas pelas quais esses fatores se entrelaçam (Flemmen, Jarness e Rosenlund, 2022).

De maneira semelhante, Eder (2002) já havia levantado essa hipótese anteriormente, argumentando que a ideia de que as classes deixaram de existir nas sociedades contemporâneas,

³⁶ Adoto, aqui, a conceitualização de cultura de Eder (2002), segundo o qual o termo “[...] refere-se a qualquer tipo de expressão simbólica que dê sentido ao mundo, à sociedade e a si próprio. Ela contém elementos (meios simbólicos) para expressar tal sentido e padrões estruturais que se organizam em conjuntos coerentes” (p. 17). Ainda segundo o autor, a cultura reflete “[...] padrões de experiência partilhados coletivamente que deram uma forma historicamente específica a uma posição social “objetiva”, uma “posição de classe” (p. 25).

simplesmente porque não se observa mais uma ação específica de classe, é equivocada. Para ele, o que pode ter mudado não é a classe em si, mas o meio que a conecta à ação. Assim, a tese do “fim da classe” seria, na verdade, fruto de um modelo teórico que apreende a realidade social de forma equivocada³⁷. Ainda nessa mesma linha, Bertonecelo (2009) aponta que as evidências empíricas que apoiam o argumento sobre o “descolamento” entre classe e comportamento político podem estar sendo produzidas por bases teóricas e estratégias metodológicas inadequadas, seja porque tal argumento se filia a uma perspectiva marxista de análise de classe de proposições muito ortodoxas, seja porque a metodologia utilizada por quem defende a tese do “descolamento”, baseada em esquemas dicotômicos de classe e partido, impede que se diferencie processos de desalinhamento e de realinhamento entre classe e fenômenos políticos, como, por exemplo, o voto.

Outra vertente desse debate que defende a tese do “descolamento” entre classe e política argumenta que a transição para uma dita “pós-modernidade” teria atenuado ou até mesmo destruído a determinação das classes sobre os processos sociais. Segundo esta vertente, a transição para a “pós-modernidade” envolve profundas mudanças nas relações entre agência e estrutura, o que provoca a emergência de um novo regime de construção do “eu”, o qual incluiria um posicionamento social apenas precário e instável dos indivíduos em termos de suas práticas. Tal regime baseia-se em uma ampliação do leque de escolhas em torno dos estilos de vida e do planejamento da vida dos indivíduos, o que colocaria em risco a legibilidade dos bens e práticas usados como marcadores sociais e, conseqüentemente, causaria a implosão da lógica da distinção e do próprio espaço social (Bertonecelo, 2009).

Uma hipótese, no entanto, é que, em vez de representarem um fenômeno pós-classista ou trans-classista, as formas culturais “pós-modernas” sinalizam o surgimento de uma nova fração de classe dentro do espaço social. Essa fração se caracteriza por um habitus que valoriza a aprendizagem contínua, a estetização da vida cotidiana e o relaxamento dos padrões formais de comportamento, buscando “legitimar novos gostos e estilos de vida nas disputas simbólicas com outras frações de classe” (Bertonecelo, 2009, p. 39). Nesse sentido, essa nova pedagogia e orientação diante da vida não são meramente traços de um período histórico “novo”, mas sim

³⁷ Segundo Eder (2002, p. 258-260), “[...] pode ser que o conflito de classe industrial não domine mais os conflitos de classes. Temos até que aceitar a ideia de que esse tipo de conflito está perdendo importância, mas vamos argumentar contra a ideia de que o conflito de classes está desaparecendo com o fim de sua primeira corporificação, ou seja, o conflito de classes organizado em torno da contradição entre capital e trabalho. [...]. Assim, a razão para manter o conceito de classe tem a ver, primeiro, com a suposição de que os novos movimentos sociais não podem ser reduzidos a movimentos que exijam inclusão universal. Queremos descobrir se esses movimentos [...] revelam interesses, normas e valores antagônicos [...]. A segunda razão é que queremos conceitualizar os novos movimentos sociais de modo a não excluir por antecipação a possibilidade de serem parte de novos antagonismos sociais emergentes”.

expressões de disposições e recursos específicos de uma fração de classe. São esses recursos que possibilitam a seus integrantes transformar suas trajetórias de vida na materialização de projetos de um “eu” reflexivamente construído, reforçando a distinção simbólica e social dentro do espaço das social.

Diante desse debate, Eder (2002, p. 26) propõe um modelo de três camadas para captar as variáveis mediadoras da relação entre classe e ação, o qual, analisado de cima para baixo, consiste

[...] de uma primeira camada, a classe, que é uma variável estrutural; uma segunda camada, a textura cultural, que dá significado à estrutura; e finalmente uma terceira camada, a ação coletiva, que especifica as motivações para a adesão à ação coletiva no contexto de texturas culturais.

Segundo o autor, este esquema permitiria compreender os possíveis efeitos da classe em relação ao contexto cultural e, conseqüentemente, sobre as motivações da ação (Eder, 2002). Em face deste quadro ora delineado, pretendo, com a presente tese de doutorado, contribuir para estas reflexões a partir da exploração de uma concepção de classes sociais que procure incorporar a dimensão cultural na reconstrução do debate sobre classe e agentes politicamente ativos.

A primeira hipótese teórica que levanto parte dos apontamentos de Sallum Junior (2005) no sentido de que as três abordagens teóricas sobre movimentos sociais por ele analisadas convergem ao destacar o predomínio de ativistas das classes médias nos protestos contemporâneos. No campo da sociologia internacional, Eder (2002), Crossley (2003), Husu (2012) e Therborn (2014) chegam a conclusões semelhantes. No Brasil, estudos de Maria da Gloria Gohn (2014, 2016, 2018), Singer (2018), Ridenti (2018) e Cardoso (2020), apesar das distintas abordagens teórico-metodológicas, também confirmam essa tendência, demonstrando, com base em dados estatísticos sobre as manifestações ocorridas a partir de 2013, que as lutas sociais ativas no país têm se mobilizado majoritariamente por meio das classes médias escolarizadas, tanto em manifestações de esquerda quanto de direita, ou seja, independentemente da orientação política. Esses achados reforçam a ideia de que o ativismo político não é um fenômeno espontâneo ou homogêneo, mas sim um processo que é, pelo menos em parte, condicionado pela disponibilidade de recursos e capitais (Crossley, 2003).

Vieira (2024) apresenta uma análise relevante sobre os esforços da literatura brasileira recente em compreender e explicar o acirramento do conflito político no país a partir de 2013. Ele ressalta que esses estudos apontam para o protagonismo das classes médias, cujas divisões

ideológicas entre esquerda e direita estariam associadas, respectivamente, à baixa e à alta classe média:

Nos trabalhos de autores marxistas como Firmino (2017, 2023), Cavalcante (2018) e Cavalcante e Arias (2019), por exemplo, encontra-se o argumento de que no contexto do ciclo dos governos petistas, marcado pelo crescimento de políticas sociais, redistributivas e afirmativas, pelo aumento da formalização do emprego, pela expansão do acesso ao ensino superior e pela valorização do salário mínimo, grande parte das classes médias brasileiras – acima de tudo sua camada alta – se viu particularmente atacada, tanto, num sentido mais amplo e ideológico, ao ver questionada sua ideologia orgânica (a meritocracia) a partir da promoção de políticas sociais afirmativas, quanto, num sentido mais prático, porque a ampliação do acesso ao ensino superior levou a um aumento da competição internamente às instituições que até então eram praticamente monopolizadas pelas classes médias, o que as colocou diante da ameaça de desclassificação social. Junto disso, a expansão do consumo entre as classes populares (fruto, entre outros fatores, da ampliação do salário mínimo e da facilitação do acesso ao crédito) ameaçou ainda seus bens e espaços distintivos de estilos de vida (sendo os maiores símbolos os shoppings e aeroportos), importantes para manter a caracterização subjetiva da identidade de classe média. O resultado foi a adesão majoritária da alta classe média às trincheiras políticas de oposição ao PT, bem representada por seu apoio à Operação Lava-Jato e ao impeachment de Dilma Rousseff em 2016.

Do outro lado, estes autores contemplam em suas análises o dado de que uma parte não desprezível das classes médias compôs também a trincheira da esquerda durante o conflito político da última década no Brasil. A explicação oferecida por eles para este posicionamento é a de que a parte das classes médias que se colocou à esquerda no período é composta centralmente por dois grupos: um de pessoas mais jovens, que se formaram politicamente num contexto de ativismo contra discriminações raciais e de gênero, e um de funcionários públicos, particularmente em categorias profissionais que sofrem mais fortemente com cortes de investimentos em educação pública, arrocho salarial de servidores públicos e suspensão de concursos públicos; setores estes com histórico de organização sindical e de adesão ao projeto de "reformismo forte" que já foi sustentado pelo Partido dos Trabalhadores (como, por exemplo, trabalhadores assalariados dos campos da educação, cultura, saúde, segurança e comunicação). Aqui se encontraria, portanto, fundamentalmente a baixa classe média (Cavalcante; Arias, 2019, Firmino, 2023).

Na análise de Adalberto Cardoso sobre o mesmo período o autor argumenta que há dois projetos políticos diferentes que se afirmaram na esfera pública brasileira ao longo do século XX e que são claramente identificáveis a diferentes segmentos das classes médias. Um é conservador: ele é mais articulado e sustentado por setores mais coesos, não tem compromisso com a superação de desigualdades sociais e se assenta em estilos de vida e visões de mundo ancorados na ética burguesa de trabalho, liberalismo, individualismo, meritocracia e elitismo. O outro é progressista: ele tem menos unidade interna que o projeto conservador e é sustentado por setores menos coesos do que os que sustentam o projeto conservador, se baseia em ideias como igualdade, solidariedade e justiça social e se assenta na ética do trabalho assalariado e nas lutas do operariado e, depois, das classes médias baixas dos serviços, do serviço público e das atividades culturais e intelectuais que constituíram bases de sustentação dos estados de bem-estar social no Ocidente (Cardoso, 2020, pp. 16-17).

Cardoso argumenta que as classes médias estiveram no âmago do acirramento do conflito político no Brasil iniciado em 2013. Em linha com o argumento dos autores citados acima, Cardoso também entende que a reação da parte majoritária das classes médias às políticas do ciclo petista teve base na adesão à ideologia meritocrática, discurso anticorrupção e medo da desclassificação social (adicionando ainda na matriz discursiva da classe média conservadora a presença do anticomunismo). Para o setor da classe média que se posicionou contra o impeachment de Dilma, Cardoso remonta ao histórico do projeto político progressista para explicar a defesa das conquistas democráticas e dos legados dos governos do PT, pautado pelas ideias de justiça social

e participação democrática – projeto que o autor chama de desenvolvimentismo democrático com inclusão social, em oposição ao projeto conservador que chama de liberalismo autoritário (Cardoso, 2020, pp. 257-260). Como aconteceu ao longo do século XX, agora novamente a classe média de direita estaria conseguindo construir sua identidade coletiva de maneira mais coesa que a de esquerda, organizando sua visão de mundo em torno dos temas do anticomunismo, antipetismo e crítica à corrupção.

O fundamental é que, para Cardoso, a dinâmica política iniciada em 2013 no Brasil deu condições para um processo de formação de classe: setores mutuamente excludentes das classes médias se identificaram internamente na oposição com o grupo oposto, construindo sistemas de signos organizados com base em projetos políticos e visões de mundo opostos (Vieira, 2024, p. 100-102).

As classes médias são, na contemporaneidade, radicalmente novas, tendo apenas uma proximidade longínqua com a pequena burguesia, sua matriz original, de maneira que sua inserção nas relações sociais do sistema capitalista abrange uma série de posições diversas. Sua propriedade tem como base a articulação entre o público e o privado e seus interesses não correspondem ao das outras classes sociais, mas nem por isso deixam de ser reais (Oliveira, 1998). Nesse sentido, argumenta o teórico marxista Erik Olin Wright (1989) que as “novas” classes médias possuem uma localização contraditória na estrutura de classes das sociedades capitalistas contemporâneas, o que impacta no seu papel político. É por isso que seria mais apropriado utilizarmos o plural ao falar das “classes médias”, em razão de sua diversidade de categorias e de dinâmicas, o que impacta em suas trajetórias e em seus posicionamentos (Cardoso; Préteceille, 2017). Segundo Bertoncello (2009, p. 32),

[...] as relações de propriedade desses ativos produzem um conjunto de localizações contraditórias na estrutura de classes das sociedades capitalistas — as ‘novas’ classes médias — distintas das duas classes polarizadas com respeito às relações de propriedade propriamente capitalistas (propriedade e controle sobre os meios de produção). Tais localizações são contraditórias com respeito às relações de exploração. De um lado, seus membros detêm ativos que permitem a apropriação de uma parte do excedente socialmente produzido (com base na exploração dos que estão privados dos ativos de organização e qualificação). De outro, estão sujeitos ao mecanismo de exploração tipicamente capitalista, pois têm parte do produto de seu trabalho apropriado pelos proprietários dos meios de produção. Em consequência disso, tais localizações geram orientações políticas ambivalentes, devido aos interesses objetivos potencialmente contraditórios com respeito às formas de luta de classe em tais sociedades (Wright, 1989, pp. 25-7). Pelo fato de estarem na interseção de diferentes mecanismos de exploração, os membros das localizações contraditórias podem defender os interesses da classe capitalista, aqueles da classe trabalhadora ou ainda os interesses específicos que derivam da posição que ocupam dentro das relações sociais de produção.

Considerando esta localização “contraditória” no espaço social, a hipótese inicial se desdobra em outra, sugerindo que os ativistas situados em uma posição intermediária no espaço social se dividem em distintas frações de classe: uma definida pela preponderância do capital econômico e outra pela preponderância do capital cultural. Nessa perspectiva, o volume e a

composição do capital – que conformam diferentes frações de classe - bem como as trajetórias modais, seriam os maiores responsáveis pelas diferenciações das posições relativas dentro do espaço social, o que acontece em termos relacionais em razão de condicionamentos sociais de diversos tipos (Bertoncelo, 2009). É com base nesta ideia que persigo teórica e empiricamente esta segunda hipótese mencionada, partindo do pressuposto que os diferentes volumes e composição de capitais dos ativistas pesquisados são elementos importantes para a compreensão de suas tomadas de posição dentro do espaço relacional analisado.

Diante do exposto, no próximo capítulo avanço para a análise de como esses pressupostos teóricos se desdobram na investigação empírica. Destaco, nesse sentido, a premissa de que os deslocamentos conceituais promovidos por Bourdieu estão enraizados em desafios de pesquisa concretos e voltados à sua resolução. Assim, as noções relacionadas ao estudo das classes sociais não podem ser analisadas de forma isolada ou abstrata; ao contrário, devem ser operadas e testadas em uma investigação que articule teoria e empiria de maneira simultânea e indissociável (Bourdieu, 1994).

3. APONTAMENTOS METODOLÓGICOS DE UMA PESQUISA RELACIONAL

Sociólogos e estatísticos têm finalmente em comum o dever de prevenir-se ao mesmo tempo contra a ilusão do estatístico e contra a ilusão do sociólogo.

(Passeron, 1995, p. 128).

3.1. APRESENTAÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO: RECORTES, ESTRATÉGIAS, DIFICULDADES E INSTRUMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

No início deste estudo, a proposta era ter empiricamente como campo de investigação lideranças, ativistas e grupos políticos que se projetaram nacionalmente a partir das mobilizações pró e contra o impeachment de Dilma Rousseff entre os anos de 2015 e de 2016. No decorrer da pesquisa, contudo, identifiquei que a maioria dos estudos nacionais sobre tais mobilizações era voltada às capitais brasileiras, mais notadamente Rio de Janeiro e São Paulo (Alonso, 2017; Cavalcante, 2015; Messenberg, 2017; Pinto, 2017; Rocha, 2019; Tatagiba; Trindade; Teixeira, 2015; Telles, 2016).

Percebi, então, que pesquisas que lidam com as dinâmicas dessas mobilizações em cidades de médio porte são praticamente inexistentes. Diante desta lacuna, passei a investigar o fenômeno em pauta em um município médio do interior brasileiro, Juiz de Fora - MG³⁸. Nesse sentido, a pesquisa propõe, para além de contribuir para a compreensão do caráter nacional do fenômeno (uma vez que as manifestações políticas em Juiz de Fora vêm acompanhando as dinâmicas nacionais), trazer a lume questões específicas não observadas nos estudos que envolvem as grandes capitais.

Passei, então, a investigar, por meio de notícias veiculadas em sites de importantes jornais locais³⁹, a atuação política de ativistas e grupos, à esquerda e à direita, entre os anos 2015 e 2022⁴⁰. Inicialmente, acompanhando os jornais, consegui mapear 23 grupos

³⁸ Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), colhidos no Censo realizado no ano de 2022, Juiz de Fora é o quarto maior município do estado de Minas Gerais e o 38º maior do Brasil em termos populacionais, tendo uma população de 540.756 pessoas (IBGE Cidades, 2022).

³⁹ Principalmente o *Tribuna de Minas* e o *G1 Zona da Mata*.

⁴⁰ Escolhi o ano de 2015 como início do recorte temporal porque a literatura, de maneira geral, o aponta como um marco mais concreto do acirramento dos conflitos políticos no Brasil atual, apesar de este movimento encontrar suas raízes já em junho de 2013. Nesse sentido, é no ano de 2015 que podemos localizar uma grande emergência de manifestações de rua contrárias e favoráveis ao impeachment de Dilma Rousseff, atingindo seu ápice em 2016 (Cavalcante, 2015; Gohn, 2016; Messenberg, 2017; Ridenti, 2018; Rocha, 2019; Tatagiba; Trindade; Teixeira, 2015). Em relação ao ano final do recorte temporal, o ano de 2022, o mesmo justifica-se em razão do início do trabalho de campo da presente pesquisa. Como a pesquisa envolveu a aplicação de questionários estruturados e

pertencentes ao espectro político da direita⁴¹ e 35 grupos pertencentes ao espectro político da esquerda⁴². Por meio dessas mesmas notícias, investiguei também quais eram as pautas e as agendas defendidas pelos participantes das manifestações de rua em Juiz de Fora no referido período. A partir da investigação destes grupos, tive acesso às redes sociais de suas lideranças e membros, tendo utilizado tais redes para contatá-los, convidando-os a participarem da pesquisa respondendo ao questionário. Além desse contato direto via redes sociais, também consegui respondentes para a pesquisa por meio da técnica “bola de neve”, pedindo a quem respondia que encaminhasse o questionário para outras pessoas de seu conhecimento que se encaixassem no perfil da pesquisa, e também consegui respondentes mobilizando minhas redes de contato pessoais. Ainda no ano de 2022, fui em algumas manifestações de rua realizadas no município de Juiz de Fora no intento de abordar os manifestantes diretamente, apresentando a pesquisa e pedindo os seus contatos para que eu enviasse o questionário. Por fim, passei uma tarde na Câmara de Vereadores da cidade conversando com vereadores e assessores e pedindo a sua participação no estudo. Nessa primeira etapa da coleta de dados, realizada entre setembro de dezembro de 2022, consegui obter 74 respondentes a partir da aplicação das técnicas de contato acima descritas.

Retomei o campo em novembro de 2023, estendendo-o até junho de 2024. Nesse segundo momento, lancei mão de outras estratégias para tentar conseguir mais respondentes para o universo estudado. Em vez de entrar em contato apenas com os grupos e membros que eu tinha localizado nas matérias jornalísticas, ampliei as investigações e passei a procurar páginas de militantes, grupos e partidos políticos atuantes em Juiz de Fora a partir de suas redes sociais, sobretudo o *Instagram* e o *Facebook*. Pude identificar, assim, dezenas de outras organizações e centenas de outros indivíduos que não haviam aparecido na primeira etapa da pesquisa de campo. Passei a enviar mensagens para as páginas de organizações políticas

todos os participantes precisavam responder o mesmo questionário para que as respostas pudessem ser padronizadas e comparáveis, tive que limitar a investigação ao ano de 2022, embora a coleta de dados tenha sido realizada até o ano de 2024.

⁴¹ É interessante notar que a grande maioria desses grupos foi criada após 2018, ano em que Jair Bolsonaro foi eleito. Outro ponto relevante é que, ao mapear a atuação das direitas em Juiz de Fora por meio das notícias jornalísticas (o que se deu entre 2021 e 2022), pude constatar que, naquele momento, essa atuação se dava sobretudo através dessas organizações políticas recentemente formadas, de modo que quase não havia uma atuação mais “tradicional” de partidos políticos (o único partido que apareceu nas matérias de jornal, com representantes nas manifestações de rua organizadas pelas direitas, foi Partido da Social Democracia Brasileira - PSDB). Um Quadro contendo mais informações sobre os grupos mapeados pode ser encontrado no [Apêndice D](#).

⁴² Desses 35 grupos, 6 são partidos políticos (PT, PCdoB, PCB, PSOL, PSTU e PDT) e 29 são grupos organizados na sociedade civil, dentre coletivos, sindicatos e movimentos sociais. Além desses 35 grupos, existia, ainda, o Comitê Fora Bolsonaro, que reunia mais de 40 organizações, incluindo todos os partidos políticos de esquerda da cidade e organizações ligadas à classe trabalhadora, como sindicatos, centrais sindicais, além do movimento de mulheres e do movimento negro. Um Quadro contendo mais informações sobre os grupos mapeados pode ser encontrado no [Apêndice D](#).

diversas (incluindo partidos políticos) pedindo que elas me ajudassem na divulgação da pesquisa e também a mapeá-las para identificar seus membros e pessoas que comentavam ativamente e recorrentemente em suas publicações. Após essa identificação, eu enviava mensagens para os seus perfis individuais apresentando o estudo e perguntando se se interessariam em participar. Para as pessoas que se interessavam e respondiam o questionário, eu pedia que elas me ajudassem a divulgar a pesquisa para outras pessoas que elas conhecessem e que podiam se encaixar no perfil de ativista político, aplicando novamente a técnica de bola de neve. Por fim, investiguei também todos os candidatos a deputados estaduais e federais de Juiz de Fora que concorreram nas eleições de 2022, e mandei mensagem para todos individualmente, por meio de seus perfis no Instagram.

Apenas a título de curiosidade, durante as duas etapas de coleta de dados empíricos, eu enviei, considerando os indivíduos e organizações políticas contatados, mais de 300 mensagens via redes sociais solicitando a ajuda a participação no estudo e ajuda na sua divulgação. Levando-se em conta também as outras técnicas de contato aplicadas, descritas acima, cheguei em um universo total de 121 ativistas, sendo 32 deles encontrados pela técnica da bola de neve⁴³.

No que toca ao questionário aplicado aos participantes, a sua elaboração foi pensada - a partir da teoria bourdieusiana das classes sociais - de modo a apreender a o volume e a estrutura de capitais (sobretudo econômicos e culturais) acumulados e valorizados pelos indivíduos participantes, além de outros atributos como cor/etnia, sexo, religião, escolaridade e profissão⁴⁴, relacionando-os com sua trajetória de atuação política, no intuito de compreender a ligação existente entre *habitus* de classe e trajetória / ação política dentro do universo estudado. Nesse sentido, objetivei entender como se configura, em Juiz de Fora – MG, o espaço relacional dos ativistas políticos, a partir do mapeamento de suas trajetórias pessoais de vida, das motivações que os levaram ao ativismo, das suas práticas e tomadas de posição política, de seus dados socioeconômicos e de seus hábitos de consumo cultural.

⁴³ É importante ressaltar que, embora este trabalho não seja especificamente voltado ao estudo dos "movimentos sociais" – tendo como foco os ativistas que os protagonizam –, ele reconhece e se apropria dos instrumentos metodológicos e teóricos desenvolvidos por essa linha de pesquisa. Contudo, ao utilizar esses instrumentos, surgem diferenças significativas nos pressupostos e na maneira de aplicá-los, especialmente no que tange às agendas de pesquisa. Ou seja, o trabalho não se limita a seguir rigidamente os modelos ou enfoques tradicionais dos estudos sobre movimentos sociais, mas se apropria de algumas de suas contribuições, levando em conta que os pressupostos e objetivos de pesquisa podem variar conforme o contexto específico em que a pesquisa está inserida. Dessa forma, a aplicação desses instrumentos não se dá como uma mera "Carta de Princípios", mas sim por meio de uma adaptação criteriosa, de acordo com o foco e a perspectiva deste estudo (Coradini, 2008).

⁴⁴ No questionário também havia perguntas a respeito da escolaridade e da profissão de referências maternas e paternas dos respondentes, na tentativa de apreender as transmissões geracionais e as suas trajetórias de mobilidade social.

Segundo Rouanet (2006), é preciso que um questionário voltado à aplicação da técnica de análise de correspondências múltiplas (ACM) contemple um conjunto de questões suficientemente amplo e diversificado, que cubra vários temas de interesse (entre os quais algum equilíbrio é alcançado), de forma a produzir representações multidimensionais significativas. Para uma pesquisa com esse tipo de abordagem, Flemmen (2014) aponta que dados ótimos incluiriam bons indicadores de atitudes políticas em relação a questões econômicas e culturais⁴⁵, bem como bons indicadores das várias formas de capital. A construção das perguntas do questionário dedicadas a explorar a atuação política dos respondentes foi marcada pelo pressuposto de que as posições políticas podem ser separadas analiticamente em três grandes eixos de diferenciação - um político-institucional (democracia x autoritarismo), um econômico (estatismo x privatismo) e um moral (progressismo x conservadorismo) - de modo a apreender diferentes dimensões da política (antigas e novas) e diversos perfis de atitudes políticas que se enquadrassem em 4 possíveis “tipos ideais”: o esquerdista clássico ou “tradicional”, o esquerdista liberal, o direitista conservador e o direitista liberal.

O critério de inclusão para participação na pesquisa englobava ter mais de 18 anos e possuir uma trajetória de participação política no município de Juiz de Fora - MG, seja ela político-institucional ou realizada na sociedade civil. Nesta pesquisa, entendo por ativista político qualquer indivíduo que tenha participado recorrentemente de manifestações públicas neste município dentro do recorte temporal adotado (seja nas ruas ou seja em meios digitais) E/OU que faça parte de algum grupo (que pode ser clube, partido, coletivo ou outros correlatos) neste município E/OU que trabalhe profissionalmente com política neste município⁴⁶. A ideia

⁴⁵ Sobre os indicadores de capital cultural, é importante mencionar que priorizei a busca por variáveis que não se limitassem ao capital escolar (ou seja, educação ou nível de instrução). Segundo Bertoncello (2022), mesmo que o diploma (capital cultural institucionalizado) seja uma medida central à operacionalização do conceito, ela é insuficiente, uma vez que o capital cultural incorporado não se converte totalmente – nem mesmo igualmente – em títulos escolares. Nesse sentido, detentores do mesmo título educacional podem possuir diferentes volumes de capital cultural, resultantes de diferentes trajetórias sociais. Ampliar os indicadores do conceito para apreender também as suas dimensões “incorporadas” e “objetivadas” se mostrou bastante desafiador, resultando na inclusão de indicadores de gostos e preferências musicais e literárias, práticas de lazer, ocupação e capital cultural dos pais (por exemplo, se havia discussão política em casa).

⁴⁶ Para desenvolver os critérios de participação na pesquisa, delimitando, assim, seu público alvo, guiei-me pela conceitualização de militância adotada por Silva e Ruskowski (2016), segundo a qual engajamento militante seria uma forma de expressão da participação ou do ativismo sociopolítico. Nas palavras dos autores, “enquanto participação ou atuação em uma ação coletiva que se sustenta ao longo do tempo e está orientada à defesa de uma causa (Sawicki e Siméant, 2011), o engajamento militante envolve aquilo que Becker (1960, p. 33) denomina de ‘comportamento consistente’ (também conceituado de *commitment*), e tende a se expressar empiricamente na participação continuada em alguma organização social e/ou política. Como destaca Passy (1998), o engajamento individual é a possibilidade de converter uma identificação com as causas e os objetivos de uma determinada organização, que se constrói a partir dos quadros culturais dos atores, em uma ação inscrita em uma duração. Nesse sentido, o engajamento militante distingue-se, por um lado, da participação em processos político-institucionais,

era investigar se diferentes perfis de ativismo político possuíam também trajetórias e propriedades (sociais e políticas) distintas⁴⁷.

Em termos estruturais, o questionário está organizado em três blocos⁴⁸: o primeiro bloco consiste na apreensão de dados dos participantes sobre a sua trajetória de vida pessoal, sobre a sua trajetória de atuação política em Juiz de Fora – MG e sobre suas tomadas de posição política. O segundo bloco consiste na apreensão de seus dados socioeconômicos e demográficos. Por fim, o terceiro bloco consiste na apreensão de dados sobre o seu consumo cultural e o seu estilo de vida. O preenchimento do questionário teve duração média entre 15 e 20 minutos e foi feito diretamente pelo respondente, sem nenhuma mediação, através de um link disponibilizado por mim. Ao clicar neste link, o participante lia primeiro o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), que continha a apresentação da pesquisa de forma detalhada, apenas conseguindo acessar o questionário se consentisse com a sua participação no estudo⁴⁹. Antes de iniciar a aplicação do questionário, eu realizei um pré-teste com 12 indivíduos para corrigir eventuais erros e afinar o instrumento⁵⁰.

É importante destacar que, apesar de eu estar fazendo uma abordagem quantitativa dos dados coletados, não pretendi, com essa pesquisa, utilizar uma amostra representativa. Desse modo, não poderei fazer inferências estatísticas no sentido de uma amostra-população, uma vez que o número de observações não segue um critério amostral válido, de modo que não pretendo que os achados sejam válidos para todos os ativistas de Juiz de Fora - MG. Contudo, não deixarei de arriscar algumas induções fundamentadas em teorias já existentes, uma vez que entendo que este universo, apesar de específico e localizado, é representativo de realidades mais

como eleições ou plebiscitos, uma vez que estes não demandam nenhum tipo de envolvimento duradouro em uma ação coletiva. Por outro lado, o engajamento militante também se distingue do ativismo individualizado e pontual, tal como se expressa contemporaneamente em diferentes formas do chamado ‘clickativismo’, o qual tende a não envolver a identificação e a inserção organizativa e, no limite, a elas se contrapõe. Ou seja, entre um amplo leque de formas de ativismo ou participação sociopolítica socialmente disponíveis, o engajamento militante configura uma forma específica de ação” (Silva; Ruskowski, 2016, p. 192-193).

⁴⁷ A investigação de diferentes perfis de ativismo também ajuda a entender as transformações históricas da participação política. Nesse sentido, Ødegård e Berglund (2008) apontam duas formas de participação que passaram a se combinar na modernidade tardia: uma mais antiga, tradicional e formal, exercida por meio de organizações tradicionais (partidos e outras organizações políticas), e outra mais recente e individualizada, orientada por causas específicas, como manifestações, petições e boicotes.

⁴⁸ A versão completa do Questionário está no [Apêndice A](#). Uma melhor descrição das perguntas efetivamente utilizadas nas análises pode ser encontrada no terceiro capítulo.

⁴⁹ Nesse ponto, é preciso destacar que o estudo seguiu as recomendações do *Código de Ética da Sociedade Brasileira de Sociologia*.

⁵⁰ O pré-teste em questionários de pesquisa é fundamental para garantir a qualidade e a precisão dos dados coletados. Ele permite identificar e corrigir problemas como ambiguidades, termos confusos ou questões mal formuladas, que podem comprometer a compreensão dos participantes. Além disso, o pré-teste ajuda a verificar se o tempo de resposta é adequado e se o questionário atinge seus objetivos de forma eficiente. Realizar essa etapa melhora a validade e a confiabilidade dos resultados, contribuindo para que a pesquisa produza insights mais robustos e representativos.

abrangentes que podemos encontrar no Brasil. Assim, minha intenção com os dados quantitativos que produzi não é que sirvam como comprovações representativas do todo, mas sim, como casos particulares do possível (Bachelard, 2008; Bourdieu, 1994).

Em outras palavras, longe de atender a padrões de confiabilidade estatística, níveis de significância ou de buscar qualquer representatividade do universo estudado, a sondagem aqui apresentada serve unicamente como um instrumento para revelar tendências presentes entre o público pesquisado. Embora o experimento proposto seja estatisticamente limitado, sua realização se justifica pela escassez de investigações empíricas com esse enfoque no Brasil (Fernandes; Pulici, 2016). Além disso, mesmo sem alcançar o critério de uma amostra representativa dos ativistas de Juiz de Fora — algo que apenas um *survey* específico poderia proporcionar —, adotei alguns controles para reduzir o viés decorrente do tamanho reduzido da amostra. Assim, busquei diversificar não apenas os perfis de militância, mas também os lugares em que ela era exercida e os modos de entrar em contato com eventuais participantes⁵¹.

Para enriquecer o debate sobre a relação entre classe, cultura e política no Brasil contemporâneo, no capítulo final deste trabalho compararei minha “micro” análise numérica sobretudo com estudos nórdicos recentes que têm buscado, a partir de uma abordagem multidimensional de classe, traçar uma homologia entre espaços sociais (e simbólicos) e espaços de atitudes políticas. Conforme veremos adiante, essa análise comparativa revela que as tendências identificadas nos dois contextos são bastante similares – a despeito de suas diferenças sociais - reforçando as conclusões derivadas deste experimento "artesanal".

Durante a pesquisa de campo realizei, também, 15 entrevistas em profundidade com ativistas políticos de Juiz de Fora – MG⁵² para subsidiar as interpretações do espaço relacional gerado por meio da técnica de análise de correspondências múltiplas (ACM). Para as entrevistas, a ideia também foi selecionar ativistas com perfis variados de militância. O roteiro⁵³ seguiu a estrutura do questionário, incluindo perguntas que abordam as trajetórias sociais e políticas dos entrevistados, além de suas práticas e posicionamentos, com o objetivo de aprofundar as análises realizadas na etapa quantitativa e de enriquecer a análise sociológica do

⁵¹ Apesar desses esforços, é importante pontuar que participar de pesquisas políticas é uma forma particular de engajamento político que pressupõe disposições e competências específicas (Bourdieu, 2015), impondo limitações sociais aos estudos estatísticos de tais fenômenos.

⁵² Dos 15 ativistas entrevistados, 10 deles também responderam ao questionário. A intenção era a de que todos respondessem, contudo, alguns toparam apenas conceder a entrevista. Os entrevistados se distribuem entre políticos profissionais que já exerceram ou exercem cargos ou mandatos políticos, líderes ou ex-líderes de movimentos sociais e organizações políticas, pessoas que trabalham nos bastidores da política e pré-candidatos a vereadores na eleição municipal de 2024. Algumas vezes, mais de uma dessas características podem ser encontradas no mesmo entrevistado.

⁵³ O roteiro de entrevistas encontra-se no [Apêndice B](#).

fenômeno. Em sintonia com o conceito bourdieusiano de *habitus*, essas trajetórias são entendidas tanto como um reflexo das estruturas de longa duração que influenciam as biografias, quanto como o resultado das ações sociais individuais que contribuem para a manutenção ou transformação dessas estruturas (Passeron, 1995).

Para a condução das entrevistas, inspirei-me no trabalho desenvolvido por Ernesto Seidl (2009) no estado de Sergipe, sobre modalidades de engajamento e militância de dirigentes e ex-dirigentes de instituições associativas bastante diversas. Alguns aspectos foram priorizados, seguindo uma abordagem analítica integrada que buscou compreender os contextos de socialização e a formação das preferências políticas dos agentes, levando em conta a influência de eventos biográficos ao longo de trajetórias sociais abrangentes. Nesse sentido, a militância é tratada como um processo, permitindo explorar, de forma articulada, questões como predisposições para o ativismo, transição para a ação, formas diversas e mutáveis que o engajamento assume ao longo do tempo, multiplicidade de envolvimento ao longo do ciclo de vida, e fases de retração ou expansão desses engajamentos (Fillieule, 2001).

Sob essa perspectiva, os principais indicadores considerados incluem origens familiares amplas, localização geográfica e deslocamentos, posições sociais, situações e trajetórias familiares, percurso educacional e relação com a cultura, pertencimentos profissionais, étnicos e políticos, orientações religiosas, experiências individuais, redes de relações, escolhas ideológicas, e contextos históricos. Como enfatiza Gaxie (2002) ao tratar da socialização política, o objetivo é levar a sério as preferências ideológicas e políticas em determinado momento, buscando entender os instrumentos de avaliação e valorações que as influenciam (e das quais também são, em parte, resultado), enquanto se investiga como essas valorações estão enraizadas nas diversas socializações que moldam a experiência de mundo de um indivíduo. Nesse mesmo sentido, Silva e Ruskowski (2016, p. 202) apontam que

[...] na medida em que a carreira militante constitui uma esfera de vida que interage com outras esferas (familiar, profissional, amizades, educacional etc.) que conformam a totalidade da existência dos indivíduos, o desafio colocado ao pesquisador para explicar o engajamento militante (sua intensidade, duração, forma, desenvolvimento) é analisar a sequência de eventos dentro de cada uma destas esferas de vida e a influência de cada esfera em todas as outras.

Uma das vantagens de se utilizar a entrevista como recurso metodológico é que ela permite combinar a profundidade da compreensão de um fenômeno com um desenho de pesquisa analítico, sistemático e proposital para responder a questões motivadas teoricamente. Além disso, entrevistas podem revelar dimensões emocionais da experiência social que nem

sempre são evidentes na observação de comportamentos ou na aplicação de questionários. Nesse sentido, os significados imaginados que os pesquisados atribuem às suas atividades, seus autoconceitos, suas imagens sobre si mesmos (e sobre os outros), seus sistemas de categorização e seus sentidos de identidade são importantes para a investigação social, sendo a entrevista um excelente método de apreensão dessas dimensões. Enquanto a aplicação de questionários permite identificar correlações, por exemplo, entre o pertencimento de classe das pessoas e suas tomadas de posição políticas, o recurso às entrevistas possibilita explorar de forma aprofundada as raízes sociológicas e os contextos destas correlações (Lamont; Swidler, 2014). Ainda sobre as particularidades dos métodos, Passeron (1995, p. 211) traz uma metáfora que nos permite compreender a importância que uma entrevista biográfica pode assumir em uma pesquisa social:

[...] se fazemos dois cortes sincrônicos, na partida e na chegada do ônibus, podemos constatar, por exemplo, que no terminal havia menos gente do que na partida, que havia mais ou que havia tanta, que a proporção dos sexos mudou, ou a proporção dos jovens, etc. - podemos fazer todos os tipos de análises comparativas entre os diversos pontos ou entre uma e outra linha de ônibus. Em todo caso, mesmo portadores das mesmas propriedades, os viajantes talvez jamais sejam os mesmos: não visando mais a mesma história, temos de arranjar uma metodologia diferente da que permite seguir os indivíduos que sobem e descem, contentando-nos em perguntar por sua biografia deambulatória do dia.

Em razão das diferentes potencialidades de cada método, o pluralismo metodológico se revela bastante fecundo quando se objetiva desenvolver uma compreensão multidimensional dos fenômenos sociais e investigar questões teóricas mais profundas. Nesse sentido, “assim como um banquinho de três pernas possui maior estabilidade e força, um estudo que mobiliza de forma complementar vários tipos de dados pode aumentar a robustez e o poder retórico” (Lamont; Swidler, 2014, p. 13, tradução nossa)⁵⁴.

No caso específico do presente trabalho, combinar diferentes abordagens metodológicas (quantitativas e qualitativas) me permite incluir aspectos analiticamente distintos para investigar a relação entre classe, cultura e política, acomodando objeções levantadas à pesquisa de estratificação cultural "objetivista", preocupada em mapear a distribuição social de propriedades de estilo de vida, bem como objeções levantadas à pesquisa "subjetivista", focada no aspecto subjetivo-discursivo do traçado de fronteiras simbólicas. Penso, portanto, que uma abordagem empírica integrada pode ser alcançada ao retornar à leitura dupla de Bourdieu sobre

⁵⁴ No original: “Just as a stool with three legs has the greatest stability and strength, a study that mobilizes in a complementary fashion various types of qualitative data can improve robustness and rhetorical power” (Lamont; Swidler, 2014, p. 13).

as relações sociais, ou seja, incorporando tanto os aspectos subjetivos quanto objetivos do nexo classe-status (Jarness, 2017).

No próximo tópico, darei seguimento às discussões metodológicas apresentando considerações históricas e teóricas sobre a técnica de análise de correspondências múltiplas (ACM), ferramenta estatística que possibilitou a construção do espaço relacional conformado pelo universo que de ativistas que compõe esta pesquisa.

3.2. A ANÁLISE DE CORRESPONDÊNCIAS MÚLTIPLAS (ACM)

Entre o quantitativo e o qualitativo há a geometria.

(Lebaron; Le Roux, 2015, p. 16).

Nem um discurso, nem uma equação, a ACM interpela a sociedade como um espaço. Neste tópico, apresentarei os traços mais elementares de uma ACM, assim como os seus interesses epistemológicos, em duas frentes. De um lado, discutirei como a técnica nasce como uma resposta aos efeitos teóricos, e quiçá políticos, da hegemonia dos modelos lineares (como a regressão simples, mas não apenas) nas ciências sociais; e, de outro, farei uma reflexão sobre como ela busca interiorizar algumas teorias a respeito do mundo social (uma ontologia antiessencialista, a primazia das categorias práticas na construção da realidade social e o caráter relacional e conflitivo das lutas sociais e da produção de identidades coletivas), provenientes de diferentes expoentes da filosofia da linguagem e em seguida reunidas pela sociologia de Pierre Bourdieu. Apresentarei, ainda, os pressupostos sociológicos e estatísticos da técnica, explicitando a racionalidade que anima a sua elaboração e análise (nuvens de indivíduos e propriedades, eixos de oposição, contribuição das variáveis, formação de clusters etc.).

3.2.1. Um breve histórico da ACM

A ACM faz parte de um conjunto mais amplo de técnicas denominado análise geométrica de dados (AGD), sendo utilizada para “descrever, explorar, sumarizar e visualizar informações contidas em uma tabela de dados de N indivíduos descritos por Q variáveis categóricas” (Husson; Josse, 2014, p. 165 apud Bertonecelo, 2022b, p. 11). Uma base de dados desse tipo é obtida, na maior parte das vezes, a partir da aplicação de questionários estruturados a uma amostra de uma população qualquer, mas também pode ser o resultado da codificação dos atributos de casos estudados a partir, por exemplo, de entrevistas, de pesquisa documental

ou da prosopografia⁵⁵. A literatura recomenda a aplicação da técnica quando estamos diante de um grande número de indivíduos (idealmente mais uma centena) e de pelo menos uma dezena de questões (ou variáveis categorizadas) que tratem de temas variados (Lebaron; Le Roux, 2015).

A análise de dados, ou mais precisamente, a análise geométrica de dados, é uma abordagem da estatística multivariada, desenvolvida por J. P. Benzécri, nos anos 1960 - concomitantemente ao desenvolvimento de aparatos computacionais - em torno da análise de correspondências, nas quais os dados são representados sob a forma de nuvens de pontos finitos em um espaço geométrico. A criação dessa técnica se desenvolveu, por um lado, em reação às análises multivariadas da estatística matemática dominante (como os diversos tipos de regressão) e, por outro lado, em reação à divisão entre estatística acadêmica e estatística de pesquisadores. Em face das exigências que tendem a reduzir os objetos de estudo ao unidimensional, a AGD trouxe soluções mais sutis que um retorno estéril ao qualitativo. Uma nuvem de pontos não é nem uma equação e nem um discurso: entre o quantitativo e o qualitativo há a geometria. No lugar de pressupor a existência de entidades numéricas, a técnica constrói um espaço multidimensional que permite detectar escalas quando elas existirem. Então, um dos grandes méritos da AGD consiste na abordagem indutiva que ajuda o pesquisador a saber o que há nos seus dados (Lebaron; Le Roux, 2015).

Três diferentes técnicas estatísticas integram a AGD, se diferenciando em termos do tipo de variável e/ou de características da matriz de dados. São elas a análise de correspondências simples (ACS), a análise de componentes principais (ACP) e a análise de correspondências múltiplas (ACM). A ACS é usada para analisar tabelas de contingência formadas por duas variáveis categóricas⁵⁶ (por exemplo, a afinidade com correntes políticas e a religião do respondente). Já a ACP e a ACM são utilizadas quando estamos diante de uma

⁵⁵ “A prosopografia é a investigação das características comuns de um grupo de atores na história por meio de um estudo coletivo de suas vidas. O método empregado constitui-se em estabelecer um universo a ser estudado e então investigar um conjunto de questões uniformes - a respeito de nascimento e morte, casamento e família, origens sociais e posição econômica herdada, lugar de residência, educação, tamanho e origem da riqueza pessoal, ocupação, religião, experiência em cargos e assim por diante. Os vários tipos de informações sobre os indivíduos no universo são então justapostos, combinados e examinados em busca de variáveis significativas. Eles são testados com o objetivo de encontrar tanto correlações internas quanto correlações com outras formas de comportamento ou ação” (Stone, 2011, p. 115).

⁵⁶ “As variáveis categóricas são aquelas que possuem um número finito de categorias, entre as quais pode haver algum ordenamento (ordinal) ou não (nominal). Em outras palavras, uma variável é categórica quando ‘a escala de mensuração é um conjunto de categorias’ (Agresti; Finlay, 2012, p. 28). Sua escala de mensuração pode ser nominal (por exemplo: local de moradia ou raça/cor) ou ordinal (por exemplo: frequência de práticas culturais, gosto musical mensurado em termos de uma escala que vai de zero a cinco). Uma variável ordinal pode ser o resultado da recodificação de uma variável quantitativa em um número finito de categorias (por exemplo: a variável anos de estudo completo pode ser recodificada em faixas de escolaridade)” (Bertoncelo, 2022b, p. 12).

matriz de dados com o formato indivíduo x variável (em que cada linha corresponde a um “indivíduo” e cada coluna corresponde a uma variável), sendo a primeira é aplicada para variáveis numéricas ou quantitativas⁵⁷ e, a segunda, para variáveis categóricas ou qualitativas (Bertoncelo, 2022b). A ACM é, portanto, uma extensão da ACS:

[...] enquanto esta é uma técnica para analisar tabelas de contingência pela visualização conjunta de linhas e colunas em um espaço de baixa dimensão, a ACM parte de uma ‘tabela disjuntiva binária’, ou matriz indicadora, podendo representar indivíduos e modalidades (Lebart; Saporta, 2014). Os indivíduos podem ser os respondentes de um questionário, organizações, grupos, sociedades ou quaisquer unidades de análise. As modalidades são as informações que reunimos acerca dos indivíduos (Bertoncelo, 2022b, p. 12-13)⁵⁸.

A ACM mostra-se uma técnica de análise de dados bastante útil quando a pesquisa objetiva construir espaços relacionais, representando, sob a forma de nuvens de pontos, as distâncias e proximidades relativas entre um conjunto de indivíduos e suas práticas, interesses, opiniões e/ou disposições, o que permite apreender as principais oposições e afinidades reveladas no espaço e os fatores que as estruturam (Bertoncelo, 2022b).

Desde o início, a AGD foi aplicada a variadas áreas como lexicologia, marketing, história, geografia, medicina, psicologia, econometria, ciências sociais etc. Três períodos históricos marcam a emergência, a institucionalização e o reconhecimento deste método de análise no campo estatístico e científico. O primeiro período (1963 – 1973) é caracterizado pelo surgimento da técnica, momento em que houve o desenvolvimento de exposições teóricas, algoritmos e estudos de caso, sendo marcado pelas seis lições ministradas por Benzécri no *Collège de France*, inteiramente consagradas à análise geométrica de dados, e pela produção de textos na *Faculté des Sciences de Rennes* e no laboratório estatístico *Institut de Statistique de l’Université de Paris*. Em seguida, entre os anos de 1973 e 1980, acontece a idade de ouro da técnica em decorrência do grande sucesso que o método de análise de dados vivenciou na

⁵⁷ Uma variável numérica ou quantitativa é aquela que representa dados numéricos, expressando quantidades ou medidas. Ela pode ser contínua (como altura ou peso, com valores fracionados) ou discreta (como número de filhos, com valores inteiros).

⁵⁸ Modalidades ou categorias de uma variável são os valores possíveis que a variável pode assumir, representando diferentes características ou respostas dentro de um conjunto de dados. Em variáveis qualitativas (ou categóricas), essas modalidades indicam as possíveis categorias ou grupos que descrevem uma característica sem uma ordem numérica. Por exemplo, em uma pesquisa que pergunta sobre a cor/etnia das pessoas, a variável "cor/etnia" teria como modalidades ou categorias as possíveis respostas que os participantes poderiam escolher. Essas respostas podem ser definidas conforme a estrutura da pesquisa, como: “Branca”, “Preta”, “Parda”, “Amarela”, “Indígena” e “Outra Resposta”. Cada uma dessas opções representa uma categoria (ou modalidade) da variável "cor/etnia". Ao analisar os dados, é possível ver a distribuição dos participantes em cada uma dessas categorias, o que permite interpretar a diversidade ou as características demográficas do grupo entrevistado.

França, tendo adquirido quase todas as características de uma escola⁵⁹ (ainda faltava o reconhecimento anglo-saxão). Nesse segundo período, a análise de correspondências, e em particular a ACM (muito bem adaptada à análise de questionários), se tornou o principal método sofisticado utilizado para tratar dados multivariados no contexto francês. Por fim, o terceiro e último período (1980 - ...) é definido pelo reconhecimento internacional da análise de correspondências, com a publicação de livros em inglês e a tradução de obras francesas para o mesmo idioma (Lebaron; Le Roux, 2015).

Atualmente, os anglo-saxões reconheceram, à sua maneira, a realidade da abordagem francesa. Contudo, esse reconhecimento acadêmico entende a análise de correspondências apenas como um método gráfico descritivo, de modo que apenas a reputação da AGD como método de exploração visual é bem estabelecida. Vários livros em inglês foram publicados nos últimos anos; em contrapartida, o reconhecimento, apesar de real, ainda resta limitado e passa longe de considerar toda a potência do método, que ainda continua isolado e subutilizado no campo da estatística multivariada. Em outras palavras, temos um cenário científico em que a sociologia quantitativa é minoritária na sociologia e, nesse subcampo, a AGD está longe de ter um lugar dominante (os métodos de regressão ocupam uma parte bastante preponderante). Há muito ainda para se fazer; contudo, mesmo em um cenário de uma estatística bem estabelecida, essencialmente anglo-saxã, a análise de dados pôde emergir, se difundir e persistir como uma espécie de brecha aberta no muro desta estatística hegemônica (Bonnet, 2015; Lebaron; Le Roux, 2015)⁶⁰.

A utilização da análise de correspondências continua ainda majoritariamente francesa e, em particular, no seio das ciências sociais, tendência certamente impulsionada por Pierre

⁵⁹ Havia um líder carismático com um laboratório no CNRS promovendo várias atividades e um lugar de encontro para estatísticos e pesquisadores; havia uma associação (ADDAD) consagrada à difusão dos métodos, particularmente através do desenvolvimento de programas; e havia uma revista trimestral (*Les cahiers de l'analyse des données – CAD*) para publicar os avanços. Um corpo de especialistas se constituía em uma comunidade de estatísticos e pesquisadores com uma linguagem em comum (Lebaron; Le Roux, 2015).

⁶⁰ No mesmo sentido apontam Prieur e Savage (2011): “A ACM é um método controverso que demanda maior elaboração. Originada no trabalho do matemático francês Benzécri, Bourdieu a promoveu como uma técnica que permite desvendar empiricamente as dinâmicas de campo, revelando as relações contingentes entre práticas e gostos, de um lado, e posições sociais, de outro. Assim, em vez de assumir, por exemplo, que o gosto por música clássica é intrinsecamente uma forma de cultura erudita, a ACM nos permite inspecionar empiricamente se uma preferência por música clássica se opõe a gostos mais ‘populares’ (para uma discussão mais aprofundada sobre este ponto, veja Savage e Gayo, 2011). Contudo, a ACM nunca foi amplamente utilizada nas ciências sociais anglófonas, pois não é um método padrão de ‘teste de hipóteses’ com o uso de estatísticas inferenciais. Ainda assim, há um reconhecimento crescente de seu valor potencial, mesmo entre cientistas sociais que não adotam uma perspectiva bourdieusiana (por exemplo, Chan, 2010)”.

Bourdieu, que aplicou o método recorrentemente em suas obras, sobretudo na *Distinção*⁶¹. Segundo Bertoncelo, Netto e Ribeiro (2022, p. 7-8), o sociólogo

[...] se beneficiou do desenvolvimento da estatística, em especial da ‘escola francesa de análise de dados’, e das técnicas computacionais. Na década de 1960, o grupo de Jean-Paul Benzécri cunhou o termo ‘análise de correspondências múltiplas’, utilizada por Bourdieu e Saint-Martin em ‘A anatomia do gosto’ e por Bourdieu em *A distinção*, para a medição das distâncias relativas dos indivíduos no espaço social de acordo com o acúmulo e a estrutura de seus capitais, nessa ocasião, medindo-se os capitais econômico e cultural. É com base nessa técnica de análise de dados que Bourdieu e Saint-Martin são capazes de construir o espaço social francês e a ele sobrepor o espaço dos estilos de vida. É a coincidência entre as posições dos sujeitos de acordo com seus capitais (volume e estrutura) e a legitimidade de suas práticas culturais definidoras de seus estilos de vida que permitiu que Bourdieu lançasse a tese da homologia entre os espaços. [...]. Aqui destacamos que a possibilidade de se medirem as posições relativas dos sujeitos concretizava o pressuposto teórico de Bourdieu de que a sociedade é formada por posições objetivas relacionais, ou seja, as posições se definem umas em relação às outras. As ‘classes no papel’ ou classes teóricas são o resultado desse esforço de classificação sociológica, a partir do qual é possível identificar conjuntos de agentes que ocupam posições relativas vizinhas no espaço social em função da distribuição dos capitais relevantes. As classes assim construídas diferem das classes preconcebidas ou pressupostas como em muitas correntes do marxismo e da economia prevalentes na época (ver Bourdieu, 2015, pp. 99-120). A estatística e a computação, assim como os estatísticos reunidos no Instituto Nacional de Estatística e dos Estudos Econômicos (INSEE) e no Centro de Pesquisa pelo Estudo e Observação das Condições de Vida (Crédoc), permitem a representação visual e geométrica da sociedade que Bourdieu e seus colegas descobriam empiricamente.

Para compreender plenamente as análises de Bourdieu, é essencial valorizar a abordagem relacional que caracteriza seu trabalho. Em sua perspectiva, nenhum elemento social existe de forma independente; todos são constituídos em relação a outros elementos. Isso implica que não se deve considerar a contribuição causal isolada de fatores individuais, uma vez que esses fatores só adquirem significado e relevância em relação a outros. Por exemplo, o impacto de um determinado nível de educação depende não apenas da própria formação educacional, mas também da distribuição geral da educação na população e da presença e distribuição de outros recursos que competem com o capital cultural. Essa perspectiva relacional está profundamente vinculada ao método da ACM, que permite ao pesquisador

⁶¹ Um aspecto essencial do trabalho de Pierre Bourdieu, mas que ainda resta um pouco negligenciado pelos especialistas de sua teoria, é a sua preocupação constante com a quantificação do seu material empírico e com a formulação matemática do seu pensamento (Lebaron, 2015). Em relação à utilização da análise de correspondências em suas pesquisas, o sociólogo assim declarou no prefácio à edição alemã da obra *Le métier de sociologue* (tradução nossa): “eu utilizo muito a análise de correspondências porque acredito que é um procedimento relacional cuja filosofia expressa plenamente o que, na minha opinião, constitui a realidade social. É um procedimento que ‘pensa’ relacionalmente, e é isso que eu tento fazer com o conceito de campo” (Bourdieu, 2005 apud Lebaron, 2015, p. 43).

identificar empiricamente as principais dimensões e configurações relacionais entre indivíduos e modalidades (ou seja, categorias de cada variável) (Harrits, 2013).

Ainda que seja um elemento central nas obras de Bourdieu, a ACM como técnica metodológica adentra de forma tardia nas ciências sociais brasileiras, de maneira que ainda existem poucos trabalhos sociológicos que a empreguem, seja pelo fato de as principais obras que utilizam a ferramenta terem sido traduzidas recentemente ou ainda seguirem sem tradução para o português, seja pela dificuldade de transposição do saber teórico para aprendizados práticos (Klüger, 2018). Diante dessas considerações, a presente tese tem como um de seus objetivos contribuir para a superação desta lacuna ao dar uma maior visibilidade à técnica da ACM, buscando incentivar a sua promoção e consolidação como uma forma de análise de dados que pode ter usos bastante pertinentes e frutíferos a depender do objeto que se investiga⁶².

3.2.2. Pressupostos teóricos e estatísticos da ACM

Conforme exposto no tópico anterior, a ACM é um tipo de análise geométrica de dados (AGD) que trabalha, simultaneamente, com mais de duas variáveis categóricas, permitindo descrever as relações entre estas variáveis a partir de noções geométricas básicas, como proximidades e distâncias relativas ao longo de eixos. É uma técnica capaz de sintetizar quantitativamente dados qualitativos (variáveis categóricas) dispondo-os de maneira estrutural, multidimensional e relacional, por meio da representação gráfica de espaços sociais em planos cartesianos demarcados por um par de eixos, diferenciando e posicionando os agentes e as propriedades (Klüger, 2018).

Contudo, antes de expor a racionalidade que anima a elaboração e a interpretação de uma ACM, é importante pontuar como a análise geométrica de dados diverge de outros métodos estatísticos multivariados, como as análises de regressão. Bertencelo (2022, p. 15-16) apresenta algumas diferenças entre as técnicas estatísticas multivariadas, introduzindo, a partir dessa diferenciação, as ideias-chave que nas quais se baseia uma AGD. O autor ressalta, ainda, que a escolha pela mais adequada – ou por uma combinação entre elas – depende das questões e dos objetivos da pesquisa, da natureza dos dados e do desenho da amostra⁶³. Vejamos:

⁶² Citando Bourdieu (1990), Lamont e Swidler (2014) apontam que o crescimento da popularidade de técnicas específicas de recolha de dados deve ser entendido no contexto dos altos e baixos das correntes disciplinares, onde a importância relativa dos subcampos e tópicos está ligada à dinâmica intergeracional (ou dinâmica de campo em termos bourdieusianos).

⁶³ No mesmo sentido, Lamont e Swidler (2014) fazem a defesa de uma abordagem pluralista e pragmática de pesquisa, que afirma que a que a seleção das abordagens metodológicas deve depender das perguntas em questão,

- i. Em contraste com o uso convencional da estatística multivariada baseado em ‘indicadores numéricos’ (como os coeficientes de regressão) e no ‘sistema de asteriscos’ (que indicam o nível de significância estatística), na AGD, a construção de nuvens de pontos (de modalidades e de indivíduos) é o elemento central. Trata-se, conforme sustentam Le Roux e Rouanet (2004), de duas ‘concepções distintas do papel da estatística’: de um lado, uma ‘sociologia das variáveis’ e, de outro, a ênfase na construção de espaços relacionais (na sociologia bourdieusiana, o espaço social ou das classes sociais e o espaço simbólico, dos estilos de vida ou das tomadas de posição).
- ii. Diferentemente dos usos da estatística multivariada orientados para a construção e teste de modelos (exemplos: análise de classes latentes e modelos log-lineares) – ou seja, em que, após a especificação de um número qualquer de modelos, é escolhido, com base nos critérios disponíveis, aquele que mais se ‘ajusta’ aos dados, considerando o equilíbrio entre exaustividade e parcimônia –, os usos da AGD geralmente privilegiam uma abordagem indutiva, em que ‘os modelos devem seguir os dados, e não o contrário’ (Benzécri, 1973 apud Greenacre; Blasius, 2006, p. 6). É a partir da observação das posições relativas das modalidades e indivíduos nas nuvens de pontos (daí, espaços relacionais) que são apreendidas as principais dimensões que estruturam as afinidades e contrastes entre práticas dos agentes e suas propriedades.
- iii. Por fim, os usos da AGD estão assentados em uma concepção de causalidade que difere daquilo que Andrew Sayer (1992) denominou de análise causal padrão, que consiste em isolar o efeito de cada variável independente sobre a variável dependente em uma abordagem quase experimental. Diferentemente, na AGD, o que importa é a estrutura de relações entre um conjunto de variáveis e suas categorias (Hjellbrekke, 2019), preocupação que está assentada em uma concepção de causalidade que poderíamos denominar de ‘estrutural’: a causalidade social consiste nos ‘efeitos globais de uma estrutura complexa de inter-relações, que não se reduz à combinação dos múltiplos ‘efeitos puros’ das variáveis independentes’ (Lebaron, 2009, p. 12). A ACM (e, mais amplamente, a AGD), portanto, não pressupõe uma diferenciação entre variáveis dependentes e independentes ou a concepção de causalidade linear e aditiva em que se baseia. Em vez disso, o uso da ACM se presta muito bem ao objetivo de apreender o ‘sistema completo de relações que constituem o verdadeiro princípio da força e da forma específicas dos efeitos registrados em determinada correlação particular’ (Bourdieu, 2008, p. 98).

A despeito dessas diferenciações, é importante ressaltar que as técnicas estatísticas não devem ser entendidas como sendo exploratórias, explicativas ou confirmatórias em si mesmas. Tais características têm a ver com interesses de pesquisa, e não com propriedades supostamente inerentes a este ou aquele método. Portanto, não seria correto, ao que contrário do que afirma uma abordagem estatística dominante, definir a AGD como um conjunto de técnicas essencialmente exploratórias ou descritivas em oposição a outras (como a regressão), que seriam, essencialmente, confirmatórias e/ou explicativas (Bertoncello, 2022b).

As nuvens de pontos construídas pela AGD, e mais especificamente pela ACM, geram dois tipos de representações gráficas, uma para os indivíduos analisados e outra para as suas propriedades sociais. Em relação à nuvem dos indivíduos, seu posicionamento na estrutura é determinado de forma relacional, em função da distribuição de suas propriedades sociais

a serem avaliadas caso a caso, ressaltando que métodos diferentes brilham sob luzes diferentes e geralmente têm limitações diferentes.

(atributos, capitais, práticas e tomadas de posição). Sendo assim, a atração entre dois agentes será tanto maior quanto mais similares forem seus padrões de resposta, ou seja, a proximidade ou a distância entre eles depende da homogeneidade ou heterogeneidade de suas propriedades sociais. No que toca à nuvem das propriedades sociais, quanto mais as mesmas forem comumente associadas nas respostas dos agentes analisados, mais próximas aparecerão na estrutura, indicando, assim, que são partilhadas por aqueles que possuem perfis e preferências similares. As propriedades sociais podem incluir informações relativas aos capitais dos agentes (culturais, econômicos, sociais), dados referentes as suas práticas sociais e indicadores de sua tomada de posição (Klüger, 2018; Bertoncelo, 2022b).

Em resumo, podemos dizer que a AGD trabalha com um modelo geométrico (e não numérico) de dados, construindo nuvens de pontos que, a partir de uma tabela (indivíduos x variáveis), permitem a interpretação desses dados. Além da construção da nuvem de pontos, uma AGD envolve, ainda, a busca pela redução da dimensionalidade do espaço por meio da retenção de seus eixos principais, cada um representando uma dimensão do espaço ou um subespaço (Lebaron; Le Roux, 2015). Em outras palavras,

[...] as linhas ou colunas de uma matriz de dados são entendidas como pontos em um espaço euclidiano de elevada dimensão, e o método busca redefinir as dimensões do espaço de modo que as principais dimensões capturem a maior variância possível, possibilitando descrições dos dados em menor dimensão (Greenacre; Blasius, 2006, p. 5 apud Bertoncelo, 2022b, p. 11).

Sendo assim, as nuvens de pontos são graficamente apresentadas a partir da interseção de seus eixos principais. O primeiro eixo principal fornece o melhor ajuste unidimensional da nuvem (possui a maior variância), ocorrendo uma decomposição da variância total ao longo dos eixos, de modo que cada um deles explica uma porção dessa variância em números decrescentes. Na análise sobre quantos eixos reter para a interpretação do espaço, o objetivo é buscar o menor número de eixos ou dimensões que dê conta da maior parte da variância possível, retendo, assim, todas as informações relevantes na tabela (Bertoncelo, 2022b). Nesta tese, optei por reter três eixos que, em conjunto, explicam 78,2% da variância total da nuvem. Essa escolha possibilitou a construção de nuvens baseadas nas combinações dos eixos 1 e 2 e dos eixos 1 e 3, permitindo descrever as oposições e contrastes ao longo desses três eixos.

A interpretação dos resultados de uma ACM também inclui a consideração da contribuição das modalidades que conformam cada eixo. Uma vez que cada eixo “explica” uma porção da variância ou inércia total da nuvem, a variância de cada eixo pode ser decomposta

em termos das contribuições (proporcionais) de cada modalidade⁶⁴. Os eixos são interpretados utilizando-se apenas as modalidades com contribuições acima da média para a sua conformação, sendo a contribuição superior à média quando seu valor for maior que 100 dividido pelo número de modalidades ativas (Klüger, 2018; Bertoncelo, 2022b).

É importante destacar, ainda, que a interpretação dos gráficos gerados através da ACM deve ser ideal-típica, o que significa que as variáveis ou os indivíduos não estão posicionados em determinado polo ou quadrante de maneira determinista ou estanque, podendo apresentar características também de outros polos (Fernandes; Vieira, 2019). Em razão de possuir esse viés-ideal típico de interpretação, a ACM também nos permite realizar análises tipológicas a partir da nuvem de indivíduos, formando clusters ou grupos que apresentam propriedades sociais, práticas e opiniões homogêneas. A proximidade da técnica com a sociologia de Max Weber não se centra apenas na elaboração de tipologias, mas também na noção de “afinidades eletivas”, uma vez que apresenta, simultaneamente,

[...] múltiplas direções possíveis para a causalidade entre variáveis (WEBER, 2006) em lugar de uma influência unidirecional de variáveis independentes sobre variáveis dependentes. [...]. Nesse sentido, não se trata de uma relação de causalidade, mas de afinidades entre dois elementos que geram efeitos objetivos (Klüger, 2018, p. 81).

A AGD é imbuída, portanto, de uma lógica relacional que implica que as práticas sociais não têm significado em si mesmas, mas apenas na estrutura de contrastes ou afinidades entre elas, reunindo técnicas que possibilitam operacionalizar essa concepção relacional do social. O uso da ACM possibilita, assim, minimizar os riscos de uma leitura substancialista das relações das práticas entre si e delas com as propriedades sociais dos agentes. Reitero, ainda, que tais oposições ou afinidades entre as práticas e os agentes são construídas indutivamente, a partir da observação das proximidades ou distâncias relativas entre as modalidades e os indivíduos (Bertoncelo, 2022b).

É importante destacar, por fim, que, apesar das suas particularidades, a análise geométrica de dados (AGD) não exclui de modo algum os procedimentos numéricos; o que ocorre é que os mesmos são subordinados à construção geométrica: em primeiro lugar, no início de qualquer estudo, é indispensável examinar os resultados das estatísticas descritivas elementares (frequências, médias, variâncias etc.); em seguida, o estudo das nuvens deve sempre ser complementado com auxílios à interpretação (contribuições, elementos

⁶⁴ Quanto mais rara for a categoria (ou modalidade), mais ela aparecerá distante do centro do eixo e maior tenderá a ser a sua contribuição para a conformação do eixo (Bertoncelo, 2022b).

suplementares etc.) (Lebaron; Le Roux, 2015). Isso vai ficar mais claro no próximo tópico, no qual apresentarei os passos básicos envolvidos na construção de uma ACM.

3.2.3. O passo a passo da construção de uma ACM

Tendo estabelecido os pressupostos teóricos e estatísticos sobre os quais se baseia a ACM, passo agora a apresentar o passo a passo de sua construção a partir das considerações feitas por Klüger (2018, p. 73-74):

[...] (1) elaboração das questões e hipóteses iniciais da pesquisa; (2) seleção das fontes e casos; (3) montagem das tabelas agentes versus variáveis; (4) descrição elementar dos dados da tabela; (5) realização de cruzamentos simples; (6) recodificação dos dados e busca de equilíbrio do número de modalidades por variável e de variáveis por rubrica⁶⁵; (7) seleção das variáveis ativas e suplementares; (8) montagem das ACMs; (9) observação inicial da contribuição dos eixos para a determinação da variância total das nuvens e da contribuição das variáveis e modalidades para a variância dos eixos; (10) avaliar se há alguma modalidade rara ou defectiva que tenha sido demasiadamente contributiva na construção do espaço; (11) caso encontre alguma distorção, verificar os dados e decidir se tornará a modalidade passiva; (12) caso tenha alterado alguma modalidade, gerar novas ACMs e tabelas de contribuição; (13) decidir quais eixos reter de acordo com as questões formuladas e com o grau de variância total que se pretende contemplar; (14) interpretação das nuvens de modalidades e das nuvens agentes por meio da observação das polarizações nas configurações visuais resultantes, das tabelas de contribuições, do posicionamento das variáveis e modalidades suplementares, das elipses de concentração e da observação dos agentes, caso conhecidos; (15) combinação das análises de correspondências com outras técnicas e metodologias, como análises de classificação hierárquica e análises de redes sociais.

Uma etapa bastante importante na construção de uma ACM é a definição das variáveis ativas e suplementares. As variáveis (e modalidades) ativas, que devem ser necessariamente categóricas, são aquelas consideradas para a construção do espaço relacional, definindo as distâncias relativas nas nuvens de modalidades e de indivíduos. Já as variáveis suplementares – também classificadas como adicionais ou ilustrativas – podem ser categóricas ou quantitativas e não participam da determinação dos eixos ou da definição das distâncias no espaço. Elas são entendidas como “partículas” com massa zero, sendo projetadas no ponto médio de sua incidência no espaço gerado pelas modalidades ativas, sem alterar a sua configuração geométrica (Klüger, 2018; Bertonecelo, 2022b). As variáveis ilustrativas “têm por função complementar a representação gerada pelas variáveis ativas, oferecendo informações adicionais

⁶⁵ A recodificação dos dados se faz necessária quando alguma modalidade apresenta frequência menor do que 5%. Nesses casos, devemos agrupá-la a outra categoria ou, se não for possível, inseri-la como passiva (Bertonecelo, 2022b).

para que o pesquisador interprete os quadros gerados pela ACM” (Greenacre; Blasius, 2006 apud Klüger, 2018, p. 80).

A escolha relativa ao caráter ativo ou suplementar de uma variável depende essencialmente dos interesses da pesquisa e das questões formuladas pelo pesquisador. Nesse processo, a única regra que deve ser obedecida é que variáveis de diferentes tipos não tenham o mesmo estatuto, ou seja, que não classifiquemos como ativas variáveis de diferentes naturezas (Bertoncelo, 2022b). A título de exemplo, se construirmos um espaço com base nas variáveis relativas às práticas e às tomadas de posição políticas (ativas), poderíamos projetar a escolaridade dos indivíduos como variável suplementar. Tal construção seria pertinente para investigar se existe efeito dos diferentes níveis de escolaridade sobre a dispersão dos indivíduos e das modalidades no espaço das práticas e tomadas de posição políticas e indagar se seria possível prever a posição de um agente no espaço de acordo com o seu diploma. Poderíamos também, por outro lado, partir da estrutura de distribuição de recursos ou capitais entre os agentes (espaço social), construída a partir das modalidades indicadores de suas propriedades sociais (ativas) e então projetar as variáveis referentes às práticas e tomadas de posição políticas como suplementares (nesse caso, a nuvem de modalidades assim construída funcionaria como uma espécie de “mapa preditivo” das práticas).

Essas diversas possibilidades de análise demonstram os potenciais da AGD que, além de reunir técnicas exploratórias de dados, pode também conter um viés confirmatório ou explicativo, a depender dos objetivos do pesquisador. Nesse sentido, a ACM pode nos ajudar a “detectar os fatores determinantes dos padrões empiricamente evidenciados, ou mesmo a prever determinados aspectos das práticas dos agentes com base no conhecimento de algumas de suas propriedades relacionais” (Bertoncelo, 2022b, p. 15).

Ainda no que se refere à etapa prévia de construção de uma ACM, é essencial que haja um equilíbrio tanto no número de categorias (ou modalidades) das variáveis ativas como no número de variáveis representativas de diferentes temas ou domínios que se busca investigar, uma vez que o número de categorias afeta diretamente a contribuição de cada variável para a construção das nuvens, o que remonta mais uma vez à importância do conhecimento e da recodificação da base de dados (Bertoncelo, 2022b).

3.3. PESQUISANDO ATIVISTAS DE DIREITA

Antes de prosseguir à apresentação do universo de ativistas que compõe o estudo, é importante chamar a atenção para o fato de que a pesquisa empírica com ativistas de direita,

notadamente os pertencentes a uma direita mais radical ou extrema, tem suas peculiaridades e complexidades específicas de acesso. Além disso, a subjetividade do pesquisador e dos atores sociais envolvidos influenciam nesse contexto. Estudar as direitas por meio de pesquisa de curto alcance traz à tona, portanto, inúmeras questões éticas e metodológicas singulares, requerendo necessariamente uma reflexão sobre a relação entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa. No entanto, como aponta Toscano (2019), tal reflexão é raramente endereçada no campo das pesquisas sobre movimentos sociais e ações coletivas.

Apesar da importância de se ter a consciência de que é fundamental compreender que nenhum empreendimento científico é neutro e que sempre leva consigo as influências diretas de quem é o sujeito pesquisador, este não deixa de ser um ofício espinhoso, nebuloso e perigoso em muitos momentos. Os limites entre a objetividade da pesquisa científica e a minha subjetividade enquanto pesquisadora sempre rondaram as minhas preocupações no que toca ao desenvolvimento da tese. Em razão disso, considero importante não perder de vista a constante reflexão sobre a ética e a política em uma pesquisa sobre movimentos e ativistas políticos, particularmente quando estes estão posicionados no espectro ideológico das direitas. Nesse sentido, penso ser relevante uma discussão sobre esta temática que leve em conta a reflexividade do pesquisador.

Partindo dessas considerações essenciais, existe um problema muito comum enfrentado por pesquisadores que estudam as direitas a partir da ação individual ou coletiva de seus agentes, ou seja, que lançam mão de uma abordagem microssocial produzindo dados primários por meio de pesquisas diretas com indivíduos que participam de iniciativas de direita (grupos, associações, partidos, clubes, manifestações de rua etc.). Tal problema se refere sobretudo à dificuldade de acessar o campo no qual tais atores estão circunscritos. Nesse sentido, segundo Toscano (2019, p. 6, tradução nossa),

[...] dificuldades podem surgir com a cautela e a falta de confiança que os ativistas costumam nutrir não apenas em relação a pesquisadores (e jornalistas), mas também para o processo de pesquisa como um todo (Nikolski, 2011). Esseveld e Eyerman (1992) e Boumaza e Campana (2007) mostram que além da falta de confiança, há também um preconceito estereotipado em relação ao pesquisador, que é visto como um estranho e parte do ‘sistema de poder’ do qual eles não querem fazer parte. Ao contrário, os ativistas podem ao mesmo tempo ter motivações instrumentais para participar de um projeto de pesquisa, vendo como uma oportunidade de visibilidade e legitimação. Neste caso, os riscos envolvidos são que as negociações subjacentes - incluindo as acesso ao campo - tornam-se elas próprios compromissos (Cefai e Amiraux, 2002): por exemplo, a aceitação de limitações excessivas impostas por ativistas em relação à liberdade de movimento do pesquisador de campo (seleção prévia dos sujeitos a serem entrevistados; interferência com o produto de pesquisa acabado e/ou quais partes das entrevistas podem ser relatadas) contribuem para uma

processo de pesquisa estressante e extremamente difícil (Boumaza e Campana, 2007)⁶⁶.

Entre setembro de 2022 e junho de 2024, período em que realizei a coleta de dados por meio da aplicação do questionário, busquei contatar diversos ativistas de direita, seja por meio de suas redes sociais (*Instagram* e *Facebook*), mapeando suas atividades e mandando mensagens; seja perguntando para pessoas próximas a mim e pedindo indicações de possíveis respondentes (nesses casos, os contatos se deram sobretudo via WhatsApp); seja pedindo a quem respondia ao questionário que o encaminhasse para amigos e/ou conhecidos que também se encaixassem no perfil de participante da pesquisa (técnica “bola de neve”); seja indo às manifestações de rua realizadas no ano de 2022 e realizando conversas com pessoas na Câmara Municipal no mesmo ano.

Mesmo com todo esse esforço, conforme veremos adiante, consegui conformar um universo em que pouco mais de 30% das ativistas se autodeclarou pertencente ao espectro político das direitas⁶⁷. Nesse sentido, mais uma vez os apontamentos de Toscano (2019, p.7, tradução nossa) se fazem pertinentes:

[...] metodologias e pesquisas práticas baseadas na interação [...] incluem, conforme Blee (2007) aponta, um aspecto empático entre pesquisador e pesquisado, quais as crenças e visões centrais do mundo são geralmente e pelo menos parcialmente compartilhadas [...]. O estudo de perto da extrema-direita envolve uma análise da dinâmica e dimensão emocional dessa relação, que raramente é vista na literatura (Blee, 1998) e permanece pouco investigada, embora influencie o processo de pesquisa como um todo. Aumentando ainda mais as dificuldades de acesso ao campo e o problemático pesquisador-pesquisado relacionamento, é a reputação negativa

⁶⁶ No original: “Difficulties may arise with the wariness and lack of trust that activists often nurture not only towards researchers (and journalists) but also towards the research process as a whole (Nikolski, 2011). Esseveld and Eyerman (1992), and Boumaza and Campana (2007) show that in addition to a lack of trust there is also a stereotyped prejudice towards the researcher, who is viewed as an outsider and part of the ‘power system’ they want no part of. On the contrary, the activists may at the same time have instrumental motivations to participate in a research project, seeing it as an opportunity for visibility and legitimation. In this case, the risks involved are that the underlying negotiations—including that of field access—become compromises themselves (Cefaï and Amiraux, 2002): for instance, the acceptance of excessive limitations imposed by activists on the field researcher’s freedom of movement (prior selection of the subjects to be interviewed and even met; interference with the finished research product and/or which parts of the interviews may be reported) make for an emotionally stressful and extremely difficult research process (Boumaza and Campana, 2007)” (Toscano, 2019, p. 6).

⁶⁷ Sobre este ponto, é importante mencionar que, de maneira geral, os ativistas de direita para os eu enviei o questionário não me deram uma negativa direta no sentido de que não queriam participar da pesquisa. Na grande maioria dos casos, dentre os “direitistas” para os quais eu enviei a pesquisa e que não responderam, eles não o fizeram porque simplesmente ignoraram o pedido ou porque falavam que iriam responder, mas não respondiam. Contudo, acho importante relatar duas situações excepcionais que experienciei no campo e que endossam os argumentos de Toscano (2019) sobre a atividade de pesquisa com ativistas de direita. Na primeira, um ativista do Partido Novo respondeu a minha mensagem de convite para a participação no estudo com um xingamento que incluía um emoji “mostrando o dedo do meio”, em seguida de uma mensagem dizendo “Faz o L”. Na segunda situação, um outro ativista de direita disse que não iria responder porque tinha olhado o questionário e o considerado muito invasivo.

mantida pelos pesquisadores para esses movimentos e organizações, geralmente portadores de uma visão de mundo mais progressista (Avanza, 2008)⁶⁸.

Pude constatar a veracidade desses apontamentos de Toscano (2019) em relação à importância do aspecto empático entre pesquisador e pesquisado e ao compartilhamento de visões de mundo. Na mesma linha do que argumenta a autora, sabemos como pesquisas provenientes de universidades públicas podem soar “enviesadas” e “ideológicas” por parte dos agentes “direitistas”, as quais eles acreditam, em sua maioria, serem influenciadas pelo “comunismo” e pelo “esquerdismo”. Por isso foi muito difícil, para mim, estabelecer essa relação de empatia e confiança com meus interlocutores localizados no espectro político das direitas, relação esta que ficava ainda mais obstaculizada quanto mais tais interlocutores se aproximam do extremo deste espectro⁶⁹. Já em sentido contrário, é importante mencionar que, durante a fase de coleta de dados, não tive dificuldade alguma em encontrar pessoas que se autodeclararam pertencentes a algum espectro político de esquerda que topassem responder a pesquisa, além de todas serem muito receptivas e interessadas na investigação⁷⁰. Ao final do processo de coleta de dados, eu tive que abrir mão de contatar ativistas de esquerda e passei a focar apenas nos de direita, em uma tentativa de equilibrar um pouco mais o universo da pesquisa.

Feitas essas considerações sobre a pesquisa de campo e os métodos empregados, passo agora a apresentar o perfil político e socioeconômico dos participantes da pesquisa.

⁶⁸ No original: “The methodologies and research practices based on interaction [...] include, as Blee (2007) points out, an empathetic aspect between researcher and researched, in which the core beliefs and visions of the world are generally and at least partly shared [...]. The close-range study of the far right involves an analysis of the dynamics and emotional dimension of this relationship, which is rarely seen in the literature (Blee, 1998) and remains little investigated, even though it influences the research process as a whole. Further adding to the difficulties of investigative field access compromises and the problematic researcher-researched relationship, is the negative reputation held by researchers for these social movements and organizations, generally bearers of progressive world visions (Avanza, 2008)”. (Toscano, 2019, p. 7).

⁶⁹ Em vários momentos de conversas com os ativistas de direita eu era perguntada por eles sobre a minha filiação ideológica. Nessas ocasiões, eu me esquivava da pergunta dizendo que a pesquisa prezava pela “neutralidade” e que não seria influenciada pelas minhas concepções políticas. Além disso, complementava apontando que o fato de trazer esse assunto para a conversa poderia viesar os dados produzidos e comprometer a ética da investigação. De maneira geral, a resposta convencia e o assunto era encerrado.

⁷⁰ Penso que essa facilidade teve a ver, também, com o próprio viés que caracteriza minha condição educacional e profissional (uma pesquisadora de pós-graduação da área de Ciências Humanas) e a de minhas redes de contatos.

4. PERFIL POLÍTICO E SOCIOECONÔMICO DO UNIVERSO QUE COMPÕE A PESQUISA

Neste Capítulo, apresentarei alguns dados sociodemográficos e políticos mais recentes sobre a cidade de Juiz de Fora – MG, local onde a pesquisa foi realizada, e realizarei uma caracterização em termos políticos e socioeconômicos do universo de ativistas que compõe o estudo a partir da exposição de tabelas de frequências e de quadros de referências cruzadas, já numa tentativa preliminar de testar as hipóteses que norteiam esta tese.

4.1. A CIDADE DE JUIZ DE FORA – MG

Julgo importante iniciar este tópico destacando a relação histórica que o município de Juiz de Fora - MG possui com o ativismo político. Dois importantes marcos da política brasileira se passaram na cidade: (i) em 31 de março de 1964, o general Olímpio Mourão Filho, comandante da então 4ª Região Militar, sediada na cidade, liderou uma tropa de homens em direção ao Rio de Janeiro para depor o então presidente do Brasil, João Goulart, dando início a uma ditadura civil-militar que durou 21 anos no país; e (ii) foi em Juiz de Fora que o ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, foi ferido com uma faca durante uma atividade de campanha no município no ano de 2018, fato que impulsionou sua eleição à presidência.

Em termos sociodemográficos, Juiz de Fora é um município localizado na Zona da Mata, na região Sudeste do estado de Minas Gerais. Segundo dados do último Censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2022, a cidade contava com uma população de 540.756 habitantes, distribuídos em uma área territorial de 1.435,75 km², o que resulta em uma densidade demográfica de aproximadamente 376,64 habitantes por quilômetro quadrado. Juiz de Fora é atualmente o quarto município mais populoso de Minas Gerais e ocupa a 38ª posição no ranking nacional (IBGE Cidades, 2022). O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) é de 0,78, classificando-se como elevado, o que reflete condições favoráveis nos indicadores de educação, renda e longevidade (INFOSANBAS, 2020).

No que se refere ao mercado de trabalho formal, dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) indicam que Juiz de Fora registrou, em 2022, um total de 150.647 trabalhadores com vínculos empregatícios formais. Nesse mesmo período, a remuneração média foi de R\$ 3.132,53 e o número de estabelecimentos cadastrados chegou a 22.713 (SEBRAE, 2022). Os setores com maior concentração de trabalhadores foram o comércio

varejista (24.908 vínculos), as atividades de atenção à saúde humana (14.853) e a educação (11.902) (SEBRAE, 2022).

Quanto às condições habitacionais, o município possui cerca de 170 mil domicílios particulares permanentes, conforme dados do Censo Demográfico de 2022. A maioria desses imóveis é composta por residências unifamiliares (cerca de 60%), seguidas por apartamentos (aproximadamente 37%). Em relação à posse do imóvel, verifica-se que a maior parte dos residentes habita moradias próprias, muitas delas já quitadas, embora uma parcela significativa ainda esteja vinculada a financiamentos habitacionais (IBGE, 2022). Esses indicadores apontam para um quadro habitacional relativamente estável para a maior parte da população.

Contudo, persistem evidências de desigualdades socioespaciais. De acordo com o IBGE (2022), Juiz de Fora abriga 37 comunidades classificadas como favelas ou aglomerados subnormais, onde vivem cerca de 16 mil pessoas — o que representa aproximadamente 3% da população total. Esse dado posiciona a cidade como a quarta com maior número absoluto de moradores em favelas em Minas Gerais, atrás apenas de Belo Horizonte, Contagem e Ribeirão das Neves (IBGE, 2022; Mais..., 2024). A desigualdade também se expressa no campo econômico: o índice de Gini do município é de 0,56, o que revela um elevado grau de concentração de renda (BRASIL, 2025).

Por fim, no campo educacional, destaca-se a elevada taxa de alfabetização: 97,77% da população com 15 anos ou mais sabe ler e escrever, segundo o Censo Demográfico de 2022, posicionando Juiz de Fora como a terceira cidade com melhor desempenho nesse indicador em Minas Gerais, atrás apenas de Nova Lima e Belo Horizonte (IBGE, 2022). Essa qualificação educacional também se reflete na estrutura de ensino superior do município, que abriga duas instituições públicas - a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e o Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais (IFSEMG) - além de diversas instituições privadas de ensino superior, entre universidades, centros universitários e faculdades⁷¹. Essa diversidade institucional favorece a oferta de cursos em múltiplas áreas do conhecimento e fomenta o papel da cidade como polo regional de formação acadêmica.

Como a pesquisa trata, de maneira geral, da configuração do ativismo político no município a partir do ano de 2015, penso ser importante, também, caracterizar a cidade em termos políticos. Para tanto, tomarei como referência dados sobre as eleições realizadas na

⁷¹ Dentre as instituições privadas de ensino superior sediadas em Juiz de Fora, destacam-se: Centro Universitário UniAcademia (antigo CES/JF); Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde de Juiz de Fora (SUPREMA); Faculdade do Sudeste Mineiro (FACSUM); Centro Universitário Estácio Juiz de Fora; Faculdade Machado Sobrinho; Faculdade Metodista Granbery; Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC); Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO); Faculdades Integradas Vianna Júnior (FIVJ); e Faculdade Juiz de Fora (FJF).

cidade em outubro de 2022. Nessas eleições, que definiram cargos de presidente da república, governador do estado, senador, deputado federal e deputado estadual, Juiz de Fora contava com mais de 418 mil eleitores aptos a votar, tendo registrado, no primeiro turno, 339.309 votos (317.458 válidos, 10.510 nulos e 5.341 brancos) e, no segundo turno, 338.194 votos (322.605 válidos e 15.589 brancos ou nulos) (Jenz, 2022; Leonel, 2022; Eleições..., 2022; Juiz de Fora..., 2022).

Em relação à disputa presidencial no primeiro turno, considerando os dois candidatos mais votados, Lula (PT) obteve 52,62% dos votos, enquanto Jair Bolsonaro (PL) obteve 38,41%. As abstenções somaram 20,55%. Conforme os dados do TSE, o PT mais que dobrou os votos presidenciais em Juiz de Fora no primeiro turno das eleições de 2022 em comparação às eleições de 2018⁷², enquanto Bolsonaro apresentou uma queda em sua votação no município (Jenz, 2022).

Já em relação à mesma disputa no segundo turno, Lula (PT) foi o candidato mais votado em Juiz de Fora, tendo recebido 56,09% dos votos válidos na cidade, enquanto Jair Bolsonaro (PL) recebeu 43,91% dos votos válidos. Ambos os candidatos receberam um número maior de votos em comparação ao primeiro turno das eleições. Os votos brancos e nulos para a presidência da república totalizaram 4,61% (Eleições..., 2022).

No que toca ao cargo de governador do estado, definido já no primeiro turno das eleições, Juiz de Fora reelegeu Romeu Zema (Partido Novo) com 55,27% dos votos. O segundo colocado nesse cenário foi Kalil (PSD), com 33,69% dos votos (Eleições..., 2022).

No âmbito legislativo, o município registrou o seguinte resultado: para o Senado, os três candidatos mais votados foram Alexandre Silveira (PSD)⁷³ – apoiado por Lula – com 41,28% dos votos, Cleitinho (PSC)⁷⁴ com 31,52% dos votos e Marcelo Aro (Progressistas)⁷⁵ – apoiado por Romeu Zema – com 21,23%; para a Câmara dos Deputados, os três candidatos mais votados foram Delegada Ione Barbosa (Avante)⁷⁶, com 15,33%, Ana Pimentel (PT)⁷⁷, com 13,73% dos votos e Nikolas Ferreira (PL)⁷⁸, com 10,23% dos votos; e, para a Assembleia Legislativa de

⁷² No segundo turno das eleições de 2018, Jair Bolsonaro (PL) foi o candidato mais votado em Juiz de Fora, obtendo 52,36% dos votos válidos. Fernando Haddad (PT) ficou em segundo lugar, com 47,64% dos votos válidos. As abstenções somaram 20,85%, e os votos brancos e nulos, 11,94% (TRE-MG, 2018).

⁷³ Não eleito.

⁷⁴ Eleito.

⁷⁵ Não eleito.

⁷⁶ Eleita.

⁷⁷ Eleita.

⁷⁸ Eleito.

Minas Gerais, os três candidatos mais votados foram Betão (PT)⁷⁹, com 11,48% dos votos, Noraldino Júnior (PSC)⁸⁰, com 10,88% dos votos e Cido Reis (Rede)⁸¹, com 6,5% dos votos (Eleições..., 2022).

Também como uma forma de caracterizar o município em termos políticos, é importante destacar que Juiz de Fora atualmente possui uma prefeita do PT, Margarida Salomão, eleita pela primeira vez em 2020 na sua quarta disputa eleitoral para o cargo. Nessa ocasião, ela foi eleita no segundo turno com 54,98% dos votos válidos (Eleições..., 2020). Nas eleições municipais de 2024, Margarida Salomão foi reeleita já no primeiro turno, com 53,96% dos votos (Jenz, 2024). Sobre isso, é importante destacar que tanto as eleições municipais de 2020 quanto as de 2024 marcaram feitos históricos no município de Juiz de Fora. Em 2020, foi a primeira vez que Juiz de Fora elegeu um candidato do PT para ocupar a prefeitura, sendo também a primeira vez que escolheu uma mulher para o cargo. Em 2024, pela primeira vez desde a redemocratização, o município elegeu um candidato já no primeiro turno das eleições.

Acredito que os dados aqui apresentados, apesar de incipientes e insuficientes para determinar um amplo perfil político dos eleitores de Juiz de Fora, pelo menos sinalizam que, a partir das eleições de 2020, a cidade tem optado majoritariamente – em relação aos cargos executivos – por candidatos localizados mais à esquerda no espectro político, com a exceção de Romeu Zema (Novo). Pondero, contudo, que este cenário talvez se deva mais a fatores conjunturais do que estruturais - ressaltando também que as eleições municipais possuem suas particularidades -, motivo pelo qual não podemos afirmar que o município mostra tendências mais “progressistas”, tendo sido palco de inúmeras manifestações de rua nos últimos anos que acompanharam pautas e agendas que têm reverberado o acirramento do conflito político no Brasil atual.

Feita esta breve caracterização, passo agora a apresentar o universo que compõe a pesquisa em termos políticos e socioeconômicos.

4.2. APRESENTANDO OS RESPONDENTES DO QUESTIONÁRIO EM TERMOS POLÍTICOS

⁷⁹ Eleito.

⁸⁰ Eleito.

⁸¹ Não eleito.

A pesquisa conta com um universo de 121 ativistas que responderam ao questionário, todos eles com algum tipo de atuação política no município de Juiz de Fora, seja ela realizada por vias institucionais ou livremente no âmbito da sociedade civil.

4.2.1. Autoposicionamento político

A Tabela 1 contém informações a respeito de como os ativistas pesquisados se autoposicionam no espectro político. Nesse sentido, 38 respondentes (31,4% do universo) se autodeclararam pertencentes ao espectro político da direita; 5 respondentes (4,1% do universo) se autodeclararam pertencentes ao centro do espectro político; e 75 respondentes se autodeclararam pertencentes ao espectro político da esquerda (62% do universo). Três respondentes (2,5% do universo) não se identificam com nenhum espectro político ou não sabem responder. Nenhum respondente se autodeclarou pertencente à extrema-direita.

Tabela 1 – Espectro Político

	Frequência	Porcentagem
Extrema-direita	0	0,0%
Direita	27	22,3%
Centro-direita	11	9,1%
Centro	5	4,1%
Centro-esquerda	20	16,5%
Esquerda	48	39,7%
Extrema-esquerda	7	5,8%
Não se identifica	2	1,7%
Não sabe	1	0,8%
Total	121	100%

Fonte: Elaboração própria.

Duas observações aqui são importantes. A primeira diz respeito ao fato já debatido acima no sentido da dificuldade que eu tive em contatar ativistas de direita que aceitassem e se interessassem em responder a pesquisa. Contudo, este certo desequilíbrio no universo não prejudicou as análises, conforme se verá adiante. A segunda observação se refere à constatação de que a grande maioria dos ativistas pesquisados (97,5% do universo) toma alguma posição política em sua autodeclaração, ou seja, se identificam em alguma posição do espectro político apresentado. Isso sinaliza que os ativistas desse universo se orientam, em suas ações, a partir de posições políticas e ideológicas que são diretamente identificadas por eles.

Segundo as informações da Tabela 2, 64,5% dos respondentes sempre se identificaram com o espectro político autodeclarado, enquanto 33,1% mudaram o seu posicionamento político ao longo da vida. O Quadro 1 mostra se este fenômeno tem alguma relação com a autodeclaração atual de pertencimento político, isto é, se é possível afirmar que a mudança ou não de posicionamento ao longo da vida está atrelada a um tipo específico de espectro político.

Tabela 2 – Sempre se identificou com esse espectro?

	Frequência	Porcentagem
Não	40	33,1%
Sim	78	64,5%
Não lembra	3	2,5%
Total	121	100%

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 1 – Espectro Político x Sempre se identificou com esse espectro?

Espectro Político		Sempre se identificou com esse espectro?			Total
		Não	Sim	Não lembra	
Direita	% em Esp. pol.	40,7%	59,3%	0,0%	100%
	% em Sempre	27,5%	20,5%	0,0%	22,3%
Centro-direita	% em Esp. pol.	45,5%	54,5%	0,0%	100%
	% em Sempre	12,5%	7,7%	0,0%	9,1%
Centro	% em Esp. pol.	40,0%	60,0%	0,0%	100%
	% em Sempre	5,0%	3,8%	0,0%	4,1%
Centro-esquerda	% em Esp. pol.	35,0%	65,0%	0,0%	100%
	% em Sempre	17,5%	16,7%	0,0%	16,5%
Esquerda	% em Esp. pol.	25,0%	72,9%	2,1%	100%
	% em Sempre	30,0%	44,9%	33,3%	39,7%
Extrema-esquerda	% em Esp. pol.	42,9%	57,1%	0,0%	100%
	% em Sempre	7,5%	5,1%	0,0%	5,8%
Não ident. / Não sabe	% em Esp. pol.	0,0%	50,0%	50,0%	100%
	% em Sempre	0,0%	1,3%	66,6%	2,5%
Total	Contagem	40	78	3	121
	% em Esp. pol.	33,1%	64,5%	2,5%	100%
	% em Sempre	100%	100%	100%	100%

Fonte: Elaboração própria.

Podemos notar que a porcentagem de pessoas de direita ou centro-direita que nem sempre se identificaram com esse espectro (Quadro 1) é maior em comparação com a porcentagem de pessoas de centro-esquerda ou esquerda que nem sempre se identificaram com esse espectro. Uma das hipóteses que poderia explicar esse movimento seria justamente a “guinada à direita” que o país vem vivenciando nos últimos 10 anos, movimento este que volta a colocar o tema no debate público após a redemocratização e reestrutura o jogo político a partir da introdução de novos atores. A partir dos movimentos sociais de 2013 no Brasil, vários vetores, como produções intelectuais e acadêmicas, mídia, instituições e a opinião pública em geral, vêm sinalizando para o surgimento de uma “nova direita” no Brasil que começa a se expressar muito em razão de um antipetismo alimentado pela Operação Lava Jato. Se antes, nos anos 1980/1990, se dizer de direita era algo mal visto e de cunho pejorativo, hodiernamente pode-se notar uma mudança nesse quadro, em que tal posicionamento se tornou motivo de orgulho e de defesa apaixonada para uma parcela da população⁸².

Cabe destacar, ainda, que o acirramento dos conflitos políticos recentes no Brasil provavelmente abriu espaço para novas formas de classificação, autoidentificação e pertencimento a partir das lutas que passaram a ser travadas entre diferentes grupos sociais, tanto à esquerda como à direita, o que também poderia ser uma hipótese explicativa tanto para os casos em que houve mudanças de identificação com o espectro político quanto para os casos em que um indivíduo que antes não se identificava diretamente com nenhuma corrente política, passa a assumir uma posição dentro dessa classificação⁸³.

Sobre a afinidade com linhas históricas de pensamento, demonstrada na Tabela 3, 34% dos respondentes declaram afinidades com linhas de pensamento historicamente associadas ao espectro político da direita (conservadorismo, liberalismo e conservadorismo-liberal) e 37,1% dos respondentes se identificam com linhas de pensamento historicamente associadas ao espectro político da esquerda (socialismo, comunismo e anarquismo). Por fim, 28,9% se dizem social-democratas, se localizando, assim, em uma região mais central entre as diferentes linhas de pensamento. O Quadro 2 mostra, ainda, a correlação existente entre o espectro político e a afinidade com alguma linha de pensamento.

⁸² Uma direita que “saiu do armário” nos termos de Messenberg (2017).

⁸³ Essa questão de autoidentificação e pertencimento político será melhor explorada no capítulo final da tese, a partir da análise das entrevistas em profundidade.

Tabela 3 – Afinidade com linha de pensamento

	Frequência	Porcentagem
Conservadorismo	10	8,3%
Liberalismo	17	14,0%
Conservadorismo-liberal	14	11,6%
Social-democracia	35	28,9%
Socialismo	27	22,3%
Comunismo	17	14,0%
Anarquismo	1	0,8%
Total	121	100%

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 2 - Espectro Político x Afinidade com linha de pensamento

Espectro Político		Afinidade com qual linha de pensamento							Total
		Conserv	Liber.	Cons.-lib.	Social-dem.	Social.	Comun.	Anarq.	
Direita	% em Esp. pol.	25,9%	33,3%	40,7%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100%
	% em Pensam.	70,0%	52,9%	78,6%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	22,3%
Centro-direita	% em Esp. pol.	9,1%	54,5%	27,3%	0,0%	0,0%	9,1%	0,0%	100%
	% em Pensam.	10,0%	35,3%	21,4%	0,0%	0,0%	5,9%	0,0%	9,1%
Centro	% em Esp. pol.	0,0%	40,0%	0,0%	60,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100%
	% em Pensam.	0,0%	11,8%	0,0%	8,6%	0,0%	0,0%	0,0%	4,1%
Centro-esquerda	% em Esp. pol.	0,0%	0,0%	0,0%	85,0%	15,0%	0,0%	0,0%	100%
	% em Pensam.	0,0%	0,0%	0,0%	48,6%	11,1%	0,0%	0,0%	16,5%
Esquerda	% em Esp. pol.	0,0%	0,0%	0,0%	29,2%	45,8%	25,0%	0,0%	100%
	% em Pensam.	0,0%	0,0%	0,0%	40,0%	81,5%	70,6%	0,0%	39,7%
Extrema-esquerda	% em Esp. pol.	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	28,6%	57,1%	14,3%	100%
	% em Pensam.	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	7,4%	23,5%	100%	5,8%
N. ident. / N. sabe	% em Esp. pol.	66,7%	0,0%	0,0%	33,3%	0,0%	0,0%	0,0%	100%
	% em Pensam.	20,0%	0,0%	0,0%	2,9%	0,0%	0,0%	0,0%	2,5%
Total	Contagem	10	17	14	35	27	17	1	121
	% em Esp. pol.	8,3%	14,0%	11,6%	28,9%	22,3%	14%	0,8%	100%
	% em Pensam.	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Elaboração própria.

Entre os que se dizem conservadores, 70% se autodeclararam de direita, 10% de centro-direita e 20% não se identificam com nenhum espectro político. Entre os liberais, 52,9% dizem ser de direita, 35,3% de centro-direita e 11,8% se colocam no centro do espectro político. Em

relação aos respondentes que se identificam com o conservadorismo-liberal, 78,6% são de direita e 21,4% de centro-direita. Dos respondentes que se identificam com a social-democracia, 8,6% se colocam no centro do espectro político, 48,6% são de centro-esquerda, 40% são de esquerda e 2,9% não sabem qual seria a sua localização no espectro político. Entre os que possuem mais afinidade com o socialismo, 11,1% são de centro-esquerda, 81,5% são de esquerda e 7,4% são de extrema-esquerda. Em relação aos respondentes que possuem mais afinidade com o comunismo, 70,6% são de esquerda e 23,5% são de extrema-esquerda. Por fim, há apenas um respondente que declarou afinidade com o anarquismo, sendo que o mesmo se identifica como de extrema-esquerda.

Olhando agora pelo ângulo do espectro político, entre os respondentes que se autodeclararam de direita, 25,9% se identificam com o conservadorismo, 33,3% com o liberalismo e 40,7% com o conservadorismo-liberal. Em relação aos ativistas que se autodeclararam de centro-direita, 9,1% possui afinidade com o conservadorismo, 54,5% com o liberalismo e 27,3% com o conservadorismo-liberal. Entre os que se localizam no centro do espectro político, 40% se identificam com o liberalismo e 60% com a social-democracia. Entre os respondentes que se autodeclararam de centro-esquerda, 85% têm afinidade com a social-democracia e 15% com o socialismo. Entre os que se declaram de esquerda, 29,2% se identificam com a social-democracia, 48,5% com o socialismo e 25% com o comunismo. Em relação aos ativistas que se autodeclararam de extrema-esquerda, 28,6% possui afinidade com o socialismo, 57,1% com o comunismo e 14,3% com o anarquismo. Por fim, entre os que não se identificam com nenhum espectro político, todos dizem possuir maior afinidade com o conservadorismo, e o único respondente que declarou não saber em qual parte do espectro se localiza disse ser social-democrata.

O que mais chama a atenção no cruzamento entre essas duas variáveis é a coerência das autodeclarações em relação ao espectro político e à afinidade com linhas de pensamento. Os integrantes desse universo que se autodeclararam mais à direita do espectro político tendem a se identificar mais com correntes de pensamento historicamente vinculadas a esse espectro, como o conservadorismo e o liberalismo (ou a junção dos dois no conservadorismo-liberal). Por outro lado, respondentes que se localizam mais à esquerda do espectro político tendem a possuir mais afinidade com correntes de pensamento também historicamente ligadas a esse espectro, como o socialismo e o comunismo. Nesse mesmo sentido, as posições mais centrais do espectro político concentram preferências pelo liberalismo e pela social-democracia, linhas de

pensamento que contêm elementos que foram e são historicamente mobilizados tanto pela esquerda quanto pela direita⁸⁴.

4.2.2. Trajetória política

Em relação ao tempo de atuação política, a Tabela 4 mostra que a grande maioria dos agentes pesquisados possui mais de 4 anos de ativismo (89,2%), sendo que 40,5% deles está há mais de 10 anos atuando politicamente.

Tabela 4 – Tempo de ativismo

	Frequência	Porcentagem
Até 3 anos	13	10,7%
Entre 4 e 6 anos	35	28,9%
Entre 7 e 10 anos	24	19,8%
Entre 11 e 15 anos	16	13,2%
Há mais de 15 anos	33	27,3%
Total	121	100%

Fonte: Elaboração própria.

A Tabela 5 apresenta qual foi a motivação central para que a pessoa se tornasse um ativista político. A principal razão apontada, que contempla 52,1% das respostas, foi a situação político-social do país. Em seguida vem a influência de amigos ou grupos (12,4%) e, em terceiro lugar, a influência da família e de leituras (ambas com 9,9%). Outras motivações, como influência da escola e de professores ou a vontade de exercer um cargo político tiveram apenas uma modesta representação.

Tabela 5 – Principal motivação para o ativismo

	Frequência	Porcentagem
Influência familiar	12	9,9%
Influência de amigos / grupos	15	12,4%
Influência de professores / escola	9	7,4%
Influência de leituras	12	9,9%
A situação político-social do país	63	52,1%
Por cargo político	5	4,1%
Outra resposta ⁸⁵	5	4,1%

⁸⁴ Conforme aponta a discussão teórica realizada no primeiro capítulo presente tese acerca da relação entre esquerda e direita e as grandes correntes históricas de pensamento político.

⁸⁵ As outras respostas incluem motivações diversas como projetos universitários, crises sociais, amor ao próximo, preocupação com os pobres e a influência de vídeos sobre política no Brasil.

Total	121	100%
-------	-----	------

Fonte: Elaboração própria.

O Quadro 3 apresenta um cruzamento entre as variáveis anteriores, as quais dizem respeito ao tempo de ativismo e à motivação para começar a atuar politicamente. Dentre os respondentes que declaram que iniciaram a sua trajetória política em razão da situação político-social do país, 69,9% possuem até 10 anos de ativismo político, o que remonta ao marco temporal inicial de 2013, momento em que grandes manifestações de rua passaram a ser organizadas no Brasil. Além disso, 62,5% das pessoas que têm entre 7 e 10 anos de ativismo afirmam que a principal motivação foi a situação político-social brasileira.

Quadro 3 – Motivação para o ativismo x Tempo de ativismo

Motivação para o ativismo		Tempo de ativismo					Total
		Até 3 anos	4 a 6 anos	7 a 10 anos	11 a 15 anos	+ de 15 anos	
Influência familiar	% em Motiv.	0,0%	33,3%	8,3%	16,7%	41,7%	100%
	% em Tempo	0,0%	11,4%	4,2%	12,5%	15,2%	9,9%
Influência de amigos / grupos	% em Motiv.	0,0%	26,7%	13,3%	20,0%	40,0%	100%
	% em Tempo	0,0%	11,4%	8,3%	18,8%	18,2%	12,4%
Influência da escola	% em Motiv.	0,0%	44,4%	0,0%	22,2%	33,3%	100%
	% em Tempo	0,0%	11,4%	0,0%	12,5%	9,1%	7,4%
Influência de leituras	% em Motiv.	8,3%	25,0%	41,7%	8,3%	16,7%	100%
	% em Tempo	7,7%	8,6%	20,8%	6,3%	6,1%	9,9%
Situação político-social	% em Motiv.	17,5%	28,6%	23,8%	9,5%	20,6%	100%
	% em Tempo	84,6%	51,4%	62,5%	37,5%	39,4%	52,1%
Outra resposta	% em Motiv.	10,0%	20,0%	10,0%	20,0%	40,0%	100%
	% em Tempo	7,7%	5,7%	4,2%	12,5%	12,1%	8,3%
Total	Contagem	13	35	24	16	33	121
	% em Motiv.	10,7%	28,9%	19,8%	13,2%	27,3%	100%
	% em Tempo	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Elaboração própria.

Silva e Ruskowski (2016) apontam para a importância de se considerar as condições e processos contextuais na análise da disposição dos agentes para as práticas. Recorrendo a Tarrow (2009), os autores ponderam que nos momentos de auge dos ciclos de protesto, as

condições e os processos contextuais disparadores de disposição do ativismo estão muito mais presentes do que em momentos marcados por uma baixa presença de processos contestatórios. Nesse sentido, em momentos de intensificação desses processos, haveria um aumento da disponibilidade estrutural ao engajamento político na medida em que parcelas crescentes das redes de sociabilidade dos agentes passam a ser envolvidas no acirramento dos conflitos, colocando o ativismo como um curso de ação possível, necessário e/ou desejável para setores mais amplos da população.

Em relação ao local de início da trajetória política, podemos notar, de acordo com a Tabela 6, que ele varia bastante, com a maioria das respostas indicando que a atuação política começou em coletivos, grupos ou partidos políticos (24,8%). Em seguida vem a escola (16,5%), a universidade (13,2%), as redes sociais (9,9%) e o trabalho (9,9%). Outras categorias possuem representações bem mais minoritárias.

Tabela 6 – Local de início da trajetória política

	Frequência	Porcentagem
Escola	20	16,5%
Universidade	16	13,2%
Igreja	4	3,3%
Coletivo, grupo ou partido	30	24,8%
Candidatura política	3	2,5%
Bairro	5	4,1%
Redes Sociais	12	9,9%
Trabalho	12	9,9%
Nenhum local específico	15	12,4%
Outra resposta	4	3,3%
Total	121	100%

Fonte: Elaboração própria.

Quando observamos a correlação das variáveis *espectro político* e *local de início da trajetória política*, demonstrada pelo Quadro 4, podemos notar que entre os ativistas que iniciaram sua trajetória política na escola ou na universidade, 80% e 81,3%, respectivamente, estão localizados na faixa do espectro político que vai da centro-esquerda até a extrema-esquerda. Por outro lado, as redes sociais são o local de início da atuação política de 66,7% dos ativistas políticos que se localizam na faixa do espectro que vai da centro-direita até a direita. Por fim, a escolha por outras respostas também é majoritária entre os ativistas políticos que se autoposicionam mais à direita no espectro (63,6%), e contempla categorias que indicam o início da trajetória política em espaços como igreja, clubes, candidatura política, convite de amigos e manifestações de rua.

Quadro 4 – Espectro Político x Local de início da trajetória política⁸⁶

Espectro político		Local de início da trajetória política				
		Escola	Univers.	Colet./grup.	Bairro	Red. Soc.
Direita	% em Esp. pol.	7,4%	3,7%	25,9%	0,0%	18,5%
	% em Início TP	10,0%	6,3%	23,3%	0,0%	41,7%
Centro-direita	% em Esp. pol.	9,1%	9,1%	27,3%	0,0%	27,3%
	% em Início TP	5,0%	6,3%	10,0%	0,0%	25,0%
Centro	% em Esp. pol.	20,0%	20,0%	40,0%	0,0%	0,0%
	% em Início TP	5,0%	6,3%	6,7%	0,0%	0,0%
Centro-esquerda	% em Esp. pol.	20,0%	10,0%	15,0%	15,0%	5,0%
	% em Início TP	20,0%	12,5%	10,0%	60,0%	8,3%
Esquerda	% em Esp. pol.	22,9%	18,8%	25,0%	4,2%	6,3%
	% em Início TP	55,0%	56,3%	40,0%	40,0%	25,0%
Extrema-esquerda	% em Esp. pol.	14,3%	28,6%	28,6%	0,0%	0,0%
	% em Início TP	5,0%	12,5%	6,7%	0,0%	0,0%
N. ident. / N. sabe	% em Esp. pol.	0,0%	0,0%	33,3%	0,0%	0,0%
	% em Início TP	0,0%	0,0%	3,3%	0,0%	0,0%
Total	Contagem	20	16	30	5	12
	% em Esp. pol.	16,5%	13,2%	24,8%	4,1%	9,9%
	% em Início TP	100%	100%	100%	100%	100%

Espectro político		Local de início da trajetória política			Total
		Trabalho	Motiv. individual	Outra resposta	
Direita	% em Esp. pol.	3,7%	18,5%	22,2%	100%
	% em Início TP	8,3%	33,3%	54,5%	22,3%
Centro-direita	% em Esp. pol.	9,1%	9,1%	9,1%	100%
	% em Início TP	8,3%	6,7%	9,1%	9,1%
Centro	% em Esp. pol.	0,0%	20,0%	0,0%	100%
	% em Início TP	0,0%	6,7%	0,0%	4,1%
Centro-esquerda	% em Esp. pol.	15,0%	15,0%	5,0%	100%
	% em Início TP	25,0%	20,0%	9,1%	16,5%

⁸⁶ Por razões de espaço, o Quadro 4 teve que ser dividido em duas partes.

Esquerda	% em Esp. pol.	12,5%	8,3%	2,1%	100%
	% em Início TP	50,0%	26,7%	9,1%	39,7%
Extrema-esquerda	% em Esp. pol.	0,0%	0,0%	28,6%	100%
	% em Início TP	0,0%	0,0%	18,2%	5,8%
N. ident. / N. sabe	% em Esp. pol.	33,3%	33,3%	0,0%	100%
	% em Início TP	8,3%	6,7%	0,0%	2,5%
Total	Contagem	12	15	11	121
	% em Esp. pol.	9,9%	12,4%	9,1%	100%
	% em Início TP	100%	100%	100%	100%

Fonte: Elaboração própria.

4.2.3. Organização e atuação política

A Tabela 7 demonstra a distribuição dos respondentes em termos de filiação ou não a partidos políticos e a que tipo de partido fazem ou fizeram parte. Podemos notar que o universo é majoritariamente constituído por respondentes que são ou já foram filiados a partidos políticos (71,9%). Tal fato sinaliza que tais ativistas ainda valorizam, em sua maioria, o papel dos partidos políticos na representação de suas pautas e de suas ideologias, demonstrando que o exercício do ativismo pelas vias institucionais é algo importante para a maioria dos participantes da pesquisa. No universo analisado há respondentes que são ou já foram filiados aos seguintes partidos: Agir, Cidadania, Democratas (DEM)⁸⁷, Movimento Democrático Brasileiro (MDB), Partido Comunista Brasileiro (PCB), Partido Comunista do Brasil (PCdoB), Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), Partido Democrático Trabalhista (PDT), Partido Humanista da Solidariedade (PHS)⁸⁸, Partido Liberal (PL), Partido Novo, Partido Popular Socialista (PPS)⁸⁹, Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB), Partido Social Cristão (PSC), Partido Social Democrático (PSD), Partido Social Liberal (PSL)⁹⁰, Partido Socialista Brasileiro (PSB), Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU), Partido Socialismo e Liberdade (PSOL),

⁸⁷ Em 8 de fevereiro de 2022, o Plenário do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) aprovou a fusão entre o Democratas (DEM) e o Partido Social Liberal (PSL) para formar o União Brasil (TSE, 2022).

⁸⁸ Em 19 de setembro de 2019, o Plenário do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) aprovou a incorporação do Partido Humanista da Solidariedade (PHS) ao Podemos (TSE, 2019).

⁸⁹ Em 19 de setembro de 2019, o Plenário do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) aprovou a mudança do nome do Partido Popular Socialista (PPS) para Cidadania, sem sigla ou denominação abreviada (TSE, 2019).

⁹⁰ Em 8 de fevereiro de 2022, o Plenário do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) aprovou a fusão entre o Partido Social Liberal (PSL) e o Democratas (DEM) para formar o União Brasil (TSE, 2022).

Partido Trabalhista Brasileiro (PTB)⁹¹, Partido Trabalhista Cristão (PTC)⁹², Partidos dos Trabalhadores (PT), Partido Verde (PV), Podemos, Progressistas (PP), Rede Sustentabilidade, Republicanos, e União Brasil.

Tabela 7 – Filiação Partidária⁹³

	Frequência	Porcentagem
Nenhuma filiação partidária	34	28,1%
Partido político de esquerda	39	32,2%
Partido político de direita	25	20,7%
Partido político de centro	21	17,4%
Não respondeu	2	1,7%
Total	121	100%

Fonte: Elaboração própria.

A Tabela 7 mostra, ainda, a participação em diferentes partidos políticos situados à esquerda e à direita no espectro político. Nesse sentido, 28,1% dos respondentes não possuem ou nunca possuíram filiação partidária, 32,2% são ou já foram filiados a partidos políticos de esquerda, 20,7% são ou já foram filiados a partidos políticos de direita e 17,4% são ou foram filiados a partidos políticos de centro. Dois participantes (1,7%) indicaram filiação a algum partido, mas não informaram qual seria esse partido.

O Quadro 5, que apresenta a correlação entre as variáveis *espectro político* e *filiação partidária*, demonstra uma certa coerência entre autoidentificação de espectro político e o tipo de partido que a pessoa foi ou é filiada. Nesse sentido, entre as pessoas que se autodeclaram de direita e de centro-direita, 63% informam filiação a partidos de direita e 11,1% a partidos de centro e 54,5% informam filiação a partidos de direita e 27,3% a partidos de centro,

⁹¹ O Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) foi um partido político brasileiro fundado pelo ex-presidente do Brasil, Getúlio Vargas, tendo existido pelo período de 1945 a 1965.

⁹² Em 31 de março de 2022, o Plenário do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) aprovou a alteração estatutária do Partido Trabalhista Cristão (PTC) para mudar o nome da sigla, que passou a se chamar Agir (TSE, 2022).

⁹³ A partir de suas inclinações políticas e ideológicas - considerando tanto as posições tomadas ao longo dos anos em atuações públicas nacionais quanto a forma como tais partidos se definem em suas páginas e redes sociais - optei por categorizar os partidos mencionados pelos respondentes da seguinte forma: (i) Direita: Agir (antigo PTC), Democratas (DEM) (atualmente fundido na União Brasil), Partido Liberal (PL), Partido Novo, Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB), Partido Social Cristão (PSC), Partido Social Democrático (PSD), Partido Social Liberal (PSL) (fundido na União Brasil), Progressistas (PP), Republicanos, União Brasil; (ii) Centro ou “Centrão”: Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), Cidadania (antigo PPS), Movimento Democrático Brasileiro (MDB)

Partido Humanista da Solidariedade (PHS) (incorporado ao Podemos), Podemos; e (iii) Esquerda: Rede Sustentabilidade, Partido Comunista Brasileiro (PCB), Partido Comunista do Brasil (PCdoB), Partido Democrático Trabalhista (PDT), Partido Socialista Brasileiro (PSB), Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU), Partido dos Trabalhadores (PT), Partido Verde (PV). Reforço que essa classificação reflete tendências históricas e atuais, mas pode variar dependendo de contextos locais e alianças políticas específicas.

respectivamente. Entre os que se localizam no centro do espectro político, 40% informam filiação a partidos de direita e 40% a partidos de centro. Entre os que se autodeclaram de centro-esquerda, de esquerda, e de extrema-esquerda, 25% informam filiação a partidos de esquerda e 55% a partidos de centro, 58,3% informam filiação a partidos de esquerda, e 71,4% informam filiação a partidos de esquerda, respectivamente. Por fim, os que não se identificam com nenhum espectro político informam filiação a partidos de centro. Percebe-se, portanto, que conforme o respondente se distancia do centro e vai em direção a algum extremo do espectro, aumenta a tendência de que ele seja ou tenha sido filiado a algum partido que também não se enquadre no centro do espectro. Cabe destacar, ainda, que os respondentes que se localizam no centro do espectro político são ou foram filiados a partidos de direita ou de centro, não havendo, nesse caso, nenhuma indicação de filiação a partidos de esquerda.

Quadro 5 – Espectro Político x Filiação Partidária

Espectro Político		Filiação Partidária					Total
		N. fil. part.	Fil. part. esq.	Fil. part. dir.	Fil. part. cent.	Não resp.	
Direita	% em Esp. pol.	22,2%	3,7%	63,0%	11,1%	0,0%	100%
	% em Filiação	17,6%	2,6%	68,0%	14,3%	0,0%	22,3%
Centro-direita	% em Esp. pol.	18,2%	0,0%	54,5%	27,3%	0,0%	100%
	% em Filiação	5,9%	0,0%	24,0%	14,3%	0,0%	9,1%
Centro	% em Esp. pol.	20,0%	0,0%	40,0%	40,0%	0,0%	100%
	% em Filiação	2,9%	0,0%	8,0%	9,5%	0,0%	4,1%
Centro-esquerda	% em Esp. pol.	20,0%	25,0%	0,0%	55,0%	0,0%	100%
	% em Filiação	11,8%	12,8%	0,0%	52,4%	0,0%	16,5%
Esquerda	% em Esp. pol.	39,6%	58,3%	0,0%	0,0%	2,1%	100%
	% em Filiação	55,9%	71,8%	0,0%	0,0%	50,0%	39,7%
Extrema-esquerda	% em Esp. pol.	28,6%	71,4%	0,0%	0,0%	0,0%	100%
	% em Filiação	5,9%	12,8%	0,0%	0,0%	0,0%	5,8%
N. ident. / N. sabe	% em Esp. pol.	0,0%	0,0%	0,0%	66,7%	33,3%	100%
	% em Filiação	0,0%	0,0%	0,0%	9,5%	50,0%	2,5%
Total	Contagem	34	39	25	21	2	121
	% em Esp. pol.	28,1%	32,2%	20,7%	17,4%	1,7%	100%
	% em Filiação	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Elaboração própria.

A Tabela 8 demonstra a distribuição dos respondentes em termos de pertencimento ou não a grupos ou coletivos políticos organizados na sociedade civil e a que tipo de grupo fazem parte. Podemos observar, à semelhança dos dados trazidos na Tabela 7 (sobre filiação partidária), que a maioria do universo é composta por ativistas que pertencem ou já pertenceram a algum grupo político no município de Juiz de Fora (62%), realizando suas ações de maneira organizada e coletiva a partir desses grupos. As informações da tabela apontam, ainda, que 38% dos respondentes não participam de nenhum grupo político, 32,2% participam de grupos políticos de esquerda, 23,1% participam de grupos políticos de direita e 6,6% fazem parte de grupos que não se encaixam nessas definições, como conselhos municipais, associações profissionais ou de outras naturezas, cooperativas, motoclubes etc. O Quadro 6 apresenta os grupos políticos organizados na sociedade civil juiz-forana que foram citados pelos respondentes, em uma tentativa de também organizá-los em termos de orientação política.

Tabela 8 – Participação em grupo / coletivo político

	Frequência	Porcentagem
Não participa de grupo político	46	38,0%
Participa de grupo político de esquerda	39	32,2%
Participa de grupo político de direita	28	23,1%
Participa de outros grupos políticos	8	6,6%
Total	121	100%

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 6 – Grupos políticos mencionados pelos respondentes

Esquerda	Direita	“Independentes”
1 - Mulheres: Marcha Mundial das Mulheres, Vamos Juntas, Coletivo Feminista Classista Ana Montenegro – JF/MG (CFCAM/JF), Coletivo Maria Maria – Mulheres em Movimento, União Brasileira de Mulheres (UBM), Coletivo Leolinda Daltro, Movimento Mulheres em Luta, Coletivo aBertha, 8M.	DeMolay, Interact, Rotaract, Direita Minas, Direita JF, Família de Direita, Movimento Brasil Livre (MBL), Clube MBL, Clube José do Patrocínio, Renova BR, Movimento Acredito, Politize, Livres, Juventude Comprometida, Na Mira da Verdade, União Juventude e Liberdade (UJL), Escolas Abertas JF, Movimento	Roda Democrática, Derrubando Muros, Rede de Ação Política pela Sustentabilidade (RAPS), Memória JF, Casa do Jornalista de Juiz de Fora, Conselho Municipal de Desenvolvimento Econômico Sustentável, X-LAB/JF, Sociedade Pró-Melhoramentos (SPM) Centro/JF,
2 - Juventude: Coletivo ParaTodos da Juventude do PT, Juventude Socialista, Juventude Socialista	Jovens do Novo, Diretório Municipal do Partido Novo, Liberta Minas, Desperta Já, <i>Students for</i>	Conselho Municipal de Direitos da Mulher JF (CMDM/JF), Conselho Municipal de Saúde/JF

<p>do PDT, Coletivo de Juventude Afronte!, Levante Popular da Juventude, União da Juventude Socialista (UJS).</p> <p>3 – Correntes partidárias: Tribo – tendência política do PT, CNB – tendência política interna do PT, Corrente O Trabalho – PT, Diálogo e Ação Petista (DAP – PT/JF), Democracia Socialista – tendência interna do PT, Resistência – PSOL, Elos do Partido Rede Sustentabilidade.</p> <p>4 - Estudantis: União Nacional dos Estudantes (UNE), Associação Nacional de Pós-Graduandos/as (ANPG), União Estadual dos Estudantes (UEE), Coletivo Estudantil Piracema UFJF, Assembleia Nacional dos Estudantes Livres (ANEL), Diretório Central dos Estudantes (DCE-UFJF), Associação dos Pós-Graduandos (APG), Movimento Correnteza, Movimento Reinventar.</p> <p>5 - Negros: Coletivo PretAção e Descolônia, Enegrecer.</p> <p>6 - LGBT: Coletivo Duas Cabeças.</p> <p>7 - Pautas variadas: Kizomba, Frente Brasil Popular, Médicos pela Democracia, Movimento Brasil Popular.</p> <p>8 - Outros: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Movimento Revolucionário Oito de Outubro (MR8).</p>	<p><i>Liberty</i>, Juventude PSDB, PSDB Mulher – Zona da Mata/MG, Diretoria Regional do Podemos.</p>	<p>(CMS/JF), Lixarte, motoclubes.</p>
--	--	---------------------------------------

Núcleo de Assessoria Jurídica (NAJUP) Gabriel Pimenta, Sinpro JF, Movimento Popular pela Soberania na Mineração, Centro Socialista.		
---	--	--

Fonte: Elaboração própria.

A Tabela 9 mostra que a participação em sindicatos é bastante pequena no universo estudado, representando apenas 18,2% dos ativistas participantes da pesquisa.

Tabela 9 – Participação em Sindicato

	Frequência	Porcentagem
Não participa / participou de sindicato	99	81,8%
Participa / participou de sindicato	22	18,2%
Total	121	100%

Fonte: Elaboração própria.

A Tabela 10 apresenta a distribuição do universo em termos de exercício de cargos políticos, que podem ser eletivos ou comissionados. Podemos notar que a grande maioria dos respondentes não exerce ou nunca exerceu cargo político (75,2%). Dos que exercem ou já exerceram algum tipo de cargo político, a grande maioria é composta por assessores políticos (cargos comissionados).

Tabela 10 – Exercício de cargo político (eletivo ou comissionado)

	Frequência	Porcentagem
Nunca exerceu cargo político	84	69,4%
Cargo político no Legislativo	2	1,7%
Cargo político comissionado	34	28,1%
Outro cargo político ⁹⁴	1	0,8%
Total	121	100%

Fonte: Elaboração própria.

⁹⁴ A categoria “outro cargo político” indica o exercício de cargo eletivo por um respondente no Conselho Municipal de Educação.

Em termos de frequência de ativismo político, a Tabela 11 demonstra que a grande maioria do universo é bastante ativa politicamente, atuando todos os dias ou pelo menos uma vez por semana (88,4%).

Tabela 11 – Frequência de ativismo político

	Frequência	Porcentagem
Todos os dias	85	70,2%
Pelo menos 1 vez por semana	22	18,2%
Pelo menos 1 vez por mês	12	9,9%
Raramente	2	1,7%
Total	121	100%

Fonte: Elaboração própria.

A Tabela 12 apresenta o número e a porcentagem de respondentes que participaram de manifestações de rua em Juiz de Fora no período compreendido entre os anos de 2015 e 2022. Podemos notar que a grande maioria do universo (82,6%) participou de uma ou mais manifestações de rua ocorridas no período mencionado, sejam elas à direita ou à esquerda do espectro político.

Tabela 12 – Participação em manifestações de rua em Juiz de Fora entre os anos de 2015 e 2022

	Frequência	Porcentagem
Não participou de manifestações em JF	21	17,4%
Participou de manifestações em JF	100	82,6%
Total	121	100%

Fonte: Elaboração própria.

O Quadro 7 mostra a correlação entre *espectro político* e *participação em manifestações de rua no município de Juiz de Fora entre os anos de 2015 e 2022*. Podemos notar que as taxas de participação mais altas estão entre os respondentes que estão mais afastados do centro do espectro político, se posicionando mais à esquerda ou mais à direita. No mesmo sentido, todos os que não se identificam com nenhum espectro ou não sabem a qual espectro pertencem não participaram das manifestações de rua no período recortado. Isso demonstra que a ida às ruas está fortemente associada a uma polarização esquerda-direita nesse universo, com a representação de pautas bem demarcadas e inseridas em polos mais distantes do centro político.

Quadro 7 – Espectro Político x Participação em manifestações de rua em Juiz de Fora entre 2015 e 2022

Espectro Político		Participação em manifestações de rua		Total
		Participou	Não participou	
Direita	% em Esp. pol.	88,9%	11,1%	100%
	% em Particip.	24,0%	14,3%	22,3%
Centro-direita	% em Esp. pol.	63,6%	36,4%	100%
	% em Particip.	7,0%	19,0%	9,1%
Centro	% em Esp. pol.	20,0%	80,0%	100%
	% em Particip.	1,0%	19,0%	4,1%
Centro-esquerda	% em Esp. pol.	80,0%	20,0%	100%
	% em Particip.	16,0%	19,0%	16,5%
Esquerda	% em Esp. pol.	93,8%	6,3%	100%
	% em Particip.	45,0%	14,3%	39,7%
Extrema-esquerda	% em Esp. pol.	100,0%	0,0%	100%
	% em Particip.	7,0%	0,0%	5,8%
N. ident. / N. sabe	% em Esp. pol.	0,0%	100,0%	100%
	% em Particip.	0,0%	14,3%	2,5%
Total	Contagem	100	21	121
	% em Esp. pol.	82,6%	17,4%	100%
	% em Particip.	100%	100%	100%

Fonte: Elaboração própria.

Por fim, a Tabela 13 demonstra que o universo, de maneira geral, entende que a democracia é a melhor forma de governo, rejeitando quase que amplamente formas de ditadura. Contudo, como se verá mais adiante, quando eu apresentar o espaço relacional conformado pelos ativistas, os conceitos sobre o que eles entendem por democracia variam a depender de suas tomadas de posição políticas. Sobre os casos minoritários que não escolheram a democracia como a melhor forma de governo, cabe destacar os seguintes dados: os quatro ativistas que entendem que, às vezes, a ditadura é melhor que a democracia e os dois ativistas que não souberam responder à questão sobre a melhor forma de governo se identificam com a esquerda ou com a extrema-esquerda, e o único respondente que afirmou que a forma de governo não faz diferença se identifica com a direita.

Tabela 13 – Democracia x Ditadura

	Frequência	Porcentagem
A democracia é sempre melhor que a ditadura	114	94,2%
Às vezes, a ditadura é melhor que a democracia	4	3,3%
A ditadura é sempre melhor que a democracia	0	0,0%
Não faz diferença	1	0,8%
Não sabe	2	1,7%
Total	121	100%

Fonte: Elaboração própria.

Em resumo, podemos afirmar que o universo que constitui a pesquisa é formado, em sua maioria, por ativistas políticos que: (i) se identificam em alguma posição do espectro político e com alguma linha de pensamento dentro desta posição; (ii) foram às manifestações de rua em Juiz de Fora no período compreendido entre os anos de 2015 e 2022; e (iii) pertencem a partidos políticos e/ou grupos políticos organizados no âmbito da sociedade civil, muitas vezes simultaneamente, o que indica uma forte vinculação – interdependente e complementar - entre militância associativa e militância partidária dentro do universo estudado⁹⁵.

Tais constatações sinalizam que os militantes pesquisados atuam politicamente no município de Juiz de Fora – MG de uma maneira institucionalizada e/ou organizada, defendendo pautas e agendas que os mesmos vinculam clara e diretamente a espectros políticos de esquerda ou de direita. Isso demonstra que o ativismo nesse universo, além de político, também é muitas vezes ideológico. Feita essa caracterização em termos políticos dos respondentes do questionário da pesquisa, passo agora à apresentação deste mesmo universo em termos socioeconômicos.

4.3. APRESENTANDO OS RESPONDENTES DO QUESTIONÁRIO EM TERMOS SOCIOECONÔMICOS

Para fazer a caracterização socioeconômica do universo que compõe a pesquisa, utilizarei as seguintes variáveis: sexo/gênero, idade, cor, escolaridade, área formação profissional, profissão/ocupação, renda familiar mensal, local de residência em Juiz de Fora, religião e condições de vida entre gerações. Nessa apresentação, optei por usar quadros de

⁹⁵ Essa vinculação será melhor abordada no capítulo seguinte, no qual analiso as entrevistas em profundidade.

referência cruzada com a variável de autopoicionamento no espectro político para expor de que maneira as variáveis socioeconômicas se distribuem em termos de identificação política, o que possibilitará algumas inferências prévias que aparecerão de forma mais consistente quando os resultados da análise de correspondências múltiplas (ACM) forem apresentados.

O Quadro 8 mostra que a distribuição do universo provisório por sexo/gênero é minimamente equilibrada, com maioria de representantes do sexo masculino (57%). Contudo, segundo os dados do Censo 2022 para Juiz de Fora, a população de mulheres na cidade representa 53% da população, enquanto a de homens representa 47% (IBGE Cidades, 2022). Há, portanto, uma pequena sobrerrepresentação de homens no universo estudado quando o comparamos com a população total do município.

Quadro 8 – Espectro Político x Sexo/Gênero

Espectro Político		Sexo / Gênero			Total
		Femin.	Mascul.	Outra resp.	
Direita	% em Esp. pol.	22,2%	77,8%	0,0%	100%
	% em Sexo	12,0%	30,4%	0,0%	22,3%
Centro-direita	% em Esp. pol.	18,2%	81,8%	0,0%	100%
	% em Sexo	4,0%	13,0%	0,0%	9,1%
Centro	% em Esp. pol.	60,0%	40,0%	0,0%	100%
	% em Sexo	6,0%	2,9%	0,0%	4,1%
Centro-esquerda	% em Esp. pol.	40,0%	60,0%	0,0%	100%
	% em Sexo	16,0%	17,4%	0,0%	16,5%
Esquerda	% em Esp. pol.	56,3%	39,6%	4,2%	100%
	% em Sexo	54,0%	27,5%	100,0%	39,7%
Extrema-esquerda	% em Esp. pol.	57,1%	42,9%	0,0%	100%
	% em Sexo	8,0%	4,3%	0,0%	5,8%
N. ident. / N. sabe	% em Esp. pol.	0,0%	100,0%	0,0%	100%
	% em Sexo	0,0%	4,3%	0,0%	2,5%
Total	Contagem	50	69	2	121
	% em Esp. pol.	41,3%	57,0%	1,7%	100%
	% em Sexo	100%	100%	100%	100%

Fonte: Elaboração própria.

Em termos de localização no espectro político, podemos notar que a grande maioria das pessoas que se identificam com a direita e com a centro-direita nesse universo é constituída por homens, 77,8% e 81,8% respectivamente. Por outro lado, as mulheres são a maioria (um pouco menos expressiva) quando observamos a identificação com a esquerda e a extrema-esquerda, totalizando 56,3% e 57,1%, respectivamente. É importante destacar, ainda, que os dois respondentes que declararam uma identidade de gênero diferente da masculina ou da feminina (outra resposta) se identificam com a esquerda. Há, portanto, um recorte de gênero quando observamos a distribuição das categorias que se referem ao autopoicionamento no espectro político.

O Quadro 9 mostra que a distribuição do universo por idade é relativamente uniforme, com uma menor representação na categoria de até 25 anos (14%). A maioria dos ativistas se concentra na faixa etária entre 26 e 50 anos (66,9%). Quando comparamos com os dados do Censo 2022, 37,25% da população de Juiz de Fora está concentrada na faixa etária que vai dos 25 aos 49 anos (IBGE Cidades, 2022). No universo da pesquisa há, portanto, uma sobrerrepresentação de pessoas nesta faixa etária em comparação com a população total da cidade.

Quadro 9 – Espectro Político x Idade

Espectro Político		Idade					Total
		Até 25 anos	26 a 30 anos	31 a 40 anos	41 a 50 anos	+ 50 anos	
Direita	% em Esp. pol.	11,1%	7,4%	25,9%	33,3%	22,2%	100%
	% em Idade	17,6%	7,7%	25,0%	33,3%	26,1%	22,3%
Centro-direita	% em Esp. pol.	18,2%	27,3%	27,3%	27,3%	0,0%	100%
	% em Idade	11,8%	11,5%	10,7%	11,1%	0,0%	9,1%
Centro	% em Esp. pol.	0,0%	0,0%	20,0%	60,0%	20,0%	100%
	% em Idade	0,0%	0,0%	3,6%	11,1%	4,3%	4,1%
Centro-esquerda	% em Esp. pol.	5,0%	20,0%	10,0%	20,0%	45,0%	100%
	% em Idade	5,9%	15,4%	7,1%	14,8%	39,1%	16,5%
Esquerda	% em Esp. pol.	18,8%	25,0%	29,2%	14,6%	12,5%	100%
	% em Idade	52,9%	46,2%	50,0%	25,9%	26,1%	39,7%
Extrema-esquerda	% em Esp. pol.	28,6%	71,4%	0,0%	0,0%	0,0%	100%
	% em Idade	11,8%	19,2%	0,0%	0,0%	0,0%	5,8%
N. ident. / N. sabe	% em Esp. pol.	0,0%	0,0%	33,3%	33,3%	33,3%	100%
	% em Idade	0,0%	0,0%	3,6%	3,7%	4,3%	2,5%

Total	Contagem	17	26	28	27	23	121
	% em Esp. pol.	14,0%	21,5%	23,1%	22,3%	19,0%	100%
	% em Idade	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Elaboração própria.

Os dados ainda demonstram que, à semelhança do gênero, há também um certo recorte etário quando observamos a relação entre a variável *idade* e a variável *espectro político* no universo estudado. Nesse sentido, entre os respondentes que se posicionam à direita no espectro político 55,5% possuem mais de 41 anos e apenas 18,5% têm menos de 30 anos. Por outro lado, 73% dos respondentes que se localizam na esquerda do espectro político possuem até 40 anos. Chama ainda a atenção o dado de que todos os respondentes que se autodeclararam de extrema-esquerda têm menos de 30 anos.

O Quadro 10, que apresenta a distribuição do universo por cor, demonstra que a grande maioria dos respondentes se autodeclara branca (66,9%)⁹⁶. Esse dado torna-se interessante quando o comparamos com os dados do Censo de 2022 sobre a população juiz-forana em relação à cor: no ano de 2022, 52,93% se autodeclararam brancos, 29,84% se autodeclararam pardos e 16,98% se autodeclararam pretos. Amarelos e indígenas somavam, respectivamente, apenas 0,15% e 0,1% da população. (IBGE Cidades, 2022). Percebemos, portanto, que no universo dos ativistas pesquisados há uma sobrerrepresentação de pessoas autodeclaradas brancas e uma sub-representação de pretos e pardos em relação à população total da cidade. Nenhum respondente se autodeclarou amarelo ou indígena.

Quadro 10 – Espectro Político x Cor

Espectro Político		Cor			Total
		Branca	Preta	Parda	
Direita	% em Esp. pol.	77,8%	0,0%	22,2%	100%
	% em Cor	25,9%	0,0%	23,1%	22,3%
Centro-direita	% em Esp. pol.	72,7%	18,2%	9,1%	100%
	% em Cor	9,9%	14,3%	3,8%	9,1%
Centro	% em Esp. pol.	60,0%	0,0%	40,0%	100%
	% em Cor	3,7%	0,0%	7,7%	4,1%
Centro-esquerda	% em Esp. pol.	60,0%	25,0%	15,0%	100%
	% em Cor	14,8%	35,7%	11,5%	16,5%

⁹⁶ Nenhum respondente se autodeclarou amarelo ou indígena.

Esquerda	% em Esp. pol.	62,5%	12,5%	25,0%	100%
	% em Cor	37,0%	42,9%	46,2%	39,7%
Extrema-esquerda	% em Esp. pol.	71,4%	14,3%	14,3%	100%
	% em Cor	6,2%	7,1%	3,8%	5,8%
N. ident. / N. sabe	% em Esp. pol.	66,7%	0,0%	33,3%	100%
	% em Cor	2,4%	0,0%	3,8%	2,5%
Total	Contagem	81	14	26	121
	% em Esp. pol.	66,9%	11,6%	21,5%	100%
	% em Cor	100%	100%	100%	100%

Fonte: Elaboração própria.

Apesar de haver uma grande maioria de brancos no universo estudado, um dado chama a atenção quando observamos como a categoria de pessoas que se autodeclararam pretas se relaciona com a variável *espectro político*. Nesse sentido, nenhum respondente que se autoposiciona à direita no espectro político se autodeclarou preto (22,2% se autodeclararam pardos). Por outro lado, entre os ativistas que se autodeclararam pretos, 85,7% estão localizados da centro-esquerda até a extrema-esquerda no espectro político, o que pode indicar uma certa mobilização política da categoria por ativistas no campo da esquerda – a autoidentificação com a cor preta em vez da cor parda, por exemplo.

O Quadro 11, que demonstra a distribuição do universo em termos de escolaridade, também traz um dado bastante interessante. A grande maioria dos respondentes possui ensino superior completo (25,6%) ou pós-graduação (48,8%), totalizando 74,4%. Se considerarmos os números de quem ainda está cursando alguma faculdade, este percentual chega a 82,7%. Tais dados demonstram uma sobrerrepresentação bastante significativa de pessoas com escolaridade de nível superior quando os comparamos com os dados do Censo 2010⁹⁷ sobre o grau de instrução da população juiz-forana acima de 25 anos: pessoas sem instrução ou com ensino fundamental incompleto representavam 24,73% da população; pessoas com fundamental completo ou ensino médio incompleto representavam 9,77% da população; pessoas com ensino médio completo ou com ensino superior incompleto representavam 18,17% da população; e pessoas com ensino superior completo representavam 11,11% da população⁹⁸ (IBGE Cidades, 2010).

⁹⁷ Nesse caso específico tive que recorrer ao Censo de 2010 porque os dados sobre nível de instrução da população juiz-forana no Censo de 2022 ainda não foram divulgados.

⁹⁸ No censo 2010, 0,08% da população tinham grau de instrução não determinado (IBGE Cidades, 2010).

Não há dados sobre pós-graduação no Censo, contudo, o fato de quase a metade dos ativistas pesquisados possuir pós-graduação chama bastante a atenção. Em uma tentativa de atualização desses dados, já que as informações sobre nível de instrução da população juiz-forana coletadas no Censo de 2022 ainda não estão disponíveis, recorri aos dados divulgados pela Fundação João Pinheiro sobre a população do estado de Minas Gerais (com 25 anos ou mais) para o ano de 2017. Segundo esses dados, 45,5% das pessoas não tinha nenhum nível de instrução ou apenas o ensino fundamental incompleto, 12,9% tinha o fundamental completo ou ensino médio incompleto, 28% tinha ensino médio completo ou ensino superior incompleto e 13,7% tinham ensino superior completo (também não há dados sobre pós-graduação) (FJP Dados, 2017).

Quadro 11 – Espectro Político x Escolaridade

Espectro Político		Escolaridade					Total
		Ens. Fund. II	Ens. Médio / Técn.	Ens. Sup. incomp. (cursando)	Ens. Superior	Pós-Grad.	
Direita	% em Esp. pol.	0,0%	22,2%	7,4%	22,2%	48,1%	100%
	% em Escolar.	0,0%	35,3%	20,0%	19,4%	22,0%	22,3%
Centro-direita	% em Esp. pol.	0,0%	27,3%	9,1%	27,3%	36,4%	100%
	% em Escolar.	0,0%	17,6%	10,0%	9,7%	6,8%	9,1%
Centro	% em Esp. pol.	0,0%	0,0%	20,0%	20,0%	60,0%	100%
	% em Escolar.	0,0%	0,0%	10,0%	3,2%	5,1%	4,1%
Centro-esquerda	% em Esp. pol.	15,0%	5,0%	5,0%	25,0%	50,0%	100%
	% em Escolar.	75,0%	5,9%	10,0%	16,1%	16,9%	16,5%
Esquerda	% em Esp. pol.	2,1%	8,3%	6,3%	25,0%	58,3%	100%
	% em Escolar.	25,0%	23,5%	30,0%	38,7%	47,5%	39,7%
Extrema-esquerda	% em Esp. pol.	0,0%	14,3%	14,3%	57,1%	14,3%	100%
	% em Escolar.	0,0%	5,9%	10,0%	12,9%	1,7%	5,8%
N. ident. / N. sabe	% em Esp. pol.	0,0%	66,7%	33,3%	0,0%	0,0%	100%
	% em Escolar.	0,0%	11,8%	10,0%	0,0%	0,0%	2,5%
Total	Contagem	4	17	10	31	59	121
	% em Esp. pol.	3,3%	14,0%	8,3%	25,6%	48,8%	100%
	% em Escolar.	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Elaboração própria.

Apesar de o universo como um todo se mostrar altamente escolarizado, algumas ponderações são relevantes quando olhamos essa distribuição a partir da variável *espectro político*. Entre os respondentes que se autoposicionam à esquerda no espectro político, 31,3% estão cursando ou já possuem diploma de nível superior e 58,3% são pós-graduados, totalizando 89,6%. Para a centro-esquerda e a extrema-esquerda estes percentuais totais atingem 80% e 85,7%, respectivamente. Por outro lado, quando observamos os níveis de escolaridade dos ativistas que se localizam à direita do espectro político, os percentuais caem ligeiramente, de modo que 29,6% estão cursando ou já possuem diploma de nível superior e 48,1% são pós-graduados, totalizando 77,7%. Para a centro-direita, esses percentuais totais atingem 72,8%. É também no cruzamento da variável *escolaridade* com as categorias *direita e centro-direita* onde se encontram os maiores percentuais de respondentes com ensino médio ou técnico como nível máximo de escolaridade. Nesse sentido, entre os respondentes com ensino médio ou técnico, 35,3% se autodeclara de direita, 17,6% se autodeclara de centro-direita e 11,8% não se identifica ou não soube responder à pergunta sobre posicionamento de espectro político, totalizando 64,7%.

Podemos concluir, portanto, que ainda que haja uma variação pequena em termos de nível de escolaridade e autoposicionamento no espectro político, os ativistas de direita são ligeiramente menos escolarizados que os ativistas de esquerda nesse universo, havendo também um recorte por nível de formação.

Sobre a formação profissional dos ativistas respondentes, podemos notar, a partir dos dados do Quadro 12, que a grande maioria possui formação localizada na área de ciências humanas, totalizando 69,4% do universo. As áreas pertencentes às ciências exatas e às ciências biológicas estão representadas no universo de maneira bem modesta, 4,1% e 6,6%, respectivamente. Acredito que tal constatação seria esperada, uma vez que o conhecimento sobre a política é “legitimamente” produzido e se localiza, sobremaneira, no âmbito das ciências humanas.

Quadro 12 – Espectro Político x Área de Formação Profissional

Espectro Político		Área de formação					Total
		Não tem form. prof.	Exatas	Biológ.	Human.	Curso Téc.	
Direita	% em Esp. pol.	11,1%	11,1%	7,4%	55,6%	14,8%	100%
	% em AF	25,0%	60,0%	25,0%	17,9%	33,3%	22,3%

Centro-direita	% em Esp. pol.	9,1%	0,0%	18,2%	54,5%	18,2%	100%
	% em AF	8,3%	0,0%	25,0%	7,1%	16,7%	9,1%
Centro	% em Esp. pol.	0,0%	0,0%	20,0%	60,0%	20,0%	100%
	% em AF	0,0%	0,0%	12,5%	3,6%	8,3%	4,1%
Centro-esquerda	% em Esp. pol.	5,0%	5,0%	5,0%	80,0%	5,0%	100%
	% em AF	8,3%	20,0%	12,5%	19,0%	8,3%	16,5%
Esquerda	% em Esp. pol.	10,4%	0,0%	4,2%	79,2%	6,3%	100%
	% em AF	41,7%	0,0%	25,0%	45,2%	25,0%	39,7%
Extrema-esquerda	% em Esp. pol.	14,3%	14,3%	0,0%	71,4%	0,0%	100%
	% em AF	8,3%	20,0%	0,0%	6,0%	0,0%	5,8%
N. ident. / N. sabe	% em Esp. pol.	33,3%	0,0%	0,0%	33,3%	33,3%	100%
	% em AF	8,3%	0,0%	0,0%	1,2%	8,3%	2,5%
Total	Contagem	12	5	8	84	12	121
	% em Esp. pol.	9,9%	4,1%	6,6%	69,4%	9,9%	100%
	% em AF	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Elaboração própria.

Embora haja uma representação bastante significativa de ativistas com área de formação nas ciências humanas, o universo pesquisado revela uma subdivisão em termos de formação profissional quando observamos a variável *espectro político*. Quando consideramos os ativistas que possuem formação em ciências humanas, 70,2% se autodeclararam de centro-esquerda, de esquerda ou de extrema-esquerda. Este percentual é de apenas de 25% quando consideramos os ativistas de direita ou de centro-direita. Por outro lado, a área de exatas é representada majoritariamente por ativistas de direita (60%) e a formação em curso técnico (58,3%) é relacionada sobretudo a ativistas que se localizam do centro à direita no espectro político ou que não se identificam / não souberam responder à pergunta sobre posicionamento no espectro político, totalizando 66,6%.

O Quadro 13 traz os dados sobre a profissão/ocupação dos ativistas respondentes. Aqui é importante destacar que esta era uma questão aberta no questionário. As respostas dadas pelos ativistas a respeito de suas profissões foram categorizadas posteriormente - levando-se em consideração as qualificações formais e técnicas exigidas, bem como os benefícios materiais e honoríficos obtidos no seu exercício - para permitir tanto a descrição do universo em termos estatísticos quanto a utilização desses dados na ACM. Para classificar as profissões, adotei as categorias utilizadas por Pierre Bourdieu (2015) em sua obra *A Distinção*, realizando algumas

atualizações para adequá-las ao contexto atual. Considerando que essas investigações foram conduzidas na França durante a década de 1970, fiz ajustes específicos à realidade do mercado de trabalho brasileiro contemporâneo, levando em conta o surgimento de novas ocupações e as mudanças no status social de algumas profissões nesse intervalo de tempo⁹⁹. Ressalto que essa proposta foi concebida como uma solução prática e direcionada às questões investigadas neste estudo, cujo principal mérito é oferecer uma alternativa flexível que evita as limitações impostas pelo uso de escalas pré-construídas de classificação profissional, (Fernandes; Pulici, 2016). Por fim, cabe destacar que o uso de categorias ocupacionais é especialmente relevante nesse tipo de pesquisa, pois elas servem como bons indicadores de capital econômico e cultural, sendo, portanto, ferramentas úteis para determinar a posição de um indivíduo no espaço social (Flemmen, 2014; Flemmen; Haakestad, 2017)¹⁰⁰.

Feitas essas breves considerações, podemos notar que o universo é composto por pessoas ocupantes de quadros públicos¹⁰¹ (28,1%), profissionais liberais (17,4%)¹⁰², pessoas ocupantes de quadros médios (14%)¹⁰³, professores e pesquisadores (12,4%), autônomos / MEI / comerciantes (8,3%) e pessoas ocupantes de quadros superiores do privado (7,4%)¹⁰⁴. Os que não trabalham totalizam 9,9%.

Quadro 13 – Espectro Político x Profissão / Ocupação¹⁰⁵

Espectro Político		Profissão / Ocupação				
		Não trab.	Ocup. man.	Prof. lib.	Prof. / Pesq.	Aut./MEI/ Comerc.
Direita	% em Esp. pol.	7,4%	0,0%	18,5%	0,0%	22,2%
	% em Ocupaç.	16,7%	0,0%	23,8%	0,0%	60,0%
Centro-direita	% em Esp. pol.	9,1%	0,0%	0,0%	9,1%	9,1%
	% em Ocupaç.	8,3%	0,0%	0,0%	6,7%	10,0%
Centro	% em Esp. pol.	0,0%	0,0%	20,0%	0,0%	0,0%

⁹⁹ Por exemplo, o que Bourdieu (2015) chama de “pequena burguesia” eu chamei de “autônomo / MEI / comerciante”.

¹⁰⁰ Bourdieu discute as posições ocupacionais no contexto da construção empírica do espaço social, tratando as ocupações como indicadores econômicos (o que significa que oferecem uma grande quantidade de informações a um baixo custo). Elas refletem a posição de um indivíduo no espaço social a partir do volume e da composição de capital. Assim, as ocupações desempenham um papel operacional na análise, mas não são elementos que definem, por si só, a classe social (Harrits, 2013).

¹⁰¹ Cargos concursados, eletivos ou comissionados.

¹⁰² Profissional liberal é aquele que tem uma formação específica e sua área é regulamentada por um conselho ou entidade de classe. São exemplos de profissionais liberais: advogados, médicos, administradores, dentistas, engenheiros, contadores etc.

¹⁰³ Profissões que exigem como qualificação apenas o ensino médio completo.

¹⁰⁴ Entram nessa categoria profissões exercidas no setor privado que possuem alto prestígio e alta remuneração.

¹⁰⁵ Por razões de espaço, o Quadro 13 teve que ser dividido em duas partes.

	% em Ocupaç.	0,0%	0,0%	4,8%	0,0%	0,0%
Centro-esquerda	% em Esp. pol.	15,0%	5,0%	20,0%	20,0%	5,0%
	% em Ocupaç.	25,0%	50,0%	19,0%	26,7%	10,0%
Esquerda	% em Esp. pol.	8,3%	2,1%	18,8%	20,8%	4,2%
	% em Ocupaç.	33,3%	50,0%	42,9%	66,7%	20,0%
Extrema-esquerda	% em Esp. pol.	28,6%	0,0%	28,6%	0,0%	0,0%
	% em Ocupaç.	16,7%	0,0%	9,5%	0,0%	0,0%
N. ident. / N. sabe	% em Esp. pol.	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	% em Ocupaç.	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Total	Contagem	12	2	21	15	10
	% em Esp. pol.	9,9%	1,7%	17,4%	12,4%	8,3%
	% em Ocupaç.	100%	100%	100%	100%	100%

Espectro Político		Profissão / Ocupação				Total
		Quad. méd.	Quad. púb.	Quad. sup. priv.	Não resp.	
Direita	% em Esp. pol.	22,2%	14,8%	14,8%	0,0%	100%
	% em Ocupaç.	35,3%	11,8%	44,4%	0,0%	22,3%
Centro-direita	% em Esp. pol.	18,2%	36,4%	18,2%	0,0%	100%
	% em Ocupaç.	11,8%	11,8%	22,2%	0,0%	9,1%
Centro	% em Esp. pol.	0,0%	60,0%	0,0%	20,0%	100%
	% em Ocupaç.	0,0%	8,8%	0,0%	100%	4,1%
Centro-esquerda	% em Esp. pol.	5,0%	15,0%	15,0%	0,0%	100%
	% em Ocupaç.	5,9%	8,8%	33,3%	0,0%	16,5%
Esquerda	% em Esp. pol.	14,6%	31,3%	0,0%	0,0%	100%
	% em Ocupaç.	41,2%	44,1%	0,0%	0,0%	39,7%
Extrema-esquerda	% em Esp. pol.	14,3%	28,6%	0,0%	0,0%	100%
	% em Ocupaç.	5,9%	5,9%	0,0%	0,0%	5,8%
N. ident. / N. sabe	% em Esp. pol.	0,0%	100%	0,0%	0,0%	100%
	% em Ocupaç.	0,0%	8,8%	0,0%	0,0%	2,5%
Total	Contagem	17	34	9	1	121
	% em Esp. pol.	14,0%	28,1%	7,4%	0,8%	100%
	% em Ocupaç.	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Elaboração própria.

Sobre a relação entre as variáveis *espectro político* e *ocupação*, os dados que mais chamam a atenção são em relação a profissões que integram frações de classe distintas. Nesse sentido, podemos observar que ocupações mais ligadas a frações econômicas de classe, como autônomos/MEIs/comerciantes e quadros superiores do privado possuem representantes majoritariamente associados aos espectros políticos da direita e da centro-direita. Enquanto autônomos/MEIs/comerciantes somam 70% nessas duas categorias de autoidentificação política, os quadros superiores do privado totalizam 66,6%. Por outro lado, considerando o total de ativistas que são professores ou pesquisadores, profissões mais relacionadas às frações culturais de classe, 93,4% se identificam com a centro-esquerda ou com a esquerda. Por fim, os ativistas que integram os quadros públicos ou são profissionais liberais se localizam, em sua maioria, em posições no espectro que vão da centro-esquerda à extrema esquerda, e os quadros médios possuem uma distribuição mais uniforme em termos de distribuição de posicionamento político, o que pode ser impulsionado por uma composição mais equilibrada de capitais.

O Quadro 14 apresenta os dados sobre a renda familiar mensal dos ativistas pesquisados. Podemos observar que, em termos da distribuição de respondentes por categoria, a modalidade de 3 a 6 salários mínimos¹⁰⁶ é a que concentra o maior número de pessoas, possuindo maior representação (36,4%). Em seguida vem as categorias representadas pelas faixas de renda de até 3 salários mínimos (20,7%), 6 a 9 salários mínimos (14%) e mais de 15 salários mínimos (11,6%). As demais categorias possuem uma menor representação (8,3% cada). Sobre a variável renda familiar mensal, não foi possível realizar uma comparação com os dados gerais sobre a população juiz-forana coletados no Censo 2022 porque tais dados apresentam faixas de renda diferentes das faixas de renda da presente pesquisa.

Quadro 14 – Espectro Político x Renda Familiar

Espectro Político		Renda Familiar							Total
		Até 3 SM	3 a 6 SM	6 a 9 SM	9 a 12 SM	12 a 15 SM	+ de 15 SM	Não sabe	
Direita	% em Esp. pol.	18,5%	33,3%	11,1%	3,7%	11,1%	18,5%	3,7%	100%
	% em Renda	20,0%	20,5%	17,6%	10,0%	30,0%	35,7%	100%	22,3%
Centro-direita	% em Esp. pol.	0,0%	36,4%	9,1%	18,2%	9,1%	27,3%	0,0%	100%
	% em Renda	0,0%	9,1%	5,9%	20,0%	10,0%	21,4%	0,0%	9,1%
Centro	% em Esp. pol.	20,0%	40,0%	0,0%	0,0%	20,0%	20,0%	0,0%	100%

¹⁰⁶ O valor do salário mínimo considerado como unidade de medida da renda familiar mensal foi o vigente no ano de 2022, ou seja, R\$ 1.212,00.

	% em Renda	4,0%	4,5%	0,0%	0,0%	10,0%	7,1%	0,0%	4,1%
Centro-esquerda	% em Esp. pol.	15,0%	30,0%	20,0%	15,0%	5,0%	15,0%	0,0%	100%
	% em Renda	12,0%	13,6%	23,5%	30,0%	10,0%	21,4%	0,0%	16,5%
Esquerda	% em Esp. pol.	27,1%	39,6%	14,6%	6,3%	8,3%	4,2%	0,0%	100%
	% em Renda	52,0%	43,2%	41,2%	30,0%	40,0%	14,3%	0,0%	39,7%
Extrema-esquerda	% em Esp. pol.	28,6%	42,9%	14,3%	14,3%	0,0%	0,0%	0,0%	100%
	% em Renda	8,0%	6,8%	5,9%	10,0%	0,0%	0,0%	0,0%	5,8%
N. ident. / N. sabe	% em Esp. pol.	33,3%	33,3%	33,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100%
	% em Renda	4,0%	2,3%	5,9%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	2,5%
Total	Contagem	25	44	17	10	10	14	1	121
	% em Esp. pol.	20,7%	36,4%	14,0%	8,3%	8,3%	11,6%	0,8%	100%
	% em Renda	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Elaboração própria.

Em relação à distribuição das faixas de renda por categorias de espectro político, podemos notar que existe, nesse universo, um recorte econômico que varia conforme também variam as categorias de autoidentificação política. Nesse sentido, 64,2% dos ativistas que têm uma renda familiar mensal acima de 15 salários mínimos se localizam em uma faixa do espectro político que vai do centro até a direita. No mesmo sentido, 65,7% dos ativistas que se identificam com a direita possuem uma renda familiar superior a 12 salários mínimos. Por outro lado, se observarmos os ativistas de esquerda, 66,7% possuem renda familiar mensal de até 6 salários mínimos, porcentagem que aumenta ainda mais para os ativistas de extrema-esquerda, totalizando 71,5%. Nessa mesma direção, podemos notar, por fim, que as categorias que representam menores faixas de renda concentram, em sua maioria, ativistas que se localizam entre a centro-esquerda e a extrema-esquerda no espectro político. Se tomarmos como exemplo a faixa de renda familiar de até 3 salários mínimos mensais (extremo oposto à categoria de mais de 15 salários mínimos), podemos notar que 72% dos respondentes que declararam essa renda se localizam no intervalo do espectro acima mencionado.

Sendo a renda um indicativo de capital econômico, esses dados nos dão indícios que, no universo pesquisado, os ativistas que se localizam mais à direita no espectro político possuem, de modo geral, mais capital econômico que os ativistas que se posicionam mais à esquerda.

O Quadro 15 mostra a distribuição do universo em termos de local de residência dos ativistas participantes da pesquisa. Os bairros de residência dos respondentes foram

classificados de acordo com a sua localização sócio geográfica no município de Juiz de Fora. Podemos notar que a maioria dos respondentes reside em regiões mais caras e nobres da cidade, como a região central e a Cidade Alta¹⁰⁷ (68,6%). O restante reside em bairros mais periféricos, com menos estrutura urbana (21,5%), ou não reside mais em Juiz de Fora (7,4%).

Quadro 15 – Espectro Político x Local de Residência

Espectro Político		Local de residência					Total
		Não reside em JF	Centro / arred.	Cidade Alta	Bairros perif.	Não resp.	
Direita	% em Esp. pol.	7,4%	44,4%	18,5%	25,9%	3,7%	100%
	% em Resid.	22,2%	19,7%	22,7%	26,9%	33,3%	22,3%
Centro-direita	% em Esp. pol.	0,0%	54,5%	18,2%	27,3%	0,0%	100%
	% em Resid.	0,0%	9,8%	9,1%	11,5%	0,0%	9,1%
Centro	% em Esp. pol.	0,0%	40,0%	20,0%	20,0%	20,0%	100%
	% em Resid.	0,0%	3,3%	4,5%	3,8%	33,3%	4,1%
Centro-esquerda	% em Esp. pol.	15,0%	35,0%	20,0%	25,0%	5,0%	100%
	% em Resid.	33,3%	11,5%	18,2%	19,2%	33,3%	16,5%
Esquerda	% em Esp. pol.	8,3%	62,5%	12,5%	16,7%	0,0%	100%
	% em Resid.	44,4%	49,2%	27,3%	30,8%	0,0%	39,7%
Extrema-esquerda	% em Esp. pol.	0,0%	28,6%	57,1%	14,3%	0,0%	100%
	% em Resid.	0,0%	3,3%	18,2%	3,8%	0,0%	5,8%
N. ident. / N. sabe	% em Esp. pol.	0,0%	66,7%	0,0%	33,3%	0,0%	100%
	% em Resid.	0,0%	3,3%	0,0%	3,8%	0,0%	2,5%
Total	Contagem	9	61	22	26	3	121
	% em Esp. pol.	7,4%	50,4%	18,2%	21,5%	2,5%	100%
	% em Resid.	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Elaboração própria.

Quando observamos a distribuição dos locais de residência em conjunto com as categorias de autopoicionamento no espectro político, percebemos que, independentemente da identificação política, os ativistas desse universo residem, em sua maioria, em regiões mais

¹⁰⁷ Região de Juiz de Fora onde se localiza a UFJF, logo, muito habitada por estudantes. Trata-se também de uma região que concentra vários condomínios fechados de casas luxuosas. Pode-se dizer, portanto, que a Cidade Alta é uma região onde residem, de uma maneira geral, classes médias e altas.

centrais ou mais “nobres” de Juiz de Fora. Portanto, não podemos afirmar que a localização geográfica se relaciona diretamente com a identificação política no universo estudado.

O Quadro 16 traz os dados sobre a religião dos ativistas pesquisados. Em termos da distribuição de respondentes por categoria, a religião católica é a que tem maior representação (35,5%). As categorias que possuem a segunda maior representação são as formadas por pessoas que não possuem religião – ateus, agnósticos e que acreditam em Deus apenas – (28,1%). Os respondentes de religiões afro-brasileiras, os evangélicos / protestantes e os espíritas vêm em seguida, representando, respectivamente, 14%, 13,2% e 5,8% do universo. As demais religiões não encontraram representação significativa.

Quadro 16 – Espectro Político x Religião

Espectro Político		Religião						Total
		Catól.	Evang. / Prot.	Rel. Afro-bras.	Espír.	Outra relig.	Sem relig.	
Direita	% em Esp. pol.	40,7%	37,0%	7,4%	3,7%	0,0%	11,1%	100%
	% em Religião	25,6%	62,5%	11,8%	14,3%	0,0%	8,8%	22,3%
Centro-direita	% em Esp. pol.	54,5%	18,2%	0,0%	0,0%	0,0%	27,3%	100%
	% em Religião	14,0%	12,5%	0,0%	0,0%	0,0%	8,8%	9,1%
Centro	% em Esp. pol.	40,0%	0,0%	20,0%	20,0%	0,0%	20,0%	100%
	% em Religião	4,7%	0,0%	5,9%	14,3%	0,0%	2,9%	4,1%
Centro-esquerda	% em Esp. pol.	45,0%	10,0%	15,0%	10,0%	10,0%	10,0%	100%
	% em Religião	20,9%	12,5%	17,6%	28,6%	50,0%	5,9%	16,5%
Esquerda	% em Esp. pol.	29,2%	2,1%	18,8%	6,3%	2,1%	41,7%	100%
	% em Religião	32,6%	6,3%	52,9%	42,9%	25,0%	58,8%	39,7%
Extrema-esquerda	% em Esp. pol.	14,3%	0,0%	14,3%	0,0%	14,3%	57,1%	100%
	% em Religião	2,3%	0,0%	5,9%	0,0%	25,0%	11,8%	5,8%
N. ident. / N. sabe	% em Esp. pol.	0,0%	33,3%	33,3%	0,0%	0,0%	33,3%	100%
	% em Religião	0,0%	6,3%	5,9%	0,0%	0,0%	2,9%	2,5%
Total	Contagem	43	16	17	7	4	34	121
	% em Esp. pol.	35,5%	13,2%	14,0%	5,8%	3,3%	28,1%	100%
	% em Religião	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Elaboração própria.

No que toca à relação entre a *religião* e o *espectro político*, alguns dados chamam a atenção. Inicialmente, a religião católica, que possui maior representação entre os respondentes,

não se vincula diretamente a nenhuma localização específica no espectro político, possuindo uma distribuição mais ou menos uniforme entre direitistas e esquerdistas. O oposto ocorre com outras categorias religiosas, como a religião evangélica/protestante, as religiões de matriz africana e a ausência de religião. Considerando primeiro os respondentes evangélicos, podemos notar que 75% deles se identifica com a centro-direita ou com a direita no espectro político. Por outro lado, as categorias representadas pelas religiões afro-brasileiras e pela ausência de religião possuem uma maior vinculação com os ativistas localizados no intervalo do espectro que vai da centro-esquerda à extrema-esquerda, totalizando 76,4% e 76,5% em cada categoria religiosa, respectivamente.

Podemos concluir, portanto, que o aspecto religioso possui uma afinidade bastante direta com a identificação política dos respondentes nesse universo, sobretudo quando observamos a algumas categorias religiosas específicas.

O Quadro 17 mostra a distribuição dos ativistas em razão da sua percepção sobre suas condições atuais de vida em comparação com a condição de vida de seus pais/responsáveis quando tinham a mesma idade do respondente. É uma pergunta que permite apreender, ainda que apenas pelo viés da percepção pessoal, se o respondente está traçando uma trajetória ascendente, descendente ou estável em termos de mobilidade social, tendo em vista a comparação com uma geração anterior a sua, a de seus pais¹⁰⁸. Segundo Bourdieu (2015), a trajetória social também é um elemento que, em conjunto com o volume global e a estrutura dos capitais, conforma um espaço social. Nesse sentido, levar em conta as trajetórias sociais – a relação entre o capital de origem e o capital de chegada ou entre as posições original e atual no espaço social - pode ser importante quando nos deparamos com casos em que indivíduos que ocupam a mesma posição no espaço em termos de volume e estrutura de capitais possuem práticas destoantes, o que o autor denomina de “efeito Dom Quixote” (uma forma de descompasso entre as disposições incorporadas - o *habitus* - e as condições objetivas do campo social)¹⁰⁹.

¹⁰⁸ De acordo Attias-Donfut (2001 *apud* Tomizaki; Silva, 2021, p. 5-6), a discussão sobre as possibilidades ou limites da mobilidade social deve abarcar, além da dimensão objetiva, também uma percepção subjetiva acerca das diferenças ou das semelhanças entre as posições sociais de pais e filhos, propondo, assim, a noção de “mobilidade social subjetiva”, definida como o sentimento de ter sido bem ou malsucedido na vida em comparação com seus ascendentes e descendentes.

¹⁰⁹ “O *habitus* é moldado de forma crucial – embora não exclusivamente – pelas experiências iniciais (e, portanto, pela origem social). A ampla mobilidade social (em termos absolutos) significa que qualquer região do espaço social será ocupada por uma mistura de pessoas oriundas daquela classe e por outras de diferentes origens, implicando alguma heterogeneidade do *habitus* e, conseqüentemente, das práticas. Em outras palavras, essa mediação essencialmente histórica sugere que não pode haver uma congruência perfeita entre posições e formas de tomada de posição via disposições” (Flemmen; Haakestad, 201, p. 6-7, tradução nossa).

Tendências estruturais são sempre tendências, não determinações unívocas e inequívocas. Sendo assim, a posição social não pode ser definida unicamente pelo lugar que indivíduos e grupos ocupam na estrutura econômica, por suas relações com outras classes ou pela posse de determinados tipos de capital (econômico, cultural, social e simbólico). É fundamental considerar o sentido da trajetória de cada indivíduo ou grupo – seja de conservação, ascensão ou declínio –, bem como suas avaliações objetivas e subjetivas das possibilidades de manter ou modificar essa trajetória. Esses fatores resultam em formas específicas de elaborar estratégias para o presente e projetar planos para o futuro, influenciando de maneira significativa comportamentos e posições políticas (Gaxie, 2019; Tomizaki; Silva, 2021).

No caso específico do universo estudado, podemos notar que, em sua maioria, ele é composto por ativistas que entendem estar traçando uma trajetória social ascendente em relação à geração de seus pais/responsáveis (71,9%). Com representações bem menores, 11,6% dos respondentes acreditam que suas condições de vida estão piores que as de seus pais (trajetória social descendente) e 15,7% pensam que as condições de vida estão semelhantes (trajetória social estável). Quando olhamos a distribuição dessas percepções a partir das categorias de espectro político, não podemos afirmar diretamente que existe, de maneira geral, uma relação entre percepção de condições de vida entre gerações e espectro político no universo estudado. Contudo, penso que uma pequena exceção pode ser observada para os ativistas de extrema-esquerda: ainda que a maioria considere estar traçando uma trajetória ascendente (57,1%), uma quantidade considerável (28,6%) acredita estar enfrentando uma condição material de vida pior que a geração de seus pais (trajetória descendente).

Quadro 17 – Espectro Político x Condições de vida entre gerações

		Condições de vida entre gerações				Total
		Cond. vida melh. q os pais	Cond. vida pior q os pais	Cond. vida = pais	Não sabe	
Direita	% em Esp. pol.	77,8%	14,8%	7,4%	0,0%	100%
	% em Condiç.	24,1%	28,6%	10,5%	0,0%	22,3%
Centro-direita	% em Esp. pol.	81,8%	0,0%	18,2%	0,0%	100%
	% em Condiç.	10,3%	0,0%	10,5%	0,0%	9,1%
Centro	% em Esp. pol.	60,0%	40,0%	0,0%	0,0%	100%
	% em Condiç.	3,4%	14,3%	0,0%	0,0%	4,1%
	% em Esp. pol.	65,0%	10,0%	20,0%	5,0%	100%

Centro-esquerda	% em Condiç.	14,9%	14,3%	21,1%	100%	16,5%
Esquerda	% em Esp. pol.	70,8%	8,3%	20,8%	0,0%	100%
	% em Condiç.	39,1%	28,6%	52,6%	0,0%	39,7%
Extrema-esquerda	% em Esp. pol.	57,1%	28,6%	14,3%	0,0%	100%
	% em Condiç.	4,6%	14,3%	5,3%	0,0%	5,8%
N. ident. / N. sabe	% em Esp. pol.	100%	0,0%	0,0%	0,0%	100%
	% em Condiç.	3,4%	0,0%	0,0%	0,0%	2,5%
Total	Contagem	87	14	19	1	121
	% em Esp. pol.	71,9%	11,6%	15,7%	0,8%	100%
	% em Condiç.	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Elaboração própria.

Em resumo, em termos de caracterização socioeconômica, acredito que os dados que mais chamam a atenção em relação aos ativistas pesquisados são os relativos à cor, à escolaridade, à renda familiar mensal e ao local de residência. Conforme apresentado, os respondentes, em sua grande maioria, são brancos, possuem alta escolaridade, renda familiar mensal acima de três salários mínimos e residem em bairros mais nobres e caros da cidade. Estes dados sinalizam corroborar de forma empírica uma das hipóteses teóricas da presente pesquisa, segundo a qual as lutas sociais ativas em Juiz de Fora se mobilizam por meio das classes médias escolarizadas, tanto nas manifestações de esquerda quanto nas manifestações de direita, sendo o ativismo dependente de recursos ou de capitais, aqui considerados em seu volume global.

Em relação à segunda hipótese teórica, sobre as constituições diferenciadas da estrutura dos capitais dos ativistas pesquisados, o cruzamento entre as variáveis socioeconômicas e de espectro político dão indícios de que ela também se verifica no universo estudado. Tais indícios sinalizam que, nesse universo, existe uma diferenciação entre direitistas e esquerdistas em termos de capitais culturais e econômicos. Enquanto os primeiros parecem possuir mais capitais econômicos acumulados - o que fica demonstrado pelas variáveis de ocupação e renda familiar mensal - os segundos parecem inverter essa relação, apresentando um maior volume de capital cultural - o que fica evidenciado pelas variáveis de ocupação e de escolaridade. Com o objetivo de explorar esses dados de uma forma multivariada, fazendo, assim, inferências mais concretas, usarei a técnica de análise de correspondências múltiplas (ACM) para mapear o espaço relacional conformado pelos participantes da pesquisa. Antes, contudo, julgo que também é

importante fazer uma caracterização política e socioeconômica dos 15 ativistas que me concederam entrevistas aprofundadas, de modo que passo a apresentá-la no tópico seguinte.

4.4. APRESENTANDO OS ENTREVISTADOS EM TERMOS SOCIOECONÔMICOS E POLÍTICOS

O Quadro 18 apresenta, de forma anônima, os 15 ativistas entrevistados, traçando brevemente seus perfis socioeconômicos e políticos¹¹⁰. Vejamos:

Quadro 18 – Perfil socioeconômico e perfil político dos entrevistados

Entrevistado	Perfil Socioeconômico	Perfil Político
Entrevistado 1 *respondeu o questionário	- Sexo: homem. - Cor: branca. - Idade: 41 anos (nasceu em 1982). - Escolaridade: graduado em Comunicação Social (UFJF), mestre e doutor em ciência política (IESP/UERJ). - Ocupação: assessor político de comunicação; - Religião: teve formação católica. - País: pai comerciante, mãe dona de casa.	- Espectro político: esquerda. - Linha de pensamento: socialismo. - Início da atuação política: começou a atuar politicamente no final dos anos 1990 e início dos anos 2000, na Pastoral da Juventude da Igreja Católica. - Filiação a partido político: filiado ao Partidos dos Trabalhadores (PT) desde os anos 2000. - Participação nas manifestações de rua: participou da maioria das manifestações de rua de esquerda que aconteceram em Juiz de Fora entre 2015 e 2022. - Locais de atuação política ao longo da vida: Pastoral da Juventude; Diretório Central dos Estudantes (DCE/UFJF); democracia socialista (corrente interna do PT); cargos comissionados (no legislativo e no executivo).
Entrevistada 2 *não respondeu o questionário	- Sexo: mulher. - Cor: branca. - Idade: 33 anos (nasceu em 1991). - Escolaridade: graduada em História (UFJF), mestre em História (UFJF).	- Espectro político: esquerda. - Linha de pensamento: não mencionou. - Início da atuação política: começou a atuar politicamente em 2010, a partir da entrada na UFJF (onde participa do Centro Acadêmico (CA) de História e do DCE), no contexto da eleição presidencial de Dilma Rousseff (PT).

¹¹⁰ A especificidade e a clareza de algumas informações sobre a caracterização dos entrevistados variam por dois motivos principais: algumas dessas informações foram obtidas durante as entrevistas, nas quais nem sempre consegui acessar detalhes mais específicos ou percebi posteriormente que havia esquecido de perguntar algo; outras foram deliberadamente ocultadas ou apresentadas de forma menos explícita no texto para preservar a identidade dos interlocutores.

	<ul style="list-style-type: none"> - Ocupação: cargo político eletivo pelo PT. - Religião: sem religião (vem de família católica). - Pais: pai ferroviário, mãe sem informação. 	<ul style="list-style-type: none"> - Filiação a partido político: filiada ao PT. - Participação nas manifestações de rua: participou como liderança de todas as manifestações de rua de esquerda que aconteceram em Juiz de Fora entre 2015 e 2022. - Locais de atuação política ao longo da vida: CA de História/UFJF; DCE/UFJF; movimento estudantil Kizomba; democracia socialista (corrente interna do PT); Marcha Mundial das Mulheres; coletivo Maria Maria; Frente Brasil Popular; cargo comissionado no legislativo; assessoria sindical; hoje ocupa cargo político eletivo pelo PT.
<p>Entrevistada 3</p> <p>*não respondeu o questionário</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Sexo: mulher. - Cor: branca. - Idade: 41 anos (nasceu em 1982). - Escolaridade: graduada em Medicina (UFJF), mestre em Saúde Coletiva (UERJ) e doutora em Saúde Coletiva (Fiocruz). - Ocupação: professora universitária em Universidade Federal e ocupa cargo político eletivo pelo PT. - Religião: vem de família católica. - Pais: pai bancário, mãe sem informação. 	<ul style="list-style-type: none"> - Espectro político: esquerda. - Linha de pensamento: não mencionou. - Início da atuação política: começou a atuar politicamente no cursinho pré-vestibular, no final dos anos 1990 e início dos anos 2000, a partir do contato com professores e grupos de estudos marxistas (mas conheceu o PT ainda na adolescência por meio da participação em grupo de jovens da Igreja Católica). - Filiação a partido político: filiada ao PT desde o início dos anos 2000. - Participação nas manifestações de rua: participou de todas as manifestações de rua de esquerda que aconteceram entre 2015 e 2022 em várias cidades da região Sudeste do Brasil. - Locais de atuação política ao longo da vida: DA de Medicina/UFJF; DCE/UFJF; União Estadual dos Estudantes (UEE); União Nacional dos Estudantes (UNE); secretaria da juventude do PT; vice-presidência de sindicato dos professores de uma Universidade Federal; Coletivo de Mulheres Maria Maria; democracia socialista (corrente interna do PT); cargo comissionado no executivo; atualmente ocupa cargo político eletivo pelo PT.
<p>Entrevistada 4</p> <p>*respondeu o questionário</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Sexo: mulher. - Cor: branca. - Idade: faixa etária entre 36 e 40 anos. - Escolaridade: graduada em Serviço Social (UFJF), mestre 	<ul style="list-style-type: none"> - Espectro político: esquerda. - Linha de pensamento: comunismo. - Início da atuação política: começou a atuar politicamente quando estava no ensino médio, na campanha presidencial do Lula de 2002. - Filiação a partido político: não possui.

	<p>em Serviço Social (UFJF) e doutoranda em Serviço Social (UFJF).</p> <p>- Ocupação: educadora popular e exerce cargo de liderança no MST.</p> <p>- Religião: sem religião.</p> <p>- Pais: pai representante comercial, mãe trabalhadora do comércio.</p>	<p>- Participação nas manifestações de rua: participou da maioria das manifestações de rua de esquerda que aconteceram em Juiz de Fora entre 2015 e 2022.</p> <p>- Locais de atuação política ao longo da vida: Comitê Central Popular via movimento estudantil na UFJF (articulação que organizava o grito dos excluídos); organização política Consulta Popular; coletivo estudantil Piracema na UFJF; sindicato de agricultura familiar; atua há mais de 15 anos no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e hoje possui uma tarefa nacional dentro do Movimento acompanhando regiões e rodando estados por todo o Brasil.</p>
<p>Entrevistada 5</p> <p>*não respondeu o questionário</p>	<p>- Sexo: mulher.</p> <p>- Cor: parda (por observação da pesquisadora).</p> <p>- Idade: 58 anos (nasceu em 1966).</p> <p>- Escolaridade: fez Escola Técnica de Magistério, graduada em História (UFRJ), mestre em Educação (UFF) e doutora em Políticas Públicas (UERJ).</p> <p>- Ocupação: professora universitária Em Universidade Federal.</p> <p>- Religião: já frequentou o catolicismo, hoje frequenta a Umbanda.</p> <p>- Pais: avô gráfico, pai funcionário público dos Correios, mãe sem informação.</p>	<p>- Espectro político: esquerda.</p> <p>- Linha de pensamento: não mencionou.</p> <p>- Início da atuação política: começou a atuar politicamente no começo dos anos 2000, a partir de uma greve comandada pelo sindicato dos professores da rede municipal de Juiz de Fora (sua primeira greve foi em 1986, quando era professora no Rio de Janeiro, mas nessa ocasião apenas acompanhou as decisões do sindicato).</p> <p>- Filiação a partido político: foi filiada ao Partidos dos Trabalhadores (PT), depois ao Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU) e agora é filiada ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL).</p> <p>- Participação nas manifestações de rua: participou de todas as manifestações de rua de esquerda que aconteceram entre 2015 e 2022 em Juiz de Fora e no Rio de Janeiro (disse estar nas ruas desde 1984).</p> <p>- Locais de atuação política ao longo da vida: movimento Resistência (fruto da fusão de três organizações: Movimento por uma Alternativa Independente e Socialista - MAIS, Nova Organização Socialista - NOS e Movimento de Luta pelo Socialismo - MLPS), ligado ao PSOL; sindicatos dos professores da rede municipal e da rede estadual de Juiz de Fora; regional sudeste do Andes (sindicato nacional dos docentes das instituições de ensino superior); candidaturas a cargos políticos eletivos pelo PSOL.</p>

<p>Entrevistado 6</p> <p>*não respondeu o questionário</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Sexo: homem; - Cor: preta. - Idade: 66 anos (nasceu em 1958). - Escolaridade: fez curso de ajustador mecânico no Senai e fez curso técnico de metalurgia no CTU/JF. - Ocupação: já trabalhou em diversos sindicatos, trabalha em uma fundação municipal ligada à cultura. - Religião: candomblé. - Pais: pai operário em fábrica têxtil, mãe empregada doméstica. 	<ul style="list-style-type: none"> - Espectro político: esquerda. - Linha de pensamento: não mencionou. - Início da atuação política: começou a atuar politicamente em 1978, quando era operário em uma fábrica metalúrgica (pararam a produção para assistir um jogo da Copa do Mundo). - Filiação a partido político: foi um dos fundadores do PT em Juiz de Fora e é filiado ao partido até hoje. - Participação nas manifestações de rua: ponto não abordado na entrevista. - Locais de atuação política ao longo da vida: operário em fábrica metalúrgica; sindicato dos têxteis, sindicato dos metalúrgicos e sindicato dos servidores (todos em Juiz de Fora); Grêmio Estudantil Técnico Universitário (GETO) do Colégio Técnico Universitário (CTU/JF); movimento estudantil Estratégia no CTU/JF; Central Única dos Trabalhadores - CUT (vertente pela Base); Unibairro (jornal); associação de bairro; democracia socialista (corrente interna do PT); Movimento Negro Unificado (MNU); Instituto Feijão de Ogun; Frente Brasil Popular.
<p>Entrevistado 7</p> <p>*respondeu o questionário</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Sexo: homem. - Cor: preta. - Idade: 32 anos (nasceu em 1992). - Escolaridade: bacharel em ciências humanas, ciências sociais e direito e mestrando em ciências sociais (tudo pela UFJF). - Ocupação: advogado. - Religião: católica. - Pais: pai sem informação, mãe costureira. 	<ul style="list-style-type: none"> - Espectro político: esquerda. - Linha de pensamento: social-democracia. - Início da atuação política: começou a atuar politicamente aos 14 anos (meados dos anos 2000) montando uma chapa em uma eleição para a associação de bairro da sua cidade natal (foi influenciado politicamente por professores da escola e por um advogado com o qual trabalhava). - Filiação a partido político: primeiro filiou-se ao (Partido Social Democrático) PSD, depois ao Partido Socialista Brasileiro (PSB) e agora é filiado ao Partido Democrático Trabalhista (PDT). - Participação nas manifestações de rua: participou da maioria das manifestações de rua de esquerda que aconteceram entre 2015 e 2022 em Juiz de Fora. - Locais de atuação política ao longo da vida: associação de bairro; PSB jovem em Minas Gerais; assessoria parlamentar; Programa Parlamento Jovem da Assembleia Legislativa de Minas Gerais;

		DA de Ciências Sociais e DCE (UFJF); Coletivo Duas Cabeças, voltado para a população LGBTQIAPN+; Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil(OAB/JF); candidatura a cargo político eletivo pelo PDT.
Entrevistado 8 *respondeu o questionário	<ul style="list-style-type: none"> - Sexo: homem. - Cor: branca. - Idade: 64 anos (nasceu em 1960). - Escolaridade: graduado em Economia pela UFJF e especialista em Economia Brasileira e Macroeconomia (UFJF/UFRJ). - Ocupação: foi professor em Universidade Federal e hoje é consultor econômico e político. - Religião: sem religião. - Pais: engenheiro e empresário (dono de uma fábrica de móveis), mãe sem informação. 	<ul style="list-style-type: none"> - Espectro político: centro-esquerda. - Linha de pensamento: social-democracia. - Início da atuação política: começou a atuar politicamente na escola (católica), em meados dos anos 1970, onde foi presidente de classe, diretor de jornal, liderou uma greve e se vinculou a um grupo de padres ligados à teologia da libertação. - Filiação a partido político: participou clandestinamente do Partido Comunista (período da ditadura), filiou-se ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e depois ajudou a fundar o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) em Juiz de Fora, partido no qual construiu sua trajetória política. - Participação nas manifestações de rua: participou das manifestações de rua favoráveis ao impeachment de Dilma Rousseff (PT). - Locais de atuação política ao longo da vida: DA de Economia e DCE (UFJF); diversos cargos políticos (eletivos e comissionados) em diferentes níveis (municipal, estadual e federal); Roda Democrática; Derrubando Muros; Rede de Ação Política pela Sustentabilidade (RAPS) – ONG liderada por Guilherme Leal, da Natura.
Entrevistada 9 *respondeu o questionário	<ul style="list-style-type: none"> - Sexo: mulher. - Cor: branca. - Idade: 37 anos (nasceu em 1987). - Escolaridade: graduada em Direito pela faculdade Granbery/JF. - Ocupação: advogada. - Religião: espírita. - Pais: avó funcionária pública (INSS), pai militar do exército, mãe dona de casa. 	<ul style="list-style-type: none"> - Espectro político: centro. - Linha de pensamento: social-democracia. - Início da atuação política: sua primeira atuação política se deu em um contexto de campanha municipal para prefeitura de uma candidata em Tefé-AM, quando tinha 16 anos (tirou o título de eleitor e trabalhou na campanha da candidata). Depois, volta a atuar politicamente em 2013 e segue atuando desde então. - Filiação a partido político: já foi filiada ao PDT, hoje é filiada ao PSDB. - Participação nas manifestações de rua: participou ativamente das manifestações de

		<p>rua a partir de 2013, em 2015 e 2016 foi nas manifestações a favor do impeachment de Dilma Rousseff (PT), depois passou a ir nas manifestações “Fora Temer”, em 2018 fez campanha para Ciro Gomes (PDT) e, após a eleição de Bolsonaro, passou a ir nas manifestações de rua contra o seu governo.</p> <p>- Locais de atuação política ao longo da vida: manifestações de rua a partir de 2013, inicialmente por conta própria e depois ligada a grupos institucionalizados; Movimento Brasil Livre (MBL) – hoje não mais; Renova (hoje não mais); PSDB; Movimento Acredito; Vamos Juntas; PSDB Mulher; candidatura a cargos políticos eletivos pelo PSDB.</p>
<p>Entrevistado 10</p> <p>*respondeu o questionário</p>	<p>- Sexo: homem.</p> <p>- Cor: branca.</p> <p>- Idade: faixa etária entre 41 e 35 anos.</p> <p>- Escolaridade: graduado em marketing (Estácio) e ciência política (Uninter).</p> <p>- Ocupação: marketing digital como social media, design, gestor de tráfico pago.</p> <p>- Religião: católica.</p> <p>- Pais: pai vidraceiro, mãe empregada doméstica.</p>	<p>- Espectro político: direita.</p> <p>- Linha de pensamento: conservadorismo.</p> <p>- Início da atuação política: começou a atuar politicamente nas manifestações de 2013, indo às ruas sozinho, sem nenhuma vinculação institucional; em 2015 passa a organizar e liderar, via <i>Facebook</i>, manifestações a favor do impeachment de Dilma Rousseff em Juiz de Fora, mas ainda sem se vincular a nenhum grupo.</p> <p>- Filiação a partido político: já foi filiado ao Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB), hoje trabalha na constituição do Partido Missão, do MBL.</p> <p>- Participação nas manifestações de rua: esteve presente nas ruas desde 2013; em 2015, foi a favor do impeachment de Dilma Rousseff, em seguida, apoiou a eleição de Bolsonaro, e depois fez oposição tanto a Lula quanto a Bolsonaro.</p> <p>- Locais de atuação política ao longo da vida: movimento Direita JF (foi um dos fundadores, hoje já não participa mais); MBL (movimento que apoia hoje); sua principal atuação política atualmente consiste na produção de conteúdo político nas redes sociais.</p>
<p>Entrevistada 11</p> <p>*respondeu o questionário</p>	<p>- Sexo: mulher.</p> <p>- Cor: parda.</p> <p>- Idade: 31 anos.</p> <p>- Escolaridade: está cursando jornalismo na Estácio.</p>	<p>- Espectro político: direita.</p> <p>- Linha de pensamento: conservadorismo-liberal.</p> <p>- Início da atuação política: começa a se engajar politicamente em 2018 a partir de vídeos publicados na internet por figuras públicas de direita (sobretudo Fernando</p>

	<ul style="list-style-type: none"> - Ocupação: secretária em uma imobiliária. - Religião: evangélica (Igreja Universal). - Pais: pai pedreiro, mãe funcionária pública (serviços gerais em uma escola). 	<p>Holiday e Arthur do Val e Kim Kataguiri); passa a militar ativamente em 2022.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Filiação a partido político: atualmente trabalha na constituição do Partido Missão, do MBL. - Participação nas manifestações de rua: não participou das manifestações de rua em Juiz de Fora entre 2015 e 2022. - Modos e locais de atuação política ao longo da vida: Movimento Brasil Livre (MBL) – trabalha nos “bastidores”.
<p>Entrevistado 12</p> <p>*respondeu o questionário</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Sexo: homem. - Cor: branca. - Idade: 49 anos (nasceu em 1975). - Escolaridade: fez curso técnico de informática industrial no CTU/JF. - Ocupação: empresário no ramo da informática. - Religião: católica. - Pais: pai bancário, mãe dona de casa. 	<ul style="list-style-type: none"> - Espectro político: direita. - Linha de pensamento: conservadorismo-liberal. - Início da atuação política: começou a atuar politicamente nas manifestações favoráveis ao impeachment de Dilma Rousseff, mas atuava individualmente, sem ligação a nenhum grupo ou partido; em 2018 participou ativamente da campanha de Bolsonaro e de Romeu Zema em Juiz de Fora (também por conta própria), - Filiação a partido político: filiado ao Partido Novo. - Participação nas manifestações de rua: participou da maioria das manifestações de rua de direita que aconteceram entre 2015 e 2022 em Juiz de Fora. - Locais de atuação política ao longo da vida: Partido Novo; SPM Pro Centro (Associação de Moradores do centro de Juiz de Fora); candidatura a cargos políticos eletivos pelo Partido Novo.
<p>Entrevistada 13</p> <p>*respondeu o questionário</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Sexo: mulher. - Cor: branca. - Idade: 41 anos (nasceu em 1983). - Escolaridade: graduada em Direito pela UFJF. - Ocupação: advogada e empresária. - Religião: católica. - Pais: avô paterno juiz e professor, avô materno promotor militar, pai advogado, mãe advogada e funcionária pública aposentada. 	<ul style="list-style-type: none"> - Espectro político: direita. - Linha de pensamento: conservadorismo. - Início da atuação política: esteve presente nas manifestações de rua em Juiz de Fora desde 2013; a partir de 2015, vai às ruas a favor do impeachment de Dilma Rousseff e depois em apoio ao governo Bolsonaro, mas inicialmente ia sozinha, sem estar vinculada a nenhum grupo ou partido. - Filiação a partido político: filiada ao Partido Liberal (PL). - Participação nas manifestações de rua: participou da maioria das manifestações de rua de direita que aconteceram entre 2015 e 2022 em Juiz de Fora.

		- Locais de atuação política ao longo da vida: movimento Escolas Abertas; candidatura a cargo político eletivo PL.
Entrevistada 14 *respondeu o questionário	- Sexo: mulher. - Cor: parda. - Idade: 44 anos (nasceu em 1980). - Escolaridade: está cursando física na UFJF. - Ocupação: professora secundarista e trabalha atualmente com marketing digital (antes trabalhou em fábricas e com telemarketing). - Religião: crença enraizada nas religiões de matriz africana. - Pais: pai motorista, mãe manicure e faxineira.	-Espectro político: direita. - Linha de pensamento: liberalismo. - Início da atuação política: sempre se interessou por política (disse sempre ter tido opiniões à direita), mas começou a atuar de forma mais ativa politicamente em 2018 quando, após uma postagem de apoio a Jair Bolsonaro nas redes sociais, foi convidada por um amigo a participar o grupo Direita JF. - Filiação a partido político: filiada ao PL. - Participação nas manifestações de rua: começou a participar ativamente das manifestações de rua em Juiz de Fora a partir de 2019, tendo ido na maioria dos eventos organizados pela direita. - Locais de atuação política ao longo da vida: Direita JF; Escolas Abertas; Conselho Municipal de Educação; Conselho de Política sobre Drogas; candidatura a cargo político eletivo pelo PL; atua nas redes sociais produzindo vídeos e postagens com conteúdo político.
Entrevistado 15 *não respondeu o questionário	- Sexo: homem. - Cor: branca. - Idade: 51 anos (nasceu em 1973). - Escolaridade: ensino médio completo (não tem ensino superior). - Ocupação: livreiro / empresário. - Religião: católica. - Pais: pai comerciante, mãe comerciante.	- Espectro político: não mencionou diretamente, mas disse ser contrário à esquerda (disse que antes de tudo é monarquista). Linha de pensamento: conservadorismo. - Locais de atuação política ao longo da vida: Círculo Monárquico de Juiz de Fora. - Filiação a partido político: não possui. - Participação nas manifestações de rua: participou da maioria das manifestações de rua de direita que aconteceram entre 2015 e 2022 em Juiz de Fora, representando o movimento monarquista. Esteve presente inclusive nas manifestações nas portas dos quartéis que ocorreram em 2022, mas não ficou acampado, por conta do trabalho.

Fonte: Elaboração própria.

O conteúdo das entrevistas será melhor trabalho no capítulo final da tese, momento em que faço uma análise dos processos de socialização e atuação política dos militantes. Contudo, a título de uma análise preliminar, podemos notar que a descrição do perfil socioeconômico e

político dos ativistas entrevistados acompanha, de maneira geral, as constatações feitas no âmbito da apresentação do universo de respondentes do questionário da pesquisa. Nesse sentido, podemos destacar, por um lado, uma associação importante entre um ativismo de esquerda e uma atuação política que é muitas vezes iniciada ou potencializada na universidade pública, tendo os entrevistados de esquerda muito tempo de ativismo político e, por outro, uma relação entre um ativismo de direita e outros espaços, como as redes sociais, tendo os entrevistados de direita um menor tempo de ativismo político, notadamente marcado pelo contexto de acirramento do conflito político no Brasil contemporâneo.

Em relação ao perfil socioeconômico, também encontramos entre os entrevistados as tendências reveladas pela análise das variáveis constantes no questionário: todos são integrantes de uma classe média, apresentando, contudo, um pertencimento a diferentes frações dentro dessa classe intermediária. Nesse âmbito, podemos dizer que, de modo geral, os ativistas entrevistados que se posicionam mais à esquerda do espectro político possuem maior escolaridade e profissões voltadas à docência ou exercidas no âmbito das ciências humanas, ocupando uma fração de cultural de classe, enquanto os ativistas entrevistados que se posicionam mais à direita do espectro político possuem menor escolaridade e profissões exercidas no setor privado, mais voltadas ao mercado, ocupando uma fração econômica de classe.

5. O ESPAÇO RELACIONAL DO ATIVISMO POLÍTICO EM JUIZ DE FORA - MG

Neste Capítulo, apresentarei o espaço relacional do ativismo político em Juiz de Fora, construído a partir da técnica da ACM, explicitando as aplicações práticas dos pressupostos estatísticos do método, bem como as etapas e as decisões tomadas na conformação desse espaço considerando os objetivos da pesquisa. Assim, penso que as considerações teóricas apresentadas no terceiro capítulo ficarão mais claras. Por fim, finalizarei o Capítulo com uma discussão sociológica dos resultados a partir de uma abordagem multidimensional de classe.

5.1. CONSTRUÇÃO E DESCRIÇÃO DO ESPAÇO RELACIONAL

Neste tópico, irei expor os resultados obtidos por meio da técnica de análise de correspondências múltiplas (ACM), analisando descritivamente as representações gráficas do espaço relacional conformado pelos 121 ativistas pesquisados. Contudo, antes é importante apresentar quais foram as variáveis e categorias - ativas e suplementares - utilizadas na construção das figuras, de modo a facilitar a compreensão e a leitura das representações.

A ACM foi elaborada por meio do programa SPAD, versão 9.1, e possui 33 variáveis ativas (perguntas do questionário) - que se desdobram em 96 modalidades ativas (opções de resposta das perguntas do questionário)¹¹¹ - referentes às trajetórias, modos de atuação e posicionamentos políticos dos ativistas que participaram da pesquisa.

É necessário reiterar que a escolha das categorias ativas que irão compor a ACM depende do tipo de pergunta que o pesquisador deseja responder, não havendo, portanto, nenhuma regra metodológica fixa que a determine. A única recomendação é que não classifiquemos como ativas variáveis de diferentes espécies. No presente trabalho, como minha intenção é mapear o espaço relacional das práticas e tomadas de posição políticas dos ativistas, optei por utilizar como variáveis ativas as perguntas constantes do primeiro bloco do questionário. As demais variáveis pertencentes aos outros blocos do questionário (socioeconômicas e hábitos de consumo cultural) foram utilizadas de forma suplementar, auxiliando na interpretação do espaço a partir das respostas às perguntas do primeiro bloco.

As variáveis ativas que compõem a ACM correspondem, portanto, às seguintes perguntas do questionário: tempo de ativismo político; motivações para o ativismo político; locais de início e prática do ativismo político; frequência de exercício do ativismo político; em

¹¹¹ As modalidades ativas são as que participam da construção do espaço representado pelo gráfico gerado pela ACM, conferindo formato às nuvens geradas (Klüger, 2018).

qual intervalo do espectro político o respondente se posiciona e se sempre se identificou com essa posição; com qual linha de pensamento política o respondente possui mais afinidade; em quais manifestações de rua o respondente compareceu no município de Juiz de Fora - MG entre os anos de 2015 e 2022; se o respondente já foi ou é filiado a algum partido político e, se sim, a qual partido; se possui alguma preferência partidária; se já fez ou faz parte de algum grupo ou coletivo político e, se sim, a qual grupo; se já fez ou faz parte de sindicato; se já exerceu ou exerce algum cargo político (eletivo ou comissionado); quais valores são mais importantes para o respondente no âmbito político; o que o respondente considera ser mais importante para o funcionamento da democracia; qual tipo de presidente o respondente acha que o Brasil precisa; se os pais do respondente discutiam política em casa e/ou eram ativistas políticos; e com qual posição do espectro político as referências maternas e paternas do respondente mais se identificam / identificavam. Por serem muitas variáveis que se desdobram em inúmeras categorias, vou me abster de descrever cada uma em detalhe para não tornar o texto cansativo para o leitor. Informo, contudo, que a lista de todas as variáveis e categorias ativas responsáveis pela conformação dos gráficos gerados pela ACM encontra-se no [Apêndice E](#).

Ainda sobre as variáveis e categorias ativas, é importante sublinhar que algumas perguntas sobre práticas e posicionamentos políticos constantes do primeiro bloco do questionário, bem como algumas categorias das variáveis ativas acima apresentadas não foram utilizadas na elaboração da ACM em razão de escolhas operacionais. Isto significa que, para essas variáveis ou categorias desconsideradas, a grande maioria das respostas se concentrou em uma única categoria ou a categoria possuía respostas escolhidas por menos de 5% do universo. Variáveis e categorias raras afetam indevidamente a análise e desestabilizam os resultados (Flemmen, 2014), logo, utilizá-las prejudicaria uma boa conformação da nuvem, tornando-a muito dispersa, além de não ser interessante para a análise de correspondências múltiplas, a qual busca explorar respostas opostas, ou seja, mais variadas, para distribuí-las ao longo dos eixos (Oliveira, 2019). Quando foi possível, algumas variáveis ativas que continham modalidades com menos de 5% de representação passaram por um procedimento de recodificação, sendo reagrupadas com outras modalidades, para que não precisassem ser excluídas da análise.

Além das variáveis ativas, 96 variáveis suplementares também compõem o espaço relacional mapeado, as quais servem como ferramenta interpretativa para as dimensões verificadas nesse espaço. Tais variáveis não afetam a estrutura do espaço, sendo projetadas após a sua construção, e se referem, sobretudo, às características socioeconômicas e às propriedades sociais dos respondentes ou de seus familiares e às suas preferências e práticas culturais

(questões que integram o segundo e o terceiro blocos do questionário, respectivamente)¹¹². Este procedimento possibilita examinar como as características sociais se relacionam com as dimensões do espaço, permitindo explorar os efeitos estruturantes de fatores como classe, gênero e idade nas formas de ação política (Harrits et al, 2010; Flemmen; Jarness; Rosenlund, 2022).

As variáveis suplementares correspondem às seguintes perguntas do questionário: sexo/gênero, idade, cor/raça, escolaridade e renda familiar do respondente; se o respondente foi beneficiário de alguma política pública ao longo de sua vida; qual tipo de escola frequentou durante a infância e a adolescência (pública ou particular); se possui alguma formação técnica ou superior, em que área se deu tal formação e em que tipo de instituição (se pública ou privada); se trabalha e em que trabalha; se trabalha na área em que se formou; se possui mais de uma atividade remunerada; se tem filhos em idade escolar e que tipo de escola os filhos frequentam (pública ou particular); escolaridade e profissão das referências paternas e maternas do respondente; como o respondente percebe as condições materiais de vida que possui atualmente em comparação com as condições de vida dos pais quando os mesmos tinham a mesma idade; religião e frequência religiosa; atividades que o respondente gosta de praticar; meios e mídias de informação política e o consumo de conteúdos políticos em redes sociais; hábitos de leitura do respondente e de seus familiares e preferências por gêneros literários; se teve acesso na infância / adolescência a cursos extraescolares e quais foram esses cursos; se conhece outros países além do Brasil; se domina idiomas estrangeiros e quais são esses idiomas; e preferências por gêneros musicais. As variáveis e categorias suplementares utilizadas podem ser encontradas de maneira mais detalhada no [Apêndice F](#).

Feita essa breve caracterização das variáveis ativas e suplementares que conformam o espaço relacional analisado, passo agora à exposição das nuvens de propriedades geradas pela técnica da ACM. A análise dessas representações gráficas deve se dar a partir da observação das oposições presentes nos eixos retidos para interpretação, cada um representando uma

¹¹² As variáveis suplementares possuem peso ou massa zero, estando, portanto, desmagnetizadas, o que significa que não exercem forças de atração / repulsão e não contribuem para a orientação dos eixos. Elas são projetadas no ponto médio de sua incidência no espaço tal qual gerado pelas variáveis ativas, sem alterar a configuração geométrica, e têm por função complementar a representação gerada pelas variáveis ativas, oferecendo informações adicionais para que o pesquisador interprete os quadros gerados pela ACM. (Klüger, 2018). Apesar das diferenças teóricas e operacionais entre as técnicas, Lebart et al (1984) comparam a projeção de modalidades suplementares no espaço formado por modalidades ativas a uma “análise de regressão visual” (Harrits, 2013; Flemmen; Haakestad, 2017).

dimensão do espaço total¹¹³. A interpretação das dimensões do espaço reveladas pelas nuvens de propriedades (ou modalidades) parte do pressuposto de que quanto mais as mesmas propriedades forem comumente associadas nas respostas dos agentes analisados, mais próximas aparecerão na estrutura, indicando, assim, que são partilhadas por aqueles que possuem perfis e preferências similares (Klüger, 2018). Em resumo, a distância reflete a composição das categorias, de modo que as categorias parecem próximas no mapa quando frequentemente aparecem entre os mesmos indivíduos (Flemmen, 2014). É preciso destacar, ainda, que as modalidades indicativas das oposições presentes nos eixos são aquelas que contribuíram acima da média para a sua configuração, motivo pelo qual cada eixo apresenta apenas algumas modalidades (ativas e suplementares) como mais importantes. Os mapas apresentam, portanto, uma descrição gráfica complexa e matizada da configuração relacional e das principais dimensões de um conjunto de dados que revela posturas antagônicas ou complementares com as quais os agentes são confrontados. Além disso, complementando a análise visual, uma saída numérica, que se encontra nos Apêndices, fornece a oportunidade de uma inspeção mais detalhada da força dos relacionamentos desses dados (Harrits, 2013).

No presente caso, os critérios estatísticos comumente considerados neste tipo de análise foram respeitados, de maneira que 78,2% da variância total foi explicada pelos primeiros três eixos¹¹⁴ (68,1% no eixo 1, 5,5% no eixo 2 e no 4,6% eixo 3, de acordo com a taxa modificada de Benzécri¹¹⁵), o que me permite desconsiderar a pertinência dos demais eixos, retendo apenas os três primeiros.

5.1.1. Eixo 1: Direita x Esquerda

A oposição que caracteriza o eixo 1 se relaciona a práticas e posicionamentos políticos ligados à direita e à esquerda do espectro político, conforme demonstra a representação gráfica a seguir¹¹⁶:

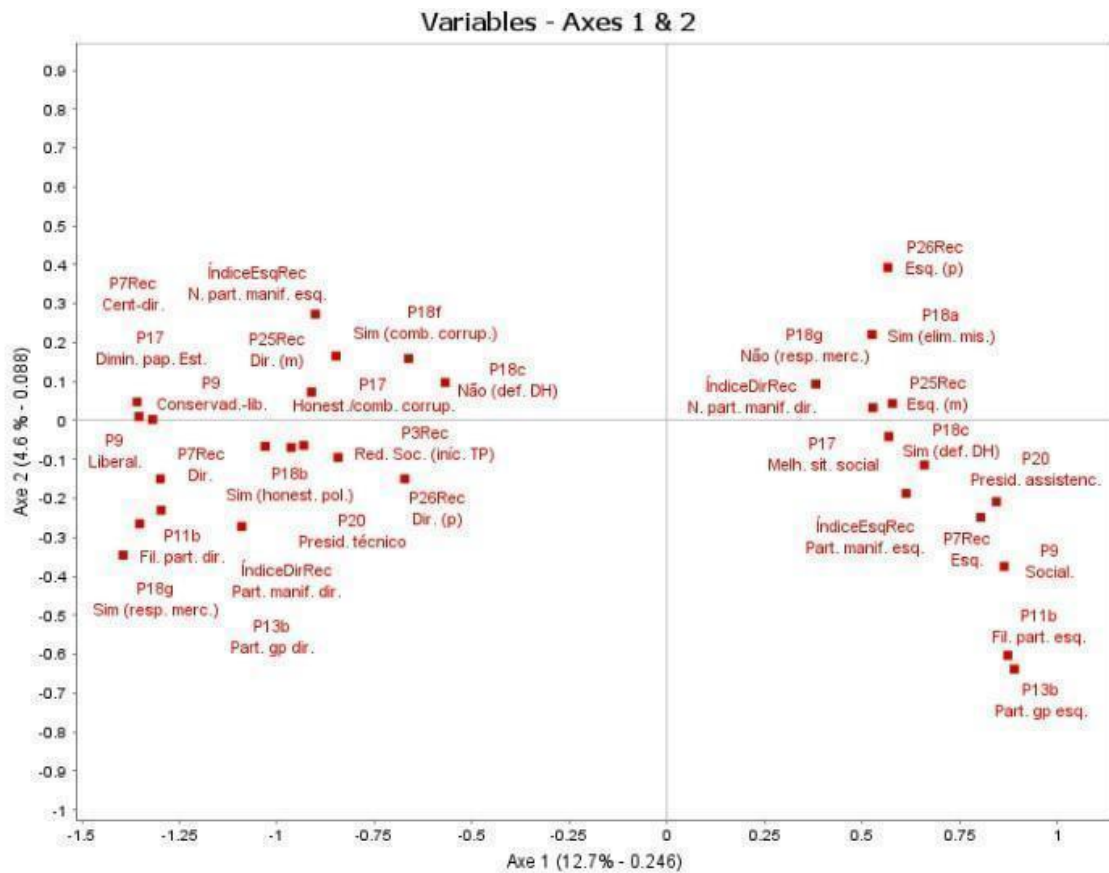
¹¹³ “Interpretar um eixo requer que encontremos o que é similar, por um lado, entre todos os elementos que estão à direita do eixo e, por outro, entre todos os elementos que estão à esquerda; então, devemos expressar com concisão e precisão a oposição entre os dois extremos” (Benzécri, 1992, p 405).

¹¹⁴ A tabela e o gráfico demonstrativos destes percentuais encontram-se, respectivamente, no [Apêndice G](#) e no [Apêndice H](#).

¹¹⁵ A variância explicada se refere às taxas de autovalores modificados – procedimento elaborado por Benzécri -, uma vez que autovalores ordinários subestimam a variância contabilizada (Le Roux; Rouanet, 2010).

¹¹⁶ A tabela que demonstra as modalidades ativas que mais contribuíram para a conformação do eixo 1 encontra-se no [Apêndice I](#).

Figura 1 – Esquerda x Direita (modalidades ativas do eixo 1)



Fonte: Elaboração própria.

Podemos notar, a partir da observação da Figura 1, as homologias e oposições ao longo do eixo 1 formadas pelas categorias ativas, ou seja, pelas categorias referentes às práticas e às tomadas de posição políticas dos respondentes que mais contribuíram para esta dimensão. Nesse sentido, o eixo 1, que explica a maior parte da variância de toda a nuvem (68,1%)¹¹⁷, possui como modalidades ativas, de um lado (esquerdo): participação em grupos de direita [Part. gp dir.]; filiação a partidos de direita [Fil. part. dir.]; as redes sociais como local de início da atuação política [Red. Soc. (iníc. TP)]; a participação em manifestações de rua cujas pautas eram ligadas à direita [Part. manif. dir.] e a ausência em manifestações de rua com pautas ligadas à esquerda [N. part. manif. esq.]; autoidentificação com a direita [Dir.] e com a centro-direita [Cent-dir.] no espectro político; afinidade teórica com o liberalismo [Liberal.] e com o conservadorismo-liberal [Conservad.-lib.]; preferência por um presidente de perfil mais técnico (que torne o Estado mais eficiente) [Presid. técnico]; honestidade dos políticos e combate à

¹¹⁷ Isso significa que essa é a dimensão mais importante desse espaço relacional, ou seja, a que revela a sua oposição principal.

corrupção [Honest./comb. corrup.] e diminuição do papel do Estado na condução da economia (com redução e controle de gastos públicos) [Dimin. pap. Est.] como valores mais importantes no âmbito político; o entendimento de que o combate à corrupção [Sim (comb. corrup.)], a honestidade dos políticos [Sim (honest. pol.)] e o respeito ao mercado e à iniciativa privada [Sim (resp. merc.)] são importantes para o funcionamento da democracia e a rejeição à ideia de que a defesa dos direitos humanos e dos grupos vulneráveis seja importante para o funcionamento da democracia [Não (def. DH)]; e referências maternas [Dir. (m)] e paternas [Dir. (p)] que se identificam com a direita no espectro político.

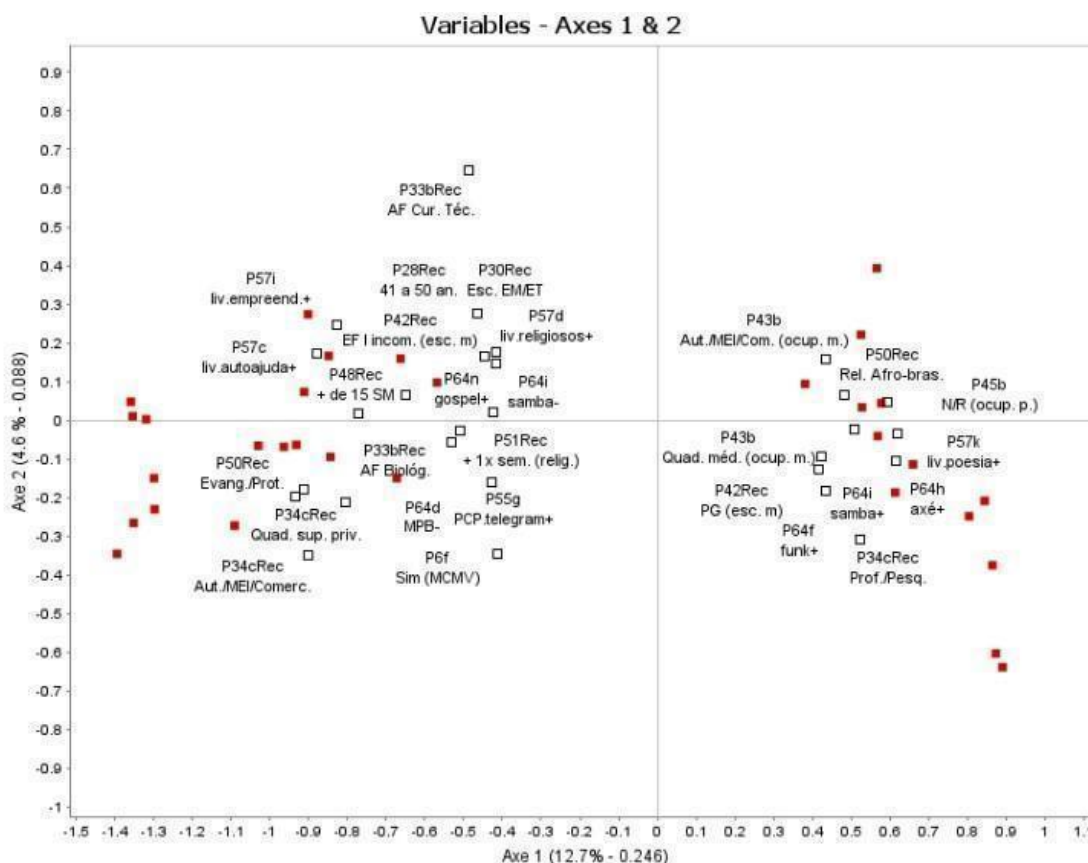
Já o outro lado do eixo 1 (direito), que se opõe ao lado esquerdo, possui como modalidades ativas: participação em grupos políticos de esquerda [Part. gp esq.]; filiação a partidos políticos de esquerda [Fil. part. esq.]; a participação em manifestações de rua cujas pautas eram ligadas à esquerda [Part. manif. esq.] e a ausência em manifestações de rua com pautas ligadas à direita [N. part. manif. dir.]; autoidentificação com a esquerda no espectro político [Esq.]; afinidade teórica com o Socialismo [Social.]; a preferência por um presidente assistencialista (que atenda primeiro as demandas dos pobres e marginalizados) [Presid. assistenc.]; a melhoria da situação social (com a implementação de políticas públicas destinadas à redução de desigualdades) como valor mais importante no âmbito político [Melh. sit. social]; o entendimento de que a defesa dos direitos humanos e dos grupos vulneráveis [Sim (def. DH)] e a eliminação da miséria [Sim (elim. mis.)] são importantes para o funcionamento da democracia; a rejeição à ideia de que o respeito ao mercado e à livre iniciativa privada sejam importantes para o funcionamento da democracia [Não (resp. merc.)]; e referências maternas [Esq. (m)] e paternas [Esq. (p)] que se identificam com a esquerda no espectro político.

Podemos notar, portanto, que a oposição que define e caracteriza o eixo 1 é, de um lado, práticas e tomadas de posições políticas mais relacionadas a uma atuação e a um repertório que se incluem no espectro político da direita, e, de outro, práticas e tomadas de posições políticas mais relacionadas a uma atuação e a um repertório que se incluem no espectro político da esquerda. Chama a atenção, também, a presença de modalidades indicativas de uma transmissão geracional desses posicionamentos, representado pelas identificações políticas dos pais dos respondentes. É importante destacar, por fim, a coerência dessas práticas e tomadas de posição, tanto em suas oposições quanto em suas afinidades.

Feita essa caracterização das modalidades ativas que mais contribuem para a conformação das afinidades e oposições presentes no eixo 1, passo agora a apresentar as

modalidades suplementares que são importantes para a sua interpretação¹¹⁸. Conforme já mencionado, tais modalidades se referem às características socioeconômicas dos respondentes ou de seus familiares e aos seus hábitos de consumo cultural. Vejamos a sua representação gráfica:

Figura 2 – Esquerda x Direita (modalidades suplementares do eixo 1)



Fonte: Elaboração própria.

Em termos de propriedades sociais, podemos observar, no lado do eixo caracterizado pela atuação e tomadas de posição políticas à direita (esquerdo), a primazia das seguintes modalidades: a utilização da política pública federal denominada “Minha Casa Minha Vida” [Sim (MCMV)]; referências maternas com baixa escolaridade (Ensino Fundamental I incompleto) [EF I incom. (esc. m)]; faixa etária entre 41 e 50 anos [41 a 50 an.]; ensino médio ou ensino técnico como nível máximo de escolaridade [Esc. EM/ET]; curso técnico [AF Cur. Téc.] ou ciências biológicas [AF Biológ.] como áreas de formação; renda familiar superior a 15

¹¹⁸ A tabela que demonstra as modalidades suplementares que são mais importantes para a caracterização do eixo 1 encontra-se no [Apêndice J](#).

salários mínimos [+ de 15 SM]; profissões referentes aos quadros superiores do setor privado [Quad. sup. priv.] ou a autônomos, microempreendedores ou comerciantes [Aut./MEI/Comerc.]; frequência religiosa de mais de uma vez na semana [+ 1x sem. (relig.)]; e o pertencimento a religiões evangélicas ou protestantes [Evang./Prot.]. Já no que toca aos hábitos de consumo cultural, as modalidades que caracterizam este lado do eixo se referem à preferência por livros religiosos [liv.religiosos+], de empreendedorismo [liv.empreend.+] e de autoajuda [liv.autoajuda+], o gosto pela música gospel [gospel+] e a rejeição a estilos musicais como samba [samba-] e MPB [MPB-], e a utilização da rede social Telegram para consumir informações políticas [PCP.telegram+].

Por outro lado, as propriedades sociais mais importantes para a caracterização do lado do eixo definido pela atuação e tomadas de posição políticas à esquerda (direito) são as seguintes: a profissão de professor ou pesquisador [Prof./Pesq.]; o pertencimento a religiões afro-brasileiras [Rel. Afro-bras.]; referências maternas que são autônomas, microempreendedoras, comerciantes [Aut./MEI/Emp. (ocup. m.)] ou possuem profissões integrantes dos quadros médios [Quad. méd. (ocup. m.)]; ausência de resposta para a profissão da referência paterna [N/R (ocup. p.)]; e referência materna com pós-graduação [PG (esc. m.)]. Em termos de consumo cultural, as modalidades que caracterizam este lado do eixo se referem ao gosto por livros de poesia [liv.poesia+] e à preferência por axé [axé+], samba [samba+] e funk [funk+] como gêneros musicais.

Podemos perceber, a partir dessa caracterização, que as informações suplementares (sobre as propriedades sociais) referentes ao lado direitista do eixo são mais abundantes e nos dão pistas mais concretas a respeito de suas propriedades sociais e de seus hábitos de consumo do que as informações sobre o lado esquerdista. De maneira geral, as modalidades indicam os direitistas estão posicionados uma fração econômica marcada por um maior acúmulo de capital econômico e um estilo de vida que não passa pela valorização de formas legitimadas de capital cultural, o que pode ser demonstrado, por um lado, pela alta renda familiar e pelas profissões exercidas no âmbito do setor privado e, por outro, pela ausência de formação superior, pela rejeição de estilos musicais que são legitimados no campo cultural brasileiro, como o samba e a MPB, e pelo consumo de livros e conteúdos políticos cuja lógica de produção se adequa aos valores utilitários do mundo econômico, como livros de empreendedorismo e de autoajuda. Outro aspecto que também chama a atenção são as modalidades relacionadas à religião, como a preferência por livros religiosos e por ouvir música gospel, a alta frequência religiosa e o pertencimento a religiões evangélicas e protestantes.

Já em relação ao lado político da esquerda, há menos informações que permitam arriscar algumas inferências acerca da relação entre suas práticas e tomadas de posição políticas e suas propriedades sociais e estilos de vida nesta dimensão do espaço (eixo 1). Contudo, há indícios que demonstram que, no que diz respeito aos ativistas de esquerda, a relação entre capital econômico e cultural se inverte, de maneira que, para eles, o capital cultural parece possuir primazia em relação ao econômico. Algumas modalidades apontam nesse sentido, como, por exemplo, a alta escolaridade das referências maternas e uma grande representação de professores e pesquisadores. Além disso, ainda há a preferência por livros de poesia, gênero literário certamente ligado à produção de uma cultura legitimada dentro do campo cultural e, portanto, subjugado a uma lógica pautada mais pelo campo cultural do que pelo campo econômico, e o gosto por gêneros musicais diversos como axé, samba e funk¹¹⁹. Por fim, o fator religião também aparece como importante para caracterizar o lado esquerdista do eixo, com a primazia das religiões afro-brasileiras.

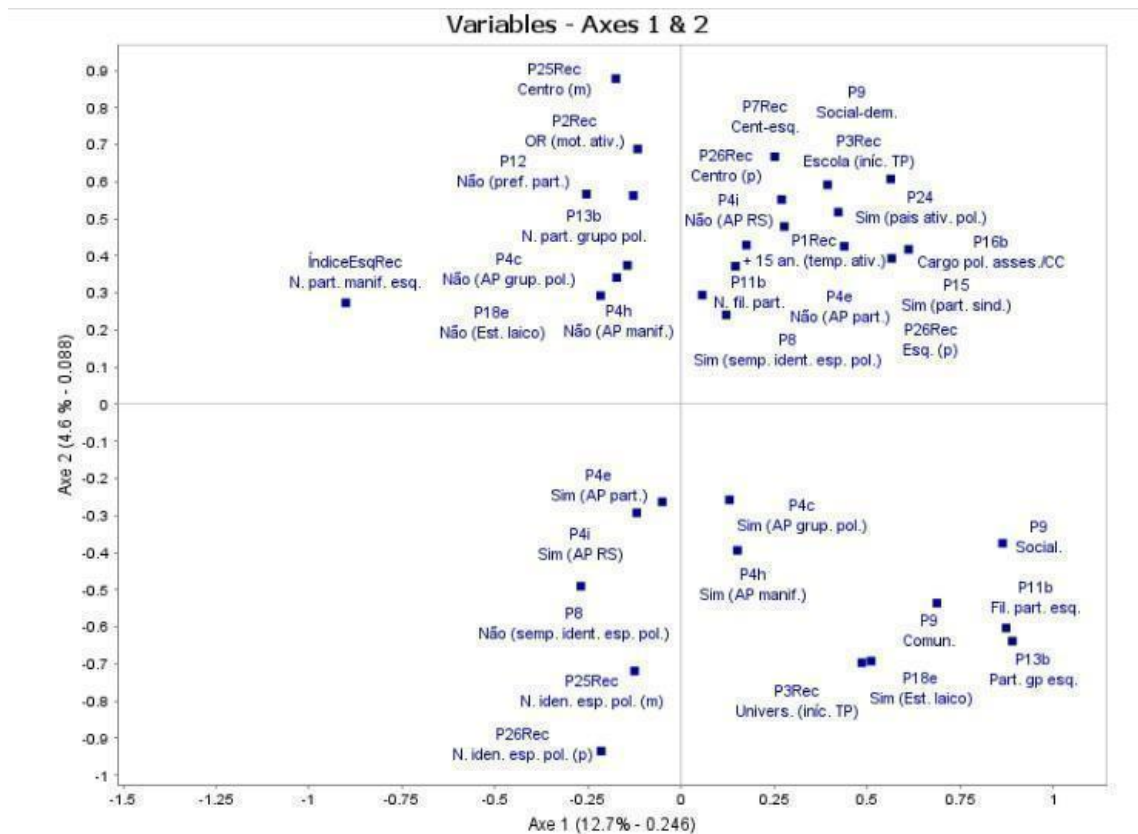
Por fim, é importante destacar que esses indícios que aparecem no eixo 1 a respeito da diferença entre volume e estrutura de capitais dos ativistas de esquerda e de direita serão ampliados e aprofundados por meio das análises de cluster, que serão apresentadas após a exposição descritiva dos três eixos retidos para a construção do espaço relacional a partir da técnica da ACM.

5.1.2. Eixo 2: Centro-esquerda x Esquerda

¹¹⁹No que diz respeito aos estilos musicais mais associados à cultura popular e, portanto, frequentemente distantes de uma produção cultural considerada “legítima” pelas elites do campo cultural (aqui representadas pelas categorias de axé e funk), considero importante fazer uma breve reflexão. Entre as diversas estratégias empregadas pelas frações culturais das classes sociais para valorizar seu capital cultural dentro de seus círculos de sociabilidade, algumas podem incluir práticas mais “seguras” — como frequentar museus, exposições de arte, concertos de música erudita, ou demonstrar apreço por MPB, clássicos da literatura e documentários. Contudo, a não adoção dessas estratégias “seguras” pressupõe a compreensão de que, com a devida maestria simbólica, qualquer bem cultural pode servir à valorização do capital cultural. Isso ocorre porque o valor simbólico está menos nos bens em si e mais na maneira como os agentes se relacionam com eles. Além disso, Flemmen, Jarness e Rosenlund (2022), em pesquisa sobre interseções de classe, estilo de vida e política na Noruega, apontam que os posicionamentos de esquerda estão associados ao capital cultural, especialmente entre os entrevistados que também exibem variantes de gosto legítimo. Com base nessas premissas, alinho-me às críticas já direcionadas à hipótese do onivorismo cultural. Essa hipótese sustenta que as classes superiores estariam adotando um ecletismo cultural cada vez maior, tornando-se, assim, menos inclinadas a promover exclusões baseadas em estilos de vida; consequentemente, o impacto estratificador das diferenças de estilo de vida estaria em declínio. A partir dessas críticas, entendo que a amplitude de objetos culturais e de vertentes estéticas presentes no estilo de vida das frações culturais não diminui a exclusividade. Pelo contrário, o capital cultural incorporado continua a estabelecer barreiras, distinguindo aqueles com menor capital cultural, sobretudo pela forma como compreendem e se apropriam dos bens simbólicos, mais do que pela diversidade de seus gostos (Prieur; Savage, 2011; Skjøtt-Larsen, 2012; Jarness, 2015, 2017; Bertoncello; Netto; Ribeiro, 2022; Flemmen; Jarness; Rosenlund, 2019, 2022; Vieira, 2024).

Vejamos, agora, as representações gráficas do eixo 2, que são caracterizadas, de maneira geral, por oposições entre ativistas localizados à centro-esquerda e à esquerda do espectro político e entre modalidades que indicam maior ou menor participação política dentro dessa dimensão do espaço relacional analisado¹²⁰.

Figura 3 – Centro-esquerda x Esquerda (modalidades ativas do eixo 2)



Fonte: Elaboração própria.

O eixo 2 explica em menor medida a variância total da nuvem (apenas 5,5%), mas revela homologias e oposições interessantes quando observamos as categorias ativas (referentes às práticas e às tomadas de posição políticas dos respondentes) que mais contribuíram para a sua conformação. Nesse sentido, no lado superior do eixo 2 aparecem as seguintes modalidades: mais de 15 anos de ativismo político [+ 15 an. (temp. ativ.)]; a escola como local de início da atuação política [Escola (iníc. TP)]; a participação em sindicato [Sim (part. sind.); o exercício de cargo político comissionado de assessoria [Cargo pol. asses./CC]; a ausência de qualquer filiação [N. fil. part.] ou preferência [Não (pref. part.)] partidária e de qualquer participação em

¹²⁰ A tabela que demonstra as modalidades ativas que mais contribuíram para a conformação do eixo 2 encontra-se no [Apêndice K](#).

grupo político [N. part. grupo pol.]; a ausência de atuação política em espaços como partidos políticos [Não (AP part.)], grupos políticos [Não (AP grup. pol.)], redes sociais [Não (AP RS)] e manifestações de rua [Não (AP manif.)], inclusive de esquerda [N. part. manif. esq.]; outras respostas para a pergunta sobre qual foi a maior motivação para que o respondente se tornasse um ativista político [OR (mot. ativ.)]; a autoidentificação com a centro-esquerda no espectro político [Cent-esq.] e a indicação de que sempre se identificou com esse posicionamento [Sim (semp. ident. esp. pol.)]; a afinidade teórica com a social-democracia [Social-dem.]; a não escolha do estado laico como elemento importante para o funcionamento da democracia [Não (Est. laico)]; referências paternas que se identificam com a esquerda [Esq. (p)] ou com o centro [Centro (p)] no espectro político; referências maternas que se identificam com o centro no espectro político [Centro (m)]; e referências paternas e maternas que são/eram ativistas políticos [Sim (pais ativ. pol.)].

Já o lado inferior do eixo 2 é constituído pelas seguintes categorias ativas: a participação em grupos de esquerda [Part. gp esq.]; a filiação a partidos de esquerda [Fil. part. esq.]; a atuação política realizada em diferentes espaços como partidos políticos [Sim (AP part.)], grupos políticos [Sim (AP grup. pol.)], manifestações de rua [Sim (AP manif.)] e redes sociais [Sim (AP RS)]; a universidade como local de início de atuação política [Univers. (iníc. TP)]; a afinidade teórica com o Socialismo [Social.] e com o Comunismo [Comun.]; a indicação de que nem sempre o respondente se identificou com o posicionamento político que possui atualmente [Não (semp. ident. esp. pol.)]; o entendimento de que o estado laico é importante para o funcionamento da democracia [Sim (Est. laico)]; e referências maternas [N. iden. esp. pol. (m)] e paternas [N. iden. esp. pol. (p)] que não se identificam com nenhum espectro político

Podemos observar, portanto, que as oposições que definem e caracterizam o eixo 2 residem em modalidades que indicam posicionamentos políticos de centro-esquerda ou esquerda, participação política em diferentes espaços e influências de referências paternas e maternas. No lado superior há respostas comuns que indicam afinidade com opiniões mais centristas (como a preferência pela social-democracia), pais politizados (que assumem posições políticas e que atuam politicamente) e baixa participação política em determinados espaços. Além disso, há elementos que apontam que os ativistas políticos deste universo que se localizam na centro-esquerda possuem uma relação mais profissional e utilitária com a política, o que fica evidenciado pelo trabalho com assessoria política e com a atuação em sindicatos, espaços que exigem posturas mais conciliatórias de interesses distintos (é preciso lidar o tempo todo com diferentes opiniões políticas ou com a mediação de interesses entre patrões e empregados). Talvez essa relação mais profissional com a política também ajude a entender a ausência dos

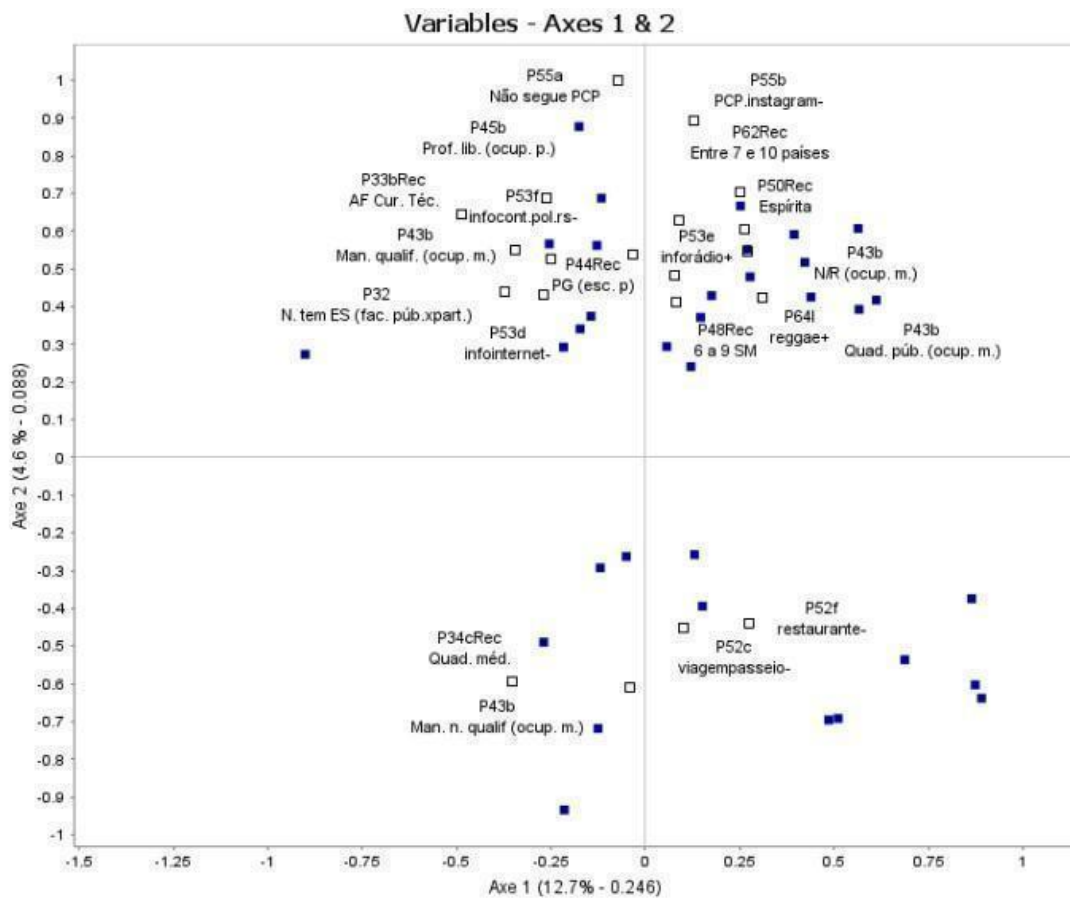
ativistas de centro-esquerda em tomadas de posição mais ideológicas, como a ida em manifestações de rua, a preferência partidária e atuação em grupos políticos. Ter a política como profissão provavelmente os coloca em uma posição de ter que conciliar diferentes interesses, o que os afasta da defesa de determinadas pautas ligadas ideologicamente a um só lado do espectro político.

Já no lado inferior, as respostas comuns indicam afinidades com posicionamentos e tomadas de posição à esquerda do espectro político, pais despolitizados, a influência da universidade para o início da trajetória política e uma alta participação política em diferentes espaços. Em resumo, este eixo parece demonstrar uma oposição entre uma formação política que vem de casa e outra que se inicia de forma mais tardia na vida dos respondentes, a partir do contato com outras pessoas em espaços como a universidade. Além disso, os respondentes de esquerda demonstram uma relação mais ideológica com a política, evidenciada pela atuação política variada em diferentes espaços e pela preferência teórica pelo Socialismo e pelo Comunismo, ao contrário dos de centro-esquerda. Nesse sentido, penso que essas diferenças possam explicar as diferentes tomadas de posição política e a variação no autoposicionamento no espectro político.

Feita essa caracterização das modalidades ativas que mais contribuem para a conformação das afinidades e oposições presentes no eixo 2, passo agora a apresentar as modalidades suplementares que são importantes para a sua interpretação¹²¹.

¹²¹ A tabela que demonstra as modalidades suplementares que são mais importantes para a caracterização do eixo 2 encontra-se no [Apêndice L](#).

Figura 4 – Centro-esquerda x Esquerda (modalidades suplementares do eixo 2)



Fonte: Elaboração própria.

Em termos de propriedades sociais, podemos observar, no lado do eixo 2 caracterizado pelos posicionamentos de centro-esquerda (superior), a primazia das seguintes modalidades: renda familiar entre seis e nove salários mínimos [6 a 9 SM]; a curso técnico como principal área de formação [AF Cur. Téc.] e ausência de ensino superior [N. tem ES (fac. púb.xpart.)]; pertencimento à religião espírita [Espírita].; referências maternas com ocupações manuais qualificadas [Man. qualif. (ocup. m.)], integrantes dos quadros públicos [Quad. púb. (ocup. m.)] ou ausência de respostas nesse sentido [N/R (ocup. m.)]; e referências paternas com pós graduação [PG (esc. p)] e profissões liberais [Prof. lib. (ocup. p.)]. Em termos de consumo cultural, as modalidades que caracterizam este lado do eixo se referem à ausência de consumo de informação política por meio da internet [infointernet-] e de redes sociais [infocont.pol.rs-; PCP.instagram-; Não segue PCP] e à preferência por consumir esse tipo de informação através do rádio [inforádio+]; ao gosto pelo reggae como estilo musical [reggae+]; e ao fato de conhecer entre 7 e 10 países além do Brasil [Entre 7 e 10 países].

Por outro lado, as propriedades sociais e de consumo cultural mais importantes para a caracterização do lado inferior do eixo 2, definido pelos posicionamentos de esquerda, são as seguintes: ocupações integrantes dos quadros médios [Quad. méd.]; referências maternas com ocupações manuais não qualificadas [Man. n. qualif (ocup. m.)]; e ausência de hábitos de viajar a passeio [viagempassaio-] ou de ida a restaurantes [restaurante-].

Em resumo, apesar de as modalidades ativas referentes às práticas e tomadas de posição política que constituem o eixo 2 revelarem uma oposição interessante, as modalidades suplementares não nos ajudam muito na interpretação deste eixo, principalmente as modalidades relativas ao seu lado inferior, que aparecem em número bem pequeno e, portanto, dificultam certas inferências. As categorias que aparecem para ambos os lados não permitem fazer grandes afirmações a respeito do volume e da estrutura de capitais importantes para a interpretação dessa oposição entre centro-esquerda e esquerda, que representa – é importante relembrar – uma dimensão bem pequena de todo o espaço relacional. Ainda que o lado mais centrista traga mais informações que o lado mais esquerdista, elas também apontam, de uma maneira geral, para um menor acúmulo de capitais, com algumas exceções.

Podemos concluir, portanto, que quando a confrontação no espaço se dá entre o lado do espectro político representado pelas esquerdas (nesse caso, centro-esquerda e esquerda), pouco se pode afirmar a respeito da importância de suas propriedades sociais e hábitos de consumo cultural para explicar o seu posicionamento nesse espaço, considerando essa pequena dimensão em que os direitistas não entram na análise. Acredito que isso reforça ainda mais a constatação de que as principais oposições que definem e caracterizam o espaço relacional como um todo são as reveladas entre posicionamentos de esquerda e direita (caso do eixo 1, o principal e mais importante) ou entre liberalismo e conservadorismo, esta última revelada pelo eixo 3, o qual passo a apresentar.

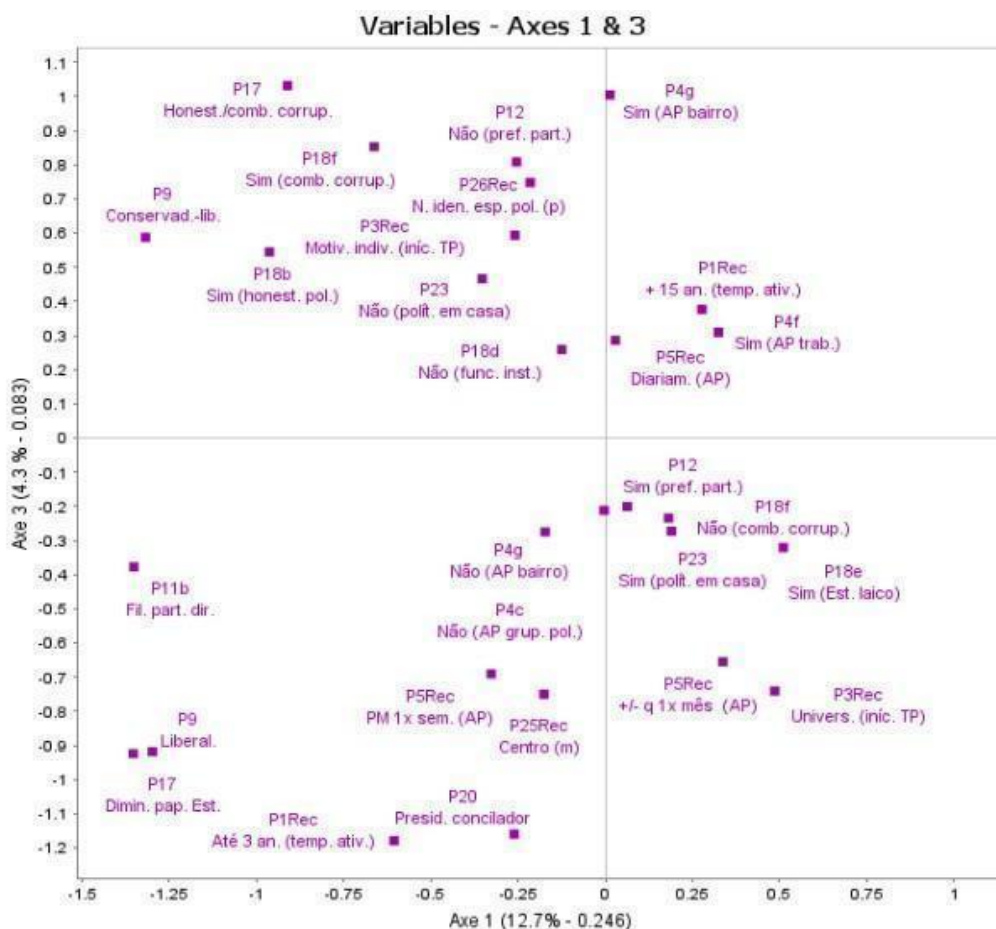
Além disso, essas constatações em relação ao eixo 2 sugerem uma possível limitação da teoria bourdieusiana quando analisamos as nuances internas do espectro progressista do ativismo político. A dificuldade em associar de forma clara o volume e a estrutura de capitais às modalidades e posicionamentos entre centro-esquerda e esquerda indica que o modelo talvez não capture integralmente as dinâmicas específicas desse espaço político. Ademais, essa limitação também pode estar relacionada à própria composição do instrumento de coleta de dados - o questionário utilizado - que, eventualmente, não foi capaz de captar com precisão informações essenciais para explicar essas nuances. Assim, embora a teoria ofereça ferramentas valiosas para interpretar oposições mais amplas no espaço social, como a clássica divisão entre esquerda e direita, sua capacidade explicativa pode ficar limitada diante de fenômenos políticos

mais sutis e multifacetados, como o ativismo esquerdista em sua diversidade de formas e motivações. Tal limitação aponta para a necessidade de ampliação do referencial teórico, de modo a incorporar outras dimensões analíticas que dialoguem com as complexidades observadas no espaço político.

5.1.3. Eixo 3: Conservadorismo x Liberalismo

Apresento, por fim, as representações gráficas do eixo 3, que são caracterizadas, de maneira geral, por oposições entre posicionamentos políticos mais conservadores e mais liberais (tanto econômicos como políticos), além de se referirem, também, ao tempo, à frequência e aos locais de ativismo político¹²².

Figura 5 – Conservadorismo x Liberalismo (modalidades ativas do eixo 3)



Fonte: Elaboração própria.

¹²² A tabela que demonstra as modalidades ativas que mais contribuíram para a conformação do eixo 3 encontra-se no [Apêndice M](#).

O eixo 3, à semelhança do eixo 2, também explica em menor medida a variância total da nuvem (apenas 4,6%), revelando, apesar disso, homologias e oposições interessantes quando observamos as categorias ativas que mais contribuíram para a sua conformação. Nesse sentido, no lado superior do eixo 3 aparecem as seguintes modalidades: tempo de ativismo mais longo [+ 15 an. (temp. ativ.)]; frequência diária de atuação política [Diariam. (AP)]; motivações individuais (sem influência de nenhum local) [Motiv. indiv. (iníc. TP)] como “local” de início da trajetória política; atuação política no trabalho [Sim (AP trab.)] e em bairros [Sim (AP bairro)]; ausência de preferência partidária [Não (pref. part.)]; a preferência teórica pelo Conservadorismo-liberal [Conservad.-lib.]; a honestidade dos políticos e o combate à corrupção como o valor mais importante no âmbito político [Honest./comb. corrup.]; o entendimento de que a honestidade dos políticos [Sim (honest. pol.)] e o combate à corrupção são elementos importantes para o funcionamento da democracia [Sim (comb. corrup.)] e a não escolha da opção de que o funcionamento das instituições (como a separação dos poderes e as eleições) seja importante para o funcionamento da democracia [Não (func. inst.)]; a ausência de discussões políticas em casa [Não (polít. em casa)]; e referências paternas que não se identificam com nenhum espectro político [N. iden. esp. pol. (p)].

Já o lado inferior do eixo 3 possui como categorias mais importantes para a sua conformação: tempo de ativismo mais recente de até três anos [Até 3 an. (temp. ativ.)]; frequência de atuação política por volta de uma vez na semana ou uma vez no mês [PM 1x sem. (AP)] e [+/- q 1x mês (AP)]; a universidade como local de início da atuação política [Univers. (iníc. TP)]; preferência partidária [Sim (pref. part.)] e filiação a partidos de direita [Fil. part. dir.]; a ausência de atuação política em grupos políticos [Não (AP grup. pol.)] e em bairros [Não (AP bairro)]; a preferência por um presidente de perfil conciliador (que atenda as demandas tanto dos ricos quanto dos pobres) [Presid. conciliador]; afinidade teórica com o liberalismo [Liberal.]; a diminuição do papel de Estado, com redução e controle de gastos públicos, como valor mais importante no âmbito político [Dimin. pap. Est.]; o entendimento de que o estado laico é importante para o funcionamento da democracia [Sim (Est. laico)] e a não escolha pela opção de que o combate à corrupção é importante para o funcionamento da democracia; a presença de discussões políticas em casa; e referências maternas que se identificam com o centro do espectro político.

Podemos observar, portanto, que o eixo 3 revela uma oposição entre posicionamentos mais conservadores e mais liberais. Em relação ao lado mais conservador, representado pela afinidade com o Conservadorismo-liberal, modalidades que versam sobre temas morais tem

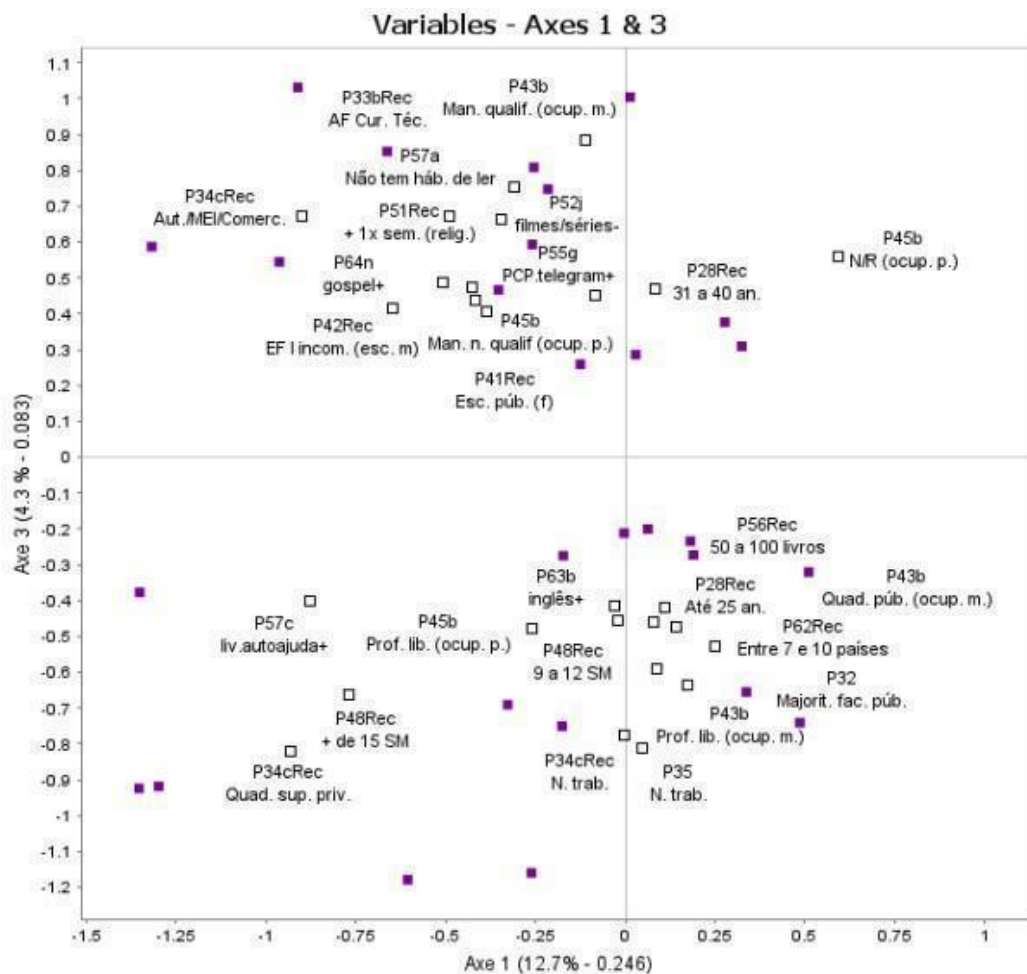
protagonismo, como as que apontam a defesa da honestidade dos políticos e do combate a corrupção como valores importantes no âmbito político. Vinculadas a elas, aparecem outras características importantes deste lado do eixo, como pais despolitizados, uma trajetória longa de ativismo político (mais de 15 anos), uma alta frequência de atuação política tanto em termos de tempo dedicado, e a indicação de que essa atuação se dá em espaços como bairro e trabalho, ou seja, a partir de mediações mais diretas e concretas com as pessoas e fora de espaços políticos mais institucionalizados, como partidos e grupos.

Em sentido oposto, no lado liberal do eixo 3 aparecem modalidades que indicam pais politizados, um menor tempo de ativismo político, uma menor frequência de atuação política tanto em termos de tempo dedicado a essa atuação quanto em termos de espaços nos quais ela se dá, com exceção da filiação a partidos de direita. É interessante notar que afinidades teóricas com o Liberalismo e a defesa do Estado laico e da diminuição do papel do Estado também aparecem aqui, o que revela o duplo caráter liberal do eixo, tanto em termos econômicos quanto em termos políticos (em oposição a ideias mais conservadoras). Por fim, a universidade se destaca como local de início da trajetória política. Nesse sentido, penso que uma certa coerência se revela entre posicionamentos mais liberais e a universidade como local de início da trajetória política, uma vez que se trata de um espaço onde as ideias que tendem para uma maior abstração política são produzidas e debatidas, como é o caso das ideias liberais.

Feita essa caracterização das modalidades ativas que mais contribuem para a conformação das afinidades e oposições presentes no eixo 3, passo agora a apresentar as modalidades suplementares que são importantes para a sua interpretação¹²³.

¹²³ A tabela que demonstra as modalidades suplementares que são mais importantes para a caracterização do eixo 3 encontra-se no [Apêndice N](#).

Figura 6 - Liberalismo x Conservadorismo (modalidades suplementares do eixo 3)



Fonte: Elaboração própria.

As modalidades referentes a propriedades sociais mais significativas para a interpretação do lado conservador (superior) eixo 3 são as seguintes: faixa etária entre 31 e 40 anos [31 a 40 an.]; curso técnico como área de formação [AF Cur. Téc.]; ocupações como autônomos, MEIs ou comerciantes [Aut./MEI/Comerc.]; filhos que frequentam escolas públicas [Esc. púb. (f)]; referências maternas com ensino fundamental I incompleto como escolaridade máxima [EF I incomp. (esc. M.)] e ocupações manuais qualificadas [Man. qualif. (ocup. m.)]; referências paternas com ocupações manuais não qualificadas [Man. n. qualif. (ocup. p.)] ou a ausência de resposta para essa pergunta [N/R (ocup. P.)]; e frequência religiosa de mais de uma vez por semana [+ 1x sem. (relig.)]. No que se refere aos hábitos de consumo cultural, as modalidades interpretativas mais importantes são: o consumo de conteúdo político por meio do Telegram [PCP.telegram+]; o gosto pela música gospel [gospel+]; e a ausência de hábitos de leitura [Não tem háb. de ler] e de assistir filmes e séries [filmes/séries-].

Já em relação ao lado liberal do eixo (inferior), as modalidades indicativas de propriedades sociais mais importantes para a sua interpretação são as que se seguem: idade até 25 anos [Até 25 an.]; renda familiar entre 9 e 12 salários mínimos [9 a 12 SM] e superior a 15 salários mínimos [+ de 15 SM]; o não exercício de atividade remunerada [N. trab.]¹²⁴; ocupações classificadas nos quadros superiores do setor privado [Quad. sup. priv.]; ensino superior realizado majoritariamente em universidades públicas [Majorit. fac. púb.]; referências maternas e paternas que são profissionais liberais [Prof. lib. (ocup. m.)] e [Prof. lib. (ocup. p.)]; e referências maternas que integram quadros públicos [Quad. púb. (ocup. m.)]. Em termos de consumo cultural, as modalidades mais importantes indicam: a posse de 50 a 100 livros em casa [50 a 100 livros]; o domínio do inglês como idioma estrangeiro; a visita entre 7 e 10 países [Entre 7 e 10 países]; e o gosto por livros de autoajuda [autoajuda+].

Podemos notar uma diferença significativa em termos de volume e composição de capital quando olhamos para a oposição entre liberais e conservadores revelada pelo eixo 3. O lado liberal é caracterizado por modalidades que indicam grande acúmulo de capitais, com indicações de trajetórias traçadas tanto em espaços que valorizam mais o capital cultural quanto em espaços que valorizam mais o capital econômico para a reprodução de suas frações de classe. Acredito que isso seja coerente com o caráter duplo do liberalismo (político e econômico) que aparece nesse eixo, podendo ser mobilizado, a depender da temática, tanto pela direita como pela esquerda no espectro político. Por fim, a modalidade referente à idade que indica ativistas mais jovens (até 25 anos) ajuda a interpretar o menor tempo de ativismo político que aparece relacionado a este lado do eixo, bem como a ausência de atividades remuneradas. Tal ausência, aliada ao fator idade, poderia ser indicativa de que parte dos respondentes cujas propriedades conformam este lado do eixo ainda estão em período de formação profissional e, por conta de seu maior acúmulo de capitais, que muitas vezes já vem das próprias famílias, podem apenas estudar sem que haja a necessidade de trabalhar para que se mantenham financeiramente.

De outro modo, o lado conservador do eixo aparece caracterizado por modalidades que indicam um acúmulo bem menor de capitais em relação ao lado liberal. Isso é expresso tanto pelas propriedades sociais quanto pelos hábitos de consumo cultural mais significativos para a sua interpretação. Nesse sentido, aparecem aqui modalidades que indicam escolaridades mais

¹²⁴ A categoria “N. trab” aparece duas vezes na figura porque sinaliza a mesma resposta para duas perguntas diferentes do questionário, logo, para duas variáveis distintas que foram consideradas como suplementares na rotação da ACM. Tais perguntas dizem respeito ao tipo de trabalho que a pessoa possui e se ela trabalha no que se formou. Para ambas as perguntas a categoria “não trabalho” era uma opção de resposta.

baixas (tanto dos próprios respondentes quanto de suas referências paternas) e a filhos que estudam em escolas públicas, além da ausência de práticas culturais no âmbito de uma cultura legitimada. Chamam a atenção, ainda, a presença de modalidades ligadas à religião e o exercício de ocupações ligadas ao setor privado do empreendedorismo (autônomos, MEIs ou comerciantes). Resumindo, podemos notar que o conservadorismo, no espaço relacional conformado pelos ativistas pesquisados, está fortemente ligado a um menor acúmulo de capitais e a um aspecto religioso, evidenciado pela alta frequência religiosa e pelo gosto pela música gospel. Além disso, o lado conservador do eixo está associado a modalidades sociais que, embora indiquem menores acúmulos de capitais, revelam um estilo de vida mais afinado com o campo econômico e que também não passa pela valorização de formas legitimadas de capital cultural.

Para finalizar a exposição empírica acerca do mapeamento do espaço das trajetórias, práticas e posicionamentos políticos dos ativistas pesquisados, apresento, no tópico a seguir, as representações gráficas referentes à nuvem de indivíduos gerada pela ACM. É importante reiterar que, do mesmo modo que na nuvem de propriedades, o posicionamento dos agentes na nuvem de indivíduos é determinado de maneira relacional, em função da distribuição de suas propriedades (atributos sociais, capitais, práticas e tomadas de posição). Sendo assim, a atração entre dois agentes será tanto maior quanto mais similares forem seus habitus, ou seja, a proximidade ou a distância entre eles depende da homogeneidade ou heterogeneidade de suas propriedades sociais (Klüger, 2018). Em resumo, a distância reflete a diferença nos padrões de resposta individuais, e indivíduos que aparecem próximos na nuvem têm respostas semelhantes (Flemmen, 2014). Por meio da exposição dos clusters identificados nessa nuvem, poderei ampliar e aprofundar as análises das homologias e oposições observadas dentro do espaço relacional investigado.

5.2. CONSTRUÇÕES TIPOLÓGICAS OU ANÁLISE DE CLUSTERS

As análises de clusters no programa SPAD, através do método Ward, minimizam a variância intraclasse e maximizam a variância interclasse, o que nos permite construir grupos compostos de indivíduos mais homogêneos entre si e diferentes em relação aos indivíduos dos outros grupos. Tal análise nos fornece um padrão de afinidades e oposições, gerando tipos ideais dentro do universo estudado.

Os clusters foram criados a partir do espaço relacional conformado pelos itinerários políticos dos militantes pesquisados, produzindo grupos de agentes tão semelhantes quanto

possível em suas propriedades políticas e sociais. Isso significa que os agentes são agrupados em razão da similaridade de suas posições nesse espaço. Nesse método, denominado classificação hierárquica ascendente, o agrupamento é realizado considerando todas as dimensões do espaço, o que significa que eixos de ordem inferior podem influenciar os agrupamentos em pé de igualdade com os eixos principais da ACM. Dessa forma, a análise detecta padrões que podem ter sido "perdidos" na interpretação dos eixos retidos para a interpretação (Jarness; Flemmen; Rosenlund, 2019). Como veremos adiante, os clusters refletem as principais afinidades e oposições do espaço, ao mesmo tempo em que permitem ampliar e complexificar a análise das mesmas.

No universo em questão, composto por 121 ativistas políticos, foram gerados três clusters, ou seja, três perfis diferentes de indivíduos, com características semelhantes entre si e distintas em relação aos outros clusters¹²⁵. Passo, agora, a apresentá-los, de maneira a compreendermos melhor as afinidades e oposições demonstradas por eles, as quais dizem respeito as suas trajetórias de atuação política e ao volume e à composição de seus capitais. As barras azuis representam as categorias sobrerrepresentadas nos clusters, o que significa que a porcentagem de indivíduos que escolheu tais modalidades como resposta é maior dentro do grupo do que na amostra como um todo. Já as barras laranjas representam as categorias sub-representadas nos clusters, o que significa que a porcentagem de indivíduos que escolheu tais modalidades como resposta é menor dentro do grupo do que no universo total.

Tendo em mente essas noções acerca da sobre e da sub-representação nos clusters, os gráficos devem ser lidos da seguinte forma: a primeira coluna, denominada *Libellé de la variable* (rótulo da variável) sinaliza a qual pergunta do questionário corresponde a modalidade apresentada na coluna seguinte, denominada *Modalité caractéristique* (modalidade característica). A terceira coluna, chamada de *Valeur-Test* (valor-teste) apresenta o tamanho da contribuição daquela modalidade para a caracterização do cluster (quanto maior o valor-teste, mais a modalidade encontra maior representação no cluster em relação à amostra como um todo). Por fim, as duas últimas colunas, denominadas de *% de la modalité dans la classe* (porcentagem da modalidade na classe) e *% modalité dans l'échantillon* (porcentagem da modalidade na amostra), respectivamente, demonstram as proporções daquela porcentagem dentro do cluster e na amostra total que constitui o universo.

¹²⁵ A escolha por trabalhar com 3 clusters foi feita a partir da observação do dendrograma gerado pelo programa SPAD. Ver [Apêndice O](#).

5.2.1. Cluster 1: Esquerdistas pertencentes a uma fração cultural de classe

O cluster 1 (Figuras 7 e 8) reúne aproximadamente 36,37% dos respondentes do universo, agrupando ativistas que estão localizados à esquerda no espectro político e possuem uma alta participação política em diferentes espaços. Ao observarmos as categorias ativas sobrerrepresentadas (barras azuis) na Figura 7, podemos notar que elas se referem a: posicionamentos políticos ligados à esquerda (autoposicionamento na esquerda e na extrema-esquerda do espectro político; preferência por um presidente de perfil assistencialista, que atenda primeiro as demandas dos pobres e marginalizados; melhoria da situação social como valor político mais importante; e defesa da eliminação da miséria, da garantia de direitos humanos e do estado laico como elementos fundamentais para o funcionamento do democracia); afinidade teórica com o Socialismo e com o Comunismo; rejeição a pautas e agendas políticas relacionadas à direita no espectro político, como o respeito ao mercado e o combate à corrupção; alta participação política no espectro da esquerda em diferentes espaços (universidade, manifestações, sindicatos, grupos e partidos políticos, com indicação de preferência partidária); e uma forte influência dos pais nessas trajetórias e tomadas de posição (pais que se identificam com a esquerda no espectro político).

Ao observarmos a Figura 8, podemos notar, no cluster 1, uma sobrerrepresentação de categorias suplementares (barras azuis) que indicam as seguintes características como as que definem mais os membros deste cluster do que os membros de toda a amostra: maior representação de mulheres; ensino superior cursado integralmente em universidades públicas; formação superior na área das ciências humanas; a profissão de professor ou pesquisador; a ausência de religião e de frequência religiosa; referências paternas que são autônomos, MEI ou comerciantes; o consumo de informação política em páginas de partidos políticos em redes sociais; um grande e variado consumo cultural (gostam de escutar samba e MPB; possuem mais de 100 livros em casa e leem variados gêneros literários como livros científicos / não ficção, quadrinhos e poesia; têm hábito de ir ao teatro; e dominam o espanhol como idioma estrangeiro); e a rejeição ao estilo musical gospel e a livros de empreendedorismo e de autoajuda. Inclusive, a rejeição a livros de empreendedorismo é a modalidade mais importante na definição deste cluster, a que possui o maior valor-teste, seguida pelos gostos por MPB e samba.

Dessa forma, podemos notar que os posicionamentos e as práticas políticas ligadas à esquerda, no espaço relacional conformado pelos ativistas pesquisados, estão fortemente ligadas a um maior acúmulo de capital cultural e menor acúmulo de capital econômico, além

de ausência de elementos religiosos tanto em termos institucionais quanto em termos de consumo.

Figura 7 – Cluster 1 (modalidades ativas)

☐ Caractérisation par les modalités des variables nominales

De la classe - Partition en 3 classes - Classe 1/3 (Effectif = 44 Pourcentage = 36.364)

Libellé de la variable	Modalité caractéristique	Valeur-Test	% de la modalité dans la classe	% modalité dans l'échantillon
P13b	Part. gp esq.	8.00	77.27	32.23
P11b	Fil. part. esq.	7.55	75	32.23
ÍndiceEsqRec	Part. manif. esq.	7.48	100	59.50
ÍndiceDirRec	N. part. manif. dir.	6.52	100	66.12
P20	Presid. assistenc.	6.30	77.27	39.67
P7Rec	Esq.	5.88	75	39.67
P18c	Sim (def. DH)	5.47	79.55	46.28
P9	Social.	4.81	47.73	22.31
P18g	Não (resp. merc.)	4.72	100	78.51
P17	Melh. sit. social	4.35	81.82	55.37
P25Rec	Esq. (m)	4.12	65.91	40.50
P18f	Não (comb. corrup.)	4.03	97.73	78.51
P9	Comun.	3.94	31.82	14.05
P4c	Sim (AP grup. pol.)	3.27	77.27	57.02
P7Rec	Ext-esq.	3.24	15.91	5.79
P18a	Sim (elim. mis.)	3.17	56.82	37.19
P18e	Sim (Est. laico)	3.03	47.73	29.75
P18b	Não (honest. pol.)	2.87	95.45	81.82
P26Rec	Esq. (p)	2.77	50	33.06
P15	Sim (part. sind.)	2.65	31.82	18.18
P3Rec	Univers. (iníc. TP)	2.57	25	13.22
P12	Sim (pref. part.)	2.07	90.91	80.17
P12	Não (pref. part.)	-2.07	9.09	19.83
P20	Presid. conciliador	-2.19	0	7.44
P25Rec	Centro (m)	-2.26	2.27	11.57
P9	Conservad.	-2.38	0	8.26
P26Rec	Dir. (p)	-2.48	18.18	33.06
P7Rec	Cent-dir.	-2.56	0	9.09
P15	Não (part. sind.)	-2.65	68.18	81.82
P3Rec	Red. Soc. (iníc. TP)	-2.73	0	9.92
P18b	Sim (honest. pol.)	-2.87	4.55	18.18
P1Rec	Até 3 an. (temp. ativ.)	-2.90	0	10.74
P18e	Não (Est. laico)	-3.03	52.27	70.25
P9	Conservad.-lib.	-3.06	0	11.57
P18a	Não (elim. mis.)	-3.17	43.18	62.81
P4c	Não (AP grup. pol.)	-3.27	22.73	42.98
P11b	Fil. part. cent.	-3.35	2.27	17.36
P25Rec	Dir. (m)	-3.44	4.55	21.49
P9	Liberal.	-3.51	0	14.05
P17	Honest./comb. corrup.	-3.63	2.27	19.01
P13b	N. part. grupo pol.	-3.70	15.91	38.02
P17	Dimin. pap. Est.	-3.80	0	15.70
P18f	Sim (comb. corrup.)	-4.03	2.27	21.49
P20	Presid. técnico	-4.06	11.36	34.71
P13b	Part. gp dir.	-4.29	2.27	23.14
P11b	Fil. part. dir.	-4.59	0	20.66
P18g	Sim (resp. merc.)	-4.72	0	21.49
P7Rec	Dir.	-4.84	0	22.31
P18c	Não (def. DH)	-5.47	20.45	53.72
ÍndiceDirRec	Part. manif. dir.	-6.52	0	33.88
ÍndiceEsqRec	N. part. manif. esq.	-7.48	0	40.50

Fonte: Elaboração própria.

Figura 8 – Cluster 1 (modalidades suplementares)

☐ Caractérisation par les modalités des variables nominales illustratives

De la classe - Partition en 3 classes - Classe 1/3 (Effectif = 44 Pourcentage = 36.364)

Libellé de la variable	Modalité caractéristique	Valeur-Test	% de la modalité dans la classe	% modalité dans l'échantillon
P57i	liv.empreend.-	4.48	93.18	68.60
P64d	MPB+	4.10	95.45	74.38
P64i	samba+	4.02	70.45	45.45
P57e	liv.cientifico+	3.54	75	52.89
P32	Td. per. fac. púb.	3.48	56.82	35.54
P50Rec	Sem relig.	3.39	47.73	28.10
P51Rec	N. freq. rel.	3.15	45.45	27.27
P33bRec	AF Human.	2.95	86.36	69.42
P57c	liv.autoajuda-	2.91	97.73	85.12
P57g	liv.quadrinhos+	2.90	13.64	4.96
P53g	infopart.pol.rs+	2.76	70.45	52.89
P57k	liv.poesia+	2.49	34.09	20.66
P56Rec	100 livros ou +	2.48	54.55	38.84
P63d	espanhol+	2.39	29.55	17.36
P45b	Aut./MEI/Com. (ocup. p.)	2.31	25	14.05
P64n	gospel-	2.14	93.18	82.64
P27	Femin.	2.04	54.55	41.32
P52b	teatro+	1.99	56.82	43.80
P34cRec	Prof./Pesq.	1.98	20.45	11.57
P52b	teatro-	-1.99	43.18	56.20
P28Rec	41 a 50 an.	-2.01	11.36	22.31
P50Rec	Católica	-2.05	22.73	35.54
P31	Maior parte esc. púb.	-2.09	15.91	28.10
P30Rec	Esc. EM/ET	-2.10	4.55	14.05
P27	Mascul.	-2.13	43.18	57.02
P64n	gospel+	-2.14	6.82	17.36
P46b	Bairros perif.	-2.36	9.09	21.49
P63d	espanhol-	-2.39	70.45	82.64
P57k	liv.poesia-	-2.49	65.91	79.34
P32	N. tem ES (fac. púb.xpart.)	-2.72	4.55	17.36
P53g	infopart.pol.rs-	-2.76	29.55	47.11
P56Rec	Até 20 livros	-2.89	6.82	21.49
P57g	liv.quadrinhos-	-2.90	86.36	95.04
P57c	liv.autoajuda+	-2.91	2.27	14.88
P57e	liv.cientifico-	-3.54	25	47.11
P64i	samba-	-4.02	29.55	54.55
P64d	MPB-	-4.10	4.55	25.62
P57i	liv.empreend.+	-4.48	6.82	31.40

Fonte: Elaboração própria.

5.2.2. Cluster 2: Centristas

O cluster 2 (Figuras 9 e 10) reúne aproximadamente 33,1% dos respondentes do universo e se caracteriza sobretudo por incluir ativistas que se localizam em posições mais centrais do espectro político. Ao observarmos as categorias sobre-representadas na Figura 9 (barras azuis), podemos notar que elas se referem a: práticas e posicionamentos e políticos relacionados sobretudo com uma centro-esquerda (afinidade com a social-democracia, filiação a partidos políticos de centro, preferência por um presidente conciliador entre ricos e pobres, e

rejeição à ideia de que o respeito ao mercado e à livre iniciativa privada sejam importantes para o funcionamento da democracia); indicações de uma relação mais profissional com a política (início da atuação política no trabalho e ausência de participação em grupos políticos ou de filiação partidária); e influências maternas e paternas menos ideológicas ou até mesmo ausentes no que toca a questões políticas (pais e mães que se identificam com posições centrais no espectro político ou o fato de os respondentes não saberem os posicionamentos políticos dos pais). Ao observarmos a Figura 10, podemos notar que estão sobrerrepresentadas no cluster 2 (barras azuis), como características que definem mais os membros deste cluster do que os membros de toda a amostra, categorias relativas ao fato de não acompanharem conteúdos políticos em redes sociais, à posse de uma quantidade livros entre 50 e 100 unidades e ao hábito de ir ao cinema.

Conforme se pode notar a partir das descrições acima realizadas, o cluster 2 reúne indivíduos localizados sobretudo na centro-esquerda do espectro político. Contudo, apesar de as propriedades sociais suplementares que os caracterizam indicarem um certo acúmulo de capital cultural, elas pouco ajudam a interpretar o seu posicionamento nesse espaço. Em casos como esses, é importante recorrer, também, à nuvem de propriedades gerada pela ACM, principalmente à descrição do eixo 2, que revelou uma oposição entre esquerda e centro-esquerda.

Figura 9 – Cluster 2 (modalidades ativas)

☐ Caracterização par les modalités des variables nominales

De la classe - Partition en 3 classes - Classe 2/3 (Effectif = 40 Pourcentage = 33.058)

Libellé de la variable	Modalité caractéristique	Valeur-Test	% de la modalité dans la classe	% modalité dans l'échantillon
P9	Social-dem.	6.33	67.50	28.93
P7Rec	Cent-esq.	4.51	40	16.53
P11b	Fil. part. cent.	3.75	37.50	17.36
P18g	Não (resp. merc.)	3.69	97.50	78.51
P13b	N. part. grupo pol.	3.29	60	38.02
P26Rec	Centro (p)	2.59	25	12.40
P20	Presid. conciliador	2.52	17.50	7.44
P25Rec	Centro (m)	2.28	22.50	11.57
P11b	N. fil. part.	2.23	42.50	28.10
P3Rec	Trabalho (iníc. TP)	2.22	20	9.92
P26Rec	N. sabe esp. pol. (p)	2.18	17.50	8.26
P4c	Não (AP grup. pol.)	2.07	57.50	42.98
P26Rec	Dir. (p)	-1.97	20	33.06
P4c	Sim (AP grup. pol.)	-2.07	42.50	57.02
P17	Dimin. pap. Est.	-2.11	5	15.70
P9	Liberal.	-2.47	2.50	14.05
P9	Conservad.-lib.	-2.82	0	11.57
P11b	Fil. part. dir.	-2.95	5	20.66
P11b	Fil. part. esq.	-3.18	12.50	32.23
P13b	Part. gp esq.	-3.18	12.50	32.23
P18g	Sim (resp. merc.)	-3.69	2.50	21.49
P7Rec	Dir.	-3.81	2.50	22.31

Fonte: Elaboração própria.

Figura 10 – Cluster 2 (modalidades suplementares)

☐ Caracterização par les modalités des variables nominales illustratives

De la classe - Partition en 3 classes - Classe 2/3 (Effectif = 40 Pourcentage = 33.058)

Libellé de la variable	Modalité caractéristique	Valeur-Test	% de la modalité dans la classe	% modalité dans l'échantillon
P55b	PCP.instagram-	2.48	30	16.53
P55a	Não segue PCP	2.18	17.50	8.26
P56Rec	50 a 100 livros	1.99	32.50	20.66
P52a	cinema+	1.97	80	66.94
P52a	cinema-	-1.97	20	33.06
P50Rec	Sem relig.	-2.09	15	28.10
P56Rec	20 a 50 livros	-2.11	7.50	19.01
P55a	Segue PCP	-2.18	82.50	91.74
P62Rec	Entre 1 e 3 países	-2.30	12.50	26.45
P32	Td. per. fac. púb.	-2.35	20	35.54
P55b	PCP.instagram+	-2.48	70	83.47

Fonte: Elaboração própria.

5.2.3. Direitistas pertencentes a uma fração econômica de classe

O cluster 3 (Figuras 11 e 12) reúne aproximadamente 30,58% dos respondentes do universo e é definido por ativistas que assumem posicionamentos associados à direita do

espectro político e possuem uma alta participação política em diferentes espaços. Nesse sentido, as modalidades que mais representam esse cluster se referem a: autopoicionamento na centro-direita ou na direita do espectro político; preferência por um presidente de perfil técnico, que torne o Estado mais eficiente; diminuição do papel do Estado, honestidade dos políticos e combate à corrupção como valores políticos mais importantes; e o respeito ao mercado e à iniciativa privada, a honestidade dos políticos e o combate à corrupção como elementos fundamentais para o funcionamento da democracia; afinidade teórica com o Liberalismo e com o Conservadorismo-liberal; uma alta participação política no espectro da direita em diferentes espaços (manifestações, grupos e partidos políticos); ausência de participação em sindicato e de ocupação de algum cargo político profissional; as redes sociais como local de início de atuação política, cuja motivação se deu em razão da situação político-social do país; uma rejeição a pautas e agendas políticas relacionadas à esquerda no espectro político, como a defesa dos direitos humanos, a eliminação da miséria e o estado laico; e uma forte influência dos pais nessas trajetórias e tomadas de posição (pais e mães que se identificam com a direita no espectro político).

Ao observarmos a Figura 12, podemos notar, no cluster 3, uma sobre-representação de categorias suplementares (barras azuis) que indicam as seguintes características como as que definem mais os membros deste cluster do que os membros de toda a amostra: maior representação de homens ; faixa etária entre 41 e 50 anos; ocupações integrantes dos quadros superiores do setor privado ou autônomos, MEI e comerciantes; o pertencimento à religiões Evangélicas ou Protestantes e uma frequência religiosa alta; o consumo de informação política por meio do *WhatsApp* ou do *Telegram*; a preferência de leitura por livros de empreendedorismo e de autoajuda e o gosto pela música gospel e pela música eletrônica; e uma rejeição a variados tipos de consumo que estariam ligados, de modo geral, a uma cultura mais legitimada (rejeitam o samba, o MPB e o funk como gêneros musicais; não gostam de ler livros de poesia, científicos / não ficção e romances; e não tem o hábito de ir a teatros ou a shows de música). Inclusive, o cluster 3, à semelhança no cluster 1, é definido majoritariamente por categorias simbólicas (suplementares) que expressam gostos ou rejeições por determinados itens de consumo. Nesse sentido, a preferência por livros de empreendedorismo é a modalidade mais importante na definição deste cluster (a que possui o maior valor-teste), seguida pela rejeição ao MPB e ao samba, em sentido diretamente contrário ao que é observado no cluster 1.

Dessa forma, podemos notar que os posicionamentos e as práticas políticas ligadas à direita, no espaço relacional conformado pelos ativistas pesquisados, estão fortemente ligadas

a um maior acúmulo de capital econômico e menor acúmulo de capital cultural, além de também apresentarem um forte aspecto religioso, sobretudo evangélico.

Figura 11 – Cluster 3 (modalidades ativas)

☐ Caractérisation par les modalités des variables nominales

De la classe - Partition en 3 classes - Classe 3/3 (Effectif = 37 Pourcentage = 30.579)

Libellé de la variable	Modalité caractéristique	Valeur-Test	% de la modalité dans la classe	% modalité dans l'échantillon
P7Rec	Dir.	8.21	70.27	22.31
P18g	Sim (resp. merc.)	7.96	67.57	21.49
P11b	Fil. part. dir.	7.16	62.16	20.66
ÍndiceEsqRec	N. part. manif. esq.	6.80	86.49	40.50
ÍndiceDirRec	Part. manif. dir.	6.66	78.38	33.88
P18c	Não (def. DH)	6.21	94.59	53.72
P20	Presid. técnico	6.07	75.68	34.71
P9	Liberal.	5.73	43.24	14.05
P9	Conservad.-lib.	5.65	37.84	11.57
P17	Dimin. pap. Est.	5.65	45.95	15.70
P13b	Part. gp dir.	5.44	56.76	23.14
P26Rec	Dir. (p)	4.67	64.86	33.06
P7Rec	Cent-dir.	4.07	27.03	9.09
P18a	Não (elim. mis.)	3.98	89.19	62.81
P25Rec	Dir. (m)	3.98	45.95	21.49
P18b	Sim (honest. pol.)	3.84	40.54	18.18
P17	Honest./comb. corrup.	3.63	40.54	19.01
P2Rec	Sit. pol.soc. (mot. ativ.)	3.30	75.68	52.07
P18e	Não (Est. laico)	2.94	89.19	70.25
P15	Não (part. sind.)	2.93	97.30	81.82
P18f	Sim (comb. corrup.)	2.60	37.84	21.49
P3Rec	Red. Soc. (iníc. TP)	2.43	21.62	9.92
P16b	N. cargo pol.	2.11	83.78	69.42
P3Rec	OR (iníc. TP)	2.08	18.92	9.09
P26Rec	Centro (p)	-1.97	2.70	12.40
P26Rec	N. sabe esp. pol. (p)	-2.02	0	8.26
P3Rec	Escola (iníc. TP)	-2.02	5.41	16.53
P1Rec	+ 15 an. (temp. ativ.)	-2.09	13.51	27.27
P17	Garantia. dir. min.	-2.18	0	9.09
P16b	Cargo pol. asses./CC	-2.22	13.51	28.10
P9	Comun.	-2.26	2.70	14.05
P26Rec	Esq. (p)	-2.47	16.22	33.06
P18f	Não (comb. corrup.)	-2.60	62.16	78.51
P15	Sim (part. sind.)	-2.93	2.70	18.18
P18e	Sim (Est. laico)	-2.94	10.81	29.75
P7Rec	Cent-esq.	-3.43	0	16.53
P25Rec	Esq. (m)	-3.53	16.22	40.50
P18b	Não (honest. pol.)	-3.84	59.46	81.82
P18a	Sim (elim. mis.)	-3.98	10.81	37.19
P9	Social.	-4.24	0	22.31
P11b	Fil. part. esq.	-4.88	2.70	32.23
P9	Social-dem.	-5.11	0	28.93
P13b	Part. gp esq.	-5.53	0	32.23
P18c	Sim (def. DH)	-6.21	5.41	46.28
P20	Presid. assistenc.	-6.47	0	39.67
P7Rec	Esq.	-6.47	0	39.67
P17	Melh. sit. social	-6.58	10.81	55.37
ÍndiceDirRec	N. part. manif. dir.	-6.66	21.62	66.12
ÍndiceEsqRec	Part. manif. esq.	-6.80	13.51	59.50
P18g	Não (resp. merc.)	-7.96	32.43	78.51

Fonte: Elaboração própria.

Figura 12 – Cluster 3 (modalidades suplementares)

□ Caracterisation par les modalités des variables nominales illustratives

De la classe - Partition en 3 classes - Classe 3/3 (Effectif = 37 Pourcentage = 30.579)

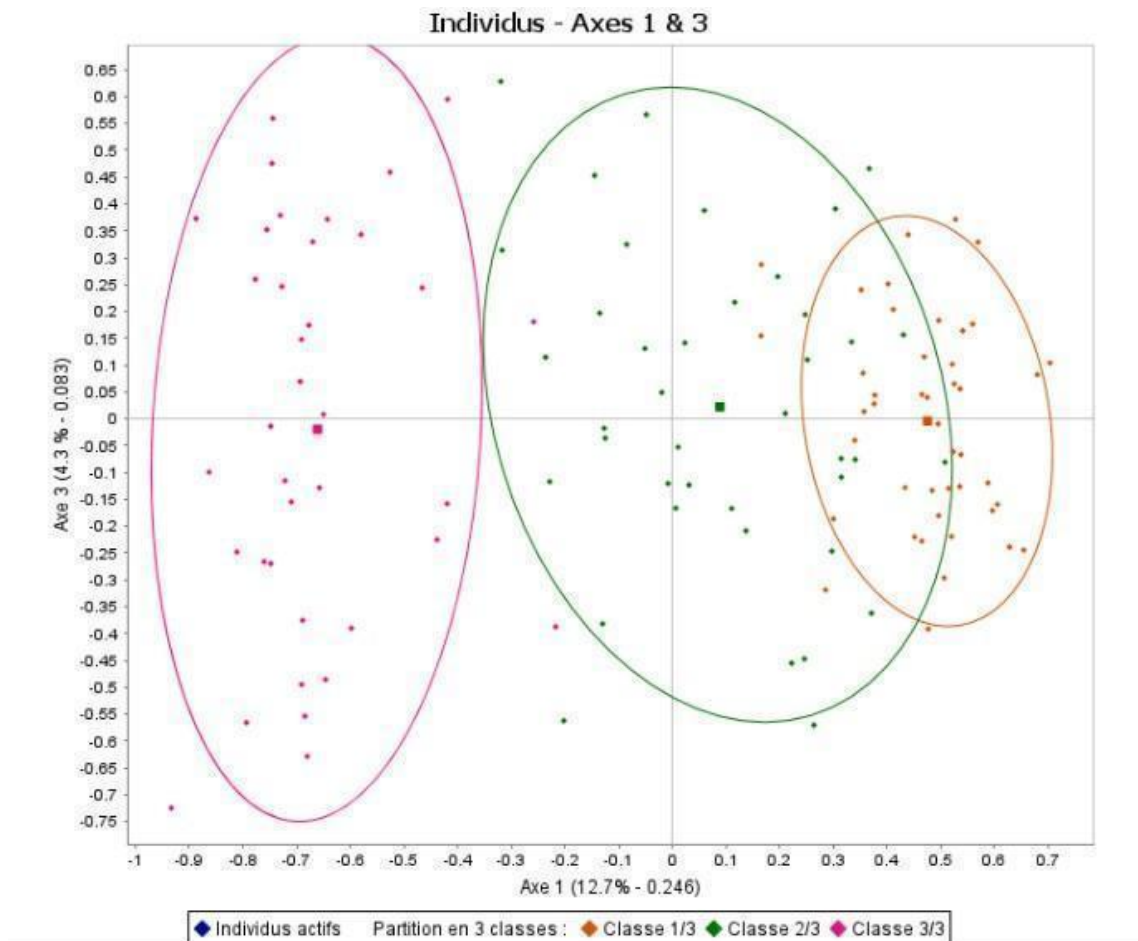
Libellé de la variable	Modalité caractéristique	Valeur-Test	% de la modalité dans la classe	% modalité dans l'échantillon
P57i	liv.empreend.+	4.55	62.16	31.40
P64d	MPB-	4.41	54.05	25.62
P64i	samba-	4.22	83.78	54.55
P57k	liv.poesia-	4.02	100	79.34
P57c	liv.autoajuda+	3.73	35.14	14.88
P50Rec	Evang./Prot.	3.14	29.73	13.22
P27	Mascul.	3.01	78.38	57.02
P57e	liv.cientifico-	2.81	67.57	47.11
P57b	liv.romance-	2.78	78.38	58.68
P52b	teatro-	2.71	75.68	56.20
P55d	PCP.whatsapp+	2.60	56.76	38.02
P64n	gospel+	2.57	32.43	17.36
P52d	show-	2.46	51.35	33.88
P34cRec	Aut./MEI/Comerc.	2.37	18.92	8.26
P64f	funk-	2.37	91.89	77.69
P64k	eletrônica+	2.31	35.14	20.66
P60c	curso.dança-	2.09	86.49	72.73
P55g	PCP.telegram+	2.04	24.32	13.22
P51Rec	+ 1x sem. (relig.)	2.04	24.32	13.22
P34cRec	Quad. sup. priv.	1.99	16.22	7.44
P28Rec	41 a 50 an.	1.98	35.14	22.31
P55g	PCP.telegram-	-2.04	75.68	86.78
P60c	curso.dança+	-2.09	13.51	27.27
P33bRec	AF Human.	-2.19	54.05	69.42
P64k	eletrônica-	-2.31	64.86	79.34
P64f	funk+	-2.37	8.11	22.31
P52d	show+	-2.46	48.65	66.12
P64n	gospel-	-2.57	67.57	82.64
P55d	PCP.whatsapp-	-2.60	43.24	61.98
P52b	teatro+	-2.71	24.32	43.80
P27	Femin.	-2.78	21.62	41.32
P57b	liv.romance+	-2.78	21.62	41.32
P57e	liv.cientifico+	-2.81	32.43	52.89
P57c	liv.autoajuda-	-3.73	64.86	85.12
P57k	liv.poesia+	-4.02	0	20.66
P64i	samba+	-4.22	16.22	45.45
P64d	MPB+	-4.41	45.95	74.38
P57i	liv.empreend.-	-4.55	37.84	68.60

Fonte: Elaboração própria.

Por fim, a Figura 13 demonstra o posicionamento dos clusters na nuvem de indivíduos. Para entendermos as posições dos indivíduos nesse espaço, é importante considerarmos também as oposições reveladas pelos eixos conformados pelas propriedades desses indivíduos, já que se trata do mesmo espaço relacional. Nesse caso específico, estou considerando a nuvem de indivíduos projetada sobre o espaço conformado pelos eixos 1 e 3 que revelam, respectivamente, uma oposição entre direita e esquerda e entre conservadorismo e liberalismo.

Nesse sentido, podemos observar que o cluster 1, composto por ativistas de esquerda, se posiciona à direita no espaço relacional, da mesma forma que as propriedades relativas às práticas e tomadas de posição políticas de esquerda no eixo 1. O cluster 2, composto por ativistas de centro e de centro-esquerda, se localiza no meio do espaço, possuindo intersecção com o cluster de ativistas de esquerda. Por fim, o cluster 3 - cujos integrantes são ativistas de direita - à semelhança das propriedades referentes às práticas e tomadas de posição de direita no eixo 1, se localiza à esquerda no espaço, se distribuindo melhor também ao longo do eixo 3, que explicita uma oposição entre conservadorismo e liberalismo, uma vez que os direitistas deste universo se filiam muitas vezes às duas correntes teóricas simultaneamente.

Figura 13 - Os clusters na nuvem de indivíduos



Fonte: Elaboração própria.

5.3. INTERPRETANDO O ESPAÇO RELACIONAL E OS AGRUPAMENTOS (CLUSTERS) A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA MULTIDIMENSIONAL DE CLASSE

A lógica profunda dessas lutas que descrevi no nível dos fenômenos baseia-se numa lei simples: cada combatente busca impor o princípio de divisão e de percepção mais conforme as suas propriedades, o que lhe dará o melhor rendimento para essas propriedades [...]. A ideologia se engendra naquela espécie de estratégia fundamental através da qual cada sujeito social se esforça não somente para dar uma boa imagem de si mesmo, mas também para impor como universal o princípio de classificação segundo o qual é melhor classificado.

(Bourdieu, 2020, p. 118-119).

Neste tópico, farei uma interpretação do espaço relacional do ativismo político em Juiz de Fora utilizando a abordagem multidimensional de classe. Para tanto, recorrerei sobretudo a estudos recentes realizados em países nórdicos que têm buscado comprovar homologias entre espaços sociais e espaços de atitudes políticas, repensando, assim, os achados de Pierre Bourdieu no Capítulo 8 de *A Distinção*.

Seguindo essa perspectiva, inicialmente analiso de que maneira as características sociais se relacionam com as características políticas dos ativistas pesquisados, explorando efeitos estruturantes do espaço político relacionados ao volume e à composição de capital. Em seguida, partindo da ideia de que uma dimensão do estilo de vida tende a sinalizar todas as outras (Bourdieu, 2015), discuto sobre como as atitudes políticas podem ser encaradas como parte de um estilo de vida mais amplo, considerando que as práticas simbólicas distintivas vão além do consumo de bens materiais e culturais. Nesse sentido, entendo que o “gosto” político é analiticamente semelhante ao estilo de vida, posição acadêmica que já era implícita em Weber (2010), sugerindo que há uma relação de afinidade - e não de causalidade - entre gosto cultural e gosto político (Flemmen; Jarness; Rosenlund, 2022).

Para a interpretação sociológica, terei como enfoque as afinidades e oposições reveladas pelos eixos 1 e 3 e pelos clusters 1 e 3, uma vez que são eles que revelam as relações mais interessantes no espaço político entre direita e esquerda. Conforme observado no tópico anterior, tanto o eixo 2 como o cluster 2, que representam relações entre esquerda e centro-esquerda no espaço, não permitem conclusões muito robustas acerca do efeito estrutural da classe para a sua interpretação.

5.3.1. Efeitos estruturantes do espaço político: volume e composição de capitais dos ativistas pesquisados

Em *A Distinção*, Bourdieu (2015) apresentou um modelo sociológico do espaço social francês, concebido como um sistema multidimensional de posições sociais. Para mapear as relações entre diferentes formas de capital¹²⁶ e práticas culturais, ele utilizou a Análise de Correspondências Múltiplas (ACM), uma técnica estatística que revela padrões subjacentes em dados complexos. O espaço social é entendido como um sistema de relações objetivas “invisíveis”, cuja compreensão só é possível por meio de sua análise relacional. Essa abordagem está intrinsecamente ligada às propriedades geométricas da ACM, que permitem visualizar essas relações em um mapa no qual propriedades frequentemente associadas aparecem próximas, enquanto aquelas menos relacionadas se situam mais distantes. Assim, o mapa elaborado por Bourdieu combina características empíricas e teóricas, oferecendo uma síntese visual das dinâmicas estruturais e culturais da sociedade francesa (Priour; Savage, 2011).

No modelo de Bourdieu, o espaço social é estruturado por três dimensões principais. A dimensão hierárquica ou vertical reflete o volume de capital (econômico + cultural), considerado a principal força de diferenciação social. Já a dimensão horizontal captura a composição do capital, ou seja, a predominância relativa de capital cultural ou econômico no portfólio de agentes sociais. Por fim, há ainda uma dimensão temporal que se refere às

¹²⁶ Harrits (2013, p. 174-175, tradução nossa) traz importantes considerações sobre o conceito de capital na obra de Pierre Bourdieu: “O elemento básico no modelo de classes de Bourdieu é o conceito de capital. Capital é definido como ‘trabalho acumulado’ (Bourdieu, 1986: 241), e sua característica essencial é a capacidade de ser acumulado, armazenado e utilizado como recurso em um momento futuro (Lareau e Weininger, 2003). Assim, o capital pode assumir diversas formas (por exemplo, material, incorporado, institucional) e, em sociedades complexas e diferenciadas, existem múltiplos tipos de capital (cultural, econômico, social, etc.), fundamentados em diferentes campos (Bourdieu, 1986; Swartz, 1997). Embora Bourdieu raramente explicita isso, pode-se argumentar que sua concepção de capital se baseia em uma compreensão específica da sociedade moderna, equivalente à concepção marxista de economia política. Contudo, segundo Bourdieu, a teoria marxista é limitada, pois reduz ‘o mundo social apenas ao campo econômico’, apresentando, assim, uma visão unidimensional da sociedade (Bourdieu, 1984b: 736). Por conseguinte, o capital cultural, bem como outras formas de capital, deve ser reconhecido em seu próprio direito, constituindo estruturas de poder concorrentes e não necessariamente subordinadas ao capital econômico. Nesse contexto, é necessário compreender como o capital cultural se desenvolve simultaneamente com os campos culturais ou informacionais (especialmente o campo da produção cultural, o campo da educação e o campo da ciência), onde o desenvolvimento da linguagem escrita, da imprensa e das instituições que conferem credenciais educacionais facilita a acumulação e o armazenamento de recursos culturais. Esse processo, argumenta Bourdieu, é em muitos aspectos semelhante ao desenvolvimento do campo econômico, no qual uma economia monetária emerge, facilitando a acumulação de riqueza e a constituição do capital econômico (Bourdieu, 1990). Entretanto, alguns tipos de capital são mais fortes do que outros, e os mais fortes constituem o que Bourdieu chama de ‘espaço social’ (Bourdieu, 1998: 10; 1984b: 723–725). Com base em análises empíricas, Bourdieu propõe a hipótese de que, nas democracias ocidentais da modernidade tardia, os tipos mais fortes de capital são o econômico, o cultural e (em menor medida) o social e o simbólico (Bourdieu, 1998; 1987c)”.

trajetórias sociais, indicando a estabilidade ou mobilidade dos indivíduos em relação ao sistema de posições sociais (Bourdieu, 2015). Nesse sentido, as classes sociais são definidas como posições próximas no espaço social, sendo diferenciadas pelo volume geral de capital. As frações de classe, por sua vez, variam em função da composição do capital, revelando dinâmicas internas nas classes alta, média e baixa (Harrits, 2013; Flemmen; Jarness; Rosenlund, 2022).

Esse modelo, além de explicar as práticas culturais e os estilos de vida, destaca a homologia entre as divisões do espaço social e as divisões culturais da sociedade francesa da época. Isso significa que as relações de classe se expressam por meio de diferenças de estilo de vida socialmente estruturadas e simbolicamente significativas nas sociedades contemporâneas. Em outras palavras, o sistema de relações de classe (definido como uma topografia social que reflete a distribuição diferencial de capitais) apresenta afinidades estruturais com o sistema de relações de status (definido como uma topografia social de propriedades relacionadas a práticas culturais e estilos de vida). Essa relação homóloga, além disso, está vinculada à monopolização de vantagens e oportunidades na vida social, bem como à exclusão em termos de formação de grupos. Entre o espaço social e o espaço simbólico surge o conceito mediador do *habitus*, que se refere aos esquemas geradores de percepção e apreciação dos indivíduos que orientam suas práticas e consistem em disposições duráveis inscritas no corpo e na mente. As tomadas de posição e as práticas de estilo de vida nesses espaços são, nesse sentido, produtos da interseção entre *habitus*, campo e capital (Flemmen, 2017; Jarness, 2017).

Embora Bourdieu alerte explicitamente contra a confusão entre "classes no papel" e "classes reais" - evitando assim o erro de presumir que grupos sociais emergem automaticamente, por exemplo, de interesses conflitantes no mercado de trabalho - ele defende que posições próximas no espaço social representam "classes prováveis". Através de afinidades nas estruturas do *habitus*, as pessoas são vistas como "dispostas a se aproximar, bem como mais fáceis de reunir e mobilizar". No entanto, para que "classes no papel" se tornem "classes realizadas", elas precisam ser construídas como coletivos unificados por meio da representação simbólica. De acordo com essa concepção, as lutas de classes são, portanto, lutas de classificação entre grupos opostos de agentes sociais e estão relacionadas às categorias de percepção do mundo social (Bourdieu, 1989)¹²⁷.

¹²⁷ Sobre a mediação do *habitus* na definição de posicionamentos políticos, vale destacar os apontamentos de De Keere (2018, p. 396, tradução nossa): “[...] para compreender o mecanismo por trás das posições políticas, é necessário entender sua semelhança com o processo de distinção cultural. As disposições culturais das pessoas não são fruto de uma deliberação consciente, mas resultam diretamente de uma tentativa de distinção social induzida pelo *habitus*. Assim, a tomada de posição política também raramente é o resultado de uma reflexão consciente das pessoas sobre seus interesses de classe, com base nos quais fundamentariam sua postura ideológica. Em vez disso, é mais frequentemente consequência de seguir um *ethos* de classe intuitivo. O *habitus* ético que as

Em resumo, o espaço social de Bourdieu constitui um modelo robusto para compreender as estruturas sociais e culturais, integrando volume, composição e trajetórias de capital como dimensões fundamentais das divisões de classe. Essa abordagem ressalta a relação intrínseca entre classe e estilo de vida, destacando a relevância de uma análise relacional para a compreensão das dinâmicas sociais. Assim, o conceito de classe do autor é multidimensional, condensando posições relacionais em um “mapa de classe” derivado empiricamente, mas intrinsecamente temporário. Dessa forma, qualquer análise de classe em sociedades distintas deve, portanto, ser adaptada às especificidades das relações sociais locais (Prieur; Savage, 2011; Harrits, 2013).

A partir desse modelo multidimensional de classe - que, como mencionado, foi desenvolvido para ser testado empiricamente em diferentes realidades -, emergiu um campo de estudos nórdicos dedicado a repensar o modelo de classe de Bourdieu. Esses estudos exploram a relação entre classe e política em contextos como Dinamarca e Noruega¹²⁸, revisitando os achados apresentados por Bourdieu no Capítulo 8 de *A Distinção*, onde o autor analisa as interações entre cultura e política. O objetivo é propor um novo esquema de classes que destaque uma característica frequentemente subestimada na abordagem bourdieusiana: a distinção entre frações de classe com base na predominância do capital econômico ou do capital cultural. Para tanto, também lançam mão do método de análise de correspondências múltiplas (ACM).

Ao articular o espaço social, construído com base no volume e na composição dos capitais (sobretudo econômico e cultural), a um espaço de atitudes políticas fundamentado em dimensões que os autores chamam de “nova” e “velha” política¹²⁹, os pesquisadores testam (e, por fim, confirmam) a hipótese de que os espaços sociais e políticos são homólogos; ou seja,

peças adquirem ao longo de suas vidas as inclinações a determinados discursos morais e estilos de atitude, vinculando, dessa forma, as preferências políticas à estrutura de classe”.

¹²⁸ Os autores ponderam que tais sociedades são ricas, possuem altos níveis de educação, desigualdades sociais relativamente comprimidas, uma estrutura industrial com muitas empresas do setor de serviços e de alta tecnologia e um estado de bem-estar expandido, o que as insere em um estágio de “modernidade tardia” ou “pós-industrialismo”. Assim, de acordo com a maioria dos argumentos de “fim de classe”, devemos esperar um alto grau de individualização e, dentro da área de práticas políticas, um alto grau de igualdade e autonomia. Encontrar uma forte homologia entre classes e práticas políticas nesses países, então, apoiará as expectativas de que tais homologias existirão mais amplamente em outras sociedades ocidentais menos ricas e mais desiguais (Harrits et al, 2010, 2013; Jarness; Flemmen; Rosenlund, 2019; Hovden, 2022).

¹²⁹ Jarness, Flemmen e Rosenlund (2019) ressaltam que, embora a distinção conceitual entre política “antiga” e “nova” seja útil, elas não aparecem necessariamente como dimensões separadas em termos empíricos. Nesse sentido, para evitar pré-construções teóricas, os autores construíram um espaço político de forma indutiva, avaliando as maneiras pelas quais as tomadas de posição para ambos os tipos de atitudes políticas podem estar estruturalmente interligadas. Para uma revisão sobre a conceitualização entre “velha” e “nova” política, ver o primeiro capítulo do presente trabalho.

argumentam que os sistemas de divisões de classe e divisões políticas apresentam uma estrutura correspondente. Os resultados, de modo geral, indicam que a dimensão do espaço associada ao volume acumulado de capital está relacionada à divisão entre visões liberais e tradicionais (ou conservadoras) no que se refere à “nova política” de caráter pós-materialista. Por outro lado, a dimensão referente à composição do capital conecta-se à divisão geral entre “esquerda” e “direita”, integrando elementos tanto da “velha” quanto da “nova” política.

Harrits et al (2010, p. 18-19, tradução nossa) demonstram, a partir de representações gráficas geradas pela técnica da ACM, de que forma se dá a homologia entre os dois espaços, indicando que ambos são estruturados pelos mesmos princípios de diferenciação social: volume e composição de capitais. Em suma, a análise sugere que as práticas políticas – ou o que também pode ser chamado de cultura política – estão de fato conectadas à classe entendida como um espaço multidimensional constituído por recursos econômicos e culturais:

As frações das três classes construídas estão claramente organizadas em um padrão sociológico. As frações pertencentes à ‘classe de baixo volume’ estão posicionadas no canto inferior direito, próximas umas das outras, onde predominam atitudes de direita em relação à nova política e atitudes de esquerda em relação à velha política. As frações da classe ‘intermediária’ estão localizadas próximas ao centro, exibindo atitudes “intermediárias” em ambas as dimensões. Já as três frações que constituem a ‘classe de alto volume’ estão dispersas na parte superior esquerda do mapa. Assim, a dimensão do volume de capital extraída do espaço social é reproduzida de forma convincente no espaço das atitudes políticas. [...]. O princípio da composição de capital também está presente no espaço das atitudes políticas, embora com menor força. Sua influência é insignificante dentro da ‘classe de baixo volume’, já que as três frações dessa classe estão muito próximas no domínio inferior direito do mapa. Na classe intermediária, há uma separação de cerca de meio desvio padrão entre as frações cultural e econômica; a fração econômica está posicionada na direção da velha política de direita, enquanto a fração cultural aponta para a nova política de esquerda. Na “classe de alto volume”, localizada no canto superior esquerdo do mapa, há uma separação significativa entre as frações econômica e cultural (a distância excede um desvio padrão). A fração econômica está firmemente situada no domínio da velha política de direita, enquanto a fração cultural está no domínio da nova política de esquerda. A conclusão dessa análise, que compara as duas construções espaciais que descrevem dois universos sociais muito diferentes – de um lado, atitudes políticas e, de outro, condições de classe – é que os mesmos princípios de diferenciação social operam em ambos os universos. As dimensões de volume e composição de capital (provenientes da construção do espaço social) seguem as diagonais do espaço das atitudes políticas. O espaço das atitudes políticas pode, portanto, ser visto como homólogo ao espaço social, ou mais precisamente, como uma rotação de 45 graus deste último. Esse achado se assemelha aos resultados dos estudos de Bourdieu (1984) e Rosenlund (2000) na França e na Noruega¹³⁰.

¹³⁰ No original: “So are the two spaces structured by the same set of principles? The fractions of the three constructed classes are firmly located in a sociological pattern. The fractions belonging to the ‘low volume class’ are positioned in the right bottom corner, close to each other, where right-wing attitudes regarding new politics and left-wing attitudes regarding old politics prevail. The ‘intermediate’ class fractions are located close to the center, holding ‘intermediate’ attitudes according to both dimensions, while the three fractions constituting the ‘high volume class’ are dispersed in the left-top part of the map. Thus, the capital volume dimension extracted from the social space is convincingly reproduced in the space of political attitudes. This is highlighted by the inserted dotted arrow. [...]. The capital composition principle is also present in the space of political attitudes, although not with the same force. Its influence is negligible within the ‘low volume’ class as the three class

Além do trabalho de Harrits et al (2010), outras pesquisas como as de Skjøtt-Larsen (2012), Harrits (2013), Flemmen e Haakestad (2017), Harrits; Skjøtt-Larsen (2017), Flemmen, Jarness e Rosenlund (2019, 2022) e Hovden (2022) embasam essas análises, consolidando uma perspectiva inovadora sobre a interseção entre classe e política nos estudos nórdicos contemporâneos¹³¹.

Esse campo de estudos baseia-se, portanto, em pesquisas empíricas cujos resultados apontam que a já conhecida tese da homologia entre o espaço social e o espaço simbólico permanece atual e ainda pode instigar novos achados em outras sociedades e contextos. Nesse sentido, minha intenção com o presente trabalho é tentar pensar essas relações para o contexto brasileiro atual, de maneira a identificar padrões em trajetórias políticas que se estruturam conforme o volume e a composição de capitais. Para testar essa similaridade estrutural, retomarei os achados descritos no tópico anterior em relação aos eixos 1 e 3 e aos clusters 1 e 3, onde explorei de que modo os indicadores de classe (econômicos e culturais) estão posicionados dentro do espaço político. Em outras palavras, a ideia é refletir sobre as afinidades estruturais existentes entre pertencimento de classe e comportamento político no universo estudado.

5.3.1.1. Eixo 3: Liberalismo x Conservadorismo e a relação com o volume global de capital

Iniciarei as análises pelo eixo 3, que, em termos de trajetórias e atuações políticas, se diferencia em razão das frequências e dos locais de ativismo, e em termos de atitudes políticas, opõe posicionamentos políticos mais conservadores e mais liberais (tanto na economia quanto na política). Este eixo, estruturado pelo volume de capital, representa apenas uma dimensão pequena do espaço relacional (4,6% da variância total), o que é resultado das próprias

fractions are located very close to each other in the bottom right domain of the map. In the intermediate class there is a separation of about half a standard deviation between the cultural and the economic fractions; the economic fraction is positioned in the direction of the right-wing old politics, the cultural fraction in the direction of left-wing new politics. Within the 'high volume' class in the upper left corner of the map there is a strong separation between the economic fraction and the cultural fraction (the distance exceeds one standard deviation). The economic fraction is firmly situated in the right-wing domain of old politics, the cultural fraction within left-wing new politics. The conclusion of this analysis, comparing the two space constructions that describe two very different social universes – on the one hand, political attitudes and, on the other, class conditions – is that the same principles of social differentiation operate in both universes. The dimensions of volume and composition of capital (from the social space construction) follow the diagonals of the space of political attitudes. The space of political attitudes can therefore be seen as homologous to the social space, or more precisely as a 45 degree rotation of the latter. This finding resembles those from Bourdieu's (1984) and Rosenlund's (2000) studies in France and Norway" (Harrits et al, 2010, p. 18-19).

¹³¹ Conclusões semelhantes também são encontradas no trabalho de De Keere (2018) sobre a semelhança estrutural entre classe e política em Flandres, Bélgica. No Brasil, um trabalho bastante interessante que traz a mesma perspectiva, porém, a partir de dados qualitativos coletados por meio de entrevistas, é o de Vieira (2024).

características sociais dos respondentes. Nesse sentido, como não se trata de um universo que se diferencia amplamente em termos de posições de classe altas, médias e baixas, é de se esperar que a principal diferenciação não se dê sobre o volume global de capital acumulado, mas sim entre as frações de classe intermediárias (ou médias), discussão que farei no próximo tópico. Tais constatações também vão de encontro à primeira hipótese deste trabalho, de que os ativistas deste universo pertencem às camadas intermediárias do espaço social.

Contudo, ainda que de forma menos expressiva, há uma diferenciação em termos de volume de capital que merece ser explorada e analisada porque demonstra afinidades interessantes entre posições de classe e atitudes políticas. Em resumo, o eixo 3 reflete uma oposição entre posicionamentos conservadores e liberais. No lado conservador, temas morais possuem destaque, como honestidade dos políticos e combate à corrupção enquanto valores políticos. Além disso, outras características são importantes para a sua caracterização, como pais despolitizados, longa trajetória de ativismo (mais de 15 anos), alta frequência de atuação política, e uma participação direta em espaços cotidianos, como bairro e trabalho, fora de instituições formais como partidos. No lado liberal, podemos notar a afinidade com o liberalismo, a defesa do Estado laico e da redução do papel estatal, além de outras categorias como pais politizados, menor tempo e frequência de ativismo político (exceto pela filiação a partidos de direita), e início da trajetória política na universidade.

Quando olhamos para as características sociais associadas ao eixo 3, conseguimos notar uma diferença significativa em termos de volume de capital. Nesse sentido, o lado liberal é caracterizado por modalidades que indicam grande acúmulo de capitais, com indicações de trajetórias traçadas tanto em espaços que valorizam mais o capital cultural quanto em espaços que valorizam mais o capital econômico para a reprodução de suas frações de classe. Essas constatações vão ao encontro dos achados de Pierre Bourdieu (2015) em *A Distinção*, quando o autor utiliza a estrutura ocupacional como recurso para a construção do espaço social. Bourdieu observa, por meio de comparações entre os grupos profissionais e da distribuição de diferentes tipos de capitais entre eles, que, entre as ocupações com maior acúmulo de capital cultural e aquelas com maior acúmulo de capital econômico, existem frações intermediárias. Essas frações apresentam uma composição equilibrada de capitais econômicos e culturais, nas quais se incluem os profissionais liberais e os servidores públicos, à semelhança do que aparece no lado do eixo 3 ora analisado.

Ainda em relação ao equilíbrio de capitais evidenciado no lado liberal do eixo 3, acredito que isso seja coerente, mais uma vez, com o caráter duplo do liberalismo (político e econômico) que aparece nesse eixo, podendo ser mobilizado, a depender da temática, tanto pela direita como

pela esquerda no espectro político. Nesse sentido, cabe destacar que o pertencimento a frações de classe que demonstram uma composição mais equilibrada de capitais faz com que elas flutuem mais facilmente entre a adesão a repertórios de esquerda e a adesão a repertórios de direita, podendo inclusive aderir a ambos. No caso específico do universo estudado, apesar de um certo equilíbrio, as propriedades sociais e culturais indicam uma pequena primazia do capital econômico, como rendas familiares mais altas e a preferência por um tipo de formação linguística (domínio do inglês como idioma estrangeiro) e por um tipo de literatura (livros de autoajuda) cuja lógica de produção e utilização está mais ligada ao campo econômico, que reverbera valores mais utilitaristas em termos de práticas sociais. Essa pequena inclinação a uma maior valorização do capital econômico nos ajuda a compreender também a inclinação a tomadas de posição políticas mais características de uma direita liberal neste lado do eixo¹³².

Há, ainda, outros estudos que também apontam que as parcelas da sociedade que detém maiores níveis acumulados de capital econômico e cultural (este último analisado sob a perspectiva da educação) são mais propensas a expressar visões liberais - sejam elas políticas e/ou econômicas - em comparação às parcelas localizadas em extratos inferiores da população. Em contextos internacionais, essas conclusões podem ser encontradas nos trabalhos de Lamont (1987), Skjøtt-Larsen (2012), Flemmen (2014), Harrits; Skjøtt-Larsen (2017), Flemmen e Haakestad (2017); De Keere (2018) e Jarness, Flemmen e Rosenlund (2019). No Brasil, a pesquisa de Rocha (2019) também traz constatações semelhantes.

De outro modo, o lado conservador do eixo é caracterizado por um menor acúmulo de capitais em comparação ao lado liberal. Isso se evidencia pelas menores escolaridades, tanto dos respondentes quanto de suas referências paternas, e pela ausência de práticas culturais associadas à cultura legitimada. Um forte componente religioso também se destaca nesse contexto, refletido pela alta frequência religiosa e pelo gosto pela música gospel. Além disso, o lado conservador está associado a modalidades sociais que, apesar do menor acúmulo de capitais, revelam uma maior afinidade com o campo econômico. Isso é demonstrado pela predominância de ocupações vinculadas ao setor privado e ao empreendedorismo, como trabalhadores autônomos, MEIs e comerciantes.

¹³² Essas constatações estão alinhadas com os achados de Flemmen, Jarness e Rosenlund (2022, p. 274, tradução nossa) a respeito da interação entre os espaços social, simbólico e político no contexto norueguês. Ao discorrerem sobre as frações equilibradas das classes médias e altas, os atores apontam que, “com a mesma quantidade e composição de capital, seu interesse próprio os predispõe a ir para qualquer lado: favorecendo os gastos públicos apoiando a ‘cultura’ e/ou o setor público, ao mesmo tempo em que prefere pagar menos impostos. Esses entrevistados apoiam mais frequentemente a direita se estiverem simbolicamente alinhados com o capital econômico, se nos permitem essa expressão um pouco circular”.

Sobre esse último aspecto, vale ressaltar uma reflexão interessante feita por Jarness, Flemmen e Rosenlund (2019) no contexto de uma pesquisa empírica que investigou como o conceito multidimensional de classe pode ajudar a dar sentido às divisões políticas contemporâneas na Noruega. Os autores partem de uma observação feita por Bourdieu, na obra *A Distinção*, referente ao alinhamento político entre as classes mais baixas do espaço social e a fração cultural das elites (ambas de tendência esquerdista), o que sugeriria a possibilidade de uma aliança política. Jarness, Flemmen e Rosenlund (2019) argumentam, contudo, que essas conclusões precisam ser reavaliadas à luz das mudanças nas configurações do campo político nas sociedades atuais. Em particular, destacam os efeitos do que chamam de "nova política", caracterizada por uma ênfase em valores morais e culturais, bem como por debates sobre identidade, diversidade, questões ambientais e moralidade, que frequentemente transcendem as divisões econômicas tradicionais.

Nesse novo contexto, embora a fração cultural da classe alta mantenha a tendência a adotar posições progressistas e esquerdistas, os grupos menos privilegiados mostram-se afastados de seus potenciais aliados devido a uma postura mais tradicionalista e conservadora, especialmente em questões centrais dessa nova política. Debates relativos à imigração, mudanças climáticas e igualdade de gênero têm gerado divisões acentuadas, sugerindo que essa lacuna ideológica dificilmente será superada. Além disso, frações de classe com alto capital cultural, apesar de professarem atitudes políticas ostensivamente "tolerantes", frequentemente rejeitam os estilos de vida e as posições políticas de grupos com baixos volumes de capital. Assim, as visões liberais de esquerda acabam sendo mobilizadas para traçar limites simbólicos "para baixo" no espaço social, de maneira semelhante ao uso do gosto cultural como marcador de distinção. Isso, por sua vez, dificulta o alinhamento político entre as classes mais baixas e a fração cultural das elites (Jarness; Flemmen; Rosenlund, 2019).

Paralelamente, observa-se que a fração econômica da elite tende a se alinhar simbolicamente às classes inferiores em seu desprezo compartilhado pelo radicalismo intelectual, pelo liberalismo e pela atitude "sabe-tudo" associada à chamada "elite cultural". Esse tipo de antielitismo, ao que tudo indica, constitui uma parte intrínseca do estilo de vida e da visão de mundo tanto das elites econômicas quanto das classes mais baixas. Tal alinhamento simbólico pode ajudar a explicar o crescente apelo de partidos de direita entre cidadãos pobres, trabalhadores e de classe média baixa (Jarness; Flemmen; Rosenlund, 2019). Pesquisas de Skjøtt-Larsen (2012) e Harrits (2013), realizadas no contexto dinamarquês, apontam para dinâmicas semelhantes, reforçando essas observações.

Gustavo Vieira (2024, p. 217-218), em dissertação de mestrado que teve como objetivo analisar a relação entre estilos de vida, posições políticas e demarcação de fronteiras simbólicas na fração cultural das classes médias paulistanas, faz uma reflexão importante a respeito desse fenômeno, relacionando-o ao contexto brasileiro:

É emblemático, por exemplo, que durante as eleições presidenciais de 2018 tenha sido uma tendência que os eleitores de Haddad declarassem publicamente seu voto levando livros debaixo do braço para as urnas no momento da votação, e que, de forma praticamente idêntica, tenha sido uma tendência nas mídias sociais durante as eleições de 2022 eleitores declarando voto em Lula postando uma foto de treze livros vermelhos empilhados junto da *hashtag* #13livrosvermelhos. São exemplos que ecoam o fato de que a imbricação entre a esquerda política e a valorização da cultura legitimada é compreendida popularmente, ainda que de maneira não-reflexiva e marcada pela espontaneidade do senso comum. Mas, [...], a imbricação que funciona para separar a fração cultural da econômica serve também para separar as classes médias das populares. Assim é que, com base numa crítica – por vezes explícita, por vezes implícita – direcionada ao elitismo cultural das frações culturais, Bolsonaro foi capaz de mobilizar fortemente símbolos de um certo estilo de vida popular para se aproximar daqueles que estão na base do espaço social: a camiseta de time de futebol, a caneta BIC, o relógio Cássio, o cachorro-quente na rua, o pão com leite condensado. ‘Ele fala como a gente’, como se sabe, foi uma das justificativas mais comuns para o voto em Bolsonaro por parte de membros das classes populares. Não que Lula também não tenha incontáveis vezes ao longo de sua trajetória pública mobilizado símbolos estilísticos das classes populares, mas a peregrinação dos cantores da música sertaneja contemporânea pelo Palácio da Alvorada entre 2019 e 2022 pode facilmente ser lida na oposição à figura de Chico Buarque sentado por horas ao lado de Lula enquanto assistiam ao julgamento do processo de impeachment contra Dilma no Senado Federal em 2016. E destaque-se, além disso, que a música sertaneja é há anos o estilo musical mais ouvido no Brasil, sobretudo entre aqueles com menor escolaridade.¹³³

Em resumo, as oposições reveladas pelo eixo 3 em termos dos modos de entender a política (institucional x moral) e lugares de atuação política (universidade x bairro / trabalho) demonstram uma oposição bem característica entre os pensamentos liberal e conservador no que toca a visões mais abstratas ou mais concretas de mundo¹³⁴. Essas visões são, por sua vez, estruturadas em razão da posição social dos agentes e das trajetórias que traçam no espaço social (Bourdieu, 2015). Quando as questões formuladas se situam na região intermediária entre a política e a moral, é possível perceber uma maior “contaminação” da política pela moral entre

¹³³ Em 2023, a Revista Forbes publicou algumas estatísticas em uma reportagem comemorativa dos 10 anos do *Spotify* no Brasil. Os dados mostram que o sertanejo é amplamente dominante entre os gêneros musicais: entre as 10 músicas mais ouvidas no Brasil na última década, 8 são do gênero sertanejo; entre os 10 artistas mais tocados no Brasil, 7 são sertanejos; e entre os 10 álbuns mais escutados no *Spotify* Brasil desde 2014, 9 são do gênero sertanejo (Saiba..., 2024). Ao analisar a relação entre perfil social e música sertaneja, uma pesquisa amostral realizada em 2017 em todas as capitais brasileiras) revelou que o sertanejo era o estilo musical preferido por 42% da população com ensino fundamental completo, por 39% daqueles com até o ensino médio e por 28% dos que possuíam ensino superior (Leiva, 2018).

¹³⁴ Pierucci (1999), retomando o estudo de Karl Mannheim sobre o pensamento conservador, aponta como uma das principais características desse modo de vida e pensamento a forma como ele se apega ao imediato, ao real, ao concreto, sendo, portanto, um dispositivo anti-universalista.

os agentes mais desprovidos de capitais. Esse aspecto se revela também nos espaços onde os agentes mais conservadores atuam politicamente no universo estudado, como o bairro e o trabalho, lugares mais propícios a experiências práticas e concretas. Por outro lado, os agentes com maior acúmulo de capitais tendem a adotar posicionamentos políticos alinhados a valores mais universais e abstratos, característicos do liberalismo. Essa inclinação está diretamente relacionada ao local onde sua atuação política frequentemente se inicia: a universidade, um espaço privilegiado para a produção e circulação dessas ideias.

5.3.1.2. Eixo 1 e Clusters 1 e 3: Direita x Esquerda e a relação com a composição de capitais

Como vimos, o espaço social reflete uma correlação de forças que operam tanto vertical como horizontalmente sendo, portanto, multidimensional. Isso implica que as lutas em torno da imposição dos modos legítimos de viver são travadas não apenas entre diferentes classes, mas, sobretudo, entre diferentes frações das mesmas classes. É possível, assim, não apenas diferenciar as classes superiores das classes médias e inferiores, mas também diferenciar frações entre essas classes em função do peso dos diferentes recursos específicos e das modalidades de estilização da vida característicos de cada região de um dado universo social (Bertoncelo; Netto; Ribeiro, 2022). É importante destacar, contudo, que, dada a estrutura quiástica do espaço social, a caracterização em termos de composição de capitais (eixo horizontal) torna-se mais relevante à medida que as posições de classe avançam para cima no eixo de volume (vertical) (Bourdieu, 2015; De Keere, 2018).

Com base nessas premissas, utilizarei as afinidades e oposições identificadas tanto no eixo 1 do espaço político – sua principal dimensão – quanto nos clusters 1 e 3, para demonstrar que a dimensão horizontal do espaço social, frequentemente negligenciada nos estudos de estratificação¹³⁵, é fundamental para compreender como a política contemporânea é vivenciada, percebida e classificada pelos agentes sociais. Isso evidencia que as divisões políticas entre os ativistas pesquisados se expressam, sobretudo, por meio da interação entre diferentes composições de capital (Flemmen; Haakestad, 2017; Jarness; Flemmen; Rosenlund, 2019).

Como vimos, o eixo 1, que é o mais relevante para descrever o espaço relacional ativo (explicando 68,1% da variância), se caracteriza por práticas e posicionamentos políticos

¹³⁵ Sobre a ausência da dimensão horizontal nos estudos dominantes no campo da estratificação, ver discussão no primeiro capítulo do presente trabalho.

associados à direita e à esquerda do espectro político¹³⁶. Quando as modalidades relacionadas às características socioeconômicas dos respondentes (ou de seus familiares) e aos seus hábitos de consumo cultural são projetadas de forma suplementar nesse espaço político, observamos uma clara diferenciação em termos de composição de capitais econômicos e culturais. De modo geral, as modalidades socioculturais revelam que os direitistas possuem um maior acúmulo de capital econômico e um estilo de vida que não privilegia formas legitimadas de capital cultural. Em contrapartida, entre os esquerdistas há indícios de uma inversão nessa relação, com o capital cultural assumindo uma primazia em relação ao capital econômico. Essas diferenças observadas no eixo 1 em relação à composição de capitais entre ativistas de esquerda e de direita são ampliadas e aprofundadas pelas análises de cluster, principalmente quando observamos os clusters 1 e 3, cujas características passo agora a relembrar.

O cluster 1, à semelhança do lado esquerdistas do eixo 1, reúne ativistas que possuem como características comuns tomadas de posição e práticas políticas fortemente associadas à esquerda no espectro político e um pertencimento de classe que os posiciona em uma fração cultural marcada pela valorização do capital cultural e pela denegação do capital econômico. Isso fica evidenciado pelo grande volume de modalidades que refletem um estilo de vida que valoriza aspectos legitimados no campo cultural (gostam de escutar samba e MPB; possuem mais de 100 livros em casa e leem variados gêneros literários como livros científicos / não ficção, quadrinhos e poesia; frequentam teatros; e dominam o idioma espanhol) e rejeita formas de consumo utilitárias e comerciais que seriam mais voltadas ao campo econômico, como os livros de empreendedorismo e de autoajuda. Além disso, os membros deste cluster são altamente escolarizados e possuem formações e ocupações vinculadas a espaços de primazia de capital cultural, como a universidade pública, os cursos de ciências humanas e a docência / pesquisa. Chama a atenção, ainda, a rejeição a aspectos religiosos entre os respondentes agrupados neste cluster, denotada pelas modalidades que indicam ausência de religião e de frequência religiosa (há, também, a rejeição à música gospel).

Por outro lado, o cluster 3, à semelhança do lado direitista do eixo 1, reúne ativistas que possuem como características comuns tomadas de posição e práticas políticas fortemente

¹³⁶ No que diz respeito às opiniões políticas, a divisão entre esquerda e direita no eixo 1 incorpora elementos tanto da “velha” quanto da “nova” política. Assim, é possível identificar que as opiniões se organizam em torno de três principais dimensões que convergem no eixo 1: o aspecto político-institucional (democracia versus autoritarismo), o econômico (estatismo versus privatismo) e o moral (progressismo versus conservadorismo). Isso indica que, nessa dimensão, os respondentes não se separam em perfis distintos de esquerda e direita (como “velha” e “nova” esquerda ou “velha” e “nova” direita). Em vez disso, suas posições abrangem elementos de todos esses aspectos, o que levou à denominação ampla do eixo como “direita e esquerda”. A mesma lógica aplica-se aos agrupamentos observados nos clusters 1 e 3.

associadas à direita no espectro político, tanto em termos liberais como conservadores, e um pertencimento de classe que os posiciona em uma fração econômica marcada por uma valorização do capital econômico e uma denegação do capital cultural. Isso pode ser percebido pelas ocupações localizadas em cargos de alto prestígio do setor privado e ligadas ao empreendedorismo individual, e pelo consumo de livros cuja lógica de produção se adequa aos valores utilitários e comerciais do mundo econômico (empreendedorismo e autoajuda). Ainda, este cluster revela um estilo de vida que não passa pela valorização de formas legitimadas de capital cultural, o que é evidenciado, por exemplo, pelo gosto por música eletrônica, e por uma forte rejeição a itens de consumo diretamente relacionados ao campo cultural (não escutam samba e MPB; não leem livros de poesia, científicos / não ficção e romances; e não frequentam teatros). Cabe destacar, por fim, a forte presença de elementos religiosos, tanto por meio da religião que praticam (evangélicas e protestantes), quanto por práticas culturais que também passam pela influência religiosa (o gosto pela música gospel e a alta frequência religiosa).

A principal conclusão que podemos tirar com base nas evidências contidas no eixo 1 nos clusters 1 e 3 é a de que a tese da homologia defendida por Pierre Bourdieu (2015) se confirma no universo estudado. Ao incorporar indicadores sociais em um espaço formado por práticas e posicionamentos políticos, emergem padrões distintos e consistentes, evidenciando a persistência de atitudes políticas estruturadas pelas diferenças de classe: as divisões políticas refletem, portanto, as distâncias sociais. No caso específico deste universo que é composto majoritariamente por indivíduos que ocupam posições intermediárias do espaço social, podemos dizer, então, que as divisões políticas dentro dessa classe média estão relacionadas às suas divisões sociais internas. De forma geral, frações culturais tendem a se alinhar a comportamentos políticos de esquerda, enquanto frações econômicas se associam a comportamentos políticos de direita. Em outras palavras, posturas políticas de esquerda são atraídas pelo capital cultural, enquanto as de direita são mais tipicamente atraídas pelo capital econômico.

Esses resultados se assemelham às descobertas de vários outros estudos europeus que usaram a mesma abordagem teórico-metodológica aplicada a amostras válidas estatisticamente e, portanto, generalizáveis para os contextos onde foram empreendidas (ver, por exemplo, Skjøtt-Larsen, 2012; Flemmen, 2017; Harrits; Skjøtt-Larsen, 2017; De Keere, 2018; Flemmen; Jarness; Rosenlund, 2019, 2022). Nesse sentido, a literatura mostra que frações de classe com maiores concentrações de capital cultural tendem a adotar posturas marcadamente de esquerda, comportamento que se reflete em sua maior inclinação a votar em partidos de esquerda (Flemmen; Jarness; Rosenlund, 2022). Esse esquerdismo está intimamente relacionado à

composição de capital dessas frações, que, segundo Bourdieu (2015), fratura internamente as classes intermediárias e altas entre aqueles ricos em capital cultural e aqueles ricos em capital econômico. Professores e artistas, que dependem mais do capital cultural, inclinam-se à esquerda, enquanto empresários e comerciantes, sustentados pelo capital econômico, tendem à direita no espectro político (Flemmen, 2014; Gaxie, 2019)¹³⁷.

A interpretação predominante é que o "esquerdismo do capital cultural" funciona como uma estratégia de contestação ao poder do capital econômico. Essa postura se manifesta no apoio a políticas como o fortalecimento de direitos sociais, maior regulamentação do mercado pelo estado, aumento de impostos para financiar gastos sociais e fortalecimento do financiamento público para instituições culturais (Flemmen, Jarness; Rosenlund, 2022). Essas ações desafiarão o poder do capital econômico ao reduzir sua influência no mercado de trabalho e promover maior igualdade por meio de redistribuição e expansão de serviços estatais, sobretudo nas áreas de bem-estar social e cultura (Flemmen, 2014). Em suma, enquanto os detentores de capital econômico ocupam posições dominantes no campo do poder, os grupos ricos em capital cultural, classificados como "frações dominadas da classe dominante" buscam, por meio de sua orientação à esquerda, uma valorização de sua forma de capital e uma redistribuição que desafie o domínio econômico (Bourdieu, 2015; Gaxie, 2019).

A inserção em uma fração cultural de classe, definida por uma maior dependência do capital cultural em relação ao capital econômico para garantir sua reprodução social, estabelece suas fronteiras simbólicas de pertencimento coletivo a partir de uma combinação de critérios políticos e culturais¹³⁸. Isso significa que esses grupos tendem a mobilizar repertórios da

¹³⁷ Ao nos referirmos à fração cultural das classes médias, estamos falando de um grupo de agentes que, do ponto de vista material de sua posição de classe, detêm um volume intermediário de capitais quando analisados dentro da estrutura de classes à qual pertencem, e que, proporcionalmente, possuem mais capital cultural do que econômico (Vieira, 2024). O mesmo raciocínio vale para a fração econômica das classes médias (onde a relação se inverte relevando a primazia do capital econômico).

¹³⁸ A principal referência para tratar de fronteiras simbólicas é o trabalho de Lamont (1992). Por meio de entrevistas qualitativas, ela mapeou empiricamente os diversos repertórios de avaliação usados pelas pessoas para se demarcarem simbolicamente de outras, argumentando que tais julgamentos levam os indivíduos a buscar ou evitar interações com os outros. Os estudos giram em torno da noção de "fronteiras simbólicas", referindo-se às distinções conceituais cotidianas feitas por atores sociais para categorizar pessoas, práticas, gostos, atitudes e maneiras. Para tanto, a autora documentou os repertórios discursivos de avaliação utilizados por homens da alta classe média na França e nos Estados Unidos, mapeando a relevância relativa de diferentes subtipos de fronteiras simbólicas, o que levou à identificação de três subtipos a partir de seus dados de entrevista: fronteiras culturais, socioeconômicas e morais. Em um estudo empírico qualitativo realizado na Noruega, Jarness (2017) repensou essa abordagem combinando o conceito de fronteiras simbólicas de Michèle Lamont com o de espaço social de Pierre Bourdieu. A pesquisa mapeou as avaliações e classificações de 46 entrevistados, com perfis variados em termos de acúmulo de capital cultural e econômico, a respeito dos estilos de vida de outras pessoas. O autor concluiu que os entrevistados pertencentes às frações cultural e econômica das camadas superiores do espaço social manifestam uma nítida antipatia mútua, recorrendo predominantemente a repertórios político-morais para se distinguirem das "más" maneiras das elites autoafirmativas, sejam elas econômicas ou culturais. Conclusões semelhantes também são encontradas por Skjøtt-Larsen (2012) no contexto dinamarquês. Recorrendo a uma ACM aplicada a uma

esquerda política e a valorizar referências culturais legitimadas como formas de afirmar seu valor individual frente à fração econômica da mesma classe.

Pertencer a uma fração cultural de classe implica, portanto, a predisposição a delimitar fronteiras simbólicas específicas, ou seja, a utilizar critérios particulares para reforçar seu pertencimento coletivo e construir uma hierarquia de prestígio em oposição às frações econômicas. No caso das frações culturais, cujo principal recurso é o capital cultural, há uma clara rejeição à lógica do capital econômico como símbolo de status e uma recusa de que a riqueza econômica seja uma medida relevante de prestígio, o que fica evidente quando observamos que, no cluster 1, a modalidade que mais o define é a rejeição a livros de empreendedorismo. Além disso, notamos também um esforço simbólico de demarcação que se reflete no reconhecimento da cultura legitimada como um marcador de valor pessoal uma vez que as modalidades seguintes em termos de maior importância para a definição do cluster são o gosto por MPB e samba¹³⁹.

Este argumento funciona da mesma forma para a fração econômica, que possui uma maior dependência do capital econômico para sua reprodução. Nesse sentido, esses grupos tendem a mobilizar repertórios da direita política, mais afinados com seu posicionamento no espaço social, e desvalorizar referências culturais legitimadas como formas de afirmar seu valor individual frente à fração cultural da mesma classe. Atitudes como a defesa de políticas que limitam os gastos sociais e restringem o financiamento para instituições culturais, bolsas para artistas e acadêmicos, e assim por diante, podem ser vistas como um ataque ao poder e à autonomia do capital cultural (Flemmen, 2017). Nesse sentido, no caso das frações econômicas, cujo principal recurso é o capital econômico, há uma clara rejeição à lógica do capital cultural como símbolo de status. Isso fica bastante claro quando observamos o cluster 3, que é definido majoritariamente pela rejeição a bens de consumo legitimados no campo cultural (gêneros musicais como MPB e samba e gêneros literários como livros de poesia). Na análise do cluster 3 também conseguimos perceber que o esforço simbólico de demarcação de valor pessoal se reflete, ao contrário, no reconhecimento de bens mais comerciais, como a preferência por livros de empreendedorismo, principal modalidade definidora deste agrupamento. Além disso,

amostra representativa de residentes do município de Aalborg, o autor mostra que tanto o consumo cultural quanto as posturas político-morais servem como marcadores de posições de classe: “[...] é importante notar que os limites culturais e morais parecem estar trabalhando juntos. Em vez de uma hierarquia substituir as outras, as atitudes político-morais parecem ser estruturadas de acordo com a mesma lógica das preferências e práticas culturais. Eles são ordenados de acordo com a lógica do espaço de posições sociais e são usados para traçar limites simbólicos em direção às mesmas posições sociais” (Skjøtt-Larsen, 2012, p. 679, tradução nossa).

¹³⁹ Para uma revisão sobre como a hierarquia culturalmente reconhecida de gêneros e subgêneros musicais corresponde à hierarquia social de seus consumidores, ver Fernandes e Pulici (2016).

destacam-se gostos que não seguem a lógica de produção legitimada pelo campo cultural, como a predileção por música eletrônica e gospel.

Essa lógica estrutural, que deriva de sua posição na hierarquia de classes, leva os agentes dessas frações a adotar práticas e escolhas que os aproximem de seus semelhantes, afastem os diferentes e reforcem o valor de seu capital preponderante, seja ele cultural ou econômico. Isso se manifesta em diversos aspectos da vida cotidiana: os bairros onde escolhem viver, os espaços que frequentam na cidade, as redes de amizades e relacionamentos amorosos, as decisões educacionais e profissionais, as preferências eleitorais, a identidade política, a religião que frequentam (ou a rejeição à religião)¹⁴⁰, os hobbies, as músicas que ouvem, os livros que leem, os filmes que assistem, a decoração de suas casas, as roupas que vestem e até mesmo os pratos que consomem (Priour; Savage, 2011).

Nesse sentido, as práticas associadas às frações culturais e econômicas de classe estão incluídas em um processo amplo de formação de identidade que é marcado por um esforço contínuo de valorização de seu capital predominante e da rejeição à lógica de seu capital subordinado em múltiplas esferas de sua vida. Isso os coloca em uma luta constante por classificação e pelo monopólio da definição legítima de questões que integram sua identidade, ou, em outras palavras, pela “imposição legítima dos princípios de visão e divisão do mundo social” (Bourdieu, 2011, p. 2016). Isso inclui, inevitavelmente, o aspecto político, uma vez que o campo político é o lugar por excelência onde essas lutas ocorrem.

Isso nos leva à principal argumentação que pretendo construir nesse capítulo, qual seja, a de que uma dimensão do estilo de vida tende a sinalizar todas as outras (Bourdieu, 2015). Sendo assim, as atitudes políticas devem ser vistas como uma forma de gosto e, como tal, em pé de igualdade com os gostos culturais (um gosto político, a par de gostos culturais mais amplos) (Flemmen, 2017). As atitudes políticas seriam, assim, um aspecto do estilo de vida (Jarness; Flemmen; Rosenlund, 2019).

Utilizar uma abordagem de limites simbólicos em conjunto com uma abordagem de classe que considera aspectos econômicos e culturais permite corrigir uma tendência – que torna a análise social insuficiente – verificada em estudos que se preocupam apenas com a

¹⁴⁰ O fator “religião” é um elemento importante que integra as características sociais dos membros dos clusters 1 (esquerdistas sem religião) e 3 (direitistas evangélicos). Segundo Bourdieu (2015), a correlação entre a prática religiosa e a opinião política nada mais é do que duas manifestações diferentes da mesma disposição, uma vez que a imposição de uma prática e de uma crença implica a afetação de uma classe e a atribuição de uma identidade social, conformando, portanto, sua visão de mundo, a qual se define relacionalmente por sua oposição à classe complementar dos “não crentes”. Essa reflexão se alinha ao argumento geral defendido pelo presente trabalho no sentido de que as práticas simbólicas, de uma forma geral, são estruturadas por pertencimentos específicos de classe e frações de classe.

distribuição social de um conjunto limitado de preferências e atividades culturais, negligenciando que atitudes políticas também podem ser classificadas. Embora uma parte substancial de *A Distinção* tenha se esforçado para demonstrar que as posições políticas podem ser estruturadas de acordo com o modelo do espaço social, as discussões contemporâneas sobre o modelo de classe de Bourdieu se concentraram quase exclusivamente no consumo cultural (Jarness; Flemmen; Rosenlund, 2019). Conforme aponta Jarness (2015), a noção inicial de “estilo de vida” em Weber reflete a totalidade da existência de um grupo, seu modo de vida completo, sua visão de mundo. No entanto, o termo foi popularizado em discussões sobre o consumismo contemporâneo e costuma ser visto apenas como uma maneira de usar bens econômicos e culturais por parte de um determinado grupo.

Busco, portanto, ampliar essa visão ao defender o argumento de que as pessoas obtêm acesso a questões específicas de classe e recursos privilegiados não só porque valorizam o mesmo estilo cultural ou têm um perfil econômico similar, mas também pela razão de que compartilham as mesmas ideias éticas. Sendo assim, posições de classe são sempre acompanhadas por preferências normativas, tanto em um nível consciente quanto inconsciente. Isso implica que a classe não apenas constitui o mundo externo da prática, mas também molda o mundo interno de opiniões e julgamentos, ou seja, as disposições éticas. Esse raciocínio abre um vasto campo para investigar a política no contexto da distinção de classe. Ter uma visão política específica pode funcionar como um símbolo de uma formação cultural particular, com a qual outros se identificam e que, por sua vez, pode gerar tanto oportunidades quanto restrições. A questão é que, ao se apoiar em um repertório moral aprendido - no caso, tendências políticas e um vocabulário específico -, as pessoas se distinguem ao traçar limites entre elas e os outros. Dessa maneira, podemos esperar que as frações econômicas da sociedade rejeitem as frações culturais como uma forma de se diferenciarem dessas últimas, e vice-versa, o que significa que não podemos ignorar que a homologia entre o espaço político e o espaço das classes sociais é resultante de um processo dinâmico de distinção atitudinal recíproca (De Keere, 2018).

Ainda em linha com o pensamento weberiano a respeito dos estilos de vida, é fundamental destacar que não estou propondo um modelo causal no qual a posição de classe (ou de fração de classe) no espaço social determine diretamente as escolhas políticas, mediadas, em alguma medida, pelo estilo de vida. Em vez disso, considero o gosto político como analiticamente semelhante ao estilo de vida, sugerindo que há configurações sistemáticas na afinidade entre gosto cultural e gosto político. Aqui, me alio com as conclusões de Flemmen, Jarness e Rosenlund (2022) no sentido de que os “mecanismos” que produzem essas

associações ainda permanecem irresolutos para a sociologia. Por um lado, podemos considerar que é provável que o gosto político possa ser moldado por preocupações de interesse próprio, por exemplo, quando indivíduos ricos em capital econômico se opõem à tributação progressiva, ou quando indivíduos ricos em capital cultural favorecem gastos públicos generosos na produção cultural. Essa interpretação pode, no entanto, ser defendida sem postular explicações em termos de teoria da ação racional: não parece necessário ter algum cálculo de custo-benefício em mente para experimentar um desejo de manter mais do seu salário ou querer mais financiamento para o seu setor de emprego.

No entanto, como sugeri acima, considero provável que esses gostos políticos também possam ser entendidos em termos de “simbolizações” de capital econômico e cultural, ou seja, não como tentativas conscientes de defender seu respectivo valor, mas como um senso prático ou um apego emocional que valoriza essas formas de capital e seus modos de acumulação (Flemmen; Jarness; Rosenlund, 2022). Embora o cálculo possa ocorrer, ele tende a ser circunstancial: a maior parte das estratégias desenvolvidas pelos agentes é de natureza não reflexiva, resultando de uma percepção implícita sobre as formas de agir mais adequadas em cada contexto. Essas percepções são moldadas ao longo de um processo contínuo e inacabado de socialização. Assim, à medida que há uma socialização específica que capacita os indivíduos a ocuparem adequadamente as frações de classe culturais ou econômicas, também emerge um conjunto de estratégias de ação compartilhadas por esses agentes, voltadas para a valorização de seu capital preponderante (Vieira, 2024).

Em síntese, recorrer a repertórios de avaliação semelhantes não deve ser interpretado como algum tipo de afiliação grupal sem levar em conta as práticas, gostos e estilos de vida adotados pelos agentes sociais. Ignorar esses aspectos nas análises sobre classe e política tem como efeito mascarar tensões intraclasses fundamentais, especialmente relacionadas à composição de capitais no espaço social (Jarness, 2017).

Nesse contexto, a sociologia de Bourdieu (2015) se mostra particularmente esclarecedora ao explorar a relação entre classes e estilos de vida, enfatizando a política não apenas como as relações entre o Estado e os políticos, mas como qualquer esforço para mobilizar apoio público em favor de visões específicas sobre o mundo social. Assim, a análise bourdieusiana reafirma a relevância da classe para compreender fenômenos políticos, destacando a importância de considerar o envolvimento político dos cidadãos em relação a seus estilos de vida e sua posição social. Sob essa perspectiva, as práticas culturais e políticas, especialmente entre os mais privilegiados, surgem como duas dimensões indissociáveis que

não apenas se correlacionam, mas se integram nos estilos de vida, reforçando-se e entrelaçando-se mutuamente (Hovden, 2022).

5.4. SÍNTESE DOS PRINCIPAIS ACHADOS ESTRUTURAIS

Busquei mostrar, neste Capítulo, que os capitais culturais e econômicos, na medida em que se expressam em maior ou menor medida nas classes médias ou intermediárias (público constituinte do universo pesquisado), exercem efeitos específicos sobre os agentes que deles dependem para reproduzirem sua posição social e demarcarem seu valor social, o que permite que separemos o conjunto de agentes pertencentes à fração de classe cultural daqueles pertencentes à fração de classe econômica. Esta separação, por sua vez, produz efeitos importantes em suas construções identitárias e tomadas de posição em diversas esferas da vida, incluindo as escolhas políticas.

Ao demonstrar que as divisões sociais internas nas classes intermediárias parecem homólogas as suas divisões políticas, meus achados se coadunam com a conclusão de vários estudos europeus amplamente citados acima, que utilizaram a mesma abordagem teórico-metodológica aplicada a amostras estatisticamente representativas e, portanto, generalizáveis aos contextos analisados. Essa convergência oferece suporte e validação a estudos que não utilizam amostras representativas, como a presente tese. Os dados coletados apontam, nesse sentido, que o universo constitutivo da pesquisa - majoritariamente formado por ativistas localizados em camadas intermediárias do espaço social - é sistematicamente dividido em razão de questões econômicas e culturais, de modo contestar visões como a de Goldthorpe (1982) no sentido de que a classe média é “essencialmente conservadora”¹⁴¹. Há, pelo contrário, uma

¹⁴¹ Essa visão sobre a classe média parece refletir os próprios efeitos simbólicos que moldam a construção identitária das frações culturais dessa classe. Nesse contexto, diante de uma representação hegemônica com a qual não se identificam, as frações culturais da classe média direcionam seus esforços para criticar a ideia de "classe média" no senso comum. Atacar essa "classe média" – associada ao elitismo, conservadorismo e demofobia – torna-se uma estratégia (não necessariamente consciente), estruturalmente alinhada às posições culturais da própria classe. Trata-se de uma forma de demarcar, de maneira clara, uma fronteira moral que inferioriza a fração econômica dessa classe. Exemplos de críticas contundentes à classe média, vindos de agentes pertencentes à fração cultural, são numerosos. Contudo, Vieira (2024) traz um exemplo emblemático a partir do discurso inflamado da filósofa Marilena Chauí durante um debate sobre a "ascensão conservadora", realizado em 2012 na USP, com a presença de Lula no palco ao lado da intelectual. Nesse contexto, Chauí declarou: "Eu odeio a classe média! A classe média é o atraso de vida. A classe média é estupidez. É o que tem de reacionário, conservador, ignorante, petulante, arrogante, terrorista. É uma coisa fora do comum, a classe média [...]. A classe média é uma abominação política, porque ela é fascista. Ela é uma abominação ética, porque ela é violenta. E ela é uma abominação cognitiva, porque ela é ignorante". O vídeo que contém esta fala de Marilena Chauí pode ser acessado pelo seguinte link: < https://www.youtube.com/watch?v=fdDCBC4DwDg&ab_channel=Fayvit>. Esse discurso não é relevante apenas como símbolo, mas também pela posição de destaque ocupada pela filósofa no campo cultural; sua fala, portanto, possui alto poder de influência sobre agentes em posições culturais no espaço social, contribuindo para reproduzir a relação entre posições sociais e tomadas de posição política. Diante disso, meu objetivo com este trabalho é, também, contribuir para romper com essa visão cristalizada e muitas vezes acrítica sobre as classes

heterogeneidade sistemática nas inclinações políticas da classe intermediária que seguem as divisões constituídas pela posse de formas de capital. Flemmen (2014, p. 562-563, tradução nossa), em um estudo sobre as atitudes políticas da classe média norueguesa, chega às mesmas conclusões:

A classe de serviço possui situações de mercado e relações de emprego distintas em comum, mas isso claramente não se ‘traduz’ em uma classe unificada nos moldes sugeridos por Goldthorpe. Embora os grupos que compõem a classe de serviço sejam semelhantes nesses aspectos, eles estão situados em diferentes campos — campos da educação (superior), o campo burocrático, o campo econômico e assim por diante — e, portanto, dependem de diferentes formas de capital. Por essa razão, a classe de serviço torna-se sistematicamente fragmentada pelo princípio da composição do capital. Certas frações da classe de serviço são privilegiadas principalmente pela posse de capital cultural, enquanto outras baseiam sua posição na posse e/ou controle do capital econômico. A diferenciação de Goldthorpe entre os escalões superiores e inferiores da classe de serviço, embora certamente importante, é insuficiente para dar conta de sua heterogeneidade sistemática¹⁴².

Este capítulo concentrou-se na análise da relação entre as características sociais e culturais dos respondentes do questionário e suas práticas e tomadas de posição política, no contexto do espaço relacional construído por meio da análise de correspondências múltiplas. O enfoque recaiu, portanto, nas dimensões horizontal e vertical desse espaço que, como uma fotografia, nos permitiu captar a configuração das relações de força no momento em que os dados quantitativos foram coletados. No próximo capítulo, essa análise será ampliada com a exploração de um terceiro componente fundamental do espaço social na teoria bourdieusiana: as trajetórias. Após a abordagem predominantemente estrutural desenvolvida neste capítulo, voltada para compreender a relação entre posições sociais e comportamentos políticos, o foco nas trajetórias permitirá uma visão mais dinâmica e processual, destacando os mecanismos de socialização política ao longo do tempo e os modos como fatores estruturais e contextuais interagem com as escolhas e práticas dos agentes.

Diferentemente de abordagens estáticas, que se concentram exclusivamente em posições sociais fixas, a análise das trajetórias sociais enfatiza o processo contínuo de mudança

médias, visão que opera, inclusive – ou talvez, sobretudo –, em espaços intelectuais como as universidades, que deveriam ser, por excelência, locais de pensamento científico e questionador.

¹⁴² No original: “The service class has distinct market situations and employment relationships in common, but this manifestly does not ‘translate’ into a unified class along the lines suggested by Goldthorpe. While the groups that make up the service class are similar in these respects, they are situated in different fields - (higher) education fields, the bureaucratic field, the economic field and so forth - and thus they rely on different forms of capital. Because of this, the service class becomes systematically fractured by the principle of capital composition. Certain fractions of the service class are privileged primarily through their possession of cultural capital, whereas others base their position on the possession of, and/or control over, economic capital. Goldthorpe’s differentiation between the higher and lower echelons of the service class, while certainly important, is insufficient to account for its systematic heterogeneity” (Flemmen, 2014, p. 562-563).

e adaptação. Ela revela como diferentes dimensões, como capital econômico, cultural e social, são acumuladas, perdidas ou transformadas ao longo do tempo. Assim, o foco recai não apenas sobre onde os agentes estão posicionados, mas também sobre o como e o porquê de terem chegado a essas posições. Além disso, essa perspectiva permite incorporar a noção de temporalidade, destacando a importância de eventos históricos, conjunturas políticas e mudanças econômicas na formação das trajetórias. Por exemplo, momentos de crise ou expansão econômica podem gerar oportunidades ou barreiras específicas que reorientam os percursos individuais e coletivos. Outro aspecto fundamental é a relação entre estrutura e agência: as trajetórias sociais mostram que, embora as estruturas sociais – como classe, gênero, raça e território – estabeleçam limites e possibilidades, os indivíduos e grupos não são completamente determinados por elas. Em vez disso, atuam com graus variados de autonomia, mobilizando recursos disponíveis para negociar ou transformar suas posições no espaço social.

Por fim, a análise das trajetórias sociais também permite explorar como experiências vividas em diferentes etapas da vida moldam identidades, percepções e disposições. Essas experiências acumuladas influenciam as práticas e estratégias futuras, destacando o caráter cumulativo e processual da vida social. Em suma, as trajetórias sociais oferecem uma lente analítica rica e complexa, capaz de capturar o dinamismo das relações sociais e os mecanismos que sustentam tanto a reprodução quanto a transformação no espaço social. Diante dessas considerações, o próximo capítulo traz uma análise das trajetórias individuais e políticas de 15 entrevistados que atuam ou atuaram politicamente no município de Juiz de Fora.

6. DISPOSIÇÕES A MILITAR E SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA

Partindo da noção de que os processos de socialização política são contínuos e, portanto, diferenciados em função das trajetórias, este capítulo tem por objetivo analisar de que modo as características e histórias individuais de ativistas se relacionam com o tipo de militância a que aderem, considerando aspectos organizacionais e ideológicos, a partir das entrevistas em profundidade realizadas com 15 ativistas políticos que atuam ou atuaram no município de Juiz de Fora.

Seguindo os achados de Seidl (2009) em uma pesquisa realizada com dirigentes e ex-dirigentes de instituições associativas bastante diversas do estado de Sergipe¹⁴³, trabalho com a hipótese de que as chances de alguém participar ativamente de movimentos coletivos – organizações políticas, sindicatos, partidos, manifestações de rua etc. – variam enormemente em função da posse de certos recursos sociais, culturais, experiências acumuladas e, sobretudo, de conjunturas históricas. No mesmo sentido, apontam Tomizaki e Silva (2021, p. 2):

[...] acreditamos que os comportamentos políticos, ou, mais amplamente, os modos como indivíduos e grupos percebem e reagem a acontecimentos de 'natureza política', podem ser considerados, entre outros fatores, também como resultado dos processos educativos desenvolvidos em variadas instâncias socializadoras (família, escola, trabalho, igreja, sindicatos, partidos, espaços associativos etc.). Portanto, para realizar a análise dos efeitos da educação sobre os comportamentos políticos, teríamos que realizar dois movimentos teóricos e metodológicos: 1) compreender a natureza e as características dos diferentes processos formativos de esquemas de percepção e avaliação da realidade de indivíduos e grupos; e 2) analisar os efeitos das conjunturas social, econômica e política, o que incluiria também as transformações do próprio campo político.

Portanto, a predisposição para participar da política deve ser compreendida a partir de condições sociais mais amplas, que vão além do âmbito da "política propriamente dita". Em primeiro lugar, essa predisposição está relacionada à herança social, manifestada em um *habitus* moldado pela socialização precoce, que pode ser mais ou menos receptivo a questões políticas. Em segundo lugar, ela decorre da trajetória social e da acumulação de diferentes formas de capital ao longo da vida, como o capital social (por exemplo, conexões pessoais com o campo político), o capital cultural (habilidades simbólicas para pensar, expressar e agir em contextos políticos) e o capital econômico (como a possibilidade de dedicar tempo livre a atividades

¹⁴³ A inovação do presente trabalho, em relação à pesquisa desenvolvida por Seidl (2009), é a de integrar à análise trajetórias individuais e políticas de ativistas de direita. Penso, contudo, que essa frente de investigação se abriu em razão da conjuntura histórica na qual se insere o recorte temporal desta tese, uma vez que o acirramento dos conflitos políticos da última década inseriu novos e importantes atores no debate, os quais não podem ser ignorados se pretendemos obter uma compreensão relacional do fenômeno.

politicamente relacionadas). Esses fatores também incluem hábitos de consumo de notícias e estilos de vida que favorecem o engajamento político (Bourdieu, 2015).

Levando essas questões em consideração, o roteiro de entrevistas foi preparado de modo a permitir uma reconstrução de itinerários individuais que possibilitasse identificar a formação das disposições ao engajamento por meio dos processos de socialização pelos quais as pessoas passam ao longo da vida. Segundo Silva e Ruskowski (2016), um dos argumentos importantes dessa perspectiva sustenta que a ação militante, como qualquer outra forma de ação, não é algo natural, mas antes um arbitrário cultural que demanda condições e disposições específicas desigualmente distribuídas na sociedade.

A socialização política é, nesse sentido, um produto de um processo mais amplo: a construção da identidade social. Esse processo envolve a assimilação de códigos simbólicos de diversos grupos com os quais os indivíduos se identificam, o que pode tanto reforçar a conformidade à ordem estabelecida quanto estimular o desvio, a preservação de tradições ou a promoção de mudanças. Sendo assim, as pesquisas empíricas precisam abandonar um esquema único e homogêneo de socialização se desejam alcançar as especificidades dos “processos de construção do político” (Percheron, 1993 *apud* Tomizaki; Silva, 2021)¹⁴⁴. Em resumo,

[...] a partir dessa complexificação do entendimento das disposições, ao contrário do argumento que enfatiza a existência e a ação de um sistema disposicional unificado estruturando as práticas de uma vez por todas, a explicação da ação (e, mais especificamente, do engajamento) demandaria um foco na interação entre um sistema disposicional marcado por uma significativa heterogeneidade e contextos de ação particulares que, em função dos mecanismos nele operantes, atuam como disparadores ou bloqueadores de disposições específicas (Silva; Ruskowski, 2016, p. 196).

Articulando esses elementos relacionados à socialização política, busco refletir, a partir da análise das entrevistas, sobre como e em quais espaços ocorre esse processo entre os ativistas pesquisados, considerando as lógicas que orientam os investimentos na militância. Conforme apresentado no [Quadro 18](#) (Capítulo 3)¹⁴⁵, os entrevistados compõem espaços de militância bastante variados, que muitas vezes se sobrepõem em uma mesma trajetória individual. Nesse sentido, encontramos representações de atuação política, à esquerda e à direita, em bairros,

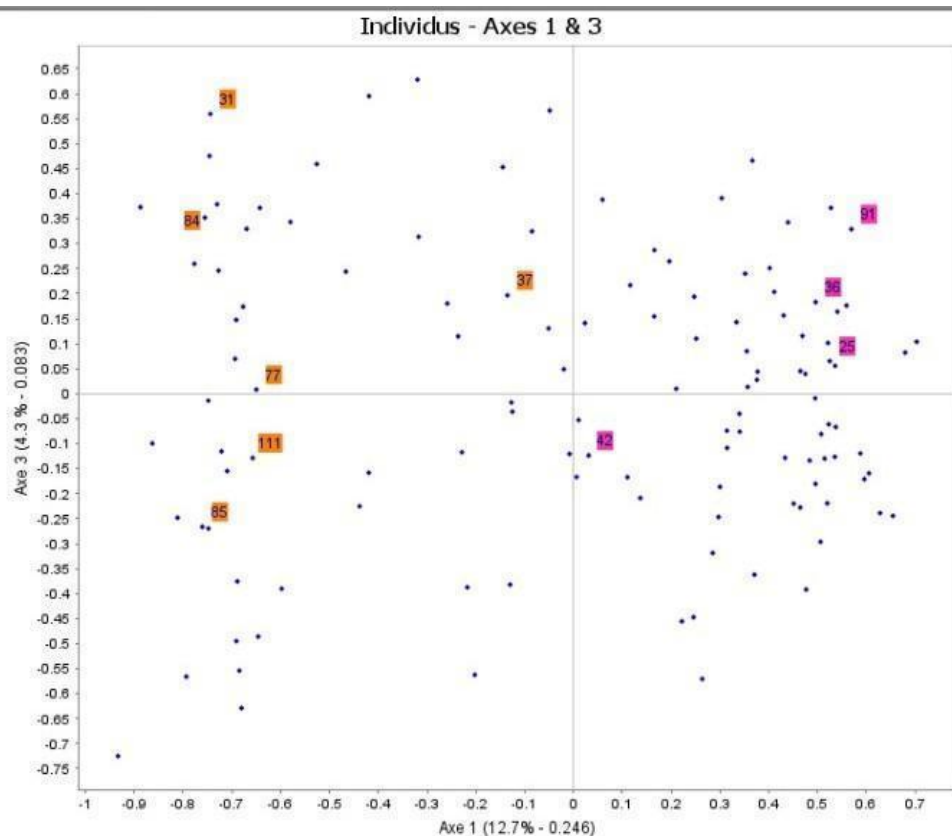
¹⁴⁴ “Mesmos se os mecanismos fundamentais não mudam, os ritmos e os tempos fortes da socialização têm grandes chances de serem diferentes: a primeira infância, por exemplo, perderá sua importância em benefício da infância e da adolescência. Mesmo se os agentes principais continuam idênticos, suas ações correm o risco de não serem mais complementares [...]: em certo número de casos, por exemplo, a família e a escola poderão tornar-se agentes concorrentes até mesmo antagonistas. [...] Essas particularidades são suficientes para fundamentar a pertinência de um estudo sobre as condições de produção das representações e das práticas propriamente políticas” (Percheron, 1993, p. 28 *apud* Tomizaki; Silva, 2021, p. 4).

¹⁴⁵ No caso de leitura em arquivo digital, basta o leitor clicar neste hiperlink para ser direcionado ao Quadro 18.

sindicatos, trabalho, associações civis, partidos, organizações políticas, movimentos sociais (negros, mulheres e população LGBTQIAPN+), movimentos estudantis etc. Isso mostra que os indivíduos percorrem diferentes caminhos interligados em cada fase de sua vida, nos quais se desenvolvem os diferentes processos de socialização política. Para facilitar o trabalho analítico, dividirei os entrevistados em dois grupos, de acordo com sua orientação ideológica, buscando, assim, relacionar seus perfis de militância com seus diferentes processos de aquisição de disposições para o ativismo.

Antes de iniciar a análise das entrevistas, apresento, abaixo, a nuvem de indivíduos conformada pelos eixos 1 e 3, com o posicionamento dos entrevistados que responderam o questionário¹⁴⁶.

Figura 14 – Entrevistados na nuvem de indivíduos



¹⁴⁶ É importante lembrar que o posicionamento dos entrevistados no espaço relacional se dá no mesmo plano conformado pelas nuvens de modalidades, aqui representado pelos eixos 1 e 3. Sendo assim, os entrevistados de esquerda estão localizados à direita no espaço relacional, da mesma forma que as propriedades relativas às práticas e tomadas de posição política de esquerda no eixo 1. Por outro lado, os entrevistados de direita, à semelhança das propriedades referentes às práticas e tomadas de posição de direita no eixo 1, se localizam à esquerda no espaço, se distribuindo melhor também ao longo do eixo 3, que explicita uma oposição entre conservadorismo e liberalismo.

Legenda:

Entrevistado	Número do respondente do questionário
1	36
2	Não respondeu
3	Não respondeu
4	25
5	Não respondeu
6	Não respondeu
7	91
8	42
9	37
10	84
11	77
12	31
13	111
14	85
15	Não respondeu

Fonte: elaboração própria.

6.1. ENTREVISTADOS DE ESQUERDA¹⁴⁷

Dentre os 15 entrevistados, sete se colocam à esquerda e um se coloca à centro-esquerda do espectro político. Todos eles possuem um longo tempo de ativismo político (no mínimo 15 anos, mas algumas trajetórias remontam a mais de 40 anos de militância) e começaram a militar ainda muito jovens (na adolescência ou no começo da fase adulta). A ideia é analisar esses itinerários em quatro grandes eixos que expressam diferentes dimensões das condições sociais do engajamento: (i) socialização familiar (ii) escolarização; (iii) espaços de formação e atuação; e (iv) tipos de militância.

6.1.1. Socialização política na família

A partir dos relatos colhidos, podemos notar que, ao longo das trajetórias individuais dos entrevistados, existe uma conjugação de elementos que, combinados, ajudam a entender a sua propensão à militância. Tais elementos incluem espaços diversos de socialização - como família, bairro, escola, universidade e Igreja Católica -, bem como a posse de recursos econômicos e culturais.

¹⁴⁷ Os entrevistados de esquerda estão marcados em rosa na Figura 16. Com exceção do Entrevistado 8 (respondente 42), que está no Cluster 2, todos se posicionam no Cluster 1.

Nesse sentido, embora “parte das condições de socialização primária dos indivíduos pode ser mais bem apreendida ao considerar-se a posição social de origem de suas famílias” (Seidl, 2009, p. 24), as origens sociais relativamente heterogêneas dos ativistas entrevistados impedem maiores generalizações nos termos de uma associação direta entre recursos herdados e probabilidade de engajamento individual. Ainda assim, podemos ponderar que a maioria dos entrevistados de esquerda vêm de famílias ocupantes de posições mais intermediárias no espaço social (com pais ou mães comerciantes, ferroviários, bancários ou funcionários públicos), com três exceções que denotam, respectivamente, origens familiares cuja posse de recursos os posiciona em pontos superiores ou inferiores do espaço social: (i) o Entrevistado 8, cujo pai era engenheiro, empresário e político; (ii) o Entrevistado 6, cujo pai era operário e a mãe empregada doméstica; e (iii) o Entrevistado 7, cuja mãe é costureira.

Quando perguntados sobre o início de suas trajetórias políticas, todos os entrevistados, com exceção do Entrevistado 6, mencionaram motivações e lugares diversos que não incluíam a influência de familiares. A maioria deles disse, ainda, que a política não era um assunto recorrente em casa. Mesmo o Entrevistado 8, cujo pai era político - já tendo sido, inclusive, prefeito de Juiz de Fora -, apontou expressamente que sua militância política não era incentivada pelo pai e que ambos ocupavam posições antagônicas no jogo político. Sobre isso, ele narra uma situação curiosa pela qual sua mãe passou ao ser instada a escolher entre a candidatura do marido e do filho em um contexto de eleição:

Entrevistado 8: Exatamente, minha trajetória pública não tem absolutamente nada a ver com meu pai. Pelo contrário, há uma tradição na política brasileira que o deputado Paulo Delgado, do PT de Juiz de Fora, apelidou de filhotismo na política brasileira. Sempre avós de tradição política fazem filhos e netos. Tem uma tradição de passar de pai para filho, de mãe para filho e tal, envolver a família toda. E um sintoma, que traduz bem, é que eu fui candidato a vereador em 1988, com 22 anos, contra o meu pai. Contra o meu pai. O meu pai foi prefeito e depois foi candidato e derrotado em 1982, pelo PDS que substituiu a Arena, que era a sustentação da ditadura. Era o governo Figueiredo, eu tentei convencer e falei, olha, você está no barco errado, a onda toda nacional é pró-democratização, o MDB vai ganhar, você vai perder eleição. E o peculiar dessa eleição, que infelizmente terminaram com isso, o voto era vinculado. Nesta eleição houve coincidência plena, não tinha eleição para presidente da república. Mas governador, senador, deputado federal, deputado estadual, prefeito, vereador, você só poderia votar num único partido. Se você votasse... qualquer um dos cargos, se você votasse em outro partido, você anulava seu voto. [...]. A nossa chapa era [...] uma chapa de centro-esquerda, bem progressista. E o meu pai era candidato do outro lado. [...]. E interessante o anedotário, né? É que o Fantástico da Globo, fez uma matéria uma semana antes da eleição com três famílias que estavam divididas pelo voto vinculado. Então pegaram uma família no Nordeste, entrevistaram minha mãe, e entrevistaram alguém em Santa Catarina. E perguntaram... ‘ah, o voto vinculado está dividindo a família e tal, em quem a senhora vai votar? No marido ou no filho?’. Ela falou, ela se saiu bem... o voto é secreto. Aí ela se protegeu. É claro que ela votou no filho. Então assim, minha trajetória política, até porque o meu pai não era muito político, ele era engenheiro,

formou junto com o Itamar Franco, Itamar cismou de lançar ele prefeito. Ele não tinha muita vocação e visão política. Então, a minha trajetória, todo mundo fala assim, ah, é filho do (nome do pai do Entrevistado 8), que foi prefeito, seguiu a carreira dele. E eu fico puto com isso, porque não tem absolutamente nada a ver. Eu despertei na política no movimento estudantil, na igreja, na teologia da libertação.

Os estudos desenvolvidos por Annick Percheron (1974; 1993) e, posteriormente, por Anne Muxel (2008; 2018) oferecem uma importante base para refletir sobre a ausência de menção à família como o primeiro espaço de socialização política entre os entrevistados. De acordo com as autoras, as crianças assimilam elementos do universo político desde cedo, principalmente por meio da transmissão implícita de opiniões e valores políticos no ambiente familiar. Esse contexto é permeável a temas políticos devido à influência de mídias tradicionais e, mais recentemente, da Internet. Discussões de caráter político frequentemente adentram o espaço íntimo da família, especialmente em períodos eleitorais ou de crise. Nesse ambiente, as crianças observam, absorvem e adaptam informações, reações e atitudes dos adultos, tudo isso em um contexto marcado pela afetividade. Assim, elas integram simultaneamente referências políticas e afetivas que exercerão impacto significativo nas etapas posteriores de sua socialização política. Esse processo, muitas vezes “silencioso”, ocorre por meio de uma transmissão difusa, na qual valores e opiniões são incorporados de forma quase inconsciente, mas que moldam experiências futuras. Após essa primeira socialização familiar, frequentemente marcada por sua natureza implícita, os comportamentos políticos se ajustam e se transformam ao longo da vida. Esses ajustes refletem as circunstâncias históricas, políticas, sociais e biográficas, além dos encontros pessoais e institucionais que ocorrem ao longo do tempo, resultando na formação de novas posições, escolhas e afiliações políticas (Tomizaki; Silva, 2021)¹⁴⁸.

No entanto, ainda que nem todos os entrevistados relatem ter crescido em ambientes onde a política desempenhava um papel mais evidente ou “visível”, é possível perceber a influência que o papel de liderança ou o status de figura conhecida localmente, exercido por algum familiar próximo, pode ter na formação de percepções sobre as relações sociais. Essa influência se reflete em modelos de sociabilidade e atuação caracterizados por um estilo de vida público, pela aquisição de certa notoriedade e por amplas redes de relacionamento. (Seidl, 2009), o que pode ser percebido na resposta dada pelo Entrevistado 7. Quando perguntado sobre as relações da família com a política, não hesitou em responder que eram inexistentes. Porém,

¹⁴⁸ Outra dimensão dessa passagem implícita de valores morais e políticos no ambiente familiar pode ser observada quando observamos os clusters formados pelos ativistas de esquerda e pelos ativistas de direita. Em ambos os agrupamentos aparecem como características sobrerrepresentadas o fato de os pais dos respondentes se identificarem com orientações políticas à esquerda ou à direita, respectivamente.

logo em seguida, quando o indaguei sobre pessoas que influenciaram positivamente sua formação política, ele falou de suas avós como mulheres que eram conhecidas e respeitadas por todos no bairro:

Mariana: E você falou que sempre gostou de política. Isso também foi algo que foi formado pela escola ou você também tinha alguma coisa em casa, assim, de discussão política com seus pais?

Entrevistado 7: Escola. Minha família nunca se envolveu com política, minha família não gosta...

Mariana: Nem política de cidade pequena, que é muito personalista?

Entrevistado 7: Nada, nada. Minha família não se envolve em política. Minha família... não tiveram candidatos, não. Não tem ninguém lá em casa que eu possa falar assim, olha, me espelhei nessa pessoa, não, ninguém.

Mariana: Ou discutir, era um ponto de discussão, nada disso...

Entrevistado 7: Não, nada, minha família não discute política, era zero. Mas a escola sim.

[...].

Mariana: E nessa formação política que você vem construindo ao longo dos anos, você conseguiria me citar algumas pessoas que te influenciaram politicamente nessa caminhada? Pode ser no campo teórico, pode ser no campo político mesmo... mas pessoas que te inspiram ou que te inspiraram.

Entrevistado 7: Minhas avós inspiraram sim, porque a questão do estudo, do diploma, nunca fez delas duas mulheres, por exemplo, que fossem menores por conta do não diploma, né? Mas muito pelo contrário. Hoje, muita coisa que eu vejo da política, eu aprendi com elas, que é o jeito de conversar com as pessoas, elas eram pessoas que conviviam com vários grupos sociais, conseguiam dialogar com vários grupos sociais, então eu aprendi muito isso com elas, eu admiro elas. Tanto a minha avó por parte de pai, quanto por parte de mãe, tinham uma rede de pessoas que elas conheciam. São pessoas agregadoras. E assim, mesmo a gente sendo pobre, minha avó conversava com gente muito rica. Tinha, sabe? E conversava com pobre, conversava com preto, com branco. A casa das minhas avós sempre ficava muito cheia de gente. Ah, café da tarde, por exemplo, era com muita gente. Era o vizinho: 'ah, passei aqui pra te dar um oi, vamos tomar um café'. Então, assim, eu acho que são pessoas que eu admiro. Admiro muito, assim.

Ainda no âmbito da transmissão de valores por meio da família, outras narrativas evidenciam influências familiares na socialização política dos entrevistados, mesmo que eles não indiquem a família como local propulsor para o início de sua atuação política. A primeira é a da Entrevistada 2, que, mesmo afirmando ter “despertado” para a política apenas no ambiente universitário - relacionando seu “espírito de liderança” na infância e adolescência apenas ao seu jeito de ser (sem atribuir a isso uma vinculação política) -, se lembra que o pai era uma pessoa muito “politizada”.

Acho que pra mim, eu aprendi as coisas foi a partir da minha vivência no movimento estudantil, na universidade mesmo, foi lá que eu conheci mesmo a política, né? Porque antes, na minha vida, assim, eu não tinha tanto contato com a política, mais diretamente política institucional. E eu nem sabia muito dessas coisas, né? Naquela época a gente não tinha tanta coisa de... Que os jovens têm hoje, de internet, e que fica muito ligado em muita coisa. Sei lá, eu não lembro de ser aquela pessoa que militava muito, sabe? Eu sempre fui uma pessoa ativa, que defendia as pessoas, que

gostava de organizar as coisas, que sempre estava na liderança, mas isso para mim não tinha uma vinculação política. Era uma coisa mais mesmo do meu jeito de ser. Meu pai foi do sindicato dos ferroviários, ele era ferroviário, no primeiro momento, depois quando a rede ferroviária foi privatizada, ele saiu da rede, mas até ali, em 1998, 1999, ele foi servidor da rede. Mas ele foi do sindicato, então ele falava muito disso comigo, mas também não me lembro dele falar muito dessas coisas, mas ele sempre foi muito politizado. Então tinha, né, esse resquício, mas eu, assim, muito francamente, não tinha. Então foi na universidade que eu conheci mesmo a política, assim, que eu conheci o movimento estudantil, o movimento de mulheres, me aproximei das pessoas que me ajudaram com essa minha formação.

O segundo relato é o da Entrevistada 3, que reconhece que os assuntos políticos eram introduzidos em casa de maneira mais difusa, principalmente em razão do envolvimento do pai com amigos sindicalistas:

Mariana: Você discutia política em casa?

Entrevistada 3: Não, a minha casa não era uma casa que a política estava presente, a política nacional. As municipais sim, que a família da minha mãe sempre participou muito da política local, em outra cidade que é Carandaí, então tinha essa coisa municipal, mas a nacional não.

Mariana: Com essas grandes pautas, igual a gente vê hoje em dia, né? Não tinha isso.

Entrevistada 3: Hoje, na minha família todo mundo entrou pra política, mas naquela época não era.

Mariana: Mas o seu pai como bancário... você falou da questão do Lula, né?

Entrevistada 3: É porque meu pai nunca foi sindicalista, mas ele sempre foi amigo dos sindicalistas do sindicato dos bancários. Então os amigos dele sempre eram muito envolvidos. Então a política aparecia de certa maneira, não era no dia a dia, mas aparecia. E ele sempre foi amigo dos sindicalistas, até se aposentar. Sempre apoiou a greve, ele nunca furou greve, essa coisa toda, né? Ele nunca foi... eu também acho que ele acabou nunca se envolvendo porque isso diminuiu o salário, né? Que você deixa de fazer parte do plano de cargas e carreiras, não é? Então isso tem um impacto, né? Para criar família etc. Mas ele sempre se vinculou aos sindicalistas, inclusive com amizade.

O terceiro relato é o do Entrevistado 2, que afirma ter iniciado uma atuação política mais engajada na Pastoral da Juventude da Igreja Católica. Quando perguntado sobre o papel que atribui à família na atuação política sua atuação política atual, ele afirma ter sido muito pequeno, uma vez que o pai apoiava uma figura de centro-direita em sua cidade natal (tendo sido também eleitor do Collor) e não discutia assuntos políticos em casa.

Entrevistado 1: Durante o ensino médio eu entro para a Pastoral da Juventude. Foi justamente no primeiro colegial, com 15 anos. E ali eu tenho uma trajetória de engajamento muito forte, assumindo a coordenação do grupo de jovens, indo para a coordenação do setor, que é uma divisão da arquidiocese, e indo para a coordenação da diocese. E foi em particular na Pastoral da Juventude, por conta da sua trajetória muito ligada à teologia da libertação, que eu tenho uma aproximação definitiva com a política. A política sempre foi muito próxima pra mim. Meu pai era muito engajado também, não muito engajado, mas um engajamento. Eu me lembro de quando criança, aquela coisa muito de hábito doméstico, né? Meu pai sempre estava em casa, todas as noites quando não estava era estranho. E parte dessas vezes é porque ele

estava em reunião política. Me lembro também... E... Isso pode soar estranho hoje em dia, mas gostava de assistir programa eleitoral. Eram programas de São Paulo na época. Então, já gostava, já tinha curiosidade no universo político, né? E na Pastoral do Juventude isso se tornou mais forte e culminou também na minha filiação ao PT, que aconteceu em 2002, no ano da vitória do Lula.

[...].

Mariana: Na sua trajetória política, você mencionou dois fatos importantes para a sua escolha pela militância. Uma foi a participação de grupos dentro da igreja, que pelo que eu entendi foi algo bastante fundamental, e você falou também do seu pai, que era uma pessoa que também te influenciou nesse sentido. Então, qual o papel que você atribui à família, de uma forma geral, na sua atuação política hoje? Se é que você atribui algum papel.

Entrevistado 1: Muito pequena, porque a atuação do meu pai sempre foi uma porta, uma janela. A partir dele eu conseguia ver que existia política fora de casa, mas ele nunca me influenciou propriamente, até porque a trajetória dele foi bastante diferente da minha, né? Quem ele apoiava em (nome da cidade natal do Entrevistado), na disputa municipal, não era o PT. Era uma figura de, vamos dizer, hoje de centro-direita. Mas uma figura que se organizava localmente. Ele não reproduzia nenhuma dinâmica nacional.

Mariana: Ele levava esses assuntos para casa? Para discutir com vocês?

Entrevistado 1: Não.

Mariana: Mas você sabia que ele estava envolvido nessas questões.

Entrevistado 1: Sabia.

Mariana: Então em casa não se discutia muita política?

Entrevistado 1: Não. Inclusive ele apoiou o Collor, que hoje para mim é um escândalo, né? Mas depois ele também se tornou lulista, então tá tudo bem.

Cabe destacar, por fim, o relato da Entrevistada 5. Embora não associe diretamente a sua atuação política, iniciada em um sindicato de professores, à influência familiar, ela aponta que a valorização da educação e da cultura pela família está relacionada à passagem de seu avô pelo Partido Comunista e pelo sindicato dos gráficos. Além disso, atribui a escassa discussão política em sua casa, durante a infância, ao clima de medo instaurado pelo regime militar na década de 1960:

Entrevistada 5: Mas o vô era um cara muito legal, assim, muito divertido. Ele, além de ser essa figura e ter sido educado pelo partido comunista e pelo sindicato dos gráficos, ele era jogador de sinuca, de bilhar, era cantor, boêmio, e era morador de Santo Cristo, né? Um dos bairros mais antigos do Rio de Janeiro. Então a gente vem de uma família em que as pessoas valorizam muito o conhecimento, mas foram excluídas do processo formal de formação.... que tem muita alegria na casa porque tem muita música, muito tudo.

Mariana: Você acha que essa valorização do conhecimento, pelo menos pela parte do seu avô, vem da própria teoria que ele teve contato nessa formação de sindicato?

Entrevistada 5: Olha, eu acho que se não fosse o sindicato dos gráficos e o Partido Comunista, nós seríamos uma família horrível do ponto de vista intelectual e do ponto de vista político. Porque veja, a vô vem de uma família camponesa, tradicional, então, da propriedade da terra, que no Brasil não é qualquer coisa. Então, o lado da família da minha avó, eu tendo a acreditar que seria muito conservador. Porque eu vejo que, com a ditadura, meu avô teve tuberculose, ficou sequelado, não tinha previdência na época, não tinha consolidação das leis de trabalho. Eles passam fome, eram 10 filhos, os mais velhos saem para trabalhar, os mais novos conseguem estudar um pouco mais. E, com a ditadura, que acontece 2 anos antes de eu nascer, há uma perseguição brutal na região onde os meus avós tinham... tem casa, né? A casa está lá ainda, é da família, é de usufruto... é a região que o pessoal apelidou de Moscouzinho. Porque é

uma galera que em alguma medida participa do levante de 35 e que escondia os perseguidos políticos da ditadura naquela região, até o pessoal ganhar caminho. Então, o vô chegou a ter cinco filhos com suspeita de tuberculose por conta de pobreza, de miséria, de fome, né? Até que ele conseguiu... ele ficou mantido por um tempo pelo sindicato dos gráficos, pela caixinha de auxílio, que é o que dá origem à nossa previdência depois, né? E aí... com o avanço da ditadura e a não resolução, porque ninguém sabia muito bem para que rumo que aquilo ia tomar, só sabia que era muito ruim, como o vô não era dirigente e já estava aposentado por invalidez, não tinha cabimento ele se arriscar e continuar mobilizado, articulado. E a minha avó implorou para ele, para que ele deixasse isso. Então o vô enterra o retrato do Carlos Prestes e do Getúlio, junto com os livros dele no quintal, no meio da madrugada, e finge de morto. Como ele era aposentado, tinha um quadro de sequela grave de tuberculose e não era quadro dirigente, ele passou despercebido. E eu noto que esse silêncio, esse medo que se abateu sobre a família, fez com que eu, durante muito tempo, acreditasse que eles eram trabalhistas e não comunistas. E os meus tios mais jovens, apesar de serem críticos... é muito aquela coisa que o Gramsci fala do pensamento sincrético, do senso comum, que é crítico, mas também é contraditório. Então, uma parte da família eu noto que tem essa característica. Então, se não fosse o Partido Comunista, se não fosse o sindicato dos gráficos, nós seríamos assim, horríveis. Seria aquela direita pão com ovo. Eu acho, eu avalio isso.

6.1.2. Escolarização e ocupação

Dando seguimento à análise das condições sociais do engajamento, outro fato importante a ser notado é que, apesar das origens sociais heterogêneas, os entrevistados, em sua maioria, alcançaram altos níveis de escolarização (quatro possuem doutorado, dois possuem mestrado e um possui especialização *lato sensu*). Entre os 7 entrevistados de esquerda que possuem curso superior, 6 deles possuem formação na área das ciências humanas (Comunicação Social, História, Serviço Social, Ciências Sociais, Direito e Economia) e apenas 1 possui formação em ciências biológicas (Medicina). Merece destaque, também, o fato de que todos se graduaram e fizeram pós-graduação em instituições públicas. Tais constatações confirmam as ligações privilegiadas entre capital cultural e “competência” política (Bourdieu, 2015). Segundo Gaxie (2019, p. 386-387, tradução nossa),

[...] os sentimentos de competência ou de incompetência dos cidadãos são estatutários, no sentido de que resultam da interiorização dos status e das posições de cada um na sociedade. Aqueles que ocupam posições (relativamente) elevadas, isto é, posições de poder e saber, após estudos prolongados, possuem maneiras de falar próximas da linguagem política. Eles podem, por exemplo, adotar o ponto de vista geral e abstrato exigido por debates sobre a oportunidade de revisar a ‘política habitacional’ ou de ‘sair da zona do euro’. Dispõem de confortos e disponibilidade que permitem ampliar o horizonte de preocupações além das urgências e rotinas da vida cotidiana, informam-se, leem, discutem, frequentam cinemas ou museus, e sentem-se qualificados para expressar suas opiniões sobre os assuntos públicos. Autorizam-se e auto habilitam-se a intervir. Sentem-se no direito e em condições de aproveitar os ‘poderes’ e as possibilidades de participação abertas aos cidadãos em uma democracia

representativa. Votam regularmente, respondem com facilidade às perguntas de pesquisas, defendem suas opiniões em discussões cotidianas¹⁴⁹.

Os investimentos significativos na educação, observados nos trajetos analisados, parecem reforçar a tendência de relação entre o aumento e a diversificação das qualificações escolares com maiores chances de êxito em carreiras políticas e em diferentes formas de militância (Coradini, 2001; 2002). Em um primeiro aspecto, destacam-se as dinâmicas de sociabilidade proporcionadas pelo ensino superior, que favorecem a formação de redes de relacionamento e interdependência nesse contexto. Em um segundo aspecto, evidenciam-se as variadas formas de utilização dos títulos, experiências e conhecimentos reconhecidos como “acadêmicos”, “científicos” ou, de maneira mais ampla, “intelectuais”, na construção de trajetórias militantes, na busca por legitimidade para ocupar determinados cargos ou posições e no desempenho de funções relacionadas (Seidl, 2009).

Exemplo deste “segundo aspecto” é a trajetória da Entrevistada 4 (branca, cuja família de origem pertence a uma classe média urbana). Ela é integrante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) há mais de 15 anos, tendo encontrado na carreira acadêmica (graduação, mestrado e doutorado em Serviço Social) uma formação militante que a “autorizou” a atuar no movimento a partir do viés intelectual¹⁵⁰. Ao ser perguntada sobre desafios e obstáculos que enfrentou em sua trajetória política, ela assim respondeu:

Entrevistada 4: Mas outra dificuldade que eu sempre senti ao longo da minha militância, que não é tão tranquilo no MST, é a tal da minha origem, né? O MST, enquanto um movimento clássico que nasce nessa origem, é essencialmente camponês, né? Eu não tenho uma origem de vida camponesa, minha família tem, minha mãe, mas... Isso sempre foi algo que me marcou, me atravessou, durante todo o meu processo de militância. Eu sempre tive muito essa dimensão de não camponês e no movimento camponês, sempre foi algo que me tocou muito e criou várias questões pra mim, né? De ter que se afirmar no movimento, pra estar aqui, pra poder falar, inclusive no movimento. Eu branca, sempre... É muito comum eu também, por

¹⁴⁹ No original: “Les sentiments de compétence ou d’incompétence des citoyens sont statutaires, au sens où ils résultent de l’intériorisation des statuts et des positions de chacun dans la société. Ceux qui occupent des positions (relativement) élevées, c’est-à-dire des positions de pouvoir et de savoir, après des études prolongées, ont des manières de parler proches de la langue de la politique. Ils peuvent par exemple adopter le point de vue général et abstrait supposé par le débat sur l’opportunité de réviser la « politique du logement » ou de « sortir de la zone euro ». Ils disposent des confort et des disponibilités qui permettent d’élargir l’horizon des préoccupations au-delà des urgences et des routines de la vie quotidienne, s’informent, lisent, discutent, fréquentent les cinémas ou les musées, se sentent qualifiés pour exprimer leur point de vue sur les affaires publiques. Ils s’autorisent, s’auto-habilitent à intervenir. Ils se sentent en droit et en mesure de saisir les « pouvoirs » et les possibilités de participer ouverts aux citoyens dans une démocratie représentative. Ils votent régulièrement, répondent volontiers aux questions des sondages, défendent leur point de vue dans les discussions courantes”.

¹⁵⁰ No momento da entrevista (maio de 2024), a Entrevistada 4 estava finalizando seu doutorado em Serviço Social, no qual ela faz uma caracterização da disputa da renda da terra em Minas Gerais a partir de um olhar sobre a reprodução ampliada do capital nas principais cadeias produtivas.

exemplo, ser a única mulher branca, loura, do olho azul... que o movimento Sem Terra é 70% ou 80% negro. Então isso também sempre teve presente em mim.

Mariana: Mas isso era um questionamento que você mesmo fazia sobre você ou você sentia que vinha um certo julgamento das outras pessoas?

Entrevistada 4: Julgamento das outras pessoas, com certeza. Uma necessidade de me afirmar e ter que me legitimar muito mais, por eu não ser de origem camponesa, né? Isso foi uma marca... eu acho que marca também o período do movimento sem-terra, né? Ele vai se complexificando e vai mostrando que não é só camponês que cabe nele, né? Hoje a gente tem uma diversidade de outros sujeitos que compõem o movimento sem-terra muito grande, né? Considerando a dimensão que o movimento passa a ter. Então isso também foi, durante um período, algo desafiador. Acho que depois... agora não, assim, não é algo que eu enfrento.

Mariana: Agora a sua trajetória dentro do movimento também acho que está bem solidificada, né? Quantas coisas que você me falou que você já fez aí, quantos cargos você já ocupou dentro do movimento, em cidades diferentes, exercendo funções diferentes, né? E ajudou a estruturar o movimento aqui.

Entrevistada 4: Hoje eu tenho inclusive uma tarefa nacional dentro do movimento. Então hoje eu acompanho regiões, rodo estados, aí ao longo do Brasil, então... Tô nesse lugar aí agora, né? Depois de muitos anos, muitos anos, mas é isso, né?

Mariana: Tem quantos anos já que você tá no movimento, assim, atuando ativamente?

Entrevistada 4: 15 anos. Sempre atuando pelo movimento. Na verdade, eu nunca atuei formalmente como assistente social, na carteira, né. Sempre tive em projetos...

Mariana: Ah, mas certamente essa sua formação te deu instrumentos, né? Pra sua própria atuação aí dentro do movimento, porque...

Entrevistada 4: Nossa, sem dúvida! Sem dúvida. Tudo que eu faço, o serviço social foi fundamental...

Mariana: Até pra sua própria formação teórica também, eu imagino, né?

Entrevistada 4: Sim... E no movimento isso só fica mais forte, né? Porque a gente estuda bastante também. Quem quer, no movimento sem-terra, estuda bastante.

Gaxie (1978; 2019) pontua, contudo, que, da mesma forma que os altos níveis de escolarização, as experiências militantes em outros espaços também são meios de acumular informações, conhecimentos e competência estatutária. Nesse sentido, a passagem por instituições, como sindicatos e movimentos sociais, possibilita uma acumulação de capital político e militante¹⁵¹, o que funcionaria como uma espécie de “capital escolar de substituição”.

Isso fica evidenciado na trajetória do Entrevistado 6, o único que não possui Ensino Superior; ele fez formação técnica no antigo Colégio Técnico Universitário (CTU), atual Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais (IF Sudeste), em Juiz de Fora. O Entrevistado 6 iniciou sua atuação política como operário em uma fábrica metalúrgica (os operários pararam a produção porque o patrão não queria liberá-los para assistir aos jogos da Copa do Mundo de 1978); após entrar para o curso técnico de metalurgia no antigo CTU, e por influência do irmão¹⁵², passa a integrar o movimento estudantil Estratégia e o Grêmio Estudantil Técnico Universitário (GETO), onde liderou a primeira greve de estudantes

¹⁵¹ Para uma definição teórica de capital militante, ver Matonti; Poupeau (2004).

¹⁵² Nas palavras do Entrevistado 6: “E neste período, através do meu irmão, que não está mais entre nós, ele fazia o curso de bioquímica.... então, eu comecei a ter acesso a alguns textos sobre marxismo, sobre a luta contra a ditadura”.

secundaristas de Juiz de Fora, nos anos 1980, em um contexto de recomposição da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES); ao longo da vida, atuou em vários sindicatos em Juiz de Fora (têxteis, metalúrgicos e servidores públicos), militou na Central Única dos Trabalhadores - CUT (vertente pela Base), foi oposição sindical cutista, em articulações de nível estadual e nacional, participou de movimentos de bairro a partir do Unibairro (jornal), foi vice-presidente de associação de bairro, atuou pelo Movimento Negro Unificado (MNU) dentro da categoria metalúrgica na CUT, foi candidato a vereador pelo PT nos anos 1990, tendo ajudado a fundar o partido em Juiz de Fora; hoje, é militante do MNU e assessor em uma fundação municipal ligada à cultura.

Em termos profissionais, a maioria dos entrevistados de esquerda possui ocupações que os posicionam em uma fração cultural de classe (professores universitários em instituições públicas, educadora popular, jornalista, historiadora e assessor em fundação municipal ligada à cultura). Há, ainda, um advogado – profissão que usualmente é caracterizada por pertencer a uma fração equilibrada de classe - cuja atuação se dá sobretudo na área dos direitos humanos. Esses dados corroboram os achados da parte quantitativa do trabalho, indicando que existe, também entre os entrevistados, uma afinidade quase inequívoca entre o processo de associação aos grupos profissionais típicos das frações culturais e a associação à esquerda política.

6.1.3. Espaços de formação e atuação

Conforme já mencionado, de maneira geral, os entrevistados indicam vários ambientes como motivadores ou propulsores do início de seu engajamento militante. Nesse sentido, são citados espaços como a Igreja Católica (Entrevistados 1, 3 e 8), a escola (Entrevistados 3, 4, 6 e 8) a universidade pública (Entrevistada 2), o sindicato (Entrevistada 5) e o bairro (Entrevistado 7). Ao longo de suas trajetórias políticas individuais, outros espaços vão sendo incorporados, sendo a universidade pública um local de destaque. Dos 8 entrevistados de esquerda, sete (todos os que possuem curso superior) militaram de alguma forma no ambiente universitário juiz-forano, sobretudo a partir da participação em Diretórios Acadêmicos (DA's) e no Diretório Central dos Estudantes (DCE). É digno de nota, também, que vários espaços de militância se entrelaçam e se sobrepõem ao longo dos itinerários investigados, contribuindo para a consolidação de uma identidade política de esquerda. Esses espaços promovem a

formação de novos círculos de sociabilidade que oferecem um conjunto diferenciado de referências e repertórios interpretativos do mundo, notadamente aos ideais de esquerda¹⁵³.

Os relatos sobre experiências no ambiente escolar indicam que esse espaço desempenha um papel central na formação de disposições para o engajamento e no desenvolvimento de competências específicas, como a assimilação de códigos e técnicas fundamentais para a atuação política. Muitos entrevistados mencionam que seu envolvimento ou interesse em atividades coletivas ou políticas teve origem precoce, frequentemente manifestado por meio de participações iniciais, como lideranças em grêmios estudantis ou na produção de jornais escolares¹⁵⁴. Para parte desses indivíduos, o ingresso em cursos de ensino superior representa uma continuidade desse tipo de engajamento, agora através da atuação em diretórios acadêmicos estudantis, ambientes notoriamente ligados à lógica de disputas partidárias e processos de recrutamento similares. Nesse sentido, a entrada na universidade pública geralmente é acompanhada por uma intensificação de atividades militantes e da ampliação de redes sociais que conectam os entrevistados com o envolvimento partidário (Seidl, 2009).

Um caso marcante de acúmulo precoce e prolongado de vivências na política estudantil é fornecido pela trajetória do Entrevistado 8¹⁵⁵, um futuro professor universitário que depois construiria uma carreira política que alcançou o nível federal. Nascido em Juiz de Fora em 1960, seu itinerário escolar secundarista e universitário coincidiu com um período histórico altamente favorável à militância. Ele atribui o seu engajamento político na Universidade Federal de Juiz de Fora à formação cultural e política que obteve no Ensino Médio em uma escola católica, ambiente no qual foi presidente de classe, diretor de jornal e teve a oportunidade

¹⁵³ Sobre a aquisição de repertórios políticos de esquerda no ambiente universitário, Vieira (2024, p. 150-151) pondera que este espaço “marca com maior clareza a vinculação dessas pessoas à fração cultural, sendo também um dos que cobra de maneira mais direta o compartilhamento de ideias de esquerda para a formação de vínculos sociais. Não se trata, evidentemente, de um requisito acadêmico para a obtenção do diploma, mas em cursos em que discussões políticas são cotidianas, em que há intensa atuação de movimento estudantil e em que a maior parte dos discentes é de esquerda, o compartilhamento, ainda que num nível inicial, de repertórios que identificam esse lado do espectro político torna-se um capital na formação dos laços e critério de demarcação de fronteiras simbólicas. Este conjunto de relatos deixa particularmente claro que ser de esquerda é um critério de pertencimento coletivo à fração cultural, e os efeitos dessa fronteira são sentidos fortemente pelos agentes no período da faculdade”.

¹⁵⁴ Para o Entrevistado 7, o primeiro de sua família a ter um diploma de ensino superior, a escola não se apresenta como um espaço inicial de atuação política, mas sim como um ambiente de descoberta vocacional - algo bastante comum entre pessoas oriundas de famílias de classe popular (Vieira, 2024). Nesse contexto, ele relata que os professores, especialmente uma professora de história, desempenharam um papel fundamental ao incentivá-lo a desenvolver seu interesse pela política e a considerar a possibilidade de cursar o ensino superior na UFJF, estimulando-o a deixar sua cidade natal.

¹⁵⁵ O Entrevistado 8 é o que possui a origem social mais alta entre os 8 entrevistados que estão no espectro político da esquerda.

de se aproximar de um padre que era ligado à teologia da libertação¹⁵⁶. Na UFJF, foi presidente do DA de Economia e presidente do DCE, tendo também se aproximado de partidos políticos (inicialmente do Partido Comunista – na clandestinidade -, depois do MDB, e, por fim, do PSDB, partido que ajudou a fundar em Juiz de Fora). Seu envolvimento político na UFJF o impulsionou a seguir uma carreira política profissional, tendo ocupado vários cargos – eletivos e comissionados – ao longo da vida, nas esferas municipal, estadual e federal:

Entrevistado 4: A Academia estimulava muito as atividades extraclasse, tanto artísticas quanto esportivas. E aí, o meu espírito de liderança se desenvolveu nesse ambiente. Eu fui presidente de classe, eu fui diretor de um jornal que tinha lá, o Posição, para as pessoas falarem, o Posição, o Posição, que era a ditadura, né? Eu fui presidente do coro da Academia, do coro Mater Verbi... e lá tinha um trabalho, eu fui presidente de um grupo, e aí depois eu decifro o significado que tem, eu fui presidente de um grupo da igreja carismática. O Padre Marcelo da época era o Padre Zezinho, que tinha uma literatura toda voltada para a Igreja Carismática, mais conservadora. Eu fui presidente desse grupo, liderei uma greve na Academia, parou um dia. É aí que eu descobri um pouco a política. Porque me ameaçaram de expulsar com base no 477. Aí eu fui saber o que era 477. E eu quase fui expulso. Mas aí um acidente foi que, contraditoriamente, a direção da Academia era de esquerda. E quem me deu cobertura, quem me mandou recados, que podia ficar tranquilo e tal, foi o coronel que era o diretor regional de educação do estado. Eu achei aquilo esquisito... que a direção que era de esquerda colocou uma condição para o grupo continuar funcionando, que houvesse um acompanhamento. E aí eles enviaram monitores, consultores, mais ligados à teologia da libertação. E aí foi um acidente que cruzou minha vida. Tem uma pessoa muito importante, eu conheci o padre Ricardo Rezende. Toda quinta-feira tinha reunião à noite, e ele e eu descia o calçadão, eu morava na rua Halfeld, a gente ficava conversando porque o ônibus dele era na Getúlio Vargas e aí, vamos dizer assim, ele me fez a cabeça. Eu transitei, ainda no campo da igreja católica, da igreja carismática para a teologia da libertação. E esse grupo... aí isso foi na primeira série do ensino médio, né? Segundo grau, que a gente chamava, né? E aí, no segundo e terceiro, no cursinho, eu me envolvi... porque aí acabou o Mocam, que era o grupo que eu presidia, Movimento Cristão de Amor Maior, o Mocam. O Mocam se dissolveu. Por causa muita gente não aceitou a intervenção relativa. Eu, pelo contrário, me alinhei aos interventores. E aí surgiu um vigoroso movimento. Isso nos anos 1976, 1977, que a gente vivia na Academia todas as noites. Tinha círculo bíblico na segunda, análise de conjuntura na terça, quarta tinha teatro, quinta tinha música e tal. Aí era assim, era uma atividade intensa onde desenvolveu uma geração que desenvolveu uma consciência crítica muito grande. Então eu fiz vestibular para economia, entrei em 1978 e formei só em 83... porque eu atrasei por causa do movimento estudantil. Eu fui presidente do Diretório Acadêmico de Economia, depois presidente do Diretório Central dos Estudantes, o DCE. E eu larguei o DCE em maio de 82. E... Nós já entramos na universidade com uma consciência crítica muito desenvolvida pelo trabalho na Academia. E aí eu fiz economia, me dediquei muito ao movimento estudantil e fruto disso, porque o movimento estudantil era muito forte nessa época, era referência para os trabalhadores e tal, a cidade toda. Saía na

¹⁵⁶ A Teologia da Libertação está intimamente conectada ao campo da esquerda por sua ênfase na justiça social, na luta contra as desigualdades e na defesa dos mais pobres e marginalizados. Surgida na América Latina nas décadas de 1960 e 1970, no contexto do Concílio Vaticano II, ela propunha que o Evangelho fosse compreendido como um instrumento de transformação social, orientado para superar estruturas opressoras. No Brasil, sua história se entrelaça com as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), congregações católicas que promovem a conscientização política e social por meio do engajamento do clero e de agentes pastorais. Muitas dessas comunidades buscaram legitimidade e inspiração na Teologia da Libertação, cujo pensamento fundamenta-se na "opção preferencial pelos pobres" (Costa; Zangelmi; Schiavo, 2010).

manchete de jornal sempre, o movimento estudantil. E fruto disso, como o Movimento Estudantil tinha muito vigor, eu cheguei a presidir assembleias com 2 mil, 3 mil estudantes. Coisa que não existe mais. Aí, fruto disso, eu já estava inscrito no mestrado de economia da UFRJ, mas houve um acidente na história também com o grupo. Porque quando eu liderei a greve, em 1975, se eu não me engano, 1976, a turma da universidade levou um susto. Greve? A gente não tá sabendo, quem conduziu esse troço e tal. Aí eles foram atrás de mim, diversos grupos de esquerda, queriam saber quem que fez uma greve, quem liderou uma greve. Aí eu me aproximei de uma turma que tinha uma inserção política de esquerda independente... um grupo que também tinha uma vertente cultural muito forte, tinha um grupo musical na época chamado Apá, e nós tínhamos no DCE o som aberto, que todo sábado de manhã tinha atividades culturais no anfiteatro do ICBG. Então esse era o caldo de cultura... e esse grupo, também por caráter accidental, porque senão eu iria pro Rio fazer mestrado, o caráter accidental, esse grupo ficou sem seu candidato a vereador. E aí chegaram à conclusão que eu devia ser o candidato do grupo. E aí eu desviei minha trajetória acadêmica, fui candidato e antes de formar em economia eu virei vereador.

Mariana: E nessa época você estava filiado a algum partido?

Entrevistado 4: Não, eu sempre tive uma trajetória muito coerente. Eu era do MDB, que era a Frente Democrática, coordenei a campanha das diretas, a campanha por uma constituinte soberana e tal. Essa Frente Democrática começou a se dividir em temas substanciais no processo constituinte, e nós fundamos a costela de Adão... que do PMDB deu o PSDB.

Mariana: Isso foi em que período? Você já estava na universidade ou foi antes?

Entrevistado 4: Não, não. O Partido Comunista me recrutou na universidade quando eu fui presidente do DA. Então eu fiquei 18, 19, 20, 21 [anos]. Na segunda metade de 22... Quando eu fui candidato a vereador, eu já tinha rompido com o Partido Comunista por divergências.

A partir da narrativa do Entrevistado 8, podemos notar, também, que a Igreja Católica foi um espaço importante na sua formação política, sobretudo a partir da teologia da libertação. A Igreja Católica como local impulsionador da trajetória política aparece também nas narrativas de mais 2 entrevistados, o Entrevistado 1 e a Entrevistada 3¹⁵⁷. Em seus relatos, fica evidenciada a importância do envolvimento em práticas e atividades coletivas que, se não explicitamente políticas, são orientadas por uma ética católica que institui certos valores a serem adotados:

Entrevistado 1: O início da atividade política propriamente dita foi ainda na Pastoral da Juventude. Naquela época [entre 1998 e 2002], de modo geral, a igreja estava envolvida com pautas políticas...

Mariana: Então era ali o governo FHC transicionando pro governo do Lula...

Entrevistado 1: Pouco do governo do Lula, na verdade. Mas ali havia algumas pautas, né? Que a igreja encampou e que a Pastoral da Juventude protagonizou. Então, naquela época, o governo FHC estava procurando que o Brasil aderisse ao acordo de livre comércio das Américas, a Alca. E a igreja protagonizou um plebiscito informal pra ver se as pessoas topavam, porque o Fernando Henrique não quis que houvesse um plebiscito sobre isso. A igreja era contra. Todo mundo contra. Por entender que poderia ser algo que depreciaria a economia local. Houve também os esforços de instituir a lei que hoje é a base da lei da ficha limpa e a igreja, nessa época, distribuía panfletos sobre o voto consciente, então a gente participava de tudo isso. Dentro da dinâmica, em particular da Pastoral da Juventude, uma das dimensões que ela protagonizava era a da importância de, mais do que a importância,

¹⁵⁷ Em termos religiosos, dentre os entrevistados que se identificam com a esquerda, dois frequentam religiões de matriz africana, um é católico e cinco não frequentam nenhuma religião (desses cinco, três mencionaram que sua família de origem é católica).

a compreensão de que o exercício da fé cristã compreendia uma luta por um mundo melhor, o que nos levava inevitavelmente a fazer política. Mas uma política tentando exercer os melhores valores possíveis.

Mariana: Então nessa época não havia, pelo menos no grupo que você estava, essa ideia de que a igreja não deveria se meter com política, não deveria se envolver em assuntos políticos. Havia essa compreensão de que a política era importante mesmo dentro de um grupo religioso?

Entrevistado 1: Era uma situação um pouco... Não vou dizer tensa, mas não era algo com nenhuma hegemonia. Quando a gente vai entrando mais nessas coordenações, quando a gente sai do grupo de jovens e vai para coordenação da Pastoral da Juventude no setor da diocese, há um encontro de pessoas que compartilham uma compreensão de que a política tem que ser exercida cotidianamente. A base, porém, já era uma situação um pouco mais tensa, já não havia essa compreensão de uma forma não consensual. Mas, é, havia um esforço pedagógico nesse sentido. Em particular porque a forma como a gente trabalhava a política não tinha a ver com que a política era nos noticiários, por exemplo. A gente, por exemplo, acompanhava muito as campanhas da fraternidade que refletia sobre meio ambiente, sobre direito à alimentação, sobre pessoas em situação de exclusão, como encarcerados. Então a política era muito tematizada de uma forma muito específica. Não propriamente você tem que aderir a um partido, você tem que votar em tal pessoa. Isso acabou sendo uma consequência, mas nunca esteve na base propriamente.

Mariana: O seu posicionamento político, você se identifica com algum espectro político? E se se identifica, por que se identifica?

Entrevistado 1: Bom, essa minha formação católica, acho que mais corretamente, algo mais humanista, vamos dizer assim, me levou a ser de esquerda, né? Dentro do partido dos trabalhadores eu me organizo em uma corrente chamada democracia socialista que, como o nome expressa, é uma corrente que tenta compreender como o socialismo pode ser instituído dentro dos marcos da democracia. Ele tenta teoricamente resolver essa questão que é polêmica, segundo diversos autores, em particular daquele socialismo mais do início do século... do final do século XIX e do início do século XX. A gente tem alguma resposta? Não, mas a gente ainda tá procurando. E, portanto, é uma corrente que já foi trotskista, não é mais. E que dentro desse espectro tradicionalmente instituído da esquerda é socialista e não propriamente comunista.

Mariana: Então você acha que essa sua identificação vem no primeiro momento a partir das atividades exercidas nesse grupo da igreja?

Entrevistado 1: Vem e se sustenta.

Mariana: E dentro dessa orientação política, quais valores você diria que são os principais que orientam a sua atuação política dentro desse espectro?

Mariana: Bom, primeiro, de compreender a importância da participação política. O exercício da fé cristã exige que a pessoa atue politicamente de alguma forma. A instituição dessa... da lei do amor, vamos dizer assim, não é algo pós-morte, é algo que tem que ser praticado no dia a dia. De modo que isso passa por compreender pautas e defender pautas que apontem nesse sentido. E se a gente for colocar na economia, um mundo em que as desigualdades sejam minimizadas, se possível eliminadas. Um mundo em que pessoas em situação de marginalização tenham a sua dignidade reconhecida. Um mundo que preserve o planeta e a vida que aqui existe. Todos esses aspectos dialogam com a participação política, mas tem como base a militância religiosa.

O relato da Entrevistada 3 indica a aproximação da Igreja Católica com o Partido dos Trabalhadores, relação que se desenvolveu em grande parte devido à interação entre movimentos sociais influenciados pela Teologia da Libertação e o surgimento do PT, nos anos

1980, como um partido de esquerda com raízes em sindicatos, movimentos populares e bases religiosas progressistas¹⁵⁸:

Entrevistada 3: Eu fui representante de turma da escola, organizava o grupo de jovens da igreja católica, então assim, eu sempre tive essa parte... tem um amigo, meu companheiro fala que eu tenho... como é que ele brinca, que eu tenho um afã associativista. Eu sempre me envolvi com essas coisas mais coletivas.

Mariana: Você teve uma influência católica na sua criação então...

Entrevistada 3: Eu participava ativamente, a minha família era católica, minha avó era muito... Eu participava bastante tanto da igreja católica, mas também de movimentos, assim, não eram de esquerda. Mas esse era o momento que tinha aquelas caravanas da cidadania organizadas pelo Betinho, isso ia para as cidades menores. Então tinha um envolvimento grande. Minha família participava desse jeito, não era uma participação política, mas era participação pelo sentido daqueles movimentos. E aí eu fui conhecendo, eu conheci dentro desse grupo de jovens na igreja católica o PT.

Essas narrativas revelam que a forte integração de valores religiosos católicos representa uma dimensão significativa nos processos de aprendizado das formas de ser, pensar e agir, além de moldar as estruturas práticas de hierarquização dos indivíduos em questão. Nesse contexto, torna-se evidente como a assimilação de um conjunto de valores fundamentado em ideias de “cooperação”, “caridade”, “amor ao próximo” e “comprometimento pessoal” pode influenciar na formulação de projetos individuais que envolvem algum nível de engajamento (Seidl, 2009).

6.1.4. Tipos de militância

O último eixo de análise aborda a estreita relação entre a militância em associações e a militância partidária, um fenômeno amplamente observado nos itinerários analisados neste trabalho em relação aos ativistas de esquerda. Nesse sentido, embora haja uma multiplicação de entidades associativas no país, voltadas às mais diversas causas e promotoras de novas formas de pensar, falar e agir politicamente, as evidências indicam que a atuação em organizações específicas permanece ligada a vínculos com partidos políticos e sindicatos, instituições tradicionais no cenário político¹⁵⁹.

O relato da Entrevistada 3 é bem elucidativo sobre como se dá essa relação entre militância associativa e militância partidária:

¹⁵⁸ Para uma análise sobre como as relações estabelecidas entre a Igreja Católica, o Partido dos Trabalhadores e os movimentos sociais no contexto brasileiro dos anos 1980, ver Sanchez (2018).

¹⁵⁹ Um estudo realizado por Coradini (2008) nos ajuda a refletir sobre o fenômeno do entrelaçamento dos tipos de militância na realidade brasileira. Ao investigar, entre outras questões, os pertencimentos políticos de mais de dois mil participantes e promotores do 5º Fórum Social Mundial, em Porto Alegre/RS, o autor mostra que 81,6% dos indivíduos que integram algum movimento ou organização social são filiados a partidos.

Mariana: E pelo que você estava me contando, você já teve atuação tanto na sociedade civil, a partir de grupos e tal, e hoje você é [cargo político omitido para preservar o anonimato], né? Como é que você vê esse conjunto dessa atuação? Você acha que uma atuação pra você faz mais sentido do que a outra, ou dá mais resultados do que a outra? Ou você acha que são diferentes tipos de atuação que, enfim, cada uma tem a sua razão de existir?

Entrevistada 3: Eu acho que são diferentes, eu acho que as duas se complementam, né? A gente que hoje está nos cargos eletivos, na institucionalidade, a gente precisa muito da sociedade civil também, né? Então eu levo meu mandato... a gente sempre, todo projeto de lei que a gente faz, a gente discute com a sociedade civil organizada, ou não organizada também, mas assim, a gente chama os grupos organizados para debater aquele assunto, pra poder trazer pra gente o que eles estão pensando. Até porque eu já fui, eu ainda sou, da Marcha Mundial das Mulheres, que é um movimento social da questão das mulheres, do feminismo, mas eu acho que as coisas vão se complementando. É muito importante a atuação da sociedade civil, como pessoas que vão cobrar mesmo da gente, pessoas que vão direcionar a nossa atuação, pessoas que vão estar nos conselhos, por exemplo. Até porque é isso, a gente entra na política institucional e é um buraco sem fundo, né? Se parar, a gente fica imerso em burocracia o dia inteiro. Então, também é muito importante esse movimento da sociedade civil de pressionar a gente, de cobrar, de trazer ideias e trazer as coisas, é muito importante. E, ao mesmo tempo, eu acho que é muito importante a tarefa de legislar ou de ser do Executivo, assim, em alguns sentidos, eu acho que é muito importante. Porque eu acho que a gente não vai mudar o mundo sem a institucionalidade. Eu não acredito que a gente vai mudar o mundo numa revolução radical da noite para o dia. Eu acredito que a gente vai conseguindo mudar essas questões que a gente está falando da vida das pessoas através também da institucionalidade, que é um dia atrás do outro. É o que a gente chama de revolução democrática. Dentro da DS, tem uma formulação do Juarez, que obviamente é uma formulação muito maior, né, mas, grosso modo, é essa revolução, né, que a gente vai revolucionando a vida das pessoas, que não é da noite pro dia, mas que a gente vai aos poucos e ao que tá no nosso alcance.

A forte conexão entre os trajetórias militantes analisados e as atividades partidárias pode ser ilustrada pelos seguintes dados: sete dos oito entrevistados de esquerda declaram filiação a partidos políticos (PT, PSOL e PDT), sendo que dois se identificam como fundadores de legendas; seis já se candidataram a cargos eletivos em âmbitos municipal, estadual ou federal; e três ocupam ou ocuparam posições políticas eletivas. No entanto, a relevância e a intensidade dessas filiações variam conforme os diferentes investimentos na trajetória militante e os distintos momentos dos percursos individuais. Chama a atenção, também, a ocorrência de adesões partidárias precoces e intensas, geralmente desvinculadas de ambições imediatas por cargos eletivos. Esse perfil é comum entre aqueles que se aproximaram e se filiaram a partidos ainda na juventude, especialmente por meio do movimento estudantil, período em que a atuação partidária se combina com a participação em outros movimentos.

Em resumo, os itinerários políticos individuais dos ativistas de esquerda aqui analisados demonstram a inserção em mais de um espaço de militância e o tecimento de relações diversas que mesclam recursos de origem bastante variados. Isso mostra que a constituição dos

comportamentos políticos não possui uma lógica inequívoca, o que exige que tais processo sejam discutidos na relação com outras variáveis, como as posições sociais e as conjunturas político-econômicas. Nesse sentido, cabe destacar que momentos importantes da história política brasileira das últimas décadas foram propulsores para o engajamento militante dos entrevistados, como o regime militar, o período de redemocratização e momentos de eleições municipais e nacionais¹⁶⁰.

Dando seguimento à análise das entrevistas, passo agora a discorrer sobre atuações políticas dos entrevistados de direita, em uma tentativa de demarcar diferenças e particularidades que possam nos ajudar a compreender os perfis de militância revelados em suas trajetórias.

6.2. ENTREVISTADOS DE DIREITA¹⁶¹

Dentre os 15 entrevistados, cinco se colocam à direita e uma se coloca no centro do espectro político¹⁶². Além desses seis, um entrevistado não mencionou expressamente onde se posiciona nessa escala, mas disse ser contrário à esquerda, afirmando que, antes de tudo, é monarquista. A maioria deles possui uma atuação política mais recente, impulsionada pelo contexto de acirramento do conflito político que o Brasil passou a vivenciar na última década. Além disso, nenhum dos entrevistados começou a militar na juventude, tendo todos iniciado esse processo já na fase adulta. Da mesma forma que no tópico anterior, a ideia é analisar esses itinerários a partir dos quatro grandes eixos que expressam diferentes dimensões das condições sociais do engajamento, novamente: (i) socialização familiar (ii) escolarização; (iii) espaços de formação e atuação; e (iv) tipos de militância.

6.2.1. Socialização política na família

¹⁶⁰ É curioso notar que, ao contrário do que veremos na análise das entrevistas realizadas com ativistas de direita, nenhum entrevistado de esquerda começou a atuar politicamente em um contexto de acirramento do conflito político iniciado pelo processo de impeachment de Dilma Rousseff. Isso não significa que eles não militaram nesse período, mas sim que suas trajetórias políticas já tinham se iniciado anteriormente. Isso mostra que o ativismo de direita no Brasil, concebido em termos mais institucionalizados, é algo recente e impulsionado pela mudança no jogo político propiciada pela entrada de novos atores e de novas agendas.

¹⁶¹ Os entrevistados de direita estão marcados em rosa na Figura 16. Com exceção da Entrevistada 9 (respondente 37), que está no Cluster 2, todos se posicionam no Cluster 3.

¹⁶² Optei por incluir a trajetória da ativista que se identifica com o centro do espectro político (Entrevistada 9, respondente 37) na análise dos entrevistados de direita em razão das características particulares de sua história individual, dentre elas, o fato de ter começado sua atuação política no Movimento Brasil Livre (MBL).

À semelhança das trajetórias dos ativistas de esquerda, os itinerários políticos dos ativistas de direita que foram entrevistados também revelam uma conjugação de elementos que, combinados, ajudam a entender a sua propensão à militância. Tais elementos incluem a posse de recursos econômicos e culturais e revelam espaços diversos de socialização, os quais divergem um pouco dos ambientes citados pelos militantes de esquerda. Aqui, há um protagonismo de atuação nas redes sociais (Internet), aspecto ausente nas narrativas anteriores, mas organizações e partidos políticos também se mostram importantes.

Os entrevistados de direita também possuem origens sociais relativamente heterogêneas, o que mais uma vez impede maiores generalizações nos termos de uma associação direta entre recursos herdados e probabilidade de engajamento individual. Dos sete entrevistados de direita, quatro vêm de famílias ocupantes de posições intermediárias no espaço social (com pais ou mães comerciantes, bancários ou funcionários públicos), e 3 possuem origens familiares cuja posse de recursos as posiciona em pontos inferiores do espaço social (com pais ou mães com profissões manuais não qualificadas ou qualificadas – vidraceiro, empregada doméstica, pedreiro, serviços gerais, manicure, motorista).

Quando perguntados sobre o início de suas trajetórias políticas, todos os entrevistados mencionaram motivações e lugares diversos que não incluíam a influência de familiares. A maioria deles disse, ainda, que a política não era um assunto recorrente em casa durante a infância e a adolescência. Apesar de não apontarem explicitamente a família como elemento impulsionador da sua propensão ao engajamento, três relatos chamam a atenção sobre a percepção de valores cultivados no seio da família, que na compreensão dos entrevistados, os moldaram politicamente. O primeiro é o da Entrevistada 14, que aponta a valorização do estudo e da leitura por parte dos pais, que sempre manifestaram opiniões mais à direita:

Mariana: E essa questão da política já aparecia na sua casa, em discussões assim, em casa com seus pais, com a sua irmã, ou foi algo que você veio desenvolver depois?
Entrevistada 14: Já aparecia em casa. Minha mãe, apesar da pouca formação dela e ser uma manicure, ela sempre foi muito politizada. Meu pai também. Meu pai era aquele cara que quando ele estava em casa, ele acordava, a primeira coisa que ele pegava era a xícara de café e o jornal. Eu tenho essa imagem na minha cabeça. Meu pai sentado no sofá, com a perna cruzada e lendo jornal. Sempre assim. Então isso veio muito dos dois. A minha (inaudível) trouxe muito esse pulso da... de ir pra cima, de discutir, que quem tá comigo na internet, assim, o pessoal fica... eu tô me moldando muito, tá? Eu tô aprendendo muito, sabe, Mariana? A gente tem que se moldar. Nem tudo é ferro e fogo não. Então isso veio muito da minha mãe, do meu pai, veio muito daquela questão da cultura, do sentar, de ler... Meu pai tinha aquela caixa de vinil enorme, tinha coleções de enciclopédia, que naquela nossa época tinha ainda aquelas enciclopédias. Meu pai era aquele cara que apesar da escolaridade dele... e ele falava, justamente porque ele não estudou, porque ele não teve oportunidade, então ele tinha que ler... Olha só.

Mariana: E ele estimulava isso em vocês também, tipo, olha, vão estudar, vão fazer as coisas, vão...

Entrevistada 14: Sim, sempre. Estimulando e... Por exemplo, a escola que a gente estudava lá em São Paulo era uma escola pública, eu me lembro o nome dela até hoje. Era uma escola em que... naquela época a gente ainda tinha que hastear a bandeira, cantar o hino, tinha dentista na escola. Fazia fila, disciplina ali. Como é que fala? Caligrafia, né? A letra maravilhosa, impecável, a professora... Então, eu guardei muito isso, sabe? Isso pra mim foi muito importante. Eu lembro de tudo que eu vivi, eu faço uma salada dos meus pais, professores de onde eu vim.

Mariana: E seus pais tinham alguma afinidade com algum espectro político ou era algo mais difuso que eles discutiam?

Entrevistada 14: Não, eles sempre tiveram afinidade, sempre, sempre, sempre. Na época deles a gente não tinha muito essa... essa clareza que a gente tem hoje de esquerda e direita, essa polarização, a gente não tinha isso. Mas já na época já se dizia que o PSDB estava mais à direita, né? Então eles sempre foram social-democratas, PSDBistas, então a preferência deles era pelo partido, pelo PSDB.

M: E havia então essa coisa do partido mesmo presente ali, né? A política partidária também.

Entrevistada 14: Sim, sim. Muito presente, muito, muito. Até porque minha mãe, ela como manicure, a gente morava na Vila Mariana, foi o que eu te falei ali, era o berço de tudo. Tudo acontecia, muita gente morava ali, artistas, políticos, muita gente morava ali. Então, é aquele lugar que a gente ficava sabendo de muita coisa, né? Minha mãe e meu pai, eles tinham muita informação. Então, eu cresci com isso. Teve uma situação na minha vida que parece até... foi uma predestinação. Pra um pleito de prefeitura em São Paulo. Aí teve, tipo, naquela época eram comícios, né? Pequeno. E o Jânio Quadros esteve em frente onde eu morava. O Jânio Quadros esteve... Aonde... Em frente onde nós morávamos. Então, tava aquele bololô de gente, eu era muito nova, então eu lembro que minha mãe me pegou pela mão e atravessou a rua. E eu lembro de mim no colo do Jânio Quadros. E o Quadros colocando aquela vassourinha, porque era o símbolo dele, né? A vassoura, vamos varrer corrupção. Ele já era muito velho naquela época, na década de 80. Então eu lembro dele colocando aquela vassourinha, assim. Aquele brochinho. Pena que ninguém tirou foto na época. Então assim, parece uma predestinação, parece até que ele me abençoou.

O segundo relato é o do Entrevistado 12, que narra ter sido repreendido pelos pais quando votou no Lula na eleição presidencial de 2002:

Entrevistado 12: Então, eu nessa parte política, foi assim. Eu trago uma dor no meu coração porque eu votei no Lula a primeira vez.

Mariana: Em 2002?

Entrevistado 12: É. Eu caí naquele continho do vigário. Então eu tenho culpa no cartório. Minha mãe, meu pai, falaram pra não votar nele, que era bandido, que era pilantra... Eu: 'não, o cara não é corrupto nem nada, ele vai mudar tudo'. Pronto, acabou de entrar, deu o mensalão. Ali acabou. É tudo vagabundo. É tudo vagabundo, safado. Pra mim PT não é partido político, pra mim é quadrilha. Aquilo ali já ficou lá naquela época na minha cabeça.

Por fim, o relato da Entrevistada 13, que conta que o pai era bastante envolvido com a política municipal, tendo sido próximo do ex-prefeito de Juiz de Fora, Custódio Mattos, filiado ao PSDB:

Mariana: Você falou que seu pai sempre foi uma pessoa interessada politicamente, né?

Entrevistada 13: Sim. Lá em casa, em geral, a gente sempre falou muito sobre isso.

Mariana: É isso que eu ia te perguntar, como é que era isso na sua casa desde a sua infância? A política era um assunto recorrente em casa? Vocês conversavam sobre isso?

Entrevistada 13: Minha mãe e meu pai... eu falo assim, quem nunca foi de esquerda nessa vida é uma pessoa meio doída. Meu pai e minha mãe eram meio comunistas porque eles estavam lutando contra a ditadura, aí, jovens. Só que meu avô, o pai dela, era promotor militar. Ele morria de medo de acontecer alguma coisa com a minha mãe. Mas eles sempre estiveram nisso. O meu pai mais atuante, o meu pai mais líder, sabe? Minha mãe meio que acompanhava. E aí a gente cresceu, esse assunto sempre aconteceu porque meu pai, na nossa infância, meu pai sempre trabalhou com política, a gente estava sempre indo lá ver meu pai na prefeitura. Meu pai era padrinho do Custódio Mattos, que foi prefeito aqui de Juiz de Fora, também, padrinho de casamento. Então tinha assim essa coisa de política que fazia parte. Eu estudava no João XXIII, que era um colégio público, né, um colégio da federal. Tinha meus professores de história lá... O meu pai, eu falo assim, se hoje ele tivesse consciência, tivesse aqui... até assim, 2018 para a frente, se meu pai tivesse consciência do movimento político que está acontecendo no Brasil, ele teria se tornado uma pessoa de direita. O meu pai, ele não viu a direita crescendo no Brasil porque o Alzheimer já tinha tirado essa capacidade dele.

Podemos perceber que a influência familiar desempenha um papel significativo nas narrativas apresentadas acima. Essa influência pode ocorrer de forma difusa e implícita, por meio da transmissão de valores e opiniões que são assimilados pelos indivíduos e moldam suas experiências futuras (nos termos de Percheron e Muxel, como já visto anteriormente), ou de maneira mais direta, através do contato com familiares que atuavam profissionalmente na política.

6.2.2. Escolarização e ocupação

Dando seguimento à análise das condições sociais do engajamento, outro fato importante a ser notado é que, em comparação com os entrevistados de esquerda, os entrevistados de direita possuem níveis de escolaridade um pouco mais baixos e formações superiores que se dão muitas vezes em instituições privadas. Entre os sete entrevistados de direita, três possuem ensino superior completo (sendo apenas um em universidade pública) e dois estão ainda cursando uma graduação (uma em universidade pública e uma em faculdade privada). As áreas de formação também se inserem, em sua maioria, nas ciências humanas (Direito, Marketing, Ciência Política, Jornalismo), com exceção da Entrevistada 14, que faz graduação na área de exatas. Em relação aos dois entrevistados sem curso superior, um possui formação técnica em informática industrial no antigo Colégio Técnico Universitário (CTU/JF)

– atual IF Sudeste – e outro possui como escolaridade máxima o Ensino Médio. Nenhum dos entrevistados de direita possui pós-graduação.

Apesar dos níveis de escolaridade dos entrevistados de direita serem ligeiramente mais baixos que os dos entrevistados de esquerda, podemos perceber que entre eles também há um investimento em educação - ainda que no âmbito de faculdades privadas e menos “prestigiadas” -, o que em muitos casos demarca uma mobilidade social ascendente em relação a sua família de origem (a Entrevistada 14, por exemplo, é a primeira membra da família a ingressar no ensino superior; ela cursa Física em uma universidade pública). Esses investimentos parecem mostrar, de forma semelhante ao observado entre os esquerdistas, uma tendência que indica que o aumento e a diversificação das qualificações educacionais ampliam as chances de sucesso tanto em carreiras políticas quanto em diferentes formas de militância (Coradini, 2001; 2002). Um exemplo disso é a realização, por parte de alguns entrevistados, de cursos relacionados à ciência política, mídia e marketing digital; considerando que grande parte de sua atuação militante ocorre na internet, especialmente nas redes sociais, esses cursos podem lhes conferir maior legitimidade no desempenho dessas funções.

Em termos profissionais, a maioria dos entrevistados de direita possui ocupações que os posicionam em uma fração econômica de classe (comerciantes, empresários, marketing digital e secretária em imobiliária). Há, ainda, duas advogadas, profissão que usualmente é caracterizada por pertencer a uma fração equilibrada de classe (uma das advogadas é a ativista que se auto posiciona no centro do espectro político, a única entre os quinze entrevistados). Esses dados corroboram os achados da parte quantitativa do trabalho, indicando que existe, também entre os entrevistados, uma afinidade quase inequívoca entre o processo de associação aos grupos profissionais típicos das frações econômicas e a associação à direita política.

6.2.3. Espaços de formação e atuação

Um aspecto que demarca bastante a diferença entre os militantes de esquerda e os de direita são as motivações para o início e a continuidade do seu engajamento político. Ao contrário dos ativistas de esquerda, que iniciam sua atuação política ainda muito jovens, estimulados por contextos como Igreja, escola e universidade – aderindo a organizações que operam no âmbito desses espaços –, os entrevistados de direita começaram a atuar sobretudo em razão do acirramento dos conflitos políticos brasileiros da última década. Nesse sentido, é bastante comum em suas trajetórias o fato de começarem a se engajar politicamente já na vida adulta e de forma individualizada, indo a manifestações de rua ou fazendo postagens em redes

sociais. Só a partir dessas atividades é que eles passam a conhecer e a atuar politicamente por meio de grupos organizados na sociedade civil e de partidos políticos. Alguns relatos permitem exemplificar essa sequência de fatos. O primeiro é o do Entrevistado 12, que se filiou ao Partido Novo após o convite de clientes de sua loja que o encontraram em uma carreta a favor do ex-presidente Jair Bolsonaro, no ano de 2018:

Mas igual eu tô te falando, eu ia pro boteco, aquela coisa, a gente conversava. Mas não queria saber dessa turma que é tudo ambiente de vagabundo. Beleza. Então, o que aconteceu em 2018? Veio aquela onda de fora Dilma, tatatá. Depois a gente viu, entrou o Temer lá, um outro retardado, né, é o que tinha. E o trem começou a mudar. E aí veio, apareceu... quem que nós vamos votar, né? Contra, né. Apareceu o Bolsonaro. Quem que é esse caboclo? Ah, não sei. Vou votar nesse trem aí, porque a vibe tá boa aí, vamos mudar. Falando que é direita, que é isso, que é aquilo, vamos mudar. E aí tinha muita carreta lá no Carrefour, né? A gente ficava sabendo. Aí eu ia lá também. Aí coleí adesivinho no carro, ia com as crianças no carro brincando, buzinando, né? Todo final de semana tinha. Numa daquelas tinha que votar para governador... Em quem eu vou votar para governador? Bom... Pimentel eu quero que ele vá pro inferno de charrete. Entendeu? O Anastasia é uma bosta, outra bosta. Aí eu chego lá, tinha uma galerinha adesivando um tal de 30, um tal de Zema, e eu disse, quem é esse Zé, aí? Quem é esse caboclo? 'Não, isso é muito bom, não tem nada a ver com o PT'. Ah então eu vou votar nesse aí então, né? Pelo menos não é nenhum dos dois. Aí coleí o adesivo do 30 lá no carro, do Zema, também... tinha o do Bolsonaro, 17, na época. E pra lá e pra cá, pra lá e pra cá. Aí, que que aconteceu? Quem que estava fazendo a adesivação lá? Que eu nem percebi, depois eles viram e me procuraram. Tinha dois clientes meus da loja. Ah, na hora eles enfiaram na minha loja aqui. Vieram atrás de mim igual doido, eles me conheciam. '[Nome do Entrevistado], nós estamos lá no Partido Novo, você tem que saber que que é, você tem que conhecer'. Eu, tá bom, que que é? Aí eles começaram a falar, tal, tal... Aí falei, vou votar neles lá, tá bom, vou votar. E aí foi pro no segundo turno e veio aquelas entrevistas... E eles me atentando aqui na loja. Nossa, eu nunca vi eles vindo tanto na loja. Toda semana eles vinham. Aí eles, 'não, você tem que filiar'. Como é que tem que filiar? Ah, tem que pagar'. Falei assim, ah... [inaudível], umas duas semanas tentando, né? Aí, que que acontece, você vê que eu filiei em novembro, então, foi depois que ele ganhou.

O segundo relato é da Entrevistada 14, que foi convidada por um amigo a integrar o grupo “Direita JF” após fazer uma postagem na rede social *Facebook*, também no contexto das eleições de 2018:

Entrevistada 14: Eu comecei a atuar de fato, mas vou te falar, foi de uma forma... Minha carreira política começou da forma, assim, mais louca possível. Eu não imaginava, Mariana. Foi nas eleições de 2018. Foi o que eu disse, eu sempre fui politizada. Nós mudamos para essa casa aqui em 2014. Logo quando nós mudamos, a gente colocou TV a cabo aqui. Os primeiros canais que eu assisti não foram canais de novela nem de filme. Eu coloquei na TV Câmara, na TV Senado, na TV Justiça. Eu sempre muito ligada. Então assim, quando veio aquele turbilhão de 2018, então eu já tava acompanhando. Aquelas cenas e mostrava tudo, né? Nesses canais de TV a cabo, mostrava. Hoje em dia eles são mais restritos. Mas naquela época ainda não. Então eram os embates, eles se pegavam de porrada lá dentro. E eu ficava pensando, gente... Quando você para e compara, fala assim, bom, se quem está construindo a política pública está se estapeando lá dentro... então você vê o externo, o reflexo pra fora, o povo, de todas as consequências que a gente vê, de tudo que... Não vou falar ruim,

palavra pesada, mas de todas as dificuldades que o povo passa aqui, ou serviços públicos que não funcionam, ou funcionam pouco, então eu comecei a pensar naquilo. Bom, então acho que eu sei porque que a coisa tá assim, chegamos a uma conclusão, estão se estapeando, né? Então isso já começou a me despertar... eu sempre fui politizada, mas isso já começou a me despertar. Pô, será? Como é que eu faço pra chegar lá? E nessa época eu tava trabalhando com telemarketing, então, nem pensava. E é um lugar que se a gente falar alguma coisa sobre política, arriscado dar briga, né? E assim, eu sempre me dei bem com todo mundo lá e eu preferia sempre preservar as relações humanas. Se eu posso evitar esse embate e curtir o que a pessoa tem de melhor, eu vou evitar. Eu sempre fiz isso, pra tudo. Então, em 2018, aquela loucura toda do Bolsonaro e tal e... Assim, foi o que eu te disse, eu sempre tive... O meu espectro político sempre foi à direita. Eu sempre li sobre a questão do liberalismo econômico, sempre entendi que aqui no Brasil a gente não tinha um país comunista, como muitos falam, mas a gente também não tem um liberalismo tão puro. Então, eu sempre tive esse entendimento. Sabe? Quando foi em 2018... E aí veio o Bolsonaro com algumas ideias, ele veio de forma meio ferrenha, mas tudo já tava uma bagunça mesmo. Eu falei gente, será que de repente não é a hora, será que não é uma forma de meter o pé na porta? Porque é tão difícil meter o pé na porta, Mariana. E ele veio metendo o pé na porta. E eu tava grávida da minha menina. Por um comentário de um Facebook, aí pronto. Aí eu fiz o Rock n' Roll quase que inteiro, o movimento punk, tudo vir abaixo. Loucura. O pessoal, 'o que? Você? Que que tá acontecendo?'. Eu falei, gente... mas o mais é interessante...

Mariana: Ah, porque até então as pessoas não conheciam muito esse seu lado...

Entrevistada 14: Então eu vou te falar que eu não sei porque que elas não conheciam. Porque sempre conversava e eu sempre expus o lado. Mas aquela época falar o nome do Bolsonaro pra galera tava assim, totalmente demonizado, e eu tive coragem de assumir o meu voto. Então o pessoal enlouqueceu, foi à loucura. E aí o pessoal do... tinha um dos roqueiros que é meu amigo até hoje, era já amigo na época, falou, 'pô, eu não acredito'. Entrou em contato comigo, via messenger ali, me convidando pra entrar no movimento Direita JF. E aí eu fui muito devagar porque eu tava grávida, mas aí já tinha aderido aos outros grupos de WhatsApp do movimento, e aí eu tava grávida, falei com ele, ó, por enquanto eu não vou pegar responsabilidade de chefia, de diretoria, porque não dá.

O terceiro relato é o do Entrevistado 10, que começou a se engajar politicamente a partir da participação individual nas manifestações de Junho de 2013. Após, em um contexto nacional de manifestações de rua a favor do impeachment de Dilma Rousseff, passou a organizar e divulgar eventos no *Facebook* para mobilizar a população de Juiz de Fora:

Entrevistado 10: O momento do meu despertar para ser mais atuante foi naquelas manifestações daqueles vinte centavos, que era uma coisa... Não tinha nenhum caráter ainda de impeachment da Dilma. Era uma coisa mais pela... Era uma manifestação, de certa forma, até mais à esquerda. Aí ali, eu participei, aqui em Juiz de Fora, participei como apenas um manifestante ali. E dali despertou. Aí quando começou as manifestações pelo impeachment, eu comecei a atuar de uma forma mais ativa, né? Eu comecei a ser mais ativo naquilo. Então eu organizava eventos para divulgar no Facebook, ajudava na confecção de cartazes, tudo. Então foi ali, foi naquela época do impeachment da Dilma. E as minhas motivações basicamente são querer um Brasil melhor, uma qualidade de vida melhor, pensando em evoluir a nação.

Mariana: Nas manifestações pelo Impeachment você estava ligado a algum grupo já? Ou organizou os atos sozinho mesmo, sem atuar em nenhum grupo?

Entrevistado 10: Na manifestação pelo impeachment eu não fazia parte de nenhum grupo, não. Eu conhecia pessoas, né? Pessoas empenhadas ali, às vezes tinha união de grupos, né? Mas não era nada estabelecido. Era mais uma coisa, uma união, porque ali tinha de tudo. Lógico, tinha uns doidos que ficavam pedindo intervenção

militar, tipo esse pessoal que foi para a porta de quartel, tipo essa galerinha pancada da cabeça aí. Já tinha esse pessoal, mas eles eram um grupo menor. Mas ali tinha uma união, já tinha o MBL, que foi a grande força para motivar o impeachment. Já tinha, mas eu só fazia coisas juntos com eles, mas nada de fazer parte do grupo. Com outros grupos, Vem pra Rua. Eu não estou lembrando todos aqui, mas foi uma grande união ali, desses grupos de direita. E essa parte de eventos que eu fazia, tinha no Facebook, não era? Era o Facebook, tinha um negócio lá de eventos que fazia. Aí eu lembro que teve um que eu fiz lá que tiveram umas 20 mil pessoas que colocaram que iriam participar, que iriam no ato, que esse ato iria sair da Avenida Independência, que hoje eles chamam de Itamar Franco, mas eu falo Independência, que ia sair dali, eu tenho lembrança disso aí. Então eu participava como aquela pessoa apenas para ajudar, eu não era assim, nem liderança para ser exato.

Mariana: Sim, muita coisa foi organizada pelo Facebook. E a partir desse começo então, como a sua trajetória política foi evoluindo ao longo dos anos até o momento atual? Se participa ou participou de mais grupos além do MBL, se estava presente nas manifestações de rua que aconteceram em JF até o atual momento, de quais participou etc.

Entrevistado 10: Ali eu conheci muitas pessoas, fiz muitas amizades e depois disso nós criamos o movimento Direita JF, que a gente tinha uma atuação, a gente reunia com vereadores, era uma atuação além das manifestações de rua. E depois veio a campanha do Bolsonaro, ali eu participei ativamente, organizando, levantando fundos para aluguel daquele caminhão de som, ações nas ruas, falava no microfone, tudo isso, ali eu era mais ativo.

Por fim, há também o relato da Entrevistada 13, que passou a integrar o grupo “Escolas Abertas” após ficar conhecida na cidade em razão de postagens que passou a fazer nas redes sociais criticando a gestão da pandemia de Covid-19 por parte da prefeita Margarida Salomão, do PT:

Entrevistada 13: Então eu falei assim, gente, eu tenho essa facilidade, cara, eu vou começar a escancarar as coisas aqui. E fui e tal. Aí nesse movimento eu conheci o Escolas Abertas, que é um movimento para a reabertura das escolas durante a pandemia. Eu tinha uma filha que eu já queria... Aí isso a gente já estava em 2021, a onda já tinha melhorado, já estava tendo show em Juiz de Fora e escola nada. Então você podia ir para o Terrazo, sem máscara, e criança tinha que ficar em casa. E aí eu conheci esse movimento, comecei a compartilhar, um dia eles me chamaram para ir numa manifestação em frente à câmara. Aí eu fui, nunca na minha vida, nunca fui filiada a partido nenhum, nunca participei de nenhuma manifestação na minha vida. Mariana: Eu ia perguntar isso também, porque desde 2015 a gente tem visto muita manifestação em Juiz de Fora, né?

Entrevistada 13: Ah, não, essas aí eu fui. Desde 2013. Desde aquela do... Não é pelo centavos. Fui, mas assim, sozinha. Não fui com nenhum movimento. Fui, ia lá com uma amiga, com outra, nunca com uma pauta coletiva, de algum movimento, alguma coisa assim, não. Por mim mesma.

Mariana: E aí você foi então nessas manifestações pró impeachment, pra prisão do Lula, que teve também, todas essas você foi?

Entrevistada 13: Fui, fui, fui.

Mariana: E depois nas de apoio ao governo, você foi também, a partir de 2018, ao governo do Bolsonaro?

Entrevistada 13: Eu fui em 2020 e 2021, no 7 de setembro, aqui em Juiz de Fora. Inclusive, a de 2021 foi enorme, maravilhosa. Mas assim, sozinha também, ali, sem colocar nome de movimento nenhum.

Mariana: Então, o primeiro grupo que você tem contato é com o Escolas Abertas.

Entrevistada 13: Escolas Abertas. Aí, eles me chamaram para essa manifestação. Tinha quatro pessoas assistindo, além do nosso grupo. Beleza. Aí... [nome da Entrevistada 13], você tem que subir para falar no caminhão’. Eu falei, gente, como

assim? Eu vou falar o quê? 'Ah não, fala, conta a história da vacina e tal'. E eu, gente, pelo amor de Deus. Ah, vai, vai, me empurraram, eu subi. Falei, ah, vamos. Aí peguei, falei um tantão. Aí nisso eles me chamaram, perguntaram se eu não queria entrar pro grupo e tal. E aí entrei. E aí foi aquela... aí eles foram me contando várias coisas que eles passaram, de fazer demandas na prefeitura. E assim, ter celular confiscado, não poder entrar com celular e tal. E aí eu fui vendo uma série de coisas absurdas, falei assim, gente, eu quero fazer parte desse grupo. Vou ajudar e tal, e tal, e tal. Inclusive, estou me colocando à disposição como advogada, precisar entrar com alguma ação, uma coisa assim, beleza. E assim foi. Acabei participando sempre em cima do caminhão, eu, o [nome de um membro do grupo], que era um outro que gostava também de falar, a gente falava junto, ia pra manifestação, descia a avenida falando no microfone. Entramos com várias ações contra a prefeitura, ele também é advogado, ele é até AGU. Um cara muito inteligente, a gente fazia as coisas juntos e tal.

Esses relatos demonstram que, em relação aos entrevistados de direita, existe uma perspectiva relacional importante no que se refere à passagem da militância individual para a coletiva (a partir de grupos e partidos organizados), perspectiva essa que salienta o papel das relações sociais interpessoais e organizacionais nos processos de engajamento. Segundo apontamentos de Ødegaard; Berglund (2008) em um trabalho sobre a participação política na modernidade tardia entre jovens noruegueses,

[...] ter amigos com quem discutir questões sociais e políticas também tem um impacto positivo na atividade política formal. Essa influência pode ser recíproca, já que conhecer outros membros em organizações políticas frequentemente resulta em amizades nas quais as discussões políticas se tornam uma parte comum da convivência. No entanto, parece que as discussões sociais e políticas com amigos são ainda mais importantes do que ter essas discussões com os pais. Isso pode estar relacionado ao fato de que a participação organizacional é baseada em redes formais cujo objetivo é a influência política. As organizações políticas formais são tanto arenas adequadas para construir amizades com outros jovens quanto espaços para discussões políticas. [...]. Roker et al. (1999) também demonstraram que a maioria dos jovens engajados em atividades comunitárias começou a participar por meio de amigos. Ter discussões políticas com amigos também tem um impacto positivo na frequência com que os jovens adultos participam de protestos (Paulsen, 1994). [...] (p. 604, tradução nossa).

Portanto, o comprometimento com a causa, por si só, não é suficiente para assegurar o engajamento; ele precisa ser incentivado por meio da participação em uma coletividade e da convivência com seus integrantes, o que permite que, durante a fase inicial da participação, os ativistas encontram as “razões” ou “justificações” para suas ações passadas e para a perpetuação do engajamento¹⁶³. Ao se envolverem em diversos tipos de associações, as pessoas entram em

¹⁶³ Silva e Ruskowski (2016) trazem o exemplo de diversas pesquisas empíricas que mostram como o contato, a aproximação e o envolvimento de indivíduos em organizações políticas e sociais frequentemente ocorrem através da mediação de pessoas conhecidas previamente, como parentes, amigos, colegas de trabalho etc., são elas: Cunningham, 2007; Diani; McAdam, 2003; Lofland; Stark, 1965; McAdam; Paulsen, 1993; Mische, 1997; 2008; Morris, 2002; Snow; Zurcher Jr.; Eklund-Olson, 1980.

contato com questões públicas e desenvolvem habilidades, conhecimento e disposições propícias a várias formas de ação política, o que nos leva à compreensão de que não é apenas o atributo ou a posição social que determina a identidade; as experiências e orientações coletivas em um contexto concreto também criam possibilidades para diferentes formas de reconhecimento (Mische, 1997; Ødegård; Berglund, 2008).

As redes sociais nas quais os indivíduos interagem carregam significados (por exemplo, símbolos, rituais, narrativas) que constroem e solidificam identidades e formatam as molduras cognitivas dos atores, possibilitando assim que eles interpretem a realidade social e definam um conjunto de ações que os envolvam nesta realidade percebida [...]. Uma vez que os indivíduos tenham sido integrados em redes formais ou informais, eles se encontram em uma estrutura interativa que lhes possibilitam definir e redefinir suas molduras interpretativas, que facilita o processo de construção e fortalecimento de identidade e cria ou solidifica a consciência política em relação a determinada questão de protesto. Favorecendo a identificação com determinadas questões políticas, esta função das redes forma a condição inicial para o estabelecimento do processo de enquadramento que ocorre entre um indivíduo e um movimento social [...]. Em outras palavras, esta função das redes, que eu chamo de função de socialização, cria uma disposição inicial para participar (Passy, 2003, p. 23-24 *apud* Silva; Ruskowski, 2016, p. 205).

Na medida em que as organizações conformam espaços sociais e relacionais específicos, o acesso a eles depende de mediações que possibilitem não apenas o conhecimento sobre a sua existência, mas também que criem as condições (bem como pressões sociais) para a inserção dos indivíduos em tais espaços. Além disso, a construção de laços significativos com membros dessas organizações e a ressignificação de relações prévias (particularmente aquelas que desafiam ou até se opõem ao ativismo) são elementos essenciais para viabilizar o engajamento militante. Sob essa ótica, as relações sociais desempenham um papel central, destacando que os indivíduos estão inseridos em diversas redes que podem funcionar tanto como fontes de apoio e incentivo ao engajamento quanto como barreiras ou até bloqueios ao mesmo (Silva; Ruskowski, 2016).

Nesse sentido, o engajamento dos indivíduos dependeria de uma espécie de *disponibilidade estrutural*. Em outras palavras, quanto menos os indivíduos estiverem integrados em redes alternativas ou concorrentes ao engajamento, maior será a probabilidade de que participem ativamente. Durante períodos de intensificação dos processos de contestação, especialmente no auge de ciclos de protesto, essa disponibilidade estrutural tende a aumentar, à medida que um número crescente de redes de sociabilidade dos atores é envolvido nos conflitos. Nesse contexto, o ativismo passa a ser percebido como um curso de ação possível, necessário e/ou desejável para segmentos mais amplos da população (Snow; Zurcher Jr.; Ekland-Olson, 1980 *apud* Silva; Ruskowski, 2016). Esse cenário parece se aplicar aos

entrevistados de direita cujas narrativas estão sendo analisadas, já que muitos deles começaram a atuar politicamente no contexto do acirramento dos conflitos políticos ocorrido na última década no Brasil.

A “guinada à direita” que o país vem vivenciando nos últimos 10 anos - movimento que volta a colocar o tema no debate público após a redemocratização e reestrutura o jogo e o espaço políticos a partir da introdução de novos atores e agendas políticas - abriu espaço para novas formas de classificação, autoidentificação e pertencimento a partir das lutas que passaram a ser travadas entre diferentes grupos sociais, tanto à esquerda como à direita. Nessa perspectiva, a participação na ação coletiva pode ser encarada como um processo de identificação com certas normas e valores relacionados a áreas específicas da disputa política, o que proporciona aos indivíduos uma “consciência política” que lhes permite aproximar-se ideologicamente de alguma questão política (Diani, 2003). Essa dinâmica é ilustrada de forma clara pelo relato da Entrevistada 11, que narra ter se tornado uma pessoa “politizada” após assistir a vídeos publicados em redes sociais por integrantes do Movimento Brasil Livre (MBL), do qual atualmente faz parte. Em suas palavras, esse processo ocorreu em um contexto de polarização marcado pelas disputas “PT/PL, Bolsonaro/Lula”; e os vídeos expressavam ideias com as quais já concordava, mas que até então não conseguia articular, ajudando-a a reconhecer-se como alguém de direita:

Mariana: O que que te motivou a iniciar uma trajetória política, a iniciar uma atuação política? Quais influências você sofreu no período? Em que período que foi isso? E por quê?

Entrevistada 11: A minha trajetória começou em 2018. Eu comecei a militar mesmo em 2022, mas eu conheço o movimento desde 2018. Eu conheço o movimento desde quando era núcleo estudantil. Os nossos núcleos chamavam núcleo estudantil na época. Que eram núcleos formados, em vez de fora das faculdades, eram formados dentro das faculdades, dentro das escolas. Então, começou aí. Eu comecei a acompanhar muito em 2018, quando começou justamente a polarização PT/PL, Bolsonaro / Lula. Eu comecei a acompanhar a partir dali e eu via que muita coisa que o espectro de direita falava eu entendia e concordava, e muita coisa que o espectro de esquerda falava eu não concordava e não fazia sentido algumas coisas pra mim. Por exemplo: não, peraí, a gente tem que taxar o super rico, mas peraí, como é que a gente vai taxar o super rico? Isso aqui não vai fazer a economia brasileira andar, muito menos vai pagar rombo de previdência ou qualquer coisa nesse sentido. Isso aqui não faz sentido, isso aqui é um ataque ideológico e direto a uma coisa que... Tipo, eu tô te atacando porque eu não gosto de você. Então, eu não tenho nada contra você. Mas eu preciso inventar. Nossa, eu não gosto da Mariana porque a Mariana é ruiva. Tipo isso. E eu torno aquilo ali um motivo pra te atacar. Então eu vi a esquerda fazendo muito isso, eu vi ela se contradizendo muito. Então, eu via isso, então eu olhava. Para mim não fazia sentido. Não fazia sentido. Porque, para mim não justificava, por exemplo... Porque eu não tenho uma casa eu invado a sua. Porque segundo o meu conceito, você não está cumprindo a função social, seu imóvel não cumpre a função social. Existe uma lei que é objetiva que fala sobre isso. Eu não posso assumir o papel de fiscalizador, o papel de punir sendo uma pessoa física, eu não sou polícia, eu não sou nada disso, eu não posso invadir sua casa. Eu

não sei a situação que você vive, eu não sei se você está pagando IPTU, se você não está. Só porque eu passei na frente da sua casa, eu passo aí todos os dias, vejo que está vazio, eu vou invadir? Não. Porque você teve um custo naquela casa, você trabalhou para conquistar, de repente você e seu esposo lutaram muito para ter e eu estou lá invadindo sua casa, com a justificativa de que eu estou abrigando pessoas dentro da sua casa. Então, ou seja, o meu direito sobrepuja o seu. Então, nenhuma dessas coisas fazem sentido pra mim. E quando eu ouvia a direita, fazia muito sentido pra mim. Então eu comecei a acompanhar.

Mariana: Então era um momento em que o debate político tava muito forte em 2018 com essas narrativas de todos os lados e aí isso te interessou e você começou a perceber que você concordava mais com um lado que com o outro. Foi mais ou menos isso?

Entrevistada 11: É, e fazia mais sentido pra mim. Então aí num belo dia, eu tava mexendo no Instagram, o Instagram tava começando aquela época, em 2018, 2019, tava começando. E eu, rolando ali no Instagram, como eu comecei a acompanhar muito política, eu tinha a direita como uma referência, mas não tinha um partido que eu me espelhasse, um movimento que eu me espelhasse, eu não tinha nada disso, não tinha nada que pudesse me... me levar a ter alguma coisa que me representasse, uma coisa que... maior que eu, que fosse o meu pensamento naquele movimento ali, ou naquele partido, eu não tinha isso. Então, um dia eu rolando no Instagram eu vi o Holliday, que na época ele era do MBL. [...]. Eu tava lá rolando e vi ele e vi um discurso que ele fez em Uberlândia, quando a gente teve a marcha pela liberdade, que foi no impeachment da Dilma. Então eu vi esse discurso e, assim, eu lembro que ele falou: 'eu não vou ser palco pra ninguém, eu não vou ser vítima de nenhum espectro político'. Cara, quando ele falou isso, eu falei, quem é esse cara? Aí através dele, porque dentro do movimento a gente acaba se identificando mais com alguns porta-vozes do que com outros... E o que eu mais me identifico, que assim, é o fundador, Renan Santos, né? Não sei se você conhece. Então assim, acabou ocorrendo isso, eu vi o Holliday... aí eu falei, caraca, esse cara aqui falou tudo que eu quero falar... e aí eu falei quem esse cara? E aí, eu continuei acompanhando ele, e tal. E vi vários vídeos dele. Vários, vários, vários, vários, vários, vários, vários. E aí eu falei, nossa... aí o vídeo me levou até o Arthur, né, o Arthur do Val. Então, me levou até o Arthur. Então, eu comecei a maratonar vídeos do Arthur, e vendo, vendo, vendo vídeos do Arthur, e eu ficava, quem é esse povo? Aí me levou até a pessoa que hoje em dia, de forma voluntária, me emprega, que é o Kim. Eu trabalho nos grupos dele, no WhatsApp. Então estou em praticamente todos os grupos dele no WhatsApp, deve ter uns... 40, 50 grupos do Kim no WhatsApp. Atualmente eu ajudo o chefe do gabinete com essa demanda de grupos de WhatsApp.

Nesse sentido, conforme aponta De Keere (2018) em um trabalho sobre a semelhança estrutural entre classe e política em Flandres (Bélgica),

[...] a tomada de posição política raramente é resultado de uma reflexão consciente das pessoas sobre seus interesses de classe, nos quais baseariam sua postura ideológica, sendo mais frequentemente consequência de seguir um ethos de classe intuitivo. O habitus ético que as pessoas adquirem ao longo de suas vidas as inclina a discursos morais e estilos de atitude específicos, e, dessa forma, vincula as preferências políticas à estrutura de classe. Especificamente, os partidos atraem eleitores, não porque estes examinem exaustivamente todos os programas partidários, mas porque os partidos acessam as disposições éticas das pessoas empregando discursos, vocabulários e comportamentos reconhecíveis e identificáveis. [...]. As pessoas raramente seguem diretrizes ideológicas abstratas, mas podem se identificar com os políticos porque o que dizem e como dizem soa familiar, e porque se sentem conectadas às instituições que representam (por exemplo, partido político, organização civil, sindicatos, igreja etc.). [...]. Esse mesmo mecanismo também pode levar as pessoas a rejeitarem partidos, não apenas porque se veem posicionadas no

lado oposto do espectro ideológico, mas porque simplesmente não conseguem se conectar ao vocabulário, estilo e discurso que esses partidos mantêm. Pessoas da classe trabalhadora, por exemplo, podem repudiar novos partidos de esquerda porque percebem seu discurso como algo ‘não feito para gente como nós’, em vez de apenas discordarem das políticas propostas (das quais poderiam até se beneficiar) (p. 396-397, tradução nossa).

É preciso destacar, também, que o processo de construção de identificações e pertencimentos em um contexto de disponibilidade estrutural para o ativismo não segue necessariamente uma trajetória linear e coerente do início ao fim. Pelo contrário, ele pode ser marcado por mudanças e ressignificações, influenciadas, sobretudo, pelas relações vivenciadas nos espaços de atuação política. Essas relações, como já mencionado, podem atuar como incentivos tanto para a permanência quanto para o afastamento de uma determinada organização. Dois relatos ilustram bem esses movimentos. O primeiro é do Entrevistado 10, que descreve o processo de criação e posterior distanciamento do grupo Direita JF, destacando os laços construídos e, posteriormente, desfeitos dentro da organização:

Entrevistado 10: Ali eu conheci muitas pessoas, fiz muitas amizades e depois disso nós criamos o movimento Direita JF, que a gente tinha uma atuação, a gente reunia com vereadores, era uma atuação além das manifestações de rua. E depois veio a campanha do Bolsonaro, ali eu participei ativamente, organizando, levantando fundos para aluguel daquele caminhão de som, ações nas ruas, falava no microfone, tudo isso, ali eu era mais ativo. Aí depois teve a vitória do Bolsonaro, beleza. Quando o Bolsonaro começou a... Eu vi que não era aquilo que estava proposto na campanha. Eu nunca imaginei que o Bolsonaro seria... Meu Deus, que maravilha! Mas pra mim seria uma abertura pra direita no poder. Bastava o Bolsonaro fazer o básico, sabe? Mas o cara é tão psicopata que virou isso aí que virou. Então, eu, quando comecei a criticar, eu virei um demônio para essas pessoas. Aí ali sim eu conheci o que é o radicalismo bolsonarista. Aí me afastei, fiquei um tempo sem participar, só acompanhando mesmo de longe. E agora, assim, eu... tem uma aproximação com o MBL, eu vou começar a academia MBL e fazer parte de fato do movimento. No momento eu tenho uma posição de apoiador, mas vai começar agora em agosto a academia, deve terminar em novembro, dezembro, eu não sei, aí sim eu já passo a membro do MBL.

[...].

E esses movimentos, Direita JF, Direita Minas, são todos, assim, completamente subservientes ao bolsonarismo. Então, eu nem sei se existe mais esse movimento. Tem muito tempo que eu já não faço mais parte, desde quando eu comecei a criticar, eu saí. Então, assim, eu nem ouço falar dessas pessoas em Juiz de Fora. Eu virei um demônio para essas pessoas. Pessoas que, inclusive, um amigo, um ex-amigo, né, me chamou para ser padrinho da filha dele. Ele falou: ‘gostaria que ela tivesse você como espelho’. Aí foi o momento que eu me levantei contra o Bolsonaro, eu virei um demônio, sabe, assim, houve muito assassinato de reputação, ameaça, foram momentos assim, muito pesados, eu tive que ter muita tranquilidade para saber lidar. Essas pessoas elas são perversas. Eu falo sem medo de errar porque eu conheço de perto. O bolsonarismo, ele é perverso. Ali é de fato uma atitude fascista, né? É aquela... o culto ao líder, é uma seita. Existe o Bolsonaro, Bolsonaro é uma divindade, e todos têm que ficar adulando ele. Ah, mas o Bolsonaro chutou uma criança na rua, chutou uma senhora na rua. ‘Não, a criança fez alguma coisa para o Bolsonaro chutá-la’. ‘A senhora fez alguma coisa para o Bolsonaro chutá-la’. Então, nunca é culpa do Bolsonaro. O Bolsonaro é uma vítima do sistema. É uma coisa pavorosa ver

de perto. É uma mistura de idolatria com QI baixo. Eu falo com autoridade sobre o bolsonarismo porque eu vi de perto.

O segundo relato é da Entrevistada 9, que iniciou seu engajamento político de forma individual, participando de manifestações de rua a partir de 2013. Posteriormente, passou a integrar espaços coletivos institucionalizados, começando pelo PDT, transitando pelo MBL e, atualmente, encontrando-se no PSDB e nos grupos Políticos Acredito¹⁶⁴ e Vamos Juntas¹⁶⁵. Ela também destaca em sua narrativa a importância das relações que construiu em sua passagem por essas organizações:

Entrevistada 9: Acho que eu tive dois pontos de maior revolta na política, assim, que foi aquela coisa que me deu vontade de falar pra fora. Eu tinha meu Instagram fechado, meu Instagram só tinha pessoas que eu conhecia na vida pessoal. E Facebook também. Aí eu lembro certinho, na eleição de 2018, quando o Bolsonaro ganhou, pra mim foi tipo assim, putz, tá dando muita merda. Eu era uma pessoa, por exemplo, 2013, 2014, eu tava na rua. 2015, 2016 também¹⁶⁶. Todas essas movimentações de... de manifestação política mesmo, de grupo, eu tava. Mas não com esses grupos assim, de movimento social organizado. Tava eu junto da multidão. Tava por dentro, tava revoltada, tinha a minha opinião, minha posição. Mas quando o Bolsonaro se elegeu em 2018, aí foi um negócio que mexeu muito comigo, muito mesmo. Na época da eleição de 2018 eu era mega cirista, eu fiz campanha pra ele, assim... campanha que eu digo... todo mundo que eu conhecia, eu fiz questão de tentar converter voto, sabe? Eu fui bem intensa nisso, comecei a publicar, pelo menos pros meus próximos ali. Não abri perfil nem nada. Mas sempre publicando coisas, sabe, colocando nos stories. Comecei a falar muito sobre política na época. Na verdade, acho que ali por volta de 2016 eu já tava nessa. O Fora Temer, né? Peguei muito isso. Mas 2018 foi bem profundo, porque eu falei assim, cara, a gente precisa mudar isso. Eu tava com muito medo do que viria. Tava muito chocada com aquela pessoa bizarra que era ele. E quando ele ganhou, o que me aproximou do MBL foi descobrir, depois de um ano e pouco que ele já estava no mandato, que eles eram contra o Bolsonaro. E contra o Bolsonaro de uma forma muito proativa... de vamos organizar manifestação, vamos pedir impeachment, vamos pra rua. Aquilo pra mim fez muito sentido. Eu falei, cara, eu preciso estar com essas pessoas. Entendeu? [...]. Então teve um ponto de convergência muito fácil de encontrar ali. Enquanto eu estava nessa vibe com eles, fazia muito sentido caminhar junto. [...] E a gente, nesses grupos, a gente criou uma conexão muito, muito forte. Inclusive, eu fiz um super amigo nesse grupo. A gente trocava muita ideia. Ele chegou até a vir aqui pra Juiz de Fora. Me ajudou a organizar uma manifestação que a gente fez ali no Calçadão, no dia da facada do Bolsonaro e tal. A gente criou muita, muita conexão mesmo. [...]. Então assim, isso foi uma... eu acho que foi o start pra mim do tipo, você gosta muito disso, faz sentido, se envolva mais e dê a cara, sabe? [...]. Eu era uma das porta-vozes lá do movimento. E aí eu comecei a gravar os vídeos, aí eu comecei a me soltar um pouco mais, a entender como que a gente fazia as coisas e tal, sabe? [...]. Eu estava

¹⁶⁴ Segundo informações de sua página no Instagram, o Acredito é um movimento de renovação política, suprapartidário e progressista, comprometido com justiça social e responsabilidade fiscal. Uma de suas fundadoras é a deputada federal Tabata Amaral (PSB).

¹⁶⁵ Segundo informações de sua página no Instagram, o Vamos Juntas é um movimento de comunicação por representatividade nas eleições e igualdade de gênero na política.

¹⁶⁶ Segundo a narrativa da Entrevistada 9 em outro momento da entrevista, em 2013 ela foi às ruas, mas sem apoiar nenhuma pauta específica; após, em 2014 e 2015, apoiou as manifestações a favor do impeachment de Dilma Rousseff; em 2016 e 2017 se colocou contra o governo de Michel Temer; e de 2018 em diante sempre se posicionou contra o governo de Jair Bolsonaro.

muito envolvida com eles. De um jeito que eu comecei a enxergar que, alguns homens que fizeram esse caminho que eu fiz, passaram a pertencer de fato a esse grupo e a ter a validação deles e até espaço, e eu não tava conseguindo isso. E era aquilo, por que que essa pessoa teve essa abertura e eu não tive? E aí eu comecei a entender que existe dentro do MBL um posicionamento extremamente machista, profundamente machista. Eu vi que... A gente não conseguiria caminhar juntos porque talvez eu nunca tivesse o espaço que eu gostaria de ter com eles porque eles não validam uma liderança feminina, eles não investem nisso. [...]. Então, assim, eu comecei a enxergar muito claramente que não existe espaço para você ter voz como mulher dentro do movimento. [...]. E eles também não tinham as minhas preocupações sociais. Eu não tinha espaço para falar delas com eles, porque eles eram muito... Era um liberal muito idiota mesmo, que esquece que a gente vive num país desigual. Então, assim, eles não conseguiam conciliar as coisas. E aí, quando eu enxerguei que para, além de ser contra o Bolsonaro, a gente não tinha nenhuma afinidade, aí eu comecei a me afastar deles, sabe? [...]. Mas eu saí de lá feliz porque pra mim foi muito bom, eu cresci muito lá dentro. [...]. Eu fui grata pelo que eu vivi, pelo que eu entendi. Eu consegui me definir mais como... Ideologicamente, onde que eu me posiciono? Quem eu sou? [...]. Eu consegui colocar limite naquilo que não fazia sentido pra mim e me afastar na hora certa. [...]. No momento em que eu fui pro MBL só tinha o MBL, era ou fazer parte daquilo, que era muito interessante que eles estavam propondo, que era muito legal, que era bem o que eu precisava, porque eu estava num momento de cara, a gente não pode ficar quieto, eu não estou acreditando que a gente está aceitando isso, ficar só falando na internet não vai ter resultado, eu preciso me envolver de uma maneira mais ativa e eles estavam oferecendo exatamente isso, não tinha mais ninguém oferecendo, partido político estava quieto. A gente sabe, partido político inclusive é mais difícil ainda de você conseguir espaço. Porque, aqui em Juiz de Fora, por exemplo, a gente não tem nada organizado, super organizado, não tem grupo político, a não ser que seja o seu grupo de vida ali com quem você convive, né? Ou você já faz parte de alguma coisa ou você vai se virar em 30 para poder encontrar essas pessoas que estão ali no jogo político, né? Então eu não tinha essa abertura antes.

Mariana: Então foi a abertura que você viu pra estar num espaço institucionalizado, digamos assim. Que você não estivesse falando sozinha por você mesmo, mas que você tivesse abertura de um espaço com outras pessoas também, pra publicar as suas pautas, por exemplo.

Entrevistada 9: Exatamente. Pra você ter uma ideia, eu era filiada ao PDT. Mas eu não conhecia ninguém do PDT aqui de Juiz de Fora. Entendeu? Então assim... Eu fazia parte de alguma coisa, mas que não tinha um grupo que tava trabalhando. Então era como se não existisse, era como se aquilo ali não tivesse finalidade nenhuma, entendeu? Mesmo estando no MBL, eu nunca fui... Não é dizer que eu era liberal, não, porque um dos meus maiores embates com a galera era sempre sobre o Ciro, porque eu continuo sendo uma pessoa que admira o Ciro. E a gente, em vários momentos que tinha essa opção, eu era a cirista do MBL. Eu continuei com essa minha posição. Mas eu não encontrei um espaço diferente daquele para poder fazer parte de grupo mesmo, de pertencimento. Eu acho que política tem muito a ver com isso. Eu sou muito disso. Eu gosto de estar junto e saber que aquilo ali é além de mim, sabe? [...]. No sentido de que, cara, eu tô aqui com um ideal que tá todo mundo trabalhando pra conquistar junto. [...]. Então, foi por isso que eu fui pra MBL, só por causa disso. E depois que eu estive lá dentro, depois que eu abri o meu perfil do Instagram, e que eu comecei a colocar ali coisas sobre política, outras pessoas foram me encontrando e conversando e abrindo portas e aí eu fui conhecendo outros espaços de grupo.

Mariana: Então você saiu do MBL e continua dentro dessa lógica que a gente tava conversando, que você queria ainda ocupar um espaço institucional pra transformar as coisas por meio da política. E aí você saiu do MBL e já entra direto no PSDB ou você fica um tempo num limbo ali procurando algum espaço?

Entrevistada 9: Fiquei, porque aí eu tava... A única coisa que eu tinha como forma de me manifestar era o Instagram. E aí eu tava naquela de produzir conteúdo e tal. Aí quando a eleição de 2022 tava pra acontecer, que o pessoal tava se movimentando pra buscar candidatos, a gente sabe que eles precisam de mulher. Então eles ficam

buscando quem eles acham que pode ter viabilidade pra poder disputar e tal. Aí nessa eu recebi o convite de uma menina que foi do MBL também, que me conheceu lá, mas eu não a conheci lá. Porque no MBL eu acabei tendo um certo destaque. Eu fiquei um pouco relevante lá dentro do movimento. Eu não alcancei o espaço que eu queria, mas eu tive uma visibilidade ali. [...]. Uma dessas meninas [de BH] estava no PSDB na época da mobilização das prévias, porque teve uma discussão muito grande naquela coisa do Doria e do Eduardo Leite. Foi um negócio muito sofrido dentro do partido. E eles trouxeram um monte de gente para trabalhar nas eleições das prévias. Isso acabou trazendo ela. A gente aqui em Minas era a favor do Eduardo Leite. Aí ela continuou com esse trabalho depois das prévias para começar a identificar esses perfis de mulher. Ela já me conhecia e falou com o pessoal de lá, olha, eu conheço uma menina, de Juiz de Fora, não sei o quê, ela é muito legal. Ela me mandou uma mensagem no Instagram, falando, explicando isso tudo e perguntando se eu queria conversar com eles lá, pra de repente ver se eu tinha interesse em vir candidata e tal. Aí eu achei o convite bem interessante, falei, poxa, legal, quero, sim, né, eu já tava meio que procurando isso. [...]. Eu fiz uma campanha que foi muito além do que a gente tinha planejado, a minha campanha foi muito grande. Tanto que acho que 15 dias da campanha, eu viajei daqui até o Uberlândia e voltei. Parei várias cidades e tal. Foi muito louco, sabe? E eu gosto, eu quero fazer. Então assim, eles foram identificando meu perfil, foram me conhecendo, falaram assim, cara, essa menina tá iniciando, ela de fato não tem ainda muito trabalho na política, não tem grupo político... eu tô começando mesmo. Só que eles acharam assim, faz sentido investir nela porque ela mostra que é isso que ela quer. E nessa de fazer a campanha, como o pessoal do Estado ficou muito presente na nossa campanha aqui de Juiz de Fora, eu fui criando muita conexão com eles. A gente foi ficando realmente próximos mesmo, íntimos, sabe? Criando muita afinidade. E o pessoal de BH é muito legal. A gente se parece bastante. Tem muita gente nova trabalhando lá na burocracia do partido. Que tem essa mesma ideia de como eu vejo a política, sabe? Eu enxergo muito isso neles. [...]. Então assim, é isso que eu te falei, eu acho que o partido tá num momento em que eles precisam de novas lideranças. E eles de alguma forma acreditam que eu possa ter um resultado interessante, que eu possa ser alguém dentro do partido que eventualmente vai ser eleita, ou que vai contribuir positivamente para pautas importantes, que vai ter um espaço de comunicadora mesmo. E aí é onde, pra mim, tá fazendo muito sentido estar lá, né? Porque são pessoas que, até agora, eu não tive nenhuma divergência de... A gente teve uma varredura dos bolsonaristas. A galera que era muito mais à direita saiu do partido. A gente não está tendo mais esse conflito ideológico.

É interessante observar que essa dinâmica de mudanças e ressignificações de atitudes políticas não se manifesta nas narrativas dos entrevistados de esquerda. Uma possível explicação para isso pode estar relacionada a dois fatores que os distinguem dos direitistas: a idade em que iniciam sua militância e os espaços tradicionais em que constroem suas trajetórias políticas. Os militantes esquerdistas, em sua maioria, começam a atuar ainda muito jovens, inserindo-se em ambientes já consolidados no campo da esquerda, como sindicatos, movimentos sociais e partidos tradicionais, que possuem agendas e frentes de atuação bem definidas. Essa combinação da juventude — uma fase em que os valores, ainda em formação, tendem a se enraizar de maneira mais profunda — com a participação em espaços políticos estabelecidos parece contribuir para uma maior coerência nas atitudes e opiniões ao longo da vida.

Em contraste, os entrevistados identificados com a direita costumam iniciar sua militância já na fase adulta, frequentemente em organizações políticas que estão sendo criadas simultaneamente ao início de seu engajamento. Muitos deles, inclusive, desempenharam papéis ativos na fundação dessas organizações. Esse contexto, caracterizado pela novidade e pelo constante processo de construção de novas forças no cenário político, parece favorecer maior flexibilidade para ajustes de rota e mudanças de perspectiva, já que tudo ainda está em formação e nenhuma estrutura está plenamente consolidada. A partir dos movimentos sociais de 2013 no Brasil, diferentes vetores – como produções intelectuais e acadêmicas, a mídia, instituições e a opinião pública – têm apontado para o surgimento de uma “nova direita” que começa a se expressar, em grande parte, impulsionada pelo antipetismo fortalecido pela Operação Lava Jato (Messenberg, 2017). Enquanto nos anos 1980 e 1990 a identificação com a direita era vista de forma negativa e até pejorativa, atualmente é possível observar uma transformação nesse cenário. Hoje, assumir esse posicionamento é motivo de orgulho e defesa apaixonada para uma parcela da população, fenômeno este que abre caminho para novas formas de pertencimento e organização política, que gradualmente passam a ocupar espaços no jogo político.

Para encerrar esse eixo de análise sobre a formação e a atuação dos ativistas de direita, cabe destacar também a relação que eles expressam com Igreja, que, mais uma vez, é bastante diferente da apontada pelos esquerdistas. Enquanto alguns militantes de esquerda reconhecem a Igreja Católica como um espaço de formação política em suas trajetórias iniciais, especialmente por meio da teologia da libertação, os ativistas de direita, embora atribuam grande importância à religião em suas vidas¹⁶⁷, tendem a não vinculá-la diretamente às suas práticas políticas. Para eles, a religião ocupa um papel mais abrangente, como fonte de formação de valores gerais, conforme exemplificado pelo relato do Entrevistado 12:

Mariana: Uma coisa que você falou que me chamou a atenção também, que eu achei interessante, é a sua formação católica, né? Você falou que desde criança frequenta a igreja católica, hoje continua frequentando e tal. Você acha que isso de alguma forma te deu conhecimento, te deu um impulso também para entrar na política? Ou você acha que não tem nada a ver?

Entrevistado 12: Não...

Mariana: Nem em termos de valores que você defende?

Entrevistado 12: Me deu valores, mas impulso pra política não foi dali não. O impulso pra política foi mais uma indignação mesmo das coisas... você encontra... tinha um povo lá na campanha, na rua, que eu te falei lá em 2018, por ali... talvez se não tivesse encontrado aquilo, eu não estaria mexendo com isso aqui hoje. Tinha continuado xingando os outros.

Mariana: Mas em termos de valores sim...

¹⁶⁷ Em termos religiosos, dentre os entrevistados que se identificam com a direita, uma frequenta religião de matriz africana, uma é evangélica, uma é espírita e quatro são católicos; nenhum se disse ateu ou agnóstico.

Entrevistado 12: Isso, com certeza. Meus meninos hoje, o maior, já fez primeira comunhão, já fez crisma. O pequeno também já vai fazer ano que vem. Apesar de eu ser católico, né? Eu não sou fanático. Porque também, tudo que é extremismo é uma merda, né? Hoje a gente é governado pela extrema-esquerda. É uma merda, né? Extrema-direita também é uma merda. Eu já vi nego da direita fazer destruição de biografia também. Ler o mesmo livro que o PT lê. É uma vergonha. Então, fanatismo é errado também. Não sei... Uma vez um padre falou comigo, o que que é o pecado? O pecado é o excesso. Tudo que é excesso é ruim. Pronto. Cara, foi a melhor definição da minha vida, assim. Acabou. Padre Lélis que me falou isso. Então assim, é isso cara, o que que é o pecado? É os trem errado. Entendeu? Tem gente que tem uns fanatismos... igual, por exemplo, os crentes falam que se você não for de terno pra igreja, que não sei o que, que você tem que parar de beber. Pecado não é beber. Pecado é você ficar bêbado, fazer merda. Entendeu? Dirigir bêbado. Então isso eu tenho da igreja. Lógico que eu sou um ser completamente imperfeito e... fodido, vamos pôr assim. Mas eu tento seguir.

A única exceção à vinculação entre religião e política na formação militante dos entrevistados de direita é trazida pela Entrevistada 11, que relaciona diretamente a sua atuação política ao seu pertencimento à religião evangélica:

Mariana: Desde criança a religião era algo presente assim na sua casa?

Entrevistada 11: Totalmente presente, totalmente presente. A igreja inclusive, eu falo que... formou muito do que eu sou, principalmente no meu aspecto político, foi muito fator também pelo que eu acredito, de forma de religião, sabe? Então, assim, inclusive o MBL é muito formado por muitas pessoas cristãs também, não só da ala evangélica, mas também da Católica, e eu acredito sim que isso, com certeza, formou muito do que eu sou sim.

Mariana: E você continua frequentando até hoje?

Entrevistada 11: Sim.

Mariana: E dentro da Igreja? Você tem discussão política dentro da igreja? Ou você percebe que é um espaço em que isso não é muito tratado?

Entrevistada 11: Hoje em dia nós temos, né? A igreja tem o Republicanos, né? Você deve saber. Então, assim, então a gente, sim, temos um espaço de política. Inclusive na Igreja Universal tem um grupo chamado Arimateia, que é voltado só para política. Então, hoje em dia, com o avanço de muitas leis... tinha uma lei ambiental que falava assim que não poderia ter espaços públicos, como uma igreja, no centro urbano. Cara, o que é isso? Aí colocaria a igreja aonde, no meio do mato? Então por causa dessas leis, hoje em dia a igreja tem espaço. Como eu te falei, nós temos um grupo chamando Arimateia... Você pode até procurar por ele no Instagram. É um grupo voltado para a política. Então nós estamos também na política enquanto igreja porque se tornou necessário se defender, né? E eu sou a favor. 'Ah, não tem que ter pastor na política'. Pois é, então deixe a igreja fora da política. A partir do momento que você começa a inserir a igreja no cenário político e começar a tentar prejudicar ela de alguma forma, como já teve leis, projetos de lei que previam que um pastor só poderia fazer programa se tivesse jornalismo, curso de jornalismo. Então, isso afeta diretamente as igrejas evangélicas, entendeu? Então, assim, a partir do momento que deixarem a gente de fora, ficaremos de fora. Porque ninguém quer também tratar disso enquanto pastor, mas... Se não querem que a igreja esteja inserida na política, então deixem as igrejas fora da política. Então, a partir do momento que colocam a gente no jogo, vamos entrar para o jogo então.

Em termos religiosos, dentre os entrevistados que se identificam com a direita, uma frequenta religião de matriz africana, uma é evangélica, uma é espírita e quatro são católicos; nenhum se disse ateu ou agnóstico. Sobre a relação entre religião e política, Gaxie (2019)

destaca o exemplo do catolicismo na França, que foi historicamente moldado em oposição à República, ao campo secular e aos partidos de esquerda. De acordo com o autor, esse caso ilustra como qualquer grupo social, construído e mantido ao longo da história das lutas sociais e políticas, gera sentimentos de pertencimento e identificações que integram dimensões políticas que, naquele contexto específico, se manifestavam por meio de uma relação estreita entre identificar-se com a direita e pertencer a um grupo social católico. Gaxie (2019) também chama a atenção para pesquisas que indicam um aumento na proporção de católicos que votam à direita conforme cresce o nível de prática religiosa (os mais praticantes tendem mais fortemente a esse alinhamento político) e aponta que, embora o grupo social católico tenha se reduzido ao longo do tempo, ele permanece como uma coletividade ativa e significativa. Nesse sentido, seus membros não apenas se identificam como católicos, mas também, por conta de sua visão particular do catolicismo¹⁶⁸, demonstram maior propensão a inclinar-se para a direita; o que, se não se mostra como uma votação de classe, pode ser identificado uma votação de grupo. Esse mesmo raciocínio pode ser aplicado ao contexto brasileiro contemporâneo, especialmente ao considerarmos certas vertentes da Igreja Católica, como a Renovação Carismática, e alguns segmentos da religião evangélica, como o neopentecostalismo¹⁶⁹.

6.2.4. Tipos de militância

À semelhança do que ficou constatado em relação aos ativistas de esquerda, as trajetórias dos ativistas de direita também revelam uma relação estreita entre militância associativista e partidária. Esse é um tema que já aparece bastante na narrativa da Entrevistada 9, apresentada no tópico anterior, mas penso ser interessante trazer mais dois relatos que exemplificam o modo como os entrevistados encaram o entrelaçamento de diferentes tipos de atuação política. O primeiro é do da Entrevistada 14 que, à época da entrevista, era pré-candidata a vereadora:

Mariana: Então você começou na política mais dentro dos grupos, dos movimentos, da direita, da Direita JF, depois Escolas Abertas, e agora você está também buscando um espaço na política mais institucional, digamos assim. Pra você, qual que é a importância de ocupar esses diferentes espaços?

¹⁶⁸ Visão diferente, por exemplo, da visão dos católicos ligados à Teologia da Libertação, que os aproxima do campo da esquerda.

¹⁶⁹ Vários pesquisadores têm procurado compreender como se dá a relação entre certas vertentes religiosas e a política no Brasil. Ver, por exemplo, Almeida (2017), Machado (2015), Mariano; Gerardi (2019) e Silveira; Manduca; Reis (2020).

Entrevistada 14: Eu acho importante a gente seguir em frente, Mariana. Movimento, tudo foi gradual na minha vida, né? Entrei no movimento Direita JF, Escolas Abertas e Conselhos. O próximo passo é o espaço da vereança. E porque também, eu acho que não adianta. Se a gente acha que está vendo algo que está errado ou não está funcionando, ou ah, não é assim, eu acho que deveria ser assim. Pô, vai lá, tenta. Se eu posso ao invés de ficar só ranhetando, resmungando via WhatsApp, eu vou agir, eu vou falar, eu vou lá.

O segundo relato é o do Entrevistado 12, que à época da entrevista também era pré-candidato a vereador:

Mariana: Então você também acredita que é importante ocupar esses espaços dentro das instituições mesmo? Porque a gente tem visto tanta coisa assim, né, igual você já mencionou várias vezes, muita corrupção, muitos casos muito complicados dentro da política e tal, e às vezes a gente percebe que muitas pessoas têm esse movimento de querer se afastar um pouco dessa política institucional, né? De não confiar mais em partido, de não confiar mais em políticos, de uma maneira geral. Como é que você vê isso? Você acha que ainda tem salvação, ainda tem esperança na política institucional?

Entrevistado 12: Pois é. Então, uma coisa que eu aprendi. Você pode não gostar de política, mas a política cuida da sua vida. Então, assim, ela faz parte da sua vida. Ela é que manda na sua vida. Entendeu? Então, assim, se a gente não ocupar a política e ficar nessa vibe de larga pra lá, larga pra lá, larga pra lá, outros vão ocupar. Pode ser gente do bem ou não. Pode ser gente que você concorda ou não. Então, assim, se a gente não for lá ocupar, divulgar, falar, mostrar, outro vai fazer no seu lugar. Hoje quem deita e rola nisso aí? A esquerda. A esquerda já tem sindicato, tem militante. É unida porque ela meio que funciona igual à União Soviética, com poder centralizador... que eles aprenderam tudo lá na União Soviética. Então assim, ela não tem nem opinião divergente, é tudo unido. Se alguém falar alguma merda lá, na hora eles fazem uma retratação e volta tudo, alinhamento. Agora, por exemplo, o pessoal fala assim: 'ah, o Novo não gosta de social, não gosta do povo'. Um amigo nosso fez uma logo lá 'O Novo é para o povo'. Porque assim, o PT fala que faz social para cacete, quando a gente pega o governo... essa escola aqui de cima aqui, o Grupo Central, o Pimentel recebeu dinheiro pra reformar ela todinha. Ele não pôs um tijolo. Onde é que ele pôs o dinheiro? Mas está solto. Tem que estar preso. Para mim, quem rouba dinheiro tinha que estar preso. Igual uma pessoa que rouba seu celular tinha que estar preso também. Rouba alguma coisa... ladrão é ladrão. Entendeu?

Há, portanto, um entendimento comum de que a política institucional é um espaço relevante para a participação no jogo político e a intervenção na realidade, de modo que conexão entre os trajetos militantes analisados e as atividades partidárias pode ser ilustrada pelos seguintes dados: cinco dos sete entrevistados de esquerda declaram filiação a partidos políticos (PRTB, Novo e PL); dois estão atuando na criação do Partido Missão, do MBL; e quatro já se candidataram a cargos eletivos em âmbitos municipal e estadual. No entanto, da mesma forma que para os entrevistados de esquerda, a relevância e a intensidade dessas filiações variam conforme os diferentes investimentos na trajetória militante e os distintos momentos dos percursos individuais.

Em síntese, é importante destacar que, embora momentos marcantes da história política brasileira tenham impulsionado o engajamento militante dos entrevistados que se identificam com a esquerda, o impacto desse contexto é ainda mais evidente nos relatos dos entrevistados de direita. Isso pode ser atribuído tanto ao fato de os acontecimentos mencionados serem mais recentes e, portanto, mais presentes na memória, quanto ao acirramento do conflito político no Brasil nas últimas décadas, que deu origem a novas formas de participação política. Essas formas incluem, em especial, o uso das redes sociais, frequentemente mencionadas pelos entrevistados de direita como espaços para atuação, organização e projeção política. Por fim, no grupo de direitistas, destaca-se ainda a relevância dos laços sociais estabelecidos ao longo do processo de engajamento, os quais desempenharam um papel crucial na transição de uma militância inicialmente individual para uma participação coletiva mais organizada.

É possível, portanto, observar diferenças significativas quanto ao início, às motivações e às formas de atuação política entre militantes de direita e de esquerda. Ainda assim, ambos compartilham uma característica em comum: a combinação entre militância associativista e partidária. Esse entrelaçamento revela que, independentemente do espectro político, os militantes consideram essencial ocupar diferentes espaços no jogo político para ampliar os recursos disponíveis nas disputas simbólicas pelo monopólio do princípio legítimo de visão e divisão do mundo social (Bourdieu, 2011). Essa constatação contrapõe conclusões de estudos internacionais que destacam uma separação entre modalidades formais de militância e modalidades nas quais emergiriam comprometimentos mais individualizados e voltados a causas específicas¹⁷⁰. É importante reconhecer, contudo, que as limitações de representatividade do universo empírico aqui investigado dificultam a generalização dos resultados para outros contextos sociais no Brasil ou no exterior.

6.3. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

No capítulo que encerra a tese, pretendi refletir sobre as condições que predisõem a ação política, entendendo-as a partir de duas frentes: (i) como características construídas ao longo das trajetórias dos indivíduos, previamente ao seu contato com as organizações e que, em

¹⁷⁰ Um exemplo de estudo internacional que indica a separação entre tipos de militância (participação política formal e participação política orientada para a causa) é o desenvolvido por Ødegård e Berglund (2008). Utilizando dados de uma amostra representativa extraída de um estudo nacional norueguês chamado “Young in Norway”, de 2002, que compreendia jovens entre 16 e 19 anos, os autores concluem que a maioria dos jovens que participaram apenas de novas formas políticas nunca participaram de atividades tradicionais. Esse quadro indicaria que o padrão de atividade política acaba se tornando individualizado e especializado, em vez de cumulativo e associado à filiação formalizada em organizações políticas. Para outros exemplos, ver Norris (2003; 2005).

parte, condicionam as possibilidades de engajamento; e (ii) como contingências situacionais, que são condições e mecanismos que surgem do contexto histórico e da interação entre os indivíduos e os membros das organizações (Silva; Ruskowski, 2016).

Penso que a primeira frente nos ajuda a compreender de que forma as socializações prévias do indivíduo - nas diversas redes e esferas de vida pelas quais ele transita e se insere ao longo de sua trajetória - constituem-se disposições, recursos, capacidades e inserções relacionais que condicionam as oportunidades de contato e interação com eventuais organizações sociais promotoras de determinadas causas. Investigar essas “socializações prévias” nos permite, portanto, entender quais são as condições que definem o maior ou o menor grau de proximidade e disponibilidade dos indivíduos às oportunidades de engajamento socialmente existentes em um determinado contexto (Silva; Ruskowski, 2016). Contudo, ao adotar essa perspectiva “disposicional”, é impossível não encarar certas questões que tradicionalmente a confrontam: por que nem todos aqueles que possuem trajetórias similares àquelas de indivíduos engajados apresentam como resultado o engajamento? Como explicar as “razões do improvável” (Lahire, 2004), ou seja, o engajamento de indivíduos cujas trajetórias são completamente desviantes dos padrões identificados nesta pesquisa?

Para responder a essas questões, é essencial incorporar outros elementos à análise, evidenciados pela segunda frente de reflexões. Isso porque são a presença e a atuação de determinados mecanismos em contextos específicos, assim como sua ausência ou neutralização em outros, que configuram as condições para a ativação ou o bloqueio das disposições prévias ao engajamento. Além disso, em determinados casos, esses mecanismos podem promover alterações na estrutura disposicional, seja incentivando o ativismo, seja atuando de forma contrária a ele. Conforme evidenciam as narrativas dos entrevistados aqui apresentadas, um desses fatores é a “mediação”; ou seja,

[...] é relativamente pouco importante se uma pessoa é predisposta ideologicamente ou psicologicamente a participar quando ela carece da localização estrutural que facilita a participação. Sem fatores estruturais que expõem o indivíduo às oportunidades de participação ou o empurrem para a ação, o indivíduo irá permanecer inativo. [...]. No caso de indivíduos com vínculos prévios com participantes das organizações, a mediação, então, tende a ocorrer de forma ‘natural’, uma vez que estes indivíduos já se encontram indiretamente conectados às organizações a partir laços construídos em outras esferas de vida. Além disso, na medida em que estes vínculos possuem uma carga afetiva para os envolvidos, tal afetividade opera como um fator importante para a eficácia da mediação (Silva; Ruskowski, 2016, p. 213-24).

Quando a mediação é bem-sucedida, os indivíduos em processo de engajamento passam a se envolver em uma interação associativa que consiste na participação em atividades que

estruturam o cotidiano do grupo e promovem a construção de identificações coletivas. É por meio dessa convivência intensa e contínua que se formam os vínculos afetivos e emocionais, os quais, como enfatiza a literatura recente sobre movimentos sociais, são tão relevantes quanto os aspectos cognitivos ou ideológicos para a sustentação do engajamento (Goodwin; Jasper; Polletta, 2001, *apud* Silva; Rukowski, 2016).

Outro elemento fundamental para a continuidade da participação do indivíduo nas organizações, permitindo a construção de uma carreira militante, é o alinhamento identitário, seja por meio da convergência, seja por meio da construção de identidades. Esse alinhamento possibilita que os militantes se reconheçam como parte de um "nós" coletivo, orientado por sentidos e molduras interpretativas compartilhadas. É importante, contudo, evitar uma visão cristalizada da identificação coletiva resultante desse alinhamento. Pelo contrário, trata-se de um processo dinâmico, relacional e interativo, cujo resultado é continuamente negociado, revisado e ressignificado (Silva; Ruskowski, 2016).

Por fim, é preciso destacar que na análise da pesquisa empírica, observei também que a presença ou a ausência de determinados mecanismos e as formas como estes se articulam podem apresentar variações. Nesse sentido, não pretendo sugerir que os fatores disposicionais, estruturais e identitários que moldam o engajamento dos entrevistados constituam uma lista de condições necessárias ou suficientes para a militância política de forma geral, especialmente considerando que esta é uma pesquisa qualitativa de caráter não amostral. Ainda assim, penso que este trabalho - que optou por colocar os agentes sociais em primeiro lugar na análise apresentada - pode ajudar a contribuir para um campo de estudos ainda incipiente na sociologia brasileira ao ter como enfoque processos de aquisição de politização. Esse é o contexto no qual busquei situar um conjunto restrito de casos de militância em diferentes instituições e espaços. Por meio de entrevistas aprofundadas, procurei revisitar questões clássicas da sociologia política, como as relações entre a posição ocupada no tecido social e o grau e as formas de engajamento político.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se, a despeito das mudanças ocorridas no interior desse microcosmo [...], continua a existir um vínculo não negligenciável entre bens culturais e grupos sociais, então é porque a classificação das coisas muitas vezes ainda segue de perto a classificação dos homens.

(Durkheim; Mauss, 1981 apud Fernandes; Pulici, 2016, p. 154).

Esta tese buscou explorar a relação entre classe e comportamento político no mundo contemporâneo. A principal conclusão é que uma conceituação multidimensional de classe, inspirada pelo modelo de espaço social de Pierre Bourdieu, pode de fato auxiliar na investigação dos fundamentos estruturais do engajamento político na atualidade. A análise empreendida buscou demonstrar, por meio do recurso à ferramenta estatística de análise de correspondências múltiplas (ACM), que os dois princípios de diferenciação social a partir dos quais esse modelo é construído (ou seja, volume e composição de capital) são elementos importantes para a compreensão do cenário político brasileiro.

Pude concluir, portanto, que, em um universo predominantemente composto por ativistas situados em posições intermediárias do espaço social, o volume e, sobretudo, a composição dos capitais (cultural e econômico combinados) estão diretamente relacionados aos distintos padrões de comportamento político observados. Assim, militantes pertencentes a frações de classe onde predomina o capital cultural tendem a adotar posturas alinhadas à esquerda do espectro político, enquanto aqueles inseridos em frações marcadas pelo predomínio do capital econômico se inclinam para a direita. Isso indica que as posições de classe e as atitudes políticas, no universo pesquisado, seguem a mesma lógica. A tese também demonstrou que as clivagens sociais não podem ser analisadas exclusivamente pelo viés econômico, sendo essencial incorporar uma perspectiva cultural para reconectar classe e ação política, contrapondo-se a abordagens que decretaram a “morte” da política de classes no mundo contemporâneo.

Em face deste panorama, pretendi, com o desenvolvimento desta pesquisa, contribuir para este debate ao explorar uma concepção de classes sociais que incorpora a dimensão cultural na reconstrução da relação entre classe e comportamento político. A teoria bourdieusiana sustenta essa abordagem, pois engloba essa dimensão como parte essencial das relações de classe, além de permitir superar limitações da teoria da escolha racional na explicação das motivações da ação dos agentes (Crossley, 2003).

Ao longo deste trabalho, argumentei que, embora estudos recentes tenham revitalizado o debate sobre classe ao incorporar uma perspectiva cultural baseada no acúmulo de capitais e em práticas simbólicas, os méritos dessa abordagem ainda não foram plenamente explorados na sociologia política - um campo que, na atualidade, raramente tem integrado discussões sobre classe. Diante desse cenário, procurei demonstrar que a abordagem bourdieusiana não deve se limitar à sociologia da cultura e à sociologia da educação, tendo o potencial de oferecer uma compreensão teórica mais abrangente e aplicável a diferentes dimensões da vida social.

Ao considerar que as práticas políticas integram um estilo de vida mais abrangente, que mantém afinidades diretas com outras práticas simbólicas, evidenciei como elas contribuem para a valorização, a distinção e a delimitação de fronteiras simbólicas entre diferentes frações da classe. Essas frações, embora compartilhem uma mesma posição intermediária no espaço social, encontram-se em constante antagonismo simbólico, revelando disputas internas que estruturam suas tomadas de posição política. Em outras palavras, os achados da tese enfatizam a importância de compreender o engajamento político no contexto dos estilos de vida e das posições sociais dos indivíduos; sendo assim, as práticas políticas e culturais aparecem, especialmente para aqueles que possuem mais recursos, como duas faces da mesma moeda, não apenas correlacionadas, mas integradas e fortalecendo-se mutuamente.

A homologia estrutural estabelecida entre política e classe demonstra, portanto, que para compreendermos completamente os mecanismos que moldam as tomadas de posição ideológicas contemporâneas, não devemos focar em um único fator - como status, educação, competência cultural ou diferenças econômicas -, mas considerar a estrutura do espaço das classes sociais como um todo e a dinâmica entre suas frações culturais e econômicas em particular. Diante disso, busquei demonstrar que a dimensão horizontal também é importante, senão fundamental, principalmente quando estamos lidando com posições intermediárias e altas de classe. Um tanto surpreendentemente, tais divisões intraclasse, embora fundamentais para o modelo de Bourdieu, raramente foram discutidas em detalhes nas pesquisas contemporâneas sobre estratificação social. Enquanto muitos estudos retratam as classes como entidades monolíticas (“a classe média”, “pessoas de alto status” etc.), esta tese revelou tensões simbólicas sistemáticas dentro dessas categorias. Isso ressoa com a noção de Bourdieu (2015) de que a identidade social se constrói na diferença, sendo afirmada em oposição ao que está mais próximo e representa a maior ameaça. Este estudo, portanto, expandiu pesquisas anteriores sobre as classes médias ao analisar atitudes políticas sob uma perspectiva multidimensional, demonstrando como a “nova” política segue as diferenciações internas já identificadas na “velha” política.

É preciso destacar ainda que, ao evidenciar que as divisões políticas internas entre os ativistas pesquisados apresentam uma relação de homologia com suas divisões sociais, os achados da tese convergem com as conclusões de diversos estudos europeus amplamente referenciados nesta tese. Esses estudos adotaram a mesma abordagem teórico-metodológica aplicada a amostras estatisticamente representativas, permitindo a generalização dos resultados para os contextos analisados. Essa convergência não apenas fortalece a validade do modelo do espaço social em diferentes realidades, mas também legitima pesquisas que, como esta, não se baseiam em amostras representativas.

Além deste enfoque estrutural, possibilitado pela análise das dimensões vertical e horizontal do espaço social reveladas pelos dados quantitativos, este estudo também compreendeu uma perspectiva qualitativa e processual ao analisar entrevistas em profundidade que buscaram apreender as trajetórias individuais e políticas de 15 ativistas que atuam ou atuaram no município de Juiz de Fora – MG, englobando, assim, a terceira dimensão do espaço social. A partir dessa abordagem mais dinâmica, busquei explorar de que forma os mecanismos contínuos de socialização política dos entrevistados se entrelaçam com fatores estruturais e contextuais ao longo do tempo. Nesse sentido, pretendi contribuir para um campo de pesquisas empíricas orientado por modelos analíticos capazes de identificar e explicar a diversidade, a dinamicidade e a complexidade dos processos de engajamento em organizações e mobilizações sociais, desafiando perspectivas que os naturalizam (Silva; Ruskowski, 2016).

Além de corroborar os achados da análise quantitativa, os relatos dos entrevistados evidenciaram diferenças significativas entre as militâncias de esquerda e de direita, especialmente no que se refere aos espaços de socialização política e às motivações para o engajamento. Uma diferença notável é que, enquanto ativistas de esquerda geralmente iniciam sua atuação ainda jovens, em espaços como escolas e universidades, os de direita ingressam na militância já na vida adulta, impulsionados principalmente pelo contexto de acirramento dos conflitos políticos no Brasil pós-2013. Esse achado reforça o argumento de que momentos de crise abrem oportunidades estruturais para a entrada de novos atores, redesenhando a configuração de forças no campo político. Apesar das diferenças, a análise das entrevistas revelou uma característica comum entre ativistas de ambos os espectros políticos: a combinação entre militância associativista e partidária. Esse entrelaçamento sugere que, independentemente da orientação ideológica, os militantes reconhecem a importância de ocupar diferentes espaços no jogo político para ampliar os recursos disponíveis nas disputas simbólicas pelo monopólio do princípio legítimo de visão e divisão do mundo social (Bourdieu, 2011).

Entre os casos analisados, tanto quantitativa quanto qualitativamente, há, sem dúvida, diversas dissonâncias. No entanto, a análise das tomadas de posição dos ativistas em diferentes domínios da vida social - como escolhas educacionais, políticas e de consumo - revela que as militâncias de esquerda e de direita se diferenciam, sobretudo, pelas práticas simbólicas que valorizam o tipo preponderante de capital que possuem (cultural, no caso da esquerda, e econômico, no caso da direita). Assim, a explicação para essas tomadas de posição pode ser buscada, principalmente, na subdivisão em frações de classe, ou seja, nos efeitos dos capitais sobre suas disposições. Em outras palavras, é na interseção entre a dimensão material e simbólica da existência de classe que se torna possível identificar o mecanismo de legitimação e reprodução social das posições culturais e econômicas dos ativistas pertencentes à classe média. Diante dessas constatações, retomo o debate entre Bernard Lahire e Bourdieu¹⁷¹ para afirmar que minha pesquisa não teve como foco as dissonâncias, mas sim a busca por padrões. Para isso, recorri frequentemente à construção de tipologias como ferramentas estruturantes e explicativas dos achados empíricos.

Neste momento de conclusão, é importante também reconhecer o que não pôde ser realizado. Diversos fatores dificultaram o desenvolvimento desta tese, como a pandemia de Covid-19 e os obstáculos enfrentados na pesquisa de campo, especialmente no acesso ao público-alvo do estudo. A produção de dados primários é sempre desafiadora e, muitas vezes, torna impossível prever se haverá tempo suficiente para analisar todas as evidências relevantes que surgem ao longo da investigação. Além disso, o campo pode nos surpreender com resultados inesperados, que não estavam previstos nas hipóteses iniciais. Como destaca Souza (2012, p. 45), “a relação entre empiria e teoria é de diálogo constante e de aprendizado mútuo”.

Nesse sentido, muitas das evidências coletadas se mostraram extremamente relevantes e promissoras, mas, por limitações de tempo, não puderam ser analisadas neste trabalho. Isso, no entanto, não significa que não possam integrar futuras reflexões derivadas desta investigação. Entre esses achados, destacam-se a perspectiva de gênero e a influência da religião (ou a sua ausência) na diferenciação interna entre militantes de esquerda e de direita. Diversos estudos vêm se dedicando a compreender de que forma esses elementos se relacionam com a política, e eu pretendo me debruçar sobre eles em um futuro próximo para continuar explorando os dados gerados por este estudo.

¹⁷¹ Lahire (2002, 2007 apud Vieira, 2024, p. 225) “argumenta que Bourdieu deixa de fora de suas análises os casos que não se adequam aos padrões estruturais identificados por ele, afirmando que dentro de qualquer classe ou grupo social há um conjunto circunscrito de “dissonantes” – agentes que não se adequam ao padrão estrutural –, e, da mesma forma, que todo e qualquer agente possui a sua parte de dissonância – as áreas de seu comportamento que destoam da regra de sua classe ou grupo”.

Um outro aspecto que se mostrou bastante interessante – e que, por si só, poderia dar origem a uma tese – é a relação dos ativistas de direita com as redes sociais, frequentemente mencionadas por eles como espaços de atuação, organização e projeção política. Nesse âmbito, destaca-se, ainda, o uso de redes específicas como o *WhatsApp* ou o *Telegram* para o consumo de informações políticas. Pretendo, também em trabalhos futuros, aprofundar a análise desses elementos e preencher as lacunas que as restrições de tempo desta tese não me permitiram superar.

Com este trabalho, busquei contribuir para o fortalecimento de uma vertente ainda isolada na sociologia da cultura que não se esquiva dos desafios de compreender os determinantes de classe, pela mediação do *habitus*, nas tomadas de posição política e ideológica. Dessa forma, pretendi colaborar com as discussões que reconhecem a importância de uma concepção bourdieusiana de classe também no âmbito da sociologia política, promovendo uma análise inovadora que integra classe e cultura não apenas em seu sentido estrito - como consumo cultural -, mas que também incorpora as práticas políticas ao conjunto mais amplo das práticas simbólicas.

Espero que o desenvolvimento desta tese possa servir como fonte de inspiração para que novas pesquisas adotem essa abordagem, contribuindo, assim, para a promoção e a consolidação desse campo de estudos na sociologia brasileira. Como busquei demonstrar, esta pesquisa se insere em um campo científico no qual enfrenta um duplo isolamento, tanto em termos teóricos quanto metodológicos, o que representou um grande desafio acadêmico. Nesse sentido, ocupar esse espaço por meio da construção deste trabalho também se revela uma estratégia de inserção nas disputas simbólicas pela produção de um conhecimento considerado “legítimo”, disputas nas quais a própria ciência, enquanto campo, está inevitavelmente envolvida.

REFERÊNCIAS

- ALTEMEYER, Bob. The Other “Authoritarian Personality”. In: ZANNA, Mark P. (Org.). *Experimental Social Psychology*. Waterloo: Academic Press, 1998.
- ANCELOVICI, Marcos. Bourdieu in movement: toward a field theory of contentious politics. *Social movement studies*, v. 20, n. 2, p. 155-173, 2021.
- ALMEIDA, Ronaldo de. A onda quebrada – evangélicos e conservadorismo. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 50, jun. 2017.
- ALONSO, Angela. A política das ruas. Protestos em São Paulo de Dilma a Temer. *Novos Estudos CEBRAP Especial*, p. 49-58, jun. 2017.
- BACHELARD, Gaston. *O novo espírito científico*. Lisboa: Edições 70, 2008.
- BENNETT, T. et al. *Culture, Class, Distinction*. London: Routledge, 2009.
- BENZÉCRI, Jean-Paul. *Correspondence Analysis Handbook*. Nova Iorque: Dekker, 1992.
- BERTONCELO, Edison Ricardo Emiliano. As Classes na Teoria Sociológica Contemporânea. *BIB*, São Paulo, n. 67, p. 25-49, 2009.
- BERTONCELO, Edison. Classes sociais e consumo: um estudo dos gastos das famílias brasileiras a partir da Pesquisa de Orçamentos Familiares (2017-2018). *Civitas-Revista de Ciências Sociais*, v. 22, p. e41931, 2022a.
- BERTONCELO, Edison Ricardo Emiliano. *Construindo espaços relacionais com a análise de correspondências múltiplas: aplicações nas ciências sociais*. Brasília: Enap, 2022.
- BERTONCELO, Edison Ricardo Emiliano. O Uso da Análise de Correspondências Múltiplas nas Ciências Sociais: possibilidades de aplicação e exemplos empíricos. *Encontro Anual Da Anpocs*, v. 40, p. 1-25, 2016.
- BERTONCELO, Edison; NETTO, Michel Nicolau; RIBEIRO, Fábio. Distinção e capital cultural hoje. *Tempo Social*, v. 34, n. 2, p. 5-29, 2022.
- BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Editora Unesp, 1995.
- BONNET, Philippe. Pour une histoire sociale de l’analyse des données. In: LE ROUX, Brigitte; LEBARON, Frédéric. *La méthodologie de Pierre Bourdieu em action: Espace culturel, espace social et analyse des données*. Paris: Dunod, 2015.
- BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2015.
- BOURDIEU, Pierre. Capital simbólico e classes sociais. *Novos estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 96, 2013.

BOURDIEU, Pierre. O campo político. *Revista Brasileira de Ciência Política*, p. 193-216, 2011.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. *Raisons pratiques*. Sur la théorie de l'action. Paris: Seuil, 1994.

BOURDIEU, Pierre. Você disse “popular”? *Revista Brasileira de Educação*, n. 1, 1996.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Informática do SUS – DATASUS. Censo Demográfico 2022 – Distribuição da população por cor ou raça segundo os municípios. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/ibge/censo/cnv/ginibr.def>. Acesso em: 20 jan. 2025.

CARDOSO, Adalberto. *Classes médias e política no Brasil: 1922-2016*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2020.

CARDOSO, Adalberto; PRÉTECEILLE, Edmond. Classes Médias no Brasil: Do que se trata? Qual seu tamanho? Como vem mudando? *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 60, n. 4, p. 977-1023, 2017.

CAVALCANTE, Sávio. Classe média e conservadorismo liberal. In: CRUZ, Sebastião Velasco; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (org.). *Direita, volver!:* o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

CORADINI, Odaci Luiz. *Em nome de quem?* Recursos sociais no recrutamento de elites políticas. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

CORADINI, Odaci Luiz. Escolarização, militância e mecanismos de participação política. In: HEREDIA, B. et al. (Orgs.). *Como se fazem eleições no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

CORADINI, Odaci Luiz. Les participants et les organisateurs du Forum social mondial: la diversité du militantisme. *Cultures & conflits*, v. 70, p. 153-175, 2008.

COSTA, Fabrício Roberto; ZANGELMI, Arnaldo José; SCHIAVO, Reinaldo Azevedo. Comunidades Eclesiais de Base e Teologia da Libertação: algumas reflexões sobre catolicismo liberacionista e ritual. *Revista Intratextos*, v. 2, n. 1, p. 33-50, 2010.

CROCHIK, José Leon. Preconceito, indivíduo e sociedade. *Temas em Psicologia*, v. 4, n. 3, Ribeirão Preto, dez. 1996.

CROSSLEY, Nick. From Reproduction to Transformation: Social Movement Fields and the Radical Habitus. *Theory, Culture & Society*, v. 20 (6), p. 43-68, 2003.

CUNNINGHAM, David. Paths to participation: a profile of the civil rights-era Ku Klux Klan. *Research in Social Movements, Conflicts and Change*, v. 27, p. 283-308, 2007.

DE KEERE, Kobe. Political distinction: Searching for a structural similarity between class and politics in Flanders (Belgium). *European Societies*, v. 20, n. 3, p. 375-400, 2018.

DIANI, Mario. Introduction: social movements, contentious actions, and social networks: from metaphor to substance? In: DIANI, Mario; MCADAM, Doug (Eds.). *Social movements and networks: relational approaches to collective action*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

DIANI, Mario; MCADAM, Doug (Eds.). *Social movements and networks: relational approaches to collective action*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

DIAS, A. L.; KERBAUY, M. T. M. Engajamento cívico e escolaridade superior: as eleições de 2014 e o comportamento político dos brasileiros. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, v. 23, n. 56, p. 149-181, 2015.

DUARTE, Nathália. Contagem da população é mais difícil entre a 'classe A', diz IBGE: Confira o percentual da população recenseada por estado, segundo o IBGE. *G1*, São Paulo, 29 set. 2010. Disponível em: <https://g1.globo.com/brasil/noticia/2010/09/contagem-da-populacao-e-mais-dificil-entre-classe-diz-ibge.html>. Acesso em: 03 fev. 2025.

EDER, Klaus. *A nova política de classes*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

ELEIÇÕES em Juiz de Fora (MG): Veja como foi a votação no 1º turno. *G1 Zona da Mata*, Juiz de Fora, 02 out. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2022/10/02/eleicoes-em-juiz-de-fora-mg-veja-como-foi-a-votacao-no-1o-turno.ghtml>. Acesso em: 23 dez. 2022.

ELEIÇÕES em Juiz de Fora (MG): Veja como foi a votação no 2º turno. *G1 Zona da Mata*, Juiz de Fora, 31 out. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2022/10/31/eleicoes-em-juiz-de-fora-mg-veja-como-foi-a-votacao-no-2o-turno.ghtml>. Acesso em: 23 dez. 2022.

ELEIÇÕES 2020 na Zona da Mata. *G1 Zona da Mata*, 29 nov. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/eleicoes/2020/resultado-das-apuracoes/juiz-de-fora.ghtml>. Acesso em: 23 dez. 2022.

FERNANDES, Dmitri Cerboncini; MESSENERG, Debora. Apresentação: Um espectro ronda o Brasil (à direita). *Plural*, São Paulo, v. 25 (1), 2018, p. 1-12.

FERNANDES, Dmitri Cerboncini; OLIVEIRA, Mariana Cardozo Batista de. Adeus ao fim da história: Uma análise crítica da crise da democracia. *Tempo Social*, v. 35, n. 02, p. 107-107, 2023.

FERNANDES, Dmitri Cerboncini; PULICI, Carolina. Gosto musical e pertencimento social: O caso do samba e do choro no Rio de Janeiro e em São Paulo. *Tempo Social*, v. 28, p. 131-160, 2016.

FERNANDES, Dmitri Cerboncini; VIEIRA, Allana Meirelles. A direita mora do mesmo lado da cidade: especialistas, polemistas e jornalistas. *Novos Estud. - CEBRAP*, v. 38, n. 1, jan./abr. 2019.

FERRAZ, Sérgio Eduardo. Voto e Classe: notas sobre alguns estudos recentes. *Opinião Pública*, Campinas, v. 15, n. 2, p. 451-477, nov. 2009.

FILLIEULE, O. Propositions pour une analyse processuelle de l'engagement individuel: Post Scriptum. *Revue Française de Science Politique*, v. 51, n. 1-2, p. 199-215, 2001.

FLEMMEN, Magne Paalgard. The politics of the service class: The homology of positions and position-takings. *European Societies*, v. 16, n. 4, p. 543-569, 2014.

FLEMMEN, Magne Paalgard; HAAKESTAD, Hedda. Class and politics in twenty-first century Norway: A homology of positions and position-taking. *European Societies*, v. 20, n. 3, p. 401-423, 2017.

FLEMMEN, Magne Paalgard; JARNESS, Vegard; ROSENLUND, Lennart. Intersections of class, lifestyle and politics. New observations from Norway. *Berliner Journal für Soziologie*, v. 32, n. 2, p. 243-277, 2022.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO (Org.). *Percepções e valores políticos nas periferias de São Paulo*. São Paulo, 2017.

FUNDAÇÃO TIDE SETUBAL (Org.). *O conservadorismo e as questões sociais*. São Paulo, 2019.

GALLEGO, Esther Solano; ORTELLADO, Pablo; MORETTO, Márcio. Guerras culturais e populismo antipetista nas manifestações por apoio à Operação Lava Jato e contra a reforma de previdência. *Em Debate*, v. 9, n. 2, p. 35-45, 2017.

GAXIE, Daniel. Appréhensions du politique et mobilisations des expériences sociales. *Revue française de science politique*, v. 52, n. 2, p. 145-178, 2002.

GAXIE, Daniel. *Le cens caché: inégalités culturelles et ségrégation politique*. Paris: Seuil, 1978.

GAXIE, Daniel. Les votes, c'est classe?. In: *Manuel indocile de sciences sociales*. La Découverte, 2019, p. 384-397.

GIDDENS, Anthony. *Beyond Left and Right: The Future of Radical Politics*. Cambridge: Polity, 1994.

GIDDENS, Anthony. *Modernity and Self-Identity: Self and Society in the Late Modern Age*. Cambridge: Polity Press, 1991.

GIDDENS, Anthony. *The Class Structure of the Advanced Societies*. 2. ed. London: Unwin Hyman, 1981.

GOHN, Maria da Glória. A sociedade brasileira em movimento: vozes das ruas e seus ecos políticos e sociais. *Caderno CRH*, v. 27, n. 71, p. 431-441, jun./ago. 2014.

GOHN, Maria da Glória. Jovens na política na atualidade – uma nova cultura de participação. *Caderno CRH*, Salvador, v.31, n. 82, jan./abr. 2018.

GOHN, Maria da Glória. Manifestações de protesto nas ruas no Brasil a partir de Junho de 2013: novíssimos sujeitos em cena. *Revista Diálogo Educacional*, v. 16, n. 47, p. 125-146, jan./abr. 2016.

GOLDTHORPE, J. H. On the service class, its formation and future. In: GIDDENS, A.; MACKENZIE, G. (Eds.). *Social Class and the Division of Labour*. London: Cambridge University Press, 1982.

HARRITS, Gitte Sommer. Class, culture and politics: On the relevance of a Bourdieusian concept of class in political sociology. *The Sociological Review*, v. 61, n. 1, p. 172-202, 2013.

HARRITS, Gitte Sommer et al. Class and politics in Denmark: Are both old and new politics structured by class?. *Scandinavian Political Studies*, v. 33, n. 1, p. 1-27, 2010.

HARRITS, Gitte Sommer; SKJØTT-LARSEN, Jakob. *It's the Composition of Capital, Stupid!:* Changing Class Structures and Political Divides in Denmark. Paper presented at Rising Inequalities, København, Denmark, 2017.

HOVDEN, Jan Fredrik. Worlds apart. On class structuration of citizens' political and public attention and engagement in an egalitarian society. *European Journal of Cultural and Political Sociology*, v. 10, n. 2, p. 209-232, 2022.

HUNTINGTON, Samuel Phillips. Conservatism as an Ideology. *The American Political Science Review*, v. 51, n. 2, p. 454-473, jun. 1957.

HUSU, Hanna-Mari. Bourdieu and Social Movements: Considering Identity Movements in Terms of Field, Capital and Habitus. *Social Movement Studies: Journal of Social, Cultural and Political Protest*, London, 2012.

IBGE CIDADES. *Juiz de Fora - Panorama*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/juiz-de-fora/panorama>. Acesso em: 24 out. 2024.

INFO SANITÁRIA E SANEAMENTO BÁSICO (INFOSANBAS). Perfil do município: Juiz de Fora (MG). 2020. Disponível em: <https://infosanbas.org.br/municipio/juiz-de-fora-mg/>. Acesso em: 20 jan. 2025.

JARNESS, Vegard. Cultural vs economic capital: Symbolic boundaries within the middle class. *Sociology*, v. 51, n. 2, p. 357-373, 2015.

JARNESS, Vegard. Viewpoints and points of view: Situating symbolic boundary drawing in social space. *European Societies*, v. 20, n. 3, p. 503-524, 2017.

JARNESS, Vegard; FLEMMEN, Magne Paalgard; ROSENLUND, Lennart. From class politics to classed politics. *Sociology*, v. 53, n. 5, p. 879-899, 2019.

JENZ, Victória. Eleições 2022: PT mais que dobra votos presidenciais em Juiz de Fora. *GI Zona da Mata*, Juiz de Fora, 03 out. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/eleicoes/noticia/2022/10/03/eleicoes-2022-pt-mais-que-dobra-votos-presidenciais-em-juiz-de-fora.ghtml>. Acesso em: 23 dez. 2022.

JENZ, Victória. Margarida Salomão, do PT, é reeleita prefeita de Juiz de Fora. *G1 Zona da Mata*, Juiz de Fora, 06 out. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/eleicoes/2024/noticia/2024/10/06/margarida-salomao-do-pt-e-reeleita-prefeita-de-juiz-de-fora.ghtml>. Acesso em: 24 out. 2025.

JUIZ DE FORA (MG): veja votos de Lula e Bolsonaro na cidade no 2º turno. UOL, 31 out. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/30/juiz-de-fora-mg-veja-votos-de-lula-e-bolsonaro-na-cidade-no-2-turno.htm>. Acesso em: 23 dez. 2022.

KLÜGER, Elisa. Análise de correspondências múltiplas: fundamentos, elaboração e interpretação. *BIB*, São Paulo, n. 86, p. 68-97, 2018.

LAHIRE, Bernard. *Sucesso escolar nas classes populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática, 2004.

LAMONT, Michèle. Cultural capital and the liberal political attitudes of professionals: Comment on Brint. *American Journal of Sociology*, v. 92, n. 6, p. 1501-1506, 1987.

LAMONT, Michèle. *Money, Morals, and Manners: The culture of the French and the American uppermiddle-class*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

LAMONT, Michèle; SWIDLER, Ann. Methodological pluralism and the possibilities and limits of interviewing. *Qualitative sociology*, v. 37, p. 153-171, 2014.

LEBARON, Frédéric. Statistique et AGD dans l'oeuvre de P. Bourdieu. In: LE ROUX, Brigitte; LEBARON, Frédéric. *La méthodologie de Pierre Bourdieu em action: Espace culturel, espace social et analyse des données*. Paris: Dunod, 2015.

LEBARON, Frédéric; LE ROUX, Brigitte. Idées-clefs de l'analyse géométrique des données. In: LE ROUX, Brigitte; LEBARON, Frédéric. *La méthodologie de Pierre Bourdieu em action: Espace culturel, espace social et analyse des données*. Paris: Dunod, 2015.

LEIVA, João. *Cultura nas capitais: como 33 milhões de brasileiros consomem diversão e arte*. Rio de Janeiro: 17Street Produção Editorial, 2018.

LEONEL, Carolina. Número de eleitores aptos a votar aumenta 5% em Juiz de Fora. *Tribuna de Minas*, Juiz de Fora, 18 jul. 2022. Disponível em: https://tribunademinas.com.br/noticias/politica/eleicoes-2022/18-07-2022/numero-de-eleitores-aptos-a-votar-aumenta-5-em-juiz-de-fora.html#goog_rewarded. Acesso em: 23 dez. 2022.

LOFLAND, John; STARK, Rodney. Becoming a world-saver: a theory of conversion to a deviant perspective. *American Sociological Review*, v. 30, n. 6, p. 862-875, 1965.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Religião e Política no Brasil Contemporâneo: uma análise dos pentecostais e carismáticos católicos. *Religião & Sociedade*, v. 35, n. 2, p. 45-72, 2015.

MCADAM, Doug; PAULSEN, Ronnelle. Specifying the relationship between social ties and activism. *The American Journal of Sociology*, v. 99, n. 3, p. 640-667, 1993.

MAIS de 16 mil pessoas moram em favelas e comunidades urbanas em Juiz de Fora, aponta IBGE. *G1 Zona da Mata*, 10 nov. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2024/11/10/mais-de-16-mil-pessoas-moram-em-favelas-e-comunidades-urbanas-em-juiz-de-fora-aponta-ibge.ghtml>. Acesso em: 20 jan. 2025.

MANZA, J.; CROWLEY, N. Class divisions and political attitudes in the 21st century. In: ALBARRACÍN, D.; JOHNSON, BT. (Eds.). *Handbook of Attitudes, Volume 2: Applications*. London: Routledge, 2018, p. 367-407.

MARIANO, Ricardo; GERARDI, Dirceu André. Eleições presidenciais na América Latina em 2018 e ativismo político de evangélicos conservadores. *Revista USP*, n. 120, p. 61-76, 2019.

MATONTI, Frédérique; POUPEAU, Franck. Le capital militant. Essai de définition. *Actes de la recherche en sciences sociales*, v. 155, n. 5, p. 4-11, 2004.

MESSEMBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. *Revista Sociedade e Estado*, v. 32, n. 3, set./dez. 2017.

MISCHE, Ann. De estudantes a cidadãos: redes de jovens e participação política. *Revista Brasileira de Educação*, n. 5-6, p. 134-150, 1997.

MISCHE, Ann. *Partisan publics: communication and contention across Brazilian youth activist networks*. Princeton: Princeton University Press, 2008.

MORRIS, Aldon. *Engagement in public activism: to be or not to be*. Paper prepared for Conference on Social Connectedness and Public Activism. Cambridge: Harvard University, 2002.

MUXEL, Anne. *Moi, toi et la politique : amour et convictions*. Paris: Seuil, 2008.

MUXEL, A. La politique dans la chaîne des générations. Quelle place et quelle transmission? *Revue de l'OFCE*, Paris, v. 2, n. 156, p. 29-41, 2018.

NEUMANN, Alexander. Peur, Bruits et Odeurs. La personnalité autoritaire face aux dispositifs sécuritaires. *Mouvements*, n. 55-56, p. 155-167, 2008.

ØDEGÅRD, Guro; BERGLUND, Frode. Political participation in late modernity among Norwegian youth: an individual choice or a statement of social class?. *Journal of Youth Studies*, v. 11, n. 6, p. 593-610, 2008.

OLIVEIRA, Francisco de. *Os direitos do antivalor: a economia política da hegemonia imperfeita*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

OLIVEIRA, Mariana Cardozo Batista de. *Autoritarismo, classe e juventude: sociologia política de alunos do ensino médio de Juiz de Fora - MG*. 2019. Dissertação (Mestrado em

Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

ORTELLADO, Pablo; DE MORAES SILVA, Diogo. As disputas políticas no campo da cultura. *Políticas Culturais em Revista*, v. 15, n. 1, p. 1-21, 2022.

PASSERON, Jean-Claude. *O Raciocínio sociológico o espaço não-popperiano do raciocínio natural*. Petrópolis: Vozes, 1995.

PERCHERON, Annick. *La socialisation politique*. Paris: Armand Colin, 1993.

PERCHERON, Annick. *L'univers politique des enfants*. Paris: Armand Colin/Presses de la Fondation Nationale de Science Politique, 1974.

PERISSINOTTO, Renato Monseff. Política e sociedade: por uma volta à sociologia política. *Política & Sociedade*, v. 5, n. 5, p. 203-232, 2004.

PIERUCCI, Antônio Flávio. A direita mora do outro lado da cidade. *Portal de Publicações da Anpocs*, 1988.

PIERUCCI, Antônio Flávio. *Ciladas da Diferença*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

PRIEUR, Annick; SAVAGE, Mike. Updating cultural capital theory: A discussion based on studies in Denmark and in Britain. *Poetics*, v. 39, n. 6, p. 566-580, 2011.

RIDENTI, Marcelo Siqueira. Mudanças culturais e simbólicas que abalam o Brasil. *Plural*, 25(1), p. 45-62, 2018.

ROUANET, H. The geometric analysis of structured individuals \times variables tables. In: GREENACRE, M.; BLASIUS, J. *Multiple correspondence analysis and related methods*. London: CRC Press, 2006. p. 137-160.

PINTO, Céli Regina. A trajetória discursiva nas manifestações de rua no Brasil (2013-2015). *Lua Nova*, São Paulo, n. 100, p. 119-155, 2017.

REIS, Elisa Pereira. Entrevista: situando a Sociologia Política. *Política & Sociedade*, v. 1, n. 1, p. 11-35, 2002.

ROCHA, Camila. “Imposto é roubo!”: A formação de um contrapúblico ultraliberal e os protestos pró-impeachment de Dilma Rousseff. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 62 (3), 2019.

SAIBA quais foram as músicas mais ouvidas no Spotify Brasil na última década. *Forbes*, 22 maio 2024. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbeslife/2024/05/saiba-quais-foram-as-musicas-mais-ouvidas-no-spotify-brasil-na-ultima-decada/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

SALLUM JUNIOR, Brasília. Classes, cultura e ação coletiva. *Lua Nova*, n. 65, p. 11-42, ago. 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/673/67313614002.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2019.

SANCHEZ, Fábio. Interrogações sobre as reconfigurações dos movimentos sociais-rupturas e continuidades. In: BARROS, Joana Barros; COSTA, André Dal´Bó da; RIZEK, Cibele Saliba. (Orgs.). *Os limites da acumulação, movimentos e resistência nos territórios*. São Carlos: IAU/USP, p. 101-112, 2018.

SAVAGE, Mike. *Social Class in the 21st Century*. Londres: Pelican Books, 2015.

SAVAGE, Mike. et al. A new model of social class? Findings from the BBC’s Great British Class Survey Experiment. *Sociology*, 47(2), p. 219-250, 2013.

SCALON, Celi; SALATA, André. Uma Nova Classe Média no Brasil da Última Década? O debate a partir da perspectiva sociológica. *Revista Sociedade e Estado*, v. 27, n. 2, maio/ago. 2012.

SCHERER-WARREN, Ilse. Desafios para uma sociologia política brasileira: os elos entre movimentos e instituições. *Sociologias*, v. 17, p. 44-62, 2015.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (SEBRAE). *Painel de Dados – Juiz de Fora*. Brasília, 2022. Disponível em: <https://datampe.sebrae.com.br/profile/geo/juiz-de-fora>. Acesso em: 20 jan. 2025.

SEIDL, Ernesto. Disposições a militar e lógica de investimentos militantes. *Pro-Posições*, v. 20, p. 21-39, 2009.

SILVA, Marcelo Kunrath; RUSKOWSKI, Bianca de Oliveira. Condições e mecanismos do engajamento militante: um modelo de análise. *Revista Brasileira de Ciência Política*, p. 187-226, 2016.

SILVEIRA, Emerson José Sena da; MANDUCA, Vinicius; REIS, Marcos Vinicius de Freitas. Carismáticos, Política e Conservadorismo Social. In: REIS, Marcos Vinicius de Freitas; JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo; CRISTINA, Fernanda da Encenação. (Orgs.). *Diversidade e Cultura: novos tempos de intolerância?*. Rio Branco: Nepan Editora, 2020, p. 9-44.

SINGER, André. *O lulismo em crise: um quebra-cabeça do período Dilma (2011-2016)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SKJØTT-LARSEN, Jakob. Cultural and moral class boundaries in a Nordic context: Findings from a city in Denmark. *European Societies*, v. 14, n. 5, p. 660-683, 2012.

SOLANO, Esther. Crise da Democracia e extremismos de direita. *Análise*, n. 42, 2018.

SOUZA, Jessé. *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SNOW, David; ZURCHER JR., Louis A.; EKLAND-OLSON, Sheldon. Social networks and social movements: a microstructural approach to differential recruitment. *American Sociological Review*, v. 45, n. 5, p. 787-801, 1980.

STAVENHAGEN, Rodolfo. Estratificação social e estrutura de classes. In: VELHO, O.C.; PALMEIRA, M.G.S.; BERTELLI, A.R. (Orgs.). *Estrutura de classes e estratificação social*. 9.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

STONE, Lawrence. Prosopografia. *Revista de Sociologia e Política*, v. 19, p. 115-137, 2011.

STUBAGER, R. The development of the education cleavage: Denmark as a critical case. *West European Politics*, 33, p. 505-533, 2010.

TATAGIBA, Luciana; TRINDADE, Thiago; TEIXEIRA, Ana Claudia Chaves. Protestos à direita no Brasil (2007-2015). In: CRUZ, Sebastião Velasco; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (org.). *Direita, volver!:* o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

TELLES, Helcimara. A Direita vai às ruas: o antipetismo, a corrupção e democracia nos protestos antigoverno. *Ponto-e-Vírgula: Revista de Ciências Sociais*, São Paulo, n. 19, p. 97-125, 2016.

THERBORN, Göran. Novas Massas? Classe média, consumismo e bases sociais da crítica à ordem capitalista. *Piauí*, edição 91, 2014. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/novas-massas/>. Acesso em: 04 jan. 2021.

TOMIZAKI, Kimi; SILVA, Maria Gilvania Valdivino. Dinâmica geracional, posições sociais e comportamento político. *Educação & Sociedade*, v. 42, e242003, 2021.

TOSCANO, Emanuele. Researching far-right movements. An introduction. In: TOSCANO, Emanuele. *Researching far-right movements: ethics, methodologies, and qualitative inquiries*. New York: Routledge, 2019.

VIEIRA, Gustavo de Souza. *A fração cultural das classes médias paulistanas: posições políticas, estilos de vida e fronteiras simbólicas*. 2024. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, SP, 2024.

WACQUANT, Loïc. Poder simbólico e fabricação de grupos: como Bourdieu reformula a questão das classes. *Novos Estud.* – *CEBRAP*, n. 96, 2013.

WRIGHT, Erik Olin. *Classes*. London: Verso, 1985.

WRIGHT, Erik Olin. *The debate on classes*. London: Verso, 1989.

APÊNDICE A – Questionário

Você concorda com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e aceita participar da pesquisa?

Marcar apenas uma opção.

- 1 - Sim.
- 2 - Não.

BLOCO: TRAJETÓRIA SOCIAL E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

P1. Há quanto tempo você considera que é um ativista político?

Marcar apenas uma opção.

- 1 - Há menos de 1 ano.
- 2 - Entre 1 e 3 anos.
- 3 - Entre 4 e 6 anos.
- 4 - Entre 7 e 10 anos.
- 5 - Entre 11 e 15 anos.
- 6 - Há mais de 15 anos.

P2. Qual foi a sua MAIOR motivação para se tornar um ativista político?

Marcar apenas uma opção.

- 1 - Influências familiares.
- 2 - Influência de amigos ou grupos.
- 3 - Influência de professores / escola. 4 - Influência de leituras.
- 4 - A situação político-social do país.
- 5 - A vontade de exercer um cargo político eletivo.
- 6 – Outra resposta: _____

P3. Em qual desses locais você iniciou a sua trajetória política?

Marcar apenas uma opção.

- 1 - Em organizações escolares, como o grêmio estudantil ou similares.
- 2 - Na universidade (em DA's, CA'a, DCE etc.).
- 3 - Na Igreja e/ou grupo religioso.
- 4 - Em coletivos ou grupos políticos.
- 5 - Em clubes.
- 6 - Como candidato a um cargo político.
- 7 - No bairro ou vizinhança (por exemplo, em alguma associação).
- 8 - Nas redes sociais / internet.
- 9 - No trabalho / atividade profissional (através de sindicato ou não).
- 10 - Motivação individual, sem a influência de nenhum local.
- 11 – Outra resposta: _____

P4. Em quais desses locais você atualmente é ativo politicamente? (Pode marcar mais de uma opção)

Marque todas que se aplicam.

- 1 - Na universidade (EM DA's, CA's, DCE etc.).
- 2 - Na Igreja e/ou grupo religioso.
- 3 - Em coletivos ou grupos políticos.
- 4 - Em clubes.
- 5 - Em partidos políticos (exercendo mandato ou não).
- 6 - No trabalho / atividade profissional (atuando pelo sindicato ou não).
- 7 - No bairro ou vizinhança.
- 8 - Indo nas manifestações de rua.
- 9 - Nas redes sociais / internet.
- 10 – Outra resposta: _____

P5. Independentemente do local aonde você seja ativo politicamente, com qual frequência você considera exercer suas atividades políticas?

Marcar apenas uma opção.

- 1 - Todos os dias.
- 2 - Pelo menos uma vez na semana.
- 3 - Pelo menos uma vez no mês.
- 4 - Pelo menos uma vez a cada seis meses.
- 5 - Pelo menos uma vez no ano.
- 6 - Raramente.
- 7 - Não sei dizer.

P6. Você foi beneficiário de alguma dessas políticas públicas ao longo de sua vida? (Pode marcar mais de uma opção).

Marque todas que se aplicam.

- 1 - Bolsa Família.
- 2 - Cotas em universidades públicas.
- 3 - Fundo de Financiamento Estudantil (FIES).
- 4 - Programa Universidade para Todos (Prouni).
- 5 - Ciência sem Fronteiras.
- 6 - Luz para todos.
- 7 - Minha casa, minha vida.
- 8 - Não fui beneficiário de nenhuma das políticas sociais listadas acima.

P7. Com qual espectro político você mais se identifica?

Marcar apenas uma opção.

- 1 - Extrema-direita
- 2 - Direita.
- 3 - Centro-direita.
- 4 - Centro.
- 5 - Centro-esquerda.
- 6 - Esquerda.
- 7 - Extrema-esquerda.
- 8 - Não me identifico com nenhum espectro político.
- 9 - Não sei.

10 – Outra resposta: _____

P8. Você sempre se identificou com esse espectro?

Marcar apenas uma opção.

- 1 - Não.
- 2 - Sim.
- 3 - Não me lembro.

P9. Dentro do espectro político com o qual você se identifica, você diria que tem mais afinidade com qual dessas linhas de pensamento?

Marcar apenas uma opção.

- 1 - Conservadorismo.
- 2 - Liberalismo.
- 3 - Conservadorismo-liberal.
- 4 - Social-democracia.
- 5 - Socialismo.
- 6 - Comunismo.
- 7 - Não sei.
- 8 – Outra resposta: _____

P10. Você participou de manifestações de rua em Juiz de Fora – MG no período compreendido entre os anos de 2015 a 2022? Se sim, quais pautas você estava defendendo nestas manifestações? (Pode marcar mais de uma opção).

Marque todas que se aplicam.

- 1 - Não participei de nenhuma manifestação de rua neste período.
- 2 - A favor do impeachment de Dilma Rousseff (2015/2016).
- 3 - Contra o impeachment de Dilma Rousseff (2015/2016).
- 4 - A favor da prisão de Lula (2018).
- 5 - Contra a prisão de Lula (2018).
- 6 - "Ele não" (2018).
- 7 - Contra a redução de gastos públicos com educação, contra a reforma da previdência e a reforma trabalhista (2019 a 2022).
- 8 - Contra o racismo (2019).
- 9 - A favor do presidente Jair Bolsonaro (2019 a 2022).
- 10 - Contra o presidente Jair Bolsonaro (2019 a 2022).
- 11 - Em defesa da operação Lava Jato (2019).
- 12 - Em defesa da reabertura das escolas durante a pandemia (2020/2021).
- 13 - Contra o lockdown (contra o fechamento de escolas, comércios, academias etc. durante a pandemia) (2020/2021).
- 14 - Contra o passaporte vacinal (2021/2022).
- 15 - Atos convocados por Jair Bolsonaro no dia 7 de setembro (2019 a 2022).
- 16 - Motociatas a favor de Jair Bolsonaro (2019 a 2022).
- 17 - Contra o comunismo e a favor da liberdade.
- 18 - Em defesa da vacina e do SUS em contexto de pandemia (2021/2022).
- 19 - Eventos de campanha política em 2022 para candidatos de esquerda.
- 20 - Eventos de campanha política em 2022 para candidatos de direita.
- 21 - Outra resposta: _____

P11. Você é ou já foi filiado a algum partido político? Se sim, anotar qual ou quais.

P12. Você tem preferência ou simpatia por algum(uns) partido(s) político(s)? Se sim, anotar qual ou quais.

P13. Você faz ou já fez parte de algum(uns) clube(s), grupo(s) ou coletivo(s) político(s)? Se sim, anotar qual ou quais.

P14. Você tem preferência ou simpatia por algum(uns) clube(s), grupo(s) ou coletivo(s) político(s)? Se sim, anotar qual ou quais.

P15. Você participa ou já participou ativamente de sindicato? Se sim, anotar qual ou quais.

P16. Você exerce ou já exerceu algum cargo político no legislativo ou no executivo? Se sim, anotar qual ou quais.

P17. Qual dos valores abaixo é MAIS IMPORTANTE para você no que toca ao âmbito político?

Marcar apenas uma opção.

- 1 - Honestidade dos políticos e/ou combate à corrupção.
- 2 - Diminuição do papel do Estado na condução da economia, com redução e controle de gastos públicos.
- 3 - Preservação dos valores tradicionais relacionados à família e à religião.
- 4 - Garantia de direitos das mulheres, pessoas negras, população LGBTQIAPN+, indígenas e outras minorias.
- 5 - Melhoria da situação social, com a implementação de políticas públicas destinadas à redução de desigualdades.

P18. O que você considera ser MAIS IMPORTANTE para o funcionamento da democracia? (Marque até 3 opções).

- 1 - Eliminação da miséria.
- 2 - Honestidade do(as) políticos(as).
- 3 - Defesa dos direitos humanos e dos grupos vulneráveis.
- 4 - Funcionamento das instituições, como a separação dos poderes e as eleições.
- 5 - Estado Laico (Estado que não aceita interferência religiosa).
- 6 - Combate à corrupção.

- 7 - Respeito ao mercado e à livre iniciativa privada.
- 8 - Defesa do interesse da maioria.

P19. Qual das afirmações abaixo é mais parecida com sua forma de pensar?
 Marcar apenas uma opção.

- 1 - A democracia é sempre melhor que uma ditadura.
- 2 - Em algumas situações, é melhor uma ditadura do que uma democracia.
- 3 - Ditadura é sempre melhor que democracia.
- 4 - Não faz diferença.
- 5 - Não sei.

P20. Em sua opinião, o Brasil precisa mais de um Presidente que:
 Marcar apenas uma opção.

- 1 - Seja um líder com mão forte, que saiba conduzir e preservar a nação.
- 2 - Tenha um perfil mais técnico, que torne o Estado mais eficiente.
- 3 - Seja alguém que atenda as demandas tanto dos ricos quanto dos pobres.
- 4 - Seja alguém que atenda primeiro as demandas dos pobres e marginalizados.
- 5 - Não sei.
- 6 - Outra resposta: _____

P21. Quem é a pessoa que você mais admira no âmbito político? (Pode considerar qualquer tempo histórico).

P22. Quem é a pessoa que você mais rejeita no âmbito político? (Pode considerar qualquer tempo histórico).

P23. Seus pais discutem / discutiam política em casa?
 Marcar apenas uma opção.

- 1 - Não.
- 2 - Sim.
- 3 - Não me lembro.

P24. Seus pais são / eram ativistas políticos?
 Marcar apenas uma opção.

- 1 - Não.
- 2 - Sim.
- 3 - Não me lembro.

P25. Sua mãe ou referência materna se identifica / se identificava mais com qual espectro político?
 Marcar apenas uma opção.

- 1 - Extrema-direita
- 2 - Direita.
- 3 - Centro-direita.
- 4 - Centro
- 5 - Centro-esquerda.
- 6 - Esquerda.
- 7 - Extrema-esquerda.
- 8 - Não se identifica / se identificava com nenhum espectro político.
- 9 - Não sei.

P26. Seu pai ou referência paterna se identifica / se identificava mais com qual espectro político?

Marcar apenas uma opção.

- 1 - Extrema-direita
- 2 - Direita.
- 3 - Centro-direita.
- 4 - Centro
- 5 - Centro-esquerda.
- 6 - Esquerda.
- 7 - Extrema-esquerda.
- 8 - Não se identifica / se identificava com nenhum espectro político.
- 9 - Não sei.

BLOCO: QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO

P27. Qual é o seu sexo e/ou gênero?

P28. Qual é a sua idade?

Marcar apenas uma opção.

- 1 - Até 20 anos.
- 2 - De 21 a 25 anos.
- 3 - De 26 a 30 anos.
- 4 - De 31 a 35 anos.
- 5 - De 36 a 40 anos.
- 6 - De 41 a 45 anos.
- 7 - De 46 a 50 anos.
- 8 - De 51 a 60 anos.
- 9 - De 61 a 70 anos.
- 10 - Mais de 70 anos.

P29. Considerando o critério do IBGE, você se classificaria como sendo de que cor ou etnia?

Marcar apenas uma opção.

- 1 - Branca.

- 2 - Preta.
- 3 - Parda.
- 4 - Amarela.
- 5 - Indígena.
- 6 - Outra resposta: _____

P30. Qual é a sua escolaridade?

Marcar apenas uma opção.

- 1 - Não frequentei a escola.
- 2 - Ensino Fundamental I ou Primário INCOMPLETO.
- 3 - Ensino Fundamental I ou Primário COMPLETO.
- 4 - Ensino Fundamental II ou Ginásio INCOMPLETO.
- 5 - Ensino Fundamental II ou Ginásio COMPLETO.
- 6 - Ensino Médio ou Colegial INCOMPLETO.
- 7 - Ensino Médio ou Colegial COMPLETO.
- 8 - Ensino Técnico INCOMPLETO.
- 9 - Ensino Técnico COMPLETO.
- 10 - Faculdade ou Ensino Superior (INCOMPLETO - por desistência).
- 11 - Faculdade ou Ensino Superior (INCOMPLETO - ainda cursando).
- 12 - Faculdade ou Ensino Superior (COMPLETO).
- 13 - Pós-graduação.

P31. Durante o período em que frequentou a escola (ensino fundamental * e/ou médio), você:

Marcar apenas uma opção.

- 1 - Não frequentei a escola.
- 2 - Estudou durante a maior parte do tempo em escolas particulares.
- 3 - Estudou durante todo o período em escolas particulares.
- 4 - Estudou durante a maior parte do tempo em escolas públicas.
- 5 - Estudou durante todo o período em escolas públicas.

P32. Você está cursando ou já concluiu alguma graduação/ensino superior? Se sim, durante o período de ensino superior, você: (Se você tiver mais de uma graduação, escolha a que você considerar principal)

Marcar apenas uma opção.

- 1 - Não possuo graduação / ensino superior.
- 2 - Estudou todo o tempo de graduação em faculdades/universidades particulares.
- 3 - Estudou todo o tempo de graduação em faculdades/universidades públicas.
- 4 - Estudou durante a maior parte do tempo em faculdades/universidades particulares.
- 5 - Estudou durante a maior parte do tempo em faculdades/universidades públicas.

P33. Você tem alguma(s) formação(ões) profissional(ais) técnica ou superior? Se sim, indique qual é ou quais são. (Se você ainda está cursando, pode escrever qual é o seu curso).

P34. Você trabalha? Se sim, em que atividade principal você trabalha? (No caso de aposentadoria, considere a última atividade exercida).

P35. Você trabalha na profissão na qual se formou?

Marcar apenas uma opção.

- 1 - Não trabalho.
- 2 - Não possuo formação técnica ou superior.
- 3 - Não trabalho na profissão em que me formei.
- 4 - Trabalho na profissão em que me formei.

P36. Você possui mais de um emprego, trabalho ou atividade remunerada?

Marcar apenas uma opção.

- 1 - Não.
- 2 - Sim.

P37. Qual é o seu estado civil?

Marcar apenas uma opção.

- 1 - Solteiro(a).
- 2 - Casado(a)/ União estável/ vive junto.
- 3 - Divorciado(a) / separado(a).
- 4 - Viúvo(a).

P38. Qual é a escolaridade do seu(a) cônjuge ou companheiro(a)?

- 1 - Não possuo cônjuge ou companheiro(a).
- 2 - Não frequentou a escola.
- 3 - Ensino Fundamental I ou Primário INCOMPLETO.
- 4 - Ensino Fundamental I ou Primário COMPLETO.
- 5 - Ensino Fundamental II ou Ginásio INCOMPLETO.
- 6 - Ensino Fundamental II ou Ginásio COMPLETO.
- 7 - Ensino Médio ou Colegial INCOMPLETO.
- 8 - Ensino Médio ou Colegial COMPLETO.
- 9 - Ensino Técnico INCOMPLETO.
- 10 - Ensino Técnico COMPLETO.
- 11 - Faculdade ou Ensino Superior (INCOMPLETO - por desistência).
- 12 - Faculdade ou Ensino Superior (INCOMPLETO - ainda cursando).
- 13 - Faculdade ou Ensino Superior (COMPLETO).
- 14 - Pós-graduação.
- 15 - Não sei informar.

P39. Seu(a) cônjuge trabalha? Se sim, em que atividade principal seu(a) cônjuge trabalha? (No caso de aposentadoria, considere a última atividade exercida).

P40. Você tem filhos? Se sim, quantos filhos(as) você tem?
Marcar apenas uma opção.

- 1 - Não tenho filhos.
- 2 - Um filho.
- 3 - Dois filhos.
- 4 - Três filhos.
- 5 - Quatro filhos ou mais.

P41. Seus(as) filhos(as) estudam ou estudaram:
Marcar apenas uma opção.

- 1 - Não tenho filhos(as).
- 2 - Meus(as) filhos(as) ainda não estão em idade escolar.
- 3 - Sempre em escolas públicas.
- 4 - Sempre em escolas particulares.
- 5 - A maior parte do tempo em escolas públicas.
- 6 - A maior parte do tempo em escolas particulares.

P42. Qual é a escolaridade de sua mãe ou principal referência materna?

- 1 - Não tenho mãe ou outra referência materna.
- 2 - Não frequentou a escola.
- 3 - Ensino Fundamental I ou Primário INCOMPLETO.
- 4 - Ensino Fundamental I ou Primário COMPLETO.
- 5 - Ensino Fundamental II ou Ginásio INCOMPLETO.
- 6 - Ensino Fundamental II ou Ginásio COMPLETO.
- 7 - Ensino Médio ou Colegial INCOMPLETO.
- 8 - Ensino Médio ou Colegial COMPLETO.
- 9 - Ensino Técnico INCOMPLETO.
- 10 - Ensino Técnico COMPLETO.
- 11 - Faculdade ou Ensino Superior (INCOMPLETO - por desistência).
- 12 - Faculdade ou Ensino Superior (INCOMPLETO - ainda cursando).
- 13 - Faculdade ou Ensino Superior (COMPLETO).
- 14 - Pós-graduação.
- 15 - Não sei informar.

P43. Qual é/era a principal atividade remunerada de sua mãe ou principal referência materna?

P44. Qual é a escolaridade de seu pai ou principal referência paterna?
Marcar apenas uma opção.

- 1 - Não tenho pai ou outra referência paterna.
- 2 - Não frequentou a escola.
- 3 - Ensino Fundamental I ou Primário INCOMPLETO.
- 4 - Ensino Fundamental I ou Primário COMPLETO.
- 5 - Ensino Fundamental II ou Ginásio INCOMPLETO.
- 6 - Ensino Fundamental II ou Ginásio COMPLETO.

- 7 - Ensino Médio ou Colegial INCOMPLETO.
- 8 - Ensino Médio ou Colegial COMPLETO.
- 9 - Ensino Técnico INCOMPLETO.
- 10 - Ensino Técnico COMPLETO.
- 11 - Faculdade ou Ensino Superior (INCOMPLETO - por desistência).
- 12 - Faculdade ou Ensino Superior (INCOMPLETO - ainda cursando).
- 13 - Faculdade ou Ensino Superior (COMPLETO).
- 14 - Pós-graduação.
- 15 - Não sei informar.

P45. Qual é/era a principal atividade remunerada de seu pai ou principal referência paterna?

P46. Você reside em Juiz de Fora? Se sim, em qual bairro?

P47. Quantas pessoas moram na sua residência? (Incluindo você, pais, filhos, irmãos, parentes e amigos).

Marcar apenas uma opção.

- 1 - Moro sozinho.
- 2 - Duas.
- 3 - De três a quatro.
- 4 - De cinco a oito.
- 5 - Mais de oito.

P48. Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal?

Marcar apenas uma opção.

- 1 - Nenhuma renda.
- 2 - Até 1 salário mínimo (até R\$ 1.212,00).
- 3 - De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 1.212,00 até R\$ 3.636,00).
- 4 - De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 3.636,00 até R\$ 7.272,00).
- 5 - De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 7.272,00 até R\$ 10.908,00).
- 6 - De 9 a 12 salários mínimos (de R\$ 10.908,00 até R\$ 14.544,00).
- 7 - De 12 a 15 salários mínimos (de R\$ 14.544,00 até R\$ 18.180,00).
- 8 - Mais de 15 salários mínimos (mais de R\$ 18.180,00).
- 9 - Não sei informar.

P49. Em relação às condições de vida econômicas e materiais de seus pais ou referências paternas/maternas quando eles tinham a idade que você tem hoje, você diria que:

Marcar apenas uma opção.

- 1 - Suas condições de vida hoje estão melhores que as deles.
- 2 - Suas condições de vida hoje estão piores que as deles.
- 3 - Suas condições de vida hoje estão iguais às deles.
- 4 - Não sei.

P50. Você participa ou frequenta alguma religião?
 Marcar apenas uma opção.

- 1 - Católica.
- 2 - Evangélica.
- 3 - Protestante.
- 4 - Religiões Afro-brasileiras (ex.: umbanda, candomblé etc.). 5 - Espírita Kardecista.
- 6 - Orientais (ex.: budista, taoísta, seicho-no-iê etc.).
- 7 - Judaica.
- 8 - Islâmica.
- 9 - Não tenho religião, sou ateu.
- 10 - Não tenho religião, mas acredito na existência de Deus.
- 11 - Não tenho religião, sou agnóstico.
- 12 - Outra resposta: _____

P51. Com que frequência você costuma frequentar o local de celebração de sua religião?
 Marcar apenas uma opção.

- 1 - Não tenho religião.
- 2 - Mais de uma vez por semana.
- 3 - Uma vez por semana.
- 4 - Uma ou duas vezes por mês.
- 5 - Algumas vezes por ano.
- 6 - Raramente.
- 7 - Não frequento.

BLOCO: TRAJETÓRIA SOCIAL E HÁBITOS DE CONSUMO

P52. Apresentarei uma lista de atividades e gostaria que você dissesse quais delas você tem o hábito de praticar.

Marque todas que se aplicam.

- 1 - Ir ao cinema.
- 2 - Assistir a uma peça de teatro.
- 3 - Viajar a passeio. Ir a um show.
- 4 - Assistir televisão.
- 5 - Ir a restaurantes.
- 6 - Ler livros de literatura/ficção.
- 7 - Ir a museus e/ou galerias de arte.
- 8 - Assistir a um jogo de futebol.
- 9 - Assistir a filmes / séries em casa.
- 10 - Ouvir podcasts.
- 11 - Jogar videogame.

P53. Por quais meios você se informa no que toca a assuntos políticos? (Pode marcar mais de uma opção).

Marque todas que se aplicam.

- 1 - Aplicativos de mensagens (Whatsapp, Messenger, Telegram, Signal etc.).
- 2 - Jornal impresso.

- 3 - Jornal televisivo.
- 4 - Internet (sites ou portais de notícias, exemplo UOL). 5 - Rádio.
- 6 - Páginas de conteúdo político nas redes sociais (Facebook, Instagram, Twitter etc.).
- 7 - Páginas de partidos políticos nas redes sociais. 8 - YouTube.
- 9 - Podcast.
- 10 - Think Tanks.
- 11 – Outra resposta: _____

P54. Você possui redes sociais? Se sim, quais das redes sociais abaixo você mais utiliza no seu dia-a-dia? (Pode marcar mais de uma opção).

Marque todas que se aplicam.

- 1 - Não possuo redes sociais.
- 2 - Instagram.
- 3 - Twitter.
- 4 - WhatsApp.
- 5 - Facebook.
- 6 - Tik Tok.
- 7 - Telegram.
- 8 - YouTube.
- 9 - Parler.
- 10 - LinkedIn.
- 11 – Outra resposta: _____

P55. Você segue ou acompanha alguma(s) página(s) de conteúdo político? Se sim, qual ou quais redes você mais usa para acompanhar essas páginas? (Pode marcar mais de uma opção).

Marque todas que se aplicam.

- 1 - Não sigo páginas políticas.
- 2 - Instagram.
- 3 - Twitter.
- 4 - WhatsApp.
- 5 - Facebook.
- 6 - Tik Tok.
- 7 - Telegram.
- 8 - YouTube.
- 9 - Parler.
- 10 - LinkedIn.
- 11 – Outra resposta: _____

P56. Quantos livros você possui em casa?

Marcar apenas uma opção.

- 1 - 0 livros.
- 2 - De 1 a 20 livros.
- 3 - De 20 a 50 livros.
- 4 - Entre 50 e 100 livros.
- 5 - 100 ou mais livros.

P57. Você tem o hábito de ler livros? Se sim, que tipo de livro você mais gosta ou mais tem o hábito de ler? (Pode marcar até três opções).

- 1 - Não tenho o hábito de ler livros.
- 2 - Romances / ficção.
- 3 - Autoajuda.
- 4 - Livros religiosos.
- 5 - Livros científicos ou de não-ficção.
- 6 - Culinária / gastronomia.
- 7 - Quadrinhos / mangás / graphic novels.
- 8 - Biografia / autobiografia
- 9 - Negócios / Economia / Empreendedorismo.
- 10 - Fotografia.
- 11 - Poesia.
- 12 – Outra resposta: _____

P58. Seus pais tinham/têm o hábito de ler livros?

Marcar apenas uma opção.

- 1 - Não.
- 2 - Sim.
- 3 - Não me lembro.

P59. Seus pais tinham/têm o hábito de ler revistas e jornais?

Marcar apenas uma opção.

- 1 - Não.
- 2 - Sim.
- 3 - Não me lembro.

P60. Durante a infância ou a adolescência, você teve acesso a algum(uns) desses cursos extraescolares? (Pode marcar mais de uma opção).

Marque todas que se aplicam.

- 1 - Não tive acesso a nenhum curso extraescolar.
- 2 - Escola de idiomas.
- 3 - Aulas de dança (balé, jazz, sapateado, dança de salão etc.).
- 4 - Esportes em geral (futebol, vôlei, natação, caratê etc.).
- 5 - Cursinho de reforço escolar ou professores particulares.
- 6 - Aulas de teatro.
- 7 - Aulas de música ou coral.
- 8 – Outra resposta: _____

P61. Com qual frequência você viaja a passeio?

Marcar apenas uma opção.

- 1 - Nunca viajo a passeio.
- 2 - Menos de uma vez por ano.
- 3 - Uma ou duas vezes no ano.
- 4 - Três ou mais vezes no ano.

P62. Quantos países, além do Brasil, você conhece?
 Marcar apenas uma opção.

- 1 - Nenhum, nunca viajei para fora do país.
- 2 - Entre 1 e 3 países.
- 3 - Entre 4 e 6 países.
- 4 - Entre 7 e 10 países.
- 5 - Entre 11 e 15 países
- 6 - Mais de 15 países.

P63. Você fala outro idioma além do português? (Pode marcar mais de uma opção). OBS.:
 Nessa questão, queremos saber se você domina outro idioma além do português em um nível intermediário ou acima (lê bem, escreve bem, entende bem, fala bem).
 Marque todas que se aplicam.

- 1 - Não falo outro idioma.
- 2 - Inglês.
- 3 - Francês.
- 4 - Espanhol.
- 5 - Alemão.
- 6 - Italiano.
- 7 - Mandarim.
- 8 - Outra resposta: _____

P64. Você gosta de ouvir música? Se sim, que tipo de música você gosta de ouvir? (Pode marcar
 mais de uma opção).
 Marque todas que se aplicam.

- 1 - Não gosto de ouvir música.
- 2 - Rock
- 3 - Pop
- 4 - MPB
- 5 - Jazz
- 6 - Funk
- 7 - Sertanejo
- 8 - Axé
- 9 - Samba
- 10 - Pagode
- 11 - Música eletrônica
- 12 - Reggae
- 13 - Hip Hop / Rap / Trap
- 14 - Gospel
- 15 - Música Clássica
- 16 - K-pop
- 17 - Outra resposta: _____

Muito obrigada por sua colaboração! Você contribuiu demais para com a pesquisa!

APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista

Bloco 1 – Trajetória de Vida Individual e Familiar

1. Começar perguntando da trajetória do entrevistado como um todo (onde nasceu, em quais cidades já morou, sua trajetória profissional etc.).

2. Abordar a escolaridade e a(s) formação(ões) profissional(is) do entrevistado. Investigar qual peso ele atribui aos estudos em sua formação profissional. Investigar se gostaria de ter seguido outros caminhos ou se se sente realizado em sua vida profissional.

2.1. Trabalho: como construiu a trajetória profissional desde a saída da escola até o ingresso no mercado de trabalho (verificar eventuais frustrações em relação às expectativas constituídas pelos diplomas e certificações e o que foi possível alcançar no mercado de trabalho); quando foi seu primeiro emprego, quando começou a trabalhar, no que trabalha hoje etc.

3. Abordar a trajetória familiar do entrevistado (pais e avós):

3.1. Mais informações sobre a família, sobre pais e avós (onde nasceram os pais; onde nasceram os avós maternos e paternos; de que estado vieram, como chegaram até minas, o quanto estudaram, se seguem/seguiam alguma religião e qual é/era etc.).

3.2. Consumo cultural da família (o que faziam juntos, quais atividades eram valorizadas, se havia estímulos para estudar etc.).

3.3. Educação recebida/educação dada: quais são/eram os valores da família; quais elementos da educação que você recebeu você gostaria de passar para os seus filhos e quais alteraria ou não gostaria de passar (aproximação e afastamento de gerações anteriores).

4. Abordar um pouco da infância do entrevistado: escolas onde estudou, cursos que fez etc.

5. Abordar a atual formação familiar do entrevistado. Com quem mora, se tem filhos etc. Se tiver filhos, abordar a idade, onde estudam/estudaram, que tipos de atividades gosta de fazer com eles etc.

Bloco 2 – Consumo Cultural

6. Abordar por quais meios o entrevistado consome informações e explorar as respostas (jornais, redes sociais, podcasts, Youtube etc.).

7. Abordar o que o entrevistado costuma fazer nos momentos vagos e de lazer: explorar as respostas (se falar ler, perguntar o que; se falar assistir TV ou série, perguntar quais; se falar viajar, perguntar para onde, se falar ir ao cinema, perguntar quais filmes etc.).

7.1. Abordar como se formou esse gosto: se vem desde a infância, como os adquiriu.

7.2. Abordar com quem o entrevistado pratica essas atividades.

8. Investigar o papel da religião na vida do entrevistado.

Bloco 3 – Trajetória Política

9. Abordar o início da atuação política do entrevistado: como, onde e quando começou e quais foram as suas motivações. Atentar para o contexto político da época e para outras influências.

10. Abordar o posicionamento político do entrevistado: se se identifica com algum espectro político; por que se identifica ou não se identifica; quais valores orientam a sua atuação política; se tem preferência por uma atuação político-institucional ou exercida na sociedade civil.

11. Abordar quais são as influências políticas do entrevistado (pessoas que admira) e quem ele rejeita politicamente. Atentar para influências teóricas no campo da política.

12. Abordar o papel da influência familiar na atuação política do entrevistado: se havia discussão política em casa na infância/adolescência; quem provocava as discussões; se ele se interessava pelas discussões; se os familiares expressavam opiniões políticas; se ele costumava concordar com elas; se os pais tinham preferências políticas (linhas teóricas, candidatos, partidos, grupos, espectros políticos); se atualmente discute política em casa; com quem discute; se as discussões políticas com os familiares tendem a ser conflituosas e por que.

13. Cônjuge e filhos (dimensão da vida privada e sua relação com a vida pública/política): se posição política é consensual, se há conflitos etc.

14. Abordar como o entrevistado enxerga o papel da política na vida das pessoas e para a sociedade.

15. Abordar quais tipos de atuação política o entrevistado já teve ao longo da vida (mandatos, participação em grupos, coletivos, partidos, sindicatos etc.).

16. Abordar a atuação política atual/recente do entrevistado: com que frequência atua, onde atua (redes sociais, ruas, grupo, partido, trabalho etc.), que ações pratica, que pautas defende e por que ele considera isso importante. Atentar para as manifestações de rua em JF entre 2015 e 2022 (se compareceu e em quais compareceu).

17. Abordar as disputas internas (ou as unidades) existentes dentro do grupo político do qual o entrevistado faz parte: como lida com eventuais discordâncias que surgem com os membros do grupo; se geralmente a atuação conjunta é mais consensual ou mais conflituosa; se ele concorda com todas as pautas; com o que concorda ou discorda; quem são as principais lideranças.

18. Abordar como o entrevistado enxerga o lado de seus adversários na sua atuação política: o que pensa da atuação deles; como acha que é visto pelos adversários.

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

1) Dados de identificação do projeto:

Título do Projeto: Trajetória social e ação política: mapeamento do ativismo político em Juiz de Fora – MG

Pesquisadora Responsável: Mariana Oliveira (doutoranda da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar).

Telefone para contato da Pesquisadora: (32) 98441-4623.

Contato da pesquisadora (e-mail): mariana.oliveira@estudante.ufscar.br

2) Convite:

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “Trajetória social e ação política: mapeamento do ativismo político em Juiz de Fora – MG”. Descrevemos abaixo o objetivo do estudo que está sendo feito e o que ele envolverá.

3) O que é o projeto?

O projeto se refere à pesquisa de doutorado da pesquisadora responsável, Mariana Oliveira, a qual está sendo desenvolvida sob a orientação do Prof. Dr. Fábio Sanchez na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). O objetivo é entender como se configura, em Juiz de Fora – MG, o campo dos ativistas políticos, a partir do mapeamento de suas trajetórias pessoais de vida, das motivações que os levaram ao ativismo, de seus dados socioeconômicos e de seus hábitos de consumo. Tais dados serão obtidos por meio do preenchimento deste questionário online. A pesquisa não tem a intenção de causar nenhum prejuízo, além de não possuir nenhum viés ideológico.

4) Por que eu fui escolhido(a)?

O critério de inclusão para participação na pesquisa engloba ser maior de 18 anos e ter uma trajetória de participação política no município de Juiz de Fora - MG, seja ela político-institucional ou realizada na sociedade civil. Nesta pesquisa, entendemos por ativista político qualquer indivíduo que tenha participado recorrentemente de manifestações públicas recentes neste município (seja nas ruas ou seja em meios digitais) E/OU que faça parte de algum grupo (que pode ser clube, partido, coletivo ou outros correlatos) neste município E/OU que trabalhe profissionalmente com política neste município.

5) Eu tenho que participar?

A participação neste estudo é voluntária. Se decidir participar da pesquisa, você deverá registrar seu consentimento ao final deste Termo e terá acesso a uma via assinada pela pesquisadora. Você tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer justificativa.

6) O que acontecerá comigo se eu participar? O que eu tenho que fazer?

Confirmada sua participação, a próxima página dará acesso ao questionário online, no qual será pedido o preenchimento de todos os itens. O preenchimento do questionário terá duração média de 15 minutos.

7) O que é exigido de mim nesse estudo?

O desejo em participar e o preenchimento de todos os itens do questionário para que seja possível analisar os dados de maneira precisa, caso concorde em participar da pesquisa.

8) Eu terei alguma despesa ao participar da pesquisa?

Não haverá nenhum tipo de despesa em participar dessa pesquisa.

9) Minha participação neste estudo será mantida em sigilo?

Os dados obtidos com seu preenchimento serão usados apenas com objetivos científicos, não sendo possível a identificação individual. Apenas a pesquisadora responsável pelo estudo terá acesso às informações coletadas, garantindo assim a privacidade e sigilo dos dados. Portanto, sua identidade será mantida em sigilo e garantimos, também, o total anonimato de suas respostas.

10) Contato para informações adicionais

Em caso de dúvidas, sugestões ou esclarecimentos, entre em contato direto com a pesquisadora responsável, Mariana Oliveira, através do e-mail mariana.oliveira@estudante.ufscar.br.

11) Ciência e consentimento do participante

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto pela pesquisadora, eu estou de acordo em participar desta pesquisa. Declaro que:

1 – Confirmo que li e entendi as informações sobre o estudo acima e que tive a oportunidade de fazer perguntas.

2 – Entendo que minha participação é voluntária e que sou livre para retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar dar explicações, e sem sofrer prejuízo ou ter meus direitos afetados.

Obrigada por ler estas informações. Agradecemos imensamente a sua contribuição!

APÊNDICE D – Manifestações e grupos mapeados entre 2015 e 2022

Jornal	Data	Orientação Política	Grupos Organizadores	Pauta
Tribuna de Minas	ago/15	Direita	Pessoas ligadas ao PSDB, Movimento Muda Brasil, Conselho de Veneráveis Mestres das Lojas Maçônicas de Juiz de Fora e região, Muda Brasil, Onda Azul, Brasil Livre, Vem Pra Rua e Revoltados On-line.	A favor do impeachment de Dilma, fora PT.
Tribuna de Minas	dez/15	Esquerda	Movimentos sociais, grupos de esquerda e partidos políticos, como PT e PCdoB, Frente Brasil Popular, Coletivo Maria Maria, Levante, CUT, SINPRO JF.	Contra o impeachment de Dilma.
Tribuna de Minas	dez/15	Direita	Movimento Muda Brasil, MBL, UFJF Direita	A favor do impeachment de Dilma.
Tribuna de Minas	mar/16	Esquerda	Frente Brasil Popular.	Contra o impeachment de Dilma.
Tribuna de Minas	mar/16	Direita	Pessoas ligadas a partidos de oposição ao Governo, Movimento Muda Brasil.	A favor do impeachment de Dilma.
Tribuna de Minas	mar/16	Direita	Organizações ditas apartidárias – com o endosso de legendas de oposição como o PSDB; Movimento Muda Brasil.	A favor do impeachment de Dilma
Tribuna de Minas	abr/16	Esquerda	Frente Brasil Popular Juiz de Fora e Zona da Mata.	Contra o impeachment de Dilma.
Tribuna de Minas	abr/16	Esquerda	Frente Brasil Popular, PT.	Ocupação do Lacet e caminhada em favor do governo Dilma.
Tribuna de Minas	abr/16	Direita	Movimento Muda Brasil, MBL, Vem pra Rua.	A favor do impeachment de Dilma.
Tribuna de Minas	abr/16	Esquerda	Frente Brasil Popular, partidos de esquerda, CUT, UNE e diversos coletivos.	Contra o Impeachment de Dilma.

Tribuna de Minas	mai/16	Esquerda	Comitê de Advogados Juiz-foranos Contra o Golpe, Levante Popular da Juventude, Marcha Mundial das Mulheres, MST, SINPRO, PT, Frente Brasil Popular Juiz de Fora e Zona da Mata.	Contra o impeachment de Dilma.
Tribuna de Minas	set/16	Esquerda	Jovens universitários e secundaristas, Frente Brasil Popular, PT, PCdoB, PCB, PSOL, Levante Popular da Juventude.	Contra o impeachment de Dilma, fora Temer.
Tribuna de Minas	abr/18	Direita	Vem pra Rua, Movimento Brasil Livre (MBL), Direita Minas e Direita JF.	Comemoração da prisão de Lula.
Tribuna de Minas	abr/18	Esquerda	PT, PSOL e PCdoB, além da Unidade Popular pelo Socialismo e da Frente Brasil Popular.	Lula Livre.
Tribuna de Minas	abr/19	Esquerda	Fórum 8M.	Contra o genocídio negro e o racismo.
Tribuna de Minas	mai/19	Esquerda	Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e pela União Colegial de Minas Gerais (UCMG), tendo apoio de sindicatos de professores das redes pública – federal, estadual e municipal – e privada e dos técnico-administrativos da UFJF.	Contra cortes na educação.
Tribuna de Minas	mai/19	Direita	Direita Minas; Direita JF; e Família de Direita.	Pró Bolsonaro.
Tribuna de Minas	jun/19	Esquerda	DCE da UFJF e o grêmio estudantil do IF Sudeste, além de coletivos e movimentos sociais como Maria Maria, Fórum 8M, Unidade Classista, Movimento de Mulheres Olga Benário e o Coletivo Feminista Classista Ana Montenegro + SINPRO.	Contra a reforma da previdência.
G1 Zona da Mata	jun/19	Direita	Movimento Direita JF", "Damas de Ferro", "Se liga JF", "Famílias de Direita", "Direita Vive", Movimento de Rua JF.	Defesa da Operação Lava Jato.
Tribuna de Minas	mar/20	Direita	Família de Direita, Direita Vive, Direita Minas.	“O Brasil não pode parar” - contra o <i>lockdown</i> .

Tribuna de Minas	mai/20	Esquerda	Sindicato Único dos Trabalhadores em Educação de Minas Gerais (Sind-UTE/Juiz de Fora).	Salários atrasados e contra o ensino remoto.
Tribuna de Minas	jun/20	Esquerda	Movimento Campo Popular, Juventude Revolução do Partidos dos Trabalhadores (PT), PSTU, PT.	Impeachment de Bolsonaro.
Tribuna de Minas	ago/20	Esquerda	Sind-UTE.	100 mil mortes pela Covid-19.
Tribuna de Minas	jan/21	Esquerda	Central Única dos Trabalhadores (CUT) Regional Zona da Mata, Sindicato dos Trabalhadores do Ramo Financeiro da Zona da Mata e Sul de Minas (Sintraf JF), Coletivo Periferia no Poder.	Impeachment de Bolsonaro.
Tribuna de Minas	mar/21	Direita	Vereador Sargento Mello (PTB).	Restaurante Popular (pandemia).
Tribuna de Minas	mai/21	Esquerda	Partidos políticos como o PT, o PSTU, o UP, o PCB e o PSOL; Sindicato dos Trabalhadores do Ramo Financeiro da Zona da Mata e Sul de Minas.	Fora Bolsonaro.
Tribuna de Minas	jun/21	Esquerda	40 entidades.	Contra Bolsonaro, os cortes, as privatizações; a favor da vacina.
Sintufejuf	jun/21	Esquerda	SINTUFEJUF, APES, DCE e APG.	Em defesa da Educação, Ciência e Tecnologia.
Tribuna de Minas	jul/21	Esquerda	Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST-Zona da Mata), Sindicato Único dos Trabalhadores em Educação (Sind-UTE), Central Única dos Trabalhadores (CUT), Frente Brasil Popular, Central Sindical Brasileira (CSB). Partidos: Partido Comunista Brasileiro (PCB), o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), o Partido Comunista do Brasil (PC do B), o Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados (PSTU), o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido Democrático Trabalhista (PDT)	Fora Bolsonaro.

Tribuna de Minas	ago/21	Direita	Movimento Escolas Abertas JF.	Volta às aulas na pandemia
Tribuna de Minas	ago/21	Esquerda	Central Única dos Trabalhadores (CUT), Força Sindical (FS), União Geral dos Trabalhadores (UGT), Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB), Central dos Sindicatos Brasileiros (CSB), Nova Central Sindical de Trabalhadores (NCST), Central Geral dos Trabalhadores do Brasil (CGTB).	Contra a reforma administrativa.
O Pharol	set/21	Direita	Movimento Brasil Republicano, que integra os grupos Nas Ruas, Direita Minas, Direita Juiz de Fora e Família de Direita.	7 de setembro.
Tribuna de Minas	out/21	Direita	Movimentos católicos e evangélicos, além de dez entidades: Associação Conservadora Direita Unida JF, Confraria São Miguel, Direita JF, Direita Minas, Direita Vive, Grupo Direita Brasil, Grupo Juiz de Fora sem Vacina Obrigatória, Grupo MBR, Grupo Nosso Brasil, Meninas à Direita e Se Liga JF.	Não ao passaporte vacinal.
Tribuna de Minas	out/21	Esquerda	PSTU, Frente Brasil Popular, Fórum 8M, Comitê Fora, Bolsonaro, que reúne mais de 40 organizações, incluindo todos os partidos políticos de esquerda da cidade e organizações ligadas à classe trabalhadora, como sindicatos, centrais sindicais, além do movimento de mulheres e do movimento negro.	Fora Bolsonaro.
Tribuna de Minas	jan/22	Direita		Contra a adoção do passaporte vacinal.
Estado de Minas	mai/22	Direita	Direita JF, Nas Ruas e Brasil Republicano.	Contra o comunismo e pela liberdade.
Tribuna de Minas	jul/22	Direita		Pré-campanha de Bolsonaro.
Tribuna de Minas	jul/22	Direita		Motociata pré-campanha Bolsonaro.
Tribuna de Minas	jul/22	Direita		Motociata pró Bolsonaro.

Tribuna de Minas	ago/22	Esquerda	Ato convocado por entidades diversas, sindicatos, movimentos sociais e representações da sociedade civil; DCE, Apes.	Em defesa da educação e das universidades públicas.
Tribuna de Minas	ago/22	Direita		Abertura da campanha de Bolsonaro.
Tribuna de Minas	set/22	Direita	Movimento Brasil Republicano (MBR) e Nas Ruas.	7 de setembro.

APÊNDICE E - Variáveis e categorias ativas utilizadas na ACM

P4c

Libellé de la modalité	Poids relatif (en %)	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Não (AP grup. pol.)	1,3	1,152	-0,173	0,342	-0,274
Sim (AP grup. pol.)	1,7	0,868	0,130	-0,257	0,207

P4e

Libellé de la modalité	Poids relatif (en %)	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Não (AP part.)	1,4	1,060	0,057	0,295	0,070
Sim (AP part.)	1,6	0,944	-0,051	-0,262	-0,062

P4f

Libellé de la modalité	Poids relatif (en %)	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Não (AP trab.)	1,9	0,769	-0,192	-0,113	-0,184
Sim (AP trab.)	1,1	1,300	0,325	0,191	0,310

P4g

Libellé de la modalité	Poids relatif (en %)	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Não (AP bairro)	2,5	0,458	-0,003	-0,062	-0,211
Sim (AP bairro)	0,5	2,182	0,014	0,295	1,005

P4h

Libellé de la modalité	Poids relatif (en %)	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Não (AP manif.)	1,6	0,976	-0,144	0,375	-0,193
Sim (AP manif.)	1,5	1,025	0,152	-0,394	0,203

P4i

Libellé de la modalité	Poids relatif (en %)	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Não (AP RS)	1,2	1,212	0,175	0,430	-0,117
Sim (AP RS)	1,8	0,825	-0,119	-0,292	0,080

P8

Libellé de la modalité	Poids relatif (en %)	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Não (semp. ident. esp. pol.)	1,0	1,423	-0,269	-0,490	-0,107
Sim (semp. ident. esp. pol.)	2,0	0,742	0,121	0,241	0,021

P9

Libellé de la modalité	Poids relatif (en %)	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Liberal.	0,4	2,473	-1,299	-0,149	-0,918
Conservad.-lib.	0,4	2,765	-1,319	0,003	0,588
Social-dem.	0,9	1,568	0,394	0,592	-0,049
Social.	0,7	1,866	0,864	-0,374	0,221
Comun.	0,4	2,473	0,687	-0,536	-0,386

P11b

Libellé de la modalité	Poids relatif (en %)	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
N. fil. part.	0,9	1,600	0,146	0,372	0,152
Fil. part. esq.	1,0	1,450	0,874	-0,602	-0,103
Fil. part. dir.	0,6	1,960	-1,352	-0,265	-0,377

P12

Libellé de la modalité	Poids relatif (en %)	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Não (pref. part.)	0,6	2,010	-0,254	0,567	0,809
Sim (pref. part.)	2,4	0,497	0,063	-0,140	-0,200

P13b

Libellé de la modalité	Poids relatif (en %)	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
N. part. grupo pol.	1,2	1,277	-0,128	0,563	-0,179
Part. gp esq.	1,0	1,450	0,890	-0,638	0,055
Part. gp dir.	0,7	1,822	-1,091	-0,272	0,071

P15

Libellé de la modalité	Poids relatif (en %)	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Não (part. sind.)	2,5	0,471	-0,136	-0,093	0,067
Sim (part. sind.)	0,6	2,121	0,612	0,418	-0,303

P16b

Libellé de la modalité	Poids relatif (en %)	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
N. cargo pol.	2,1	0,664	-0,173	-0,142	-0,087
Cargo pol. asses./CC	0,9	1,600	0,439	0,426	0,244

P17

Libellé de la modalité	Poids relatif (en %)	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Honest./comb. corrup.	0,6	2,064	-0,911	0,074	1,032

Dimin. pap. Est.	0,5	2,317	-1,354	0,011	-0,923
Garantia. dir. min.	0,3	3,162	0,924	0,110	0,195
Melh. sit. social	1,7	0,898	0,568	-0,041	-0,138

P18a

Libellé de la modalité	Poids relatif (en %)	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Não (elim. mis.)	1,9	0,769	-0,311	-0,131	-0,014
Sim (elim. mis.)	1,1	1,300	0,526	0,222	0,023

P18b

Libellé de la modalité	Poids relatif (en %)	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Não (honest. pol.)	2,5	0,471	0,214	0,015	-0,121
Sim (honest. pol.)	0,6	2,121	-0,963	-0,069	0,545

P18c

Libellé de la modalité	Poids relatif (en %)	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Não (def. DH)	1,6	0,928	-0,568	0,098	-0,187
Sim (def. DH)	1,4	1,077	0,660	-0,114	0,217

P18d

Libellé de la modalité	Poids relatif (en %)	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Não (func. inst.)	1,4	1,060	-0,125	0,121	0,260
Sim (func. inst.)	1,6	0,944	0,111	-0,108	-0,231

P18e

Libellé de la modalité	Poids relatif (en %)	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Não (Est. laico)	2,1	0,651	-0,216	0,293	0,136
Sim (Est. laico)	0,9	1,537	0,511	-0,692	-0,320

P18f

Libellé de la modalité	Poids relatif (en %)	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Não (comb. corrup.)	2,4	0,523	0,181	-0,044	-0,234
Sim (comb. corrup.)	0,7	1,912	-0,663	0,160	0,854

P18g

Libellé de la modalité	Poids relatif (en %)	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Não (resp. merc.)	2,4	0,523	0,381	0,094	0,071
Sim (resp. merc.)	0,7	1,912	-1,394	-0,345	-0,258

P20

Libellé de la modalité	Poids relatif (en %)	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Presid. c/ mão forte	0,3	3,014	-0,255	0,436	0,478
Presid. técnico	1,1	1,371	-0,843	-0,094	0,095
Presid. concilador	0,2	3,528	-0,261	0,577	-1,159
Presid. assistenc.	1,2	1,233	0,845	-0,208	-0,039
OR (tipo presid.)	0,3	3,332	0,029	0,353	0,254

P23

Libellé de la modalité	Poids relatif (en %)	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Não (polít. em casa)	1,1	1,300	-0,353	-0,269	0,467
Sim (polít. em casa)	1,8	0,825	0,190	0,218	-0,272

P24

Libellé de la modalité	Poids relatif (en %)	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Não (pais ativ. pol.)	2,4	0,536	-0,151	-0,166	0,070
Sim (pais ativ. pol.)	0,7	1,912	0,564	0,608	-0,267

P1Rec

Libellé de la modalité	Poids relatif (en %)	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Até 3 an. (temp. ativ.)	0,3	2,882	-0,606	0,165	-1,178
4 a 6 an. (temp. ativ.)	0,9	1,568	-0,078	-0,254	-0,129
7 a 10 an. (temp. ativ.)	0,6	2,010	0,098	-0,166	0,099
11 a 15 an. (temp. ativ.)	0,4	2,562	-0,057	-0,319	0,315
+ 15 an. (temp. ativ.)	0,8	1,633	0,277	0,479	0,377

P2Rec

Libellé de la modalité	Poids relatif (en %)	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Inf. fam. (mot. ativ.)	0,3	3,014	0,692	0,460	-0,044
Inf. amig./grup. (mot. ativ.)	0,4	2,658	0,281	-0,445	0,230
Inf. prof./esc. (mot. ativ.)	0,2	3,528	0,364	0,609	0,500
Inf. leit. (mot. ativ.)	0,3	3,014	0,514	-0,221	-0,052
Sit. pol.soc. (mot. ativ.)	1,6	0,959	-0,330	-0,136	-0,145
OR (mot. ativ.)	0,3	3,332	-0,117	0,688	0,233

P3Rec

Libellé de la modalité	Poids relatif (en %)	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Escola (ínc. TP)	0,5	2,247	0,423	0,518	0,369

Univers. (iníc. TP)	0,4	2,562	0,486	-0,696	-0,740
Colet./grup. (iníc. TP)	0,8	1,742	-0,047	-0,271	-0,047
Red. Soc. (iníc. TP)	0,3	3,014	-0,931	-0,063	-0,333
Motiv. indiv. (iníc. TP)	0,4	2,658	-0,259	0,143	0,594
OR (iníc. TP)	0,3	3,162	-0,558	-0,327	0,287

P5Rec

Libellé de la modalité	Poids relatif (en %)	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Diariam. (AP)	2,1	0,651	0,029	-0,023	0,286
PM 1x sem. (AP)	0,6	2,121	-0,327	-0,057	-0,690
+/- q 1x mês (AP)	0,4	2,765	0,337	0,231	-0,654

P7Rec

Libellé de la modalité	Poids relatif (en %)	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Dir.	0,7	1,866	-1,297	-0,230	0,196
Cent-dir.	0,3	3,162	-1,358	0,048	-0,449
Cent-esq.	0,5	2,247	0,252	0,667	-0,114
Esq.	1,2	1,233	0,804	-0,248	0,023
Ext-esq.	0,2	4,036	1,024	-0,476	-0,439

P25Rec

Libellé de la modalité	Poids relatif (en %)	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Dir. (m)	0,7	1,912	-0,848	0,166	0,038
Centro (m)	0,4	2,765	-0,175	0,878	-0,750
Esq. (m)	1,2	1,212	0,578	0,044	-0,073
N. iden. esp. pol. (m)	0,7	1,781	-0,125	-0,718	0,339

P26Rec

Libellé de la modalité	Poids relatif (en %)	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Dir. (p)	1,0	1,423	-0,672	-0,149	-0,225
Centro (p)	0,4	2,658	0,270	0,552	0,115
Esq. (p)	1,0	1,423	0,566	0,393	-0,184
N. iden. esp. pol. (p)	0,4	2,562	-0,215	-0,934	0,749
N. sabe esp. pol. (p)	0,3	3,332	0,364	-0,310	0,265

ÍndiceDirRec

Libellé de la modalité	Poids relatif (en %)	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
N. part. manif. dir.	2,0	0,716	0,528	0,034	-0,089
Part. manif. dir.	1,0	1,397	-1,030	-0,066	0,175

ÍndiceEsqRec

Libellé de la modalité	Poids relatif (en %)	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
N. part. manif. esq.	1,2	1,212	-0,901	0,274	-0,090
Part. manif. esq.	1,8	0,825	0,613	-0,186	0,061

APÊNDICE F – Variáveis e categorias suplementares utilizadas na ACM

P27

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Femin.	Illustrative	50,000	1,192	0,368	-0,005	-0,047
Mascul.	Illustrative	69,000	0,868	-0,284	0,006	0,024
OR (sexo/gen.)	Illustrative	2,000	7,714	0,612	-0,080	0,338

P31

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Não freq. esc. (púb. x part.)	Illustrative	0		0,000	0,000	0,000
Maior parte esc. part.	Illustrative	20,000	2,247	0,146	0,133	-0,150
Todo período esc. part.	Illustrative	26,000	1,912	0,014	-0,019	-0,095
Maior parte esc. púb.	Illustrative	34,000	1,600	-0,193	0,250	-0,048
Todo período esc. púb.	Illustrative	41,000	1,397	0,080	-0,261	0,174

P32

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
N. tem ES (fac. púb.xpart.)	Illustrative	21,000	2,182	-0,371	0,440	0,131
Td. per. fac. part.	Illustrative	31,000	1,704	-0,360	0,016	0,322
Td. per. fac. púb.	Illustrative	43,000	1,347	0,378	-0,376	-0,152
Majorit. fac. part.	Illustrative	12,000	3,014	0,121	0,288	0,176
Majorit. fac. púb.	Illustrative	14,000	2,765	0,089	0,212	-0,592

P35

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
N. trab.	Illustrative	14,000	2,765	0,047	0,171	-0,814
N. tem form. téc./sup.	Illustrative	14,000	2,765	-0,185	-0,251	0,227
N. trab. no q se form.	Illustrative	25,000	1,960	-0,224	-0,150	-0,063
Trab. no q se form.	Illustrative	68,000	0,883	0,111	0,071	0,144

P36

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Não (+ de 1 ativ. rem.)	Illustrative	68,000	0,883	0,032	-0,148	-0,039
Sim (+ de 1 ativ. rem.)	Illustrative	53,000	1,133	-0,041	0,189	0,050

P43b

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
N. tem mãe (ocup.)	Illustrative	0		0,000	0,000	0,000

Man. n. qualif (ocup. m.)	Illustrative	24,000	2,010	-0,040	-0,611	0,308
Man. qualif. (ocup. m.)	Illustrative	11,000	3,162	-0,345	0,551	0,665
Prof. lib. (ocup. m.)	Illustrative	9,000	3,528	0,172	-0,194	-0,634
Prof./Pesq. (ocup. m.)	Illustrative	13,000	2,882	-0,264	-0,137	-0,367
Aut./MEI/Com. (ocup. m.)	Illustrative	7,000	4,036	0,435	0,158	-0,202
Quad. méd. (ocup. m.)	Illustrative	9,000	3,528	0,425	-0,093	-0,289
Quad. púb. (ocup. m.)	Illustrative	8,000	3,758	0,077	0,483	-0,460
Apos./Pens. (ocup. m.)	Illustrative	12,000	3,014	0,003	0,133	0,170
Do lar (ocup. m.)	Illustrative	18,000	2,392	-0,196	0,021	0,104
N/R (ocup. m.)	Illustrative	10,000	3,332	0,264	0,605	-0,044

P45b

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
N. tem pai (ocup.)	Illustrative	4,000	5,408	0,013	-0,658	-1,158
Man. n. qualif (ocup. p.)	Illustrative	9,000	3,528	-0,082	0,234	0,451
Man. qualif. (ocup. p.)	Illustrative	27,000	1,866	-0,217	-0,268	0,218
Prof. lib. (ocup. p.)	Illustrative	13,000	2,882	-0,262	0,690	-0,480
Prof./Pesq. (ocup. p.)	Illustrative	5,000	4,817	0,845	-0,617	-0,304
Aut./MEI/Com. (ocup. p.)	Illustrative	17,000	2,473	0,372	-0,316	-0,125
Quad. méd. (ocup. p.)	Illustrative	15,000	2,658	-0,168	0,156	-0,054
Quad. púb. (ocup. p.)	Illustrative	9,000	3,528	-0,269	-0,041	0,218
Milit. (ocup. p.)	Illustrative	7,000	4,036	-0,113	0,286	0,009
Apos./Pens. (ocup. p.)	Illustrative	8,000	3,758	0,119	0,368	-0,073
N/R (ocup. p.)	Illustrative	7,000	4,036	0,593	0,048	0,562

P46b

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
N. res. JF	Illustrative	9,000	3,528	0,109	-0,121	0,198
Centro e arred.	Illustrative	61,000	0,992	0,095	-0,017	-0,041
Cid. Alta	Illustrative	22,000	2,121	-0,039	-0,277	-0,265
Bairros perif.	Illustrative	26,000	1,912	-0,236	0,192	0,271
N/R (resid.)	Illustrative	3,000	6,272	0,070	1,072	-0,172

P49

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Cond. vida melh. q os pais	Illustrative	87,000	0,625	-0,077	0,007	0,021
Cond. vida pior. q os pais	Illustrative	14,000	2,765	0,041	-0,217	-0,196
Cond. vida = pais	Illustrative	19,000	2,317	0,357	0,091	-0,064
N. sabe (cond. vida rel. pais)	Illustrative	1,000	10,954	-0,644	0,695	2,176

P6a

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Não (BF)	Illustrative	108,000	0,347	0,011	0,022	-0,010
Sim (BF)	Illustrative	13,000	2,882	-0,095	-0,181	0,080

P6b

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Não (cotas)	Illustrative	97,000	0,497	-0,090	0,091	0,052
Sim (cotas)	Illustrative	24,000	2,010	0,365	-0,367	-0,211

P6c

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Não (FIES)	Illustrative	113,000	0,266	-0,020	-0,004	0,005
Sim (FIES)	Illustrative	8,000	3,758	0,278	0,051	-0,077

P6f

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Não (MCMV)	Illustrative	113,000	0,266	0,029	0,025	0,013
Sim (MCMV)	Illustrative	8,000	3,758	-0,412	-0,346	-0,188

P6h

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Foi benef. pol. púb.	Illustrative	49,000	1,212	0,209	-0,132	-0,103
Não foi benef. pol. púb.	Illustrative	72,000	0,825	-0,142	0,090	0,070

P52a

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
cinema-	Illustrative	40,000	1,423	-0,157	-0,144	-0,019
cinema+	Illustrative	81,000	0,703	0,078	0,071	0,009

P52b

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
teatro-	Illustrative	68,000	0,883	-0,243	-0,135	-0,039
teatro+	Illustrative	53,000	1,133	0,312	0,173	0,050

P52c

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
viagempasseio-	Illustrative	19,000	2,317	0,101	-0,451	-0,239
viagempasseio+	Illustrative	102,000	0,432	-0,019	0,084	0,044

P52d

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
show-	Illustrative	41,000	1,397	-0,364	-0,066	0,097
show+	Illustrative	80,000	0,716	0,187	0,034	-0,050

P52e

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
TV-	Illustrative	32,000	1,668	0,188	-0,336	0,002
TV+	Illustrative	89,000	0,600	-0,068	0,121	-0,001

P52f

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
restaurante-	Illustrative	19,000	2,317	0,275	-0,438	-0,008
restarante+	Illustrative	102,000	0,432	-0,051	0,082	0,001

P52g

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
livros-	Illustrative	26,000	1,912	-0,227	-0,370	0,171
livros+	Illustrative	95,000	0,523	0,062	0,101	-0,047

P52h

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
museu-	Illustrative	48,000	1,233	-0,162	-0,071	-0,064
museu+	Illustrative	73,000	0,811	0,106	0,047	0,042

P52i

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
futebol-	Illustrative	58,000	1,042	0,099	-0,160	-0,030
futebol+	Illustrative	63,000	0,959	-0,091	0,148	0,028

P52j

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
filmes/séries-	Illustrative	9,000	3,528	-0,113	-0,111	0,885
filmes/séries+	Illustrative	112,000	0,283	0,009	0,009	-0,071

P52k

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
------------------------	--------	-------	----------------------	-------	-------	-------

podcast-	Illustrative	40,000	1,423	0,128	0,034	-0,143
podcast+	Illustrative	81,000	0,703	-0,063	-0,017	0,071

P52I

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
videgame-	Illustrative	98,000	0,484	0,048	-0,020	0,078
videogame+	Illustrative	23,000	2,064	-0,205	0,083	-0,331

P53a

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
infoappmsg-	Illustrative	63,000	0,959	0,104	-0,072	-0,127
infoappmsg+	Illustrative	58,000	1,042	-0,113	0,078	0,138

P53b

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
infojorn.imp.-	Illustrative	90,000	0,587	-0,101	-0,082	-0,014
infojorn.imp.+	Illustrative	31,000	1,704	0,293	0,237	0,040

P53c

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
infojorn.TV-	Illustrative	63,000	0,959	-0,156	-0,170	-0,119
infojorn.TV+	Illustrative	58,000	1,042	0,169	0,185	0,130

P53d

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
infointernet-	Illustrative	14,000	2,765	-0,271	0,431	-0,022
infointernet+	Illustrative	107,000	0,362	0,035	-0,056	0,003

P53e

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
inforadio-	Illustrative	99,000	0,471	-0,020	-0,140	-0,044
inforadio+	Illustrative	22,000	2,121	0,088	0,630	0,200

P53f

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
infocont.pol.rs-	Illustrative	27,000	1,866	-0,032	0,537	-0,039
infocont.pol.rs+	Illustrative	94,000	0,536	0,009	-0,154	0,011

P53g

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
infopart.pol.rs-	Illustrative	57,000	1,060	-0,203	0,286	0,084
infopart.pol.rs+	Illustrative	64,000	0,944	0,181	-0,255	-0,074

P53h

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
infoyoutube-	Illustrative	59,000	1,025	0,152	0,193	-0,063
infoyoutube+	Illustrative	62,000	0,976	-0,145	-0,183	0,060

P53i

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
infopodcast-	Illustrative	64,000	0,944	0,094	0,157	-0,201
infopodcast+	Illustrative	57,000	1,060	-0,105	-0,176	0,226

P53j

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
infothinktanks-	Illustrative	117,000	0,185	0,032	0,047	0,023
infothinktanks+	Illustrative	4,000	5,408	-0,947	-1,371	-0,661

P55a

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Segue PCP	Illustrative	111,000	0,300	0,007	-0,090	-0,002
Não segue PCP	Illustrative	10,000	3,332	-0,073	0,999	0,019

P55b

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
PCP.instagram-	Illustrative	20,000	2,247	0,128	0,895	0,055
PCP.instagram+	Illustrative	101,000	0,445	-0,025	-0,177	-0,011

P55c

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
PCP.twitter-	Illustrative	67,000	0,898	-0,178	0,190	0,058
PCP.twitter+	Illustrative	54,000	1,114	0,221	-0,236	-0,072

P55d

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
PCP.whatsapp-	Illustrative	75,000	0,783	0,174	0,000	-0,140

PCP.whatsapp+	Illustrative	46,000	1,277	-0,284	0,001	0,229
---------------	--------------	--------	-------	--------	-------	-------

P55e

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
PCP.facebook-	Illustrative	74,000	0,797	0,015	0,038	-0,147
PCP.facebook+	Illustrative	47,000	1,255	-0,024	-0,060	0,231

P55f

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
PCP.tiktok-	Illustrative	109,000	0,332	0,025	-0,021	0,006
PCP.tiktok+	Illustrative	12,000	3,014	-0,228	0,189	-0,052

P55g

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
PCP.telegram-	Illustrative	105,000	0,390	0,065	0,024	-0,072
PCP.telegram+	Illustrative	16,000	2,562	-0,428	-0,159	0,473

P55h

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
PCP.youtube-	Illustrative	72,000	0,825	0,141	-0,072	-0,100
PCP.youtube+	Illustrative	49,000	1,212	-0,208	0,107	0,147

P57a

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Tem háb. de ler	Illustrative	112,000	0,283	0,025	0,009	-0,060
Não tem háb. de ler	Illustrative	9,000	3,528	-0,308	-0,107	0,752

P57b

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
liv.romance-	Illustrative	71,000	0,839	-0,244	0,047	0,051
liv.romance+	Illustrative	50,000	1,192	0,347	-0,067	-0,073

P57c

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
liv.autoajuda-	Illustrative	103,000	0,418	0,153	-0,030	0,070
liv.autoajuda+	Illustrative	18,000	2,392	-0,878	0,171	-0,403

P57d

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
liv.religiosos-	Illustrative	99,000	0,471	0,099	-0,037	-0,084
liv.religiosos+	Illustrative	22,000	2,121	-0,445	0,166	0,377

P57e

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
liv.científico-	Illustrative	57,000	1,060	-0,336	0,162	0,202
liv.científico+	Illustrative	64,000	0,944	0,299	-0,145	-0,180

P57f

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
liv.gastronomia-	Illustrative	114,000	0,248	0,002	0,009	-0,002
liv.gastronomia+	Illustrative	7,000	4,036	-0,035	-0,148	0,039

P57g

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
liv.quadrinhos-	Illustrative	115,000	0,228	-0,047	0,018	0,009
liv.quadrinhos+	Illustrative	6,000	4,378	0,896	-0,350	-0,164

P57h

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
liv.biografia-	Illustrative	83,000	0,677	-0,062	-0,093	0,023
liv.biografia+	Illustrative	38,000	1,478	0,134	0,203	-0,051

P57i

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
liv.empreend.-	Illustrative	83,000	0,677	0,378	-0,114	-0,036
liv.empreend.+	Illustrative	38,000	1,478	-0,825	0,248	0,079

P57k

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
liv.poesia-	Illustrative	96,000	0,510	-0,161	0,009	-0,058
liv.poesia+	Illustrative	25,000	1,960	0,618	-0,033	0,223

P58

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
leiturapais-	Illustrative	61,000	0,992	-0,106	-0,062	-0,054
leiturapais+	Illustrative	55,000	1,095	0,142	0,088	-0,055

leiturapais (n. lembra)	Illustrative	5,000	4,817	-0,258	-0,203	1,272
-------------------------	--------------	-------	-------	--------	--------	-------

P59

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
paisrev.jorn-	Illustrative	50,000	1,192	-0,216	-0,118	0,114
paisrev.jorn+	Illustrative	67,000	0,898	0,140	0,083	-0,112
paisrev.jorn (n. lembra)	Illustrative	4,000	5,408	0,344	0,082	0,442

P60a

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Fez curso extraesc.	Illustrative	90,000	0,587	-0,054	0,009	-0,071
Não fez curso extraesc.	Illustrative	31,000	1,704	0,155	-0,026	0,206

P60b

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
curso.idiomas-	Illustrative	65,000	0,928	-0,035	-0,013	0,150
curso.idiomas+	Illustrative	56,000	1,077	0,041	0,015	-0,174

P60c

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
curso.dança-	Illustrative	88,000	0,612	-0,139	-0,010	-0,007
curso.dança+	Illustrative	33,000	1,633	0,371	0,027	0,020

P60d

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
curso.esportes-	Illustrative	59,000	1,025	0,187	-0,107	0,144
curso.esportes+	Illustrative	62,000	0,976	-0,178	0,102	-0,137

P60e

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
curso.cursinho-	Illustrative	85,000	0,651	0,085	0,050	0,029
curso.cursinho+	Illustrative	36,000	1,537	-0,200	-0,117	-0,069

P60f

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
curso.teatro-	Illustrative	101,000	0,445	0,001	-0,051	-0,017
curso.teatro+	Illustrative	20,000	2,247	-0,008	0,259	0,086

P60g

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
curso.música-	Illustrative	90,000	0,587	0,038	0,022	-0,038
curso.música+	Illustrative	31,000	1,704	-0,111	-0,063	0,110

P61

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Viag.pass.nunca	Illustrative	3,000	6,272	0,405	-0,104	-0,620
Viag.pass. - 1x ano	Illustrative	21,000	2,182	0,330	-0,153	0,277
Viag.pass. 1/2x ano	Illustrative	51,000	1,172	0,009	-0,013	0,071
Viag.pass. 3x ou + ano	Illustrative	46,000	1,277	-0,187	0,091	-0,165

P63a

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Fala out. idioma	Illustrative	61,000	0,992	0,077	-0,044	-0,293
Não fala out. idioma	Illustrative	60,000	1,008	-0,079	0,045	0,298

P63b

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
inglês-	Illustrative	72,000	0,825	0,020	0,027	0,281
inglês+	Illustrative	49,000	1,212	-0,029	-0,040	-0,413

P63c

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
francês-	Illustrative	110,000	0,316	-0,028	0,027	-0,016
francês+	Illustrative	11,000	3,162	0,285	-0,272	0,157

P63d

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
espanhol-	Illustrative	100,000	0,458	-0,076	0,013	0,031
espanhol+	Illustrative	21,000	2,182	0,361	-0,062	-0,147

P63e

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
idioma.OR-	Illustrative	114,000	0,248	-0,005	-0,006	-0,013
idioma.OR+	Illustrative	7,000	4,036	0,088	0,092	0,209

P64b

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
rock-	Illustrative	50,000	1,192	0,154	0,098	0,159
rock+	Illustrative	71,000	0,839	-0,108	-0,069	-0,112

P64c

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
pop-	Illustrative	57,000	1,060	-0,126	-0,001	0,022
pop+	Illustrative	64,000	0,944	0,112	0,001	-0,019

P64d

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
MPB-	Illustrative	31,000	1,704	-0,804	-0,211	0,151
MPB+	Illustrative	90,000	0,587	0,277	0,073	-0,052

P64e

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
jazz-	Illustrative	81,000	0,703	-0,059	-0,086	0,077
jazz+	Illustrative	40,000	1,423	0,119	0,175	-0,156

P64f

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
funk-	Illustrative	94,000	0,536	-0,125	0,052	0,043
funk+	Illustrative	27,000	1,866	0,436	-0,182	-0,150

P64g

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
sertanejo-	Illustrative	80,000	0,716	0,092	0,009	-0,074
sertanejo+	Illustrative	41,000	1,397	-0,180	-0,017	0,144

P64h

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
axé-	Illustrative	109,000	0,332	-0,068	0,012	0,001
axé+	Illustrative	12,000	3,014	0,614	-0,106	-0,010

P64i

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
samba-	Illustrative	66,000	0,913	-0,423	0,020	0,022
samba+	Illustrative	55,000	1,095	0,508	-0,024	-0,026

P64j

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
pagode-	Illustrative	84,000	0,664	-0,115	-0,029	0,013
pagode+	Illustrative	37,000	1,507	0,262	0,065	-0,030

P64k

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
eletrônica-	Illustrative	96,000	0,510	0,101	0,089	0,035
eletrônica+	Illustrative	25,000	1,960	-0,390	-0,342	-0,135

P64l

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
reggae-	Illustrative	100,000	0,458	-0,065	-0,089	0,008
reggae+	Illustrative	21,000	2,182	0,309	0,424	-0,039

P64m

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
hiphop-	Illustrative	90,000	0,587	-0,027	-0,044	-0,002
hiphop+	Illustrative	31,000	1,704	0,080	0,128	0,005

P64n

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
gospel-	Illustrative	100,000	0,458	0,136	-0,014	-0,087
gospel+	Illustrative	21,000	2,182	-0,650	0,066	0,416

P64p

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
clássica-	Illustrative	84,000	0,664	0,054	-0,023	0,084
clássica+	Illustrative	37,000	1,507	-0,122	0,053	-0,191

P28Rec

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Até 25 an.	Illustrative	17,000	2,473	0,143	-0,235	-0,471
26 a 30 an.	Illustrative	26,000	1,912	0,294	-0,362	-0,248
31 a 40 an.	Illustrative	28,000	1,822	0,085	0,028	0,471
41 a 50 an.	Illustrative	27,000	1,866	-0,415	0,176	-0,191
+ 50 an.	Illustrative	23,000	2,064	-0,054	0,341	0,280

P29Rec

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Branco	Illustrative	81,000	0,703	-0,116	0,006	-0,141
Não branco	Illustrative	40,000	1,423	0,236	-0,013	0,285

P30Rec

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
N. freq. esc.	Illustrative	0		0,000	0,000	0,000
Esc. EF I incomp.	Illustrative	0		0,000	0,000	0,000
Esc. EF I	Illustrative	0		0,000	0,000	0,000
Esc. EF II	Illustrative	4,000	5,408	0,098	1,014	-0,044
Esc. EM/ET	Illustrative	17,000	2,473	-0,465	0,276	0,340
Esc. ES	Illustrative	41,000	1,397	0,072	-0,098	-0,109
Esc. PG	Illustrative	59,000	1,025	0,077	-0,080	-0,019

P33bRec

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
N. tem form. prof.	Illustrative	12,000	3,014	-0,140	0,099	-0,119
AF Exat.	Illustrative	5,000	4,817	-0,786	-0,246	-0,550
AF Biológ.	Illustrative	8,000	3,758	-0,532	-0,055	-0,368
AF Human.	Illustrative	84,000	0,664	0,187	-0,086	-0,011
AF Cur. Téc.	Illustrative	12,000	3,014	-0,488	0,645	0,672
AF OR	Illustrative	0		0,000	0,000	0,000

P34cRec

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
N. trab.	Illustrative	12,000	3,014	-0,001	0,135	-0,773
Ocup. man.	Illustrative	2,000	7,714	0,775	1,196	0,283
Prof. lib.	Illustrative	21,000	2,182	0,162	0,165	0,079
Prof./Pesq.	Illustrative	14,000	2,765	0,523	-0,310	0,076
Aut./MEI/Comerc.	Illustrative	10,000	3,332	-0,901	-0,350	0,672
Quad. méd.	Illustrative	17,000	2,473	-0,352	-0,593	0,201
Quad. púb.	Illustrative	35,000	1,568	0,331	0,348	0,131
Quad. sup. priv.	Illustrative	9,000	3,528	-0,933	-0,197	-0,822
N/R (ocup.)	Illustrative	1,000	10,954	-0,438	0,016	-1,341

P41Rec

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
N. tem filhos (tipo esc.)	Illustrative	69,000	0,868	0,187	-0,180	-0,186
Filhos n. tem id. esc.	Illustrative	3,000	6,272	-0,356	-0,035	1,129

Esc. púb. (f)	Illustrative	15,000	2,658	-0,388	0,240	0,407
Esc. part. (f)	Illustrative	34,000	1,600	-0,177	0,263	0,098

P42Rec

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
N. tem mãe (esc. m)	Illustrative	0		0,000	0,000	0,000
N. freq. esc. (m)	Illustrative	2,000	7,714	0,993	0,239	-0,773
EF I incom. (esc. m)	Illustrative	19,000	2,317	-0,416	0,145	0,438
EF I (esc. m)	Illustrative	22,000	2,121	-0,157	0,155	0,347
EF II (esc. m)	Illustrative	6,000	4,378	0,105	0,090	0,325
EM/ET (esc. m)	Illustrative	35,000	1,568	-0,017	-0,097	-0,235
ES (esc. m)	Illustrative	28,000	1,822	0,190	-0,169	-0,296
PG (esc. m)	Illustrative	7,000	4,036	0,415	-0,125	-0,178
N/R (esc. m)	Illustrative	2,000	7,714	0,552	0,910	0,685

P44Rec

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
N. tem pai (esc. p)	Illustrative	5,000	4,817	-0,303	-0,602	-0,747
N. freq. esc. (p)	Illustrative	5,000	4,817	0,333	0,859	0,529
EF I incom. (esc. p)	Illustrative	17,000	2,473	-0,391	-0,074	0,146
EF I (esc. p)	Illustrative	16,000	2,562	-0,257	0,179	0,164
EF II (esc. p)	Illustrative	8,000	3,758	0,187	-0,184	0,213
EM/ET (esc. p)	Illustrative	34,000	1,600	0,163	0,081	0,048
ES (esc. p)	Illustrative	25,000	1,960	0,148	-0,303	-0,219
PG (esc. p)	Illustrative	9,000	3,528	-0,249	0,526	-0,277
N/R (esc. p)	Illustrative	2,000	7,714	1,044	-0,670	0,298

P48Rec

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Nenhuma renda	Illustrative	0		0,000	0,000	0,000
Até 3 SM	Illustrative	25,000	1,960	0,384	-0,144	0,060
3 a 6 SM	Illustrative	44,000	1,323	0,070	-0,024	0,265
6 a 9 SM	Illustrative	17,000	2,473	0,080	0,414	0,100
9 a 12 SM	Illustrative	10,000	3,332	-0,018	0,031	-0,456
12 a 15 SM	Illustrative	10,000	3,332	-0,127	-0,135	-0,228
+ de 15 SM	Illustrative	14,000	2,765	-0,770	0,016	-0,665
N. sabe (RF)	Illustrative	1,000	10,954	-1,789	-1,563	1,292

P50Rec

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Católica	Illustrative	43,000	1,347	-0,195	0,220	0,010

Evang./Prot.	Illustrative	16,000	2,562	-0,912	-0,179	0,368
Rel. Afro-bras.	Illustrative	17,000	2,473	0,483	0,066	-0,184
Espírita	Illustrative	7,000	4,036	0,272	0,546	0,005
Outra relig.	Illustrative	4,000	5,408	0,508	0,340	-0,401
Sem relig.	Illustrative	34,000	1,600	0,319	-0,380	-0,048

P51Rec

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
N. freq. rel.	Illustrative	33,000	1,633	0,294	-0,346	-0,086
+ 1x sem. (relig.)	Illustrative	16,000	2,562	-0,508	-0,026	0,486
1x sem. (relig.)	Illustrative	16,000	2,562	-0,231	0,217	0,142
1 ou 2x mês (relig.)	Illustrative	12,000	3,014	-0,324	0,270	-0,258
Alg. x ano (relig.)	Illustrative	30,000	1,742	0,062	0,179	-0,076
Raram. (relig.)	Illustrative	14,000	2,765	0,296	-0,018	-0,130

P56Rec

Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Até 20 livros	Illustrative	26,000	1,912	-0,333	0,264	0,319
20 a 50 livros	Illustrative	23,000	2,064	-0,128	-0,334	0,299
50 a 100 livros	Illustrative	25,000	1,960	0,109	-0,075	-0,421
100 livros ou +	Illustrative	47,000	1,255	0,189	0,057	-0,099

P62Rec

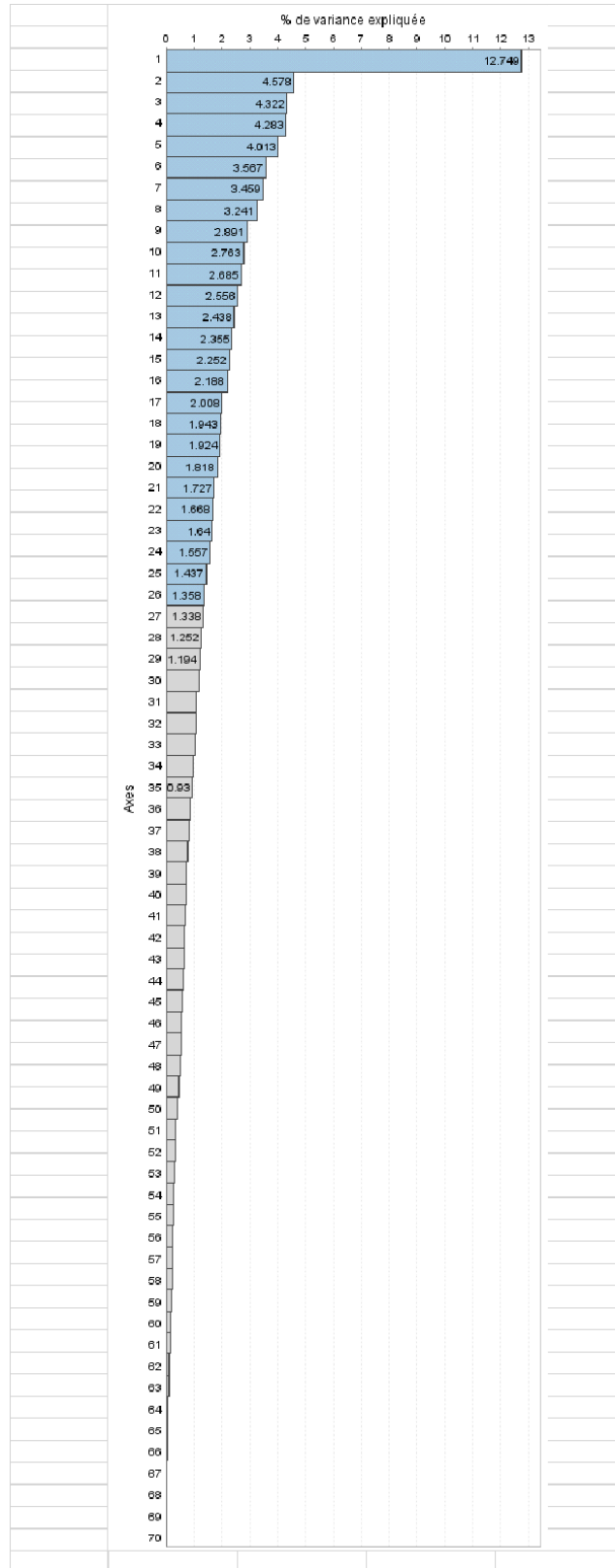
Libellé de la modalité	Statut	Poids	Distance à l'origine	Axe 1	Axe 2	Axe 3
Nenhum país	Illustrative	60,000	1,008	-0,020	-0,063	0,152
Entre 1 e 3 países	Illustrative	32,000	1,668	-0,018	-0,084	-0,130
Entre 4 e 6 países	Illustrative	9,000	3,528	0,131	-0,122	-0,373
Entre 7 e 10 países	Illustrative	7,000	4,036	0,251	0,704	-0,527
+ de 11 países	Illustrative	13,000	2,882	-0,091	0,203	0,160

**APÊNDICE G - Tabela demonstrativa da variância explicada pelos eixos 1, 2 e 3 pela
Taxa Modificada de Benzécri**

Axe	Variance de l'axe (valeur propre)	% de variance expliquée	% de variance expliquée cumulé	Taux modifié de Benzécri (%)
1	0,246	12,7	12,7	68,1
2	0,088	4,6	17,3	5,5
3	0,083	4,3	21,6	4,6
4	0,083	4,3	25,9	4,5
5	0,077	4,0	29,9	3,7
6	0,069	3,6	33,5	2,6
7	0,067	3,5	37,0	2,3
8	0,063	3,2	40,2	1,9
9	0,056	2,9	43,1	1,2
10	0,053	2,8	45,9	1,0
11	0,052	2,7	48,6	0,9
12	0,049	2,6	51,1	0,8
13	0,047	2,4	53,5	0,6
14	0,045	2,4	55,9	0,5
15	0,043	2,3	58,2	0,4
16	0,042	2,2	60,3	0,4
17	0,039	2,0	62,3	0,2
18	0,037	1,9	64,3	0,2
19	0,037	1,9	66,2	0,2
20	0,035	1,8	68,0	0,1
21	0,033	1,7	69,8	0,1
22	0,032	1,7	71,4	0,1
23	0,032	1,6	73,1	0,0
24	0,030	1,6	74,6	0,0
25	0,028	1,4	76,1	0,0
26	0,026	1,4	77,4	0,0
27	0,026	1,3	78,8	0,0
28	0,024	1,3	80,0	0,0
29	0,023	1,2	81,2	0,0
30	0,022	1,1	82,3	0,0
31	0,021	1,1	83,4	0,0
32	0,021	1,1	84,5	0,0
33	0,020	1,0	85,5	0,0
34	0,019	1,0	86,5	0,0
35	0,018	0,9	87,4	0,0
36	0,016	0,8	88,3	0,0
37	0,016	0,8	89,1	0,0
38	0,015	0,8	89,9	0,0

39	0,014	0,7	90,6	0,0
40	0,014	0,7	91,3	0,0
41	0,013	0,7	92,0	0,0
42	0,013	0,7	92,7	0,0
43	0,012	0,6	93,3	0,0
44	0,012	0,6	93,9	0,0
45	0,011	0,6	94,5	0,0
46	0,010	0,5	95,0	0,0
47	0,010	0,5	95,5	0,0
48	0,009	0,5	96,0	0,0
49	0,009	0,5	96,5	0,0
50	0,008	0,4	96,9	0,0
51	0,007	0,3	97,3	0,0
52	0,006	0,3	97,6	0,0
53	0,006	0,3	97,9	0,0
54	0,005	0,3	98,1	0,0
55	0,005	0,3	98,4	0,0
56	0,004	0,2	98,6	0,0
57	0,004	0,2	98,8	0,0
58	0,004	0,2	99,0	0,0
59	0,003	0,2	99,2	0,0
60	0,003	0,2	99,3	0,0
61	0,003	0,1	99,5	0,0
62	0,002	0,1	99,6	0,0
63	0,002	0,1	99,7	0,0
64	0,001	0,1	99,8	0,0
65	0,001	0,1	99,8	0,0
66	0,001	0,0	99,9	0,0
67	0,001	0,0	99,9	0,0
68	0,001	0,0	99,9	0,0
69	0,000	0,0	100,0	0,0
70	0,000	0,0	100,0	0,0
71	0,000	0,0	100,0	0,0
72	0,000	0,0	100,0	0,0
73	0,000	0,0	100,0	0,0
74	0,000	0,0	100,0	0,0
Total	1,930	100,0	100,0	100,0

**APÊNDICE H – Gráfico demonstrativo da variância explicada pelos eixos 1, 2 e 3 pela
Taxa Modificada de Benzécri**



**APÊNDICE I - Modalidades (ou categorias) ativas que contribuíram acima da média
para a conformação do eixo 1 (Figura 1)**

Libellé de la variable	Libellé de la modalité	Poids	Coordonnée	Contribution
P18g	Sim (resp. merc.)	26,000	-1,394	5,1
P7Rec	Cent-dir.	11,000	-1,358	2,1
P17	Dimin. pap. Est.	19,000	-1,354	3,5
P11b	Fil. part. dir.	25,000	-1,352	4,6
P9	Conservad.-lib.	14,000	-1,319	2,5
P9	Liberal.	17,000	-1,299	2,9
P7Rec	Dir.	27,000	-1,297	4,6
P13b	Part. gp dir.	28,000	-1,091	3,4
ÍndiceDirRec	Part. manif. dir.	41,000	-1,030	4,4
P18b	Sim (honest. pol.)	22,000	-0,963	2,1
P3Rec	Red. Soc. (iníc. TP)	12,000	-0,931	1,1
P17	Honest./comb. corrup.	23,000	-0,911	1,9
ÍndiceEsqRec	N. part. manif. esq.	49,000	-0,901	4,1
P25Rec	Dir. (m)	26,000	-0,848	1,9
P20	Presid. técnico	42,000	-0,843	3,0
P26Rec	Dir. (p)	40,000	-0,672	1,8
P18f	Sim (comb. corrup.)	26,000	-0,663	1,2
P18c	Não (def. DH)	65,000	-0,568	2,1
ZONE CENTRALE				
P18g	Não (resp. merc.)	95,000	0,381	1,4
P18a	Sim (elim. mis.)	45,000	0,526	1,3
ÍndiceDirRec	N. part. manif. dir.	80,000	0,528	2,3
P26Rec	Esq. (p)	40,000	0,566	1,3
P17	Melh. sit. social	67,000	0,568	2,2
P25Rec	Esq. (m)	49,000	0,578	1,7
ÍndiceEsqRec	Part. manif. esq.	72,000	0,613	2,8
P18c	Sim (def. DH)	56,000	0,660	2,5
P7Rec	Esq.	48,000	0,804	3,2
P20	Presid. assistenc.	48,000	0,845	3,5
P9	Social.	27,000	0,864	2,1
P11b	Fil. part. esq.	39,000	0,874	3,0
P13b	Part. gp esq.	39,000	0,890	3,1
TOTAL				82,7

APÊNDICE J - Modalidades (ou categorias) suplementares que são importantes para a caracterização do eixo 1 (Figura 2)

Libellé de la variable	Libellé de la modalité	Poids	Coordonné e	Écart calibré	Valeur-test	Probabilité
P34cRec	Quad. sup. priv.	9,000	-0,933	-0,933	-2,898	0,002
P50Rec	Evang./Prot.	16,000	-0,912	-0,912	-3,900	0,000
P34cRec	Aut./MEI/Comerc.	10,000	-0,901	-0,901	-2,961	0,002
P57c	liv.autoajuda+	18,000	-0,878	-0,878	-4,020	0,000
P57i	liv.empreend.+	38,000	-0,825	-0,825	-6,117	0,000
P64d	MPB-	31,000	-0,804	-0,804	-5,168	0,000
P48Rec	+ de 15 SM	14,000	-0,770	-0,770	-3,051	0,001
P64n	gospel+	21,000	-0,650	-0,650	-3,260	0,001
P33bRec	AF Biológ.	8,000	-0,532	-0,532	-1,549	0,061
P51Rec	+ 1x sem. (relig.)	16,000	-0,508	-0,508	-2,170	0,015
P33bRec	AF Cur. Téc.	12,000	-0,488	-0,488	-1,773	0,038
P30Rec	Esc. EM/ET	17,000	-0,465	-0,465	-2,061	0,020
P57d	liv.religiosos+	22,000	-0,445	-0,445	-2,297	0,011
P55g	PCP.telegram+	16,000	-0,428	-0,428	-1,829	0,034
P64i	samba-	66,000	-0,423	-0,423	-5,076	0,000
P42Rec	EF I incom. (esc. m)	19,000	-0,416	-0,416	-1,965	0,025
P28Rec	41 a 50 an.	27,000	-0,415	-0,415	-2,437	0,007
P6f	Sim (MCMV)	8,000	-0,412	-0,412	-1,201	0,115
ZONE CENTRALE						
P42Rec	PG (esc. m)	7,000	0,415	0,415	1,125	0,130
P43b	Quad. méd. (ocup. m.)	9,000	0,425	0,425	1,320	0,093
P43b	Aut./MEI/Com. (ocup. m.)	7,000	0,435	0,435	1,181	0,119
P64f	funk+	27,000	0,436	0,436	2,560	0,005
P50Rec	Rel. Afro-bras.	17,000	0,483	0,483	2,140	0,016
P64i	samba+	55,000	0,508	0,508	5,076	0,000
P34cRec	Prof./Pesq.	14,000	0,523	0,523	2,073	0,019
P45b	N/R (ocup. p.)	7,000	0,593	0,593	1,608	0,054
P64h	axé+	12,000	0,614	0,614	2,233	0,013
P57k	liv.poesia+	25,000	0,618	0,618	3,453	0,000

**APÊNDICE K - Modalidades (ou categorias) ativas que contribuíram acima da média
para a conformação do eixo 2 (Figura 3)**

Libellé de la variable	Libellé de la modalité	Poids	Coordonnée	Contribution
P26Rec	N. iden. esp. pol. (p)	16,000	-0,934	4,0
P25Rec	N. iden. esp. pol. (m)	29,000	-0,718	4,2
P3Rec	Univers. (iníc. TP)	16,000	-0,696	2,2
P18e	Sim (Est. laico)	36,000	-0,692	4,9
P13b	Part. gp esq.	39,000	-0,638	4,5
P11b	Fil. part. esq.	39,000	-0,602	4,0
P9	Comun.	17,000	-0,536	1,4
P8	Não (semp. ident. esp. pol.)	40,000	-0,490	2,7
P4h	Sim (AP manif.)	59,000	-0,394	2,6
P9	Social.	27,000	-0,374	1,1
P4i	Sim (AP RS)	72,000	-0,292	1,7
P4e	Sim (AP part.)	64,000	-0,262	1,3
P4c	Sim (AP grup. pol.)	69,000	-0,257	1,3
ZONE CENTRALE				
P8	Sim (semp. ident. esp. pol.)	78,000	0,241	1,3
ÍndiceEsqRec	N. part. manif. esq.	49,000	0,274	1,0
P18e	Não (Est. laico)	85,000	0,293	2,1
P4e	Não (AP part.)	57,000	0,295	1,4
P4c	Não (AP grup. pol.)	52,000	0,342	1,7
P11b	N. fil. part.	34,000	0,372	1,3
P4h	Não (AP manif.)	62,000	0,375	2,5
P26Rec	Esq. (p)	40,000	0,393	1,8
P15	Sim (part. sind.)	22,000	0,418	1,1
P16b	Cargo pol. asses./CC	34,000	0,426	1,7
P4i	Não (AP RS)	49,000	0,430	2,6
P1Rec	+ 15 an. (temp. ativ.)	33,000	0,479	2,2
P3Rec	Escola (iníc. TP)	20,000	0,518	1,5
P26Rec	Centro (p)	15,000	0,552	1,3
P13b	N. part. grupo pol.	46,000	0,563	4,1
P12	Não (pref. part.)	24,000	0,567	2,2
P9	Social-dem.	35,000	0,592	3,5
P24	Sim (pais ativ. pol.)	26,000	0,608	2,7
P7Rec	Cent-esq.	20,000	0,667	2,5
P2Rec	OR (mot. ativ.)	10,000	0,688	1,3
P25Rec	Centro (m)	14,000	0,878	3,1
TOTAL				78,7

APÊNDICE L - Modalidades (ou categorias) suplementares que são importantes para a caracterização do eixo 2 (Figura 4)

Libellé de la variable	Libellé de la modalité	Poids	Coordonnée	Écart calibré	Valeur-test	Probabilité
P43b	Man. n. qualif (ocup. m.)	24,000	-0,611	-0,611	-3,332	0,000
P34cRec	Quad. méd.	17,000	-0,593	-0,593	-2,626	0,004
P52c	viagempasseio-	19,000	-0,451	-0,451	-2,133	0,016
P52f	restaurante-	19,000	-0,438	-0,438	-2,072	0,019
ZONE CENTRALE						
P48Rec	6 a 9 SM	17,000	0,414	0,414	1,834	0,033
P64l	reggae+	21,000	0,424	0,424	2,127	0,017
P53d	inforternet-	14,000	0,431	0,431	1,709	0,044
P32	N. tem ES (fac. púb.xpart.)	21,000	0,440	0,440	2,207	0,014
P43b	Quad. púb. (ocup. m.)	8,000	0,483	0,483	1,408	0,080
P44Rec	PG (esc. p)	9,000	0,526	0,526	1,634	0,051
P53f	infocont.pol.rs-	27,000	0,537	0,537	3,153	0,001
P50Rec	Espírita	7,000	0,546	0,546	1,481	0,069
P43b	Man. qualif. (ocup. m.)	11,000	0,551	0,551	1,908	0,028
P43b	N/R (ocup. m.)	10,000	0,605	0,605	1,988	0,023
P53e	inforádio+	22,000	0,630	0,630	3,255	0,001
P33bRec	AF Cur. Téc.	12,000	0,645	0,645	2,344	0,010
P45b	Prof. lib. (ocup. p.)	13,000	0,690	0,690	2,623	0,004
P62Rec	Entre 7 e 10 países	7,000	0,704	0,704	1,910	0,028
P55b	PCP.instagram-	20,000	0,895	0,895	4,364	0,000
P55a	Não segue PCP	10,000	0,999	0,999	3,284	0,001

**APÊNDICE M - Modalidades (ou categorias) ativas que contribuíram acima da média
para a conformação do eixo 3 (Figura 5)**

Libellé de la variable	Libellé de la modalité	Poids	Coordonnée	Contribution
P1Rec	Até 3 an. (temp. ativ.)	13,000	-1,178	5,4
P20	Presid. concilador	9,000	-1,159	3,6
P17	Dimin. pap. Est.	19,000	-0,923	4,9
P9	Liberal.	17,000	-0,918	4,3
P25Rec	Centro (m)	14,000	-0,750	2,4
P3Rec	Univers. (iníc. TP)	16,000	-0,740	2,6
P5Rec	PM 1x sem. (AP)	22,000	-0,690	3,1
P5Rec	+/- q 1x mês (AP)	14,000	-0,654	1,8
P11b	Fil. part. dir.	25,000	-0,377	1,1
P18e	Sim (Est. laico)	36,000	-0,320	1,1
P4c	Não (AP grup. pol.)	52,000	-0,274	1,2
P23	Sim (polít. em casa)	72,000	-0,272	1,6
P18f	Não (comb. corrup.)	95,000	-0,234	1,6
P4g	Não (AP bairro)	100,000	-0,211	1,3
P12	Sim (pref. part.)	97,000	-0,200	1,2
ZONE CENTRALE				
P18d	Não (func. inst.)	57,000	0,260	1,2
P5Rec	Diariam. (AP)	85,000	0,286	2,1
P4f	Sim (AP trab.)	45,000	0,310	1,3
P1Rec	+ 15 an. (temp. ativ.)	33,000	0,377	1,4
P23	Não (polít. em casa)	45,000	0,467	2,9
P18b	Sim (honest. pol.)	22,000	0,545	2,0
P9	Conservad.-lib.	14,000	0,588	1,5
P3Rec	Motiv. indiv. (iníc. TP)	15,000	0,594	1,6
P26Rec	N. iden. esp. pol. (p)	16,000	0,749	2,7
P12	Não (pref. part.)	24,000	0,809	4,7
P18f	Sim (comb. corrup.)	26,000	0,854	5,7
P4g	Sim (AP bairro)	21,000	1,005	6,4
P17	Honest./comb. corrup.	23,000	1,032	7,4
TOTAL				77,9

APÊNDICE N - Modalidades (ou categorias) suplementares que são importantes para a caracterização do eixo 3 (Figura 6)

Libellé de la variable	Libellé de la modalité	Poids	Coordonnée	Écart calibré	Valeur-test	Probabilité
P34cRec	Quad. sup. priv.	9,000	-0,822	-0,822	-2,553	0,005
P35	N. trab.	14,000	-0,814	-0,814	-3,224	0,001
P34cRec	N. trab.	12,000	-0,773	-0,773	-2,811	0,002
P48Rec	+ de 15 SM	14,000	-0,665	-0,665	-2,634	0,004
P43b	Prof. lib. (ocup. m.)	9,000	-0,634	-0,634	-1,969	0,024
P32	Majorit. fac. púb.	14,000	-0,592	-0,592	-2,348	0,009
P62Rec	Entre 7 e 10 países	7,000	-0,527	-0,527	-1,431	0,076
P45b	Prof. lib. (ocup. p.)	13,000	-0,480	-0,480	-1,824	0,034
P28Rec	Até 25 an.	17,000	-0,471	-0,471	-2,087	0,018
P43b	Quad. púb. (ocup. m.)	8,000	-0,460	-0,460	-1,342	0,090
P48Rec	9 a 12 SM	10,000	-0,456	-0,456	-1,499	0,067
P56Rec	50 a 100 livros	25,000	-0,421	-0,421	-2,352	0,009
P63b	inglês+	49,000	-0,413	-0,413	-3,730	0,000
P57c	liv.autoajuda+	18,000	-0,403	-0,403	-1,844	0,033
ZONE CENTRALE						
P41Rec	Esc. púb. (f)	15,000	0,407	0,407	1,677	0,047
P64n	gospel+	21,000	0,416	0,416	2,087	0,018
P42Rec	EF I incom. (esc. m)	19,000	0,438	0,438	2,071	0,019
P45b	Man. n. qualif (ocup. p.)	9,000	0,451	0,451	1,402	0,080
P28Rec	31 a 40 an.	28,000	0,471	0,471	2,831	0,002
P55g	PCP.telegram+	16,000	0,473	0,473	2,025	0,021
P51Rec	+ 1x sem. (relig.)	16,000	0,486	0,486	2,080	0,019
P45b	N/R (ocup. p.)	7,000	0,562	0,562	1,525	0,064
P43b	Man. qualif. (ocup. m.)	11,000	0,665	0,665	2,305	0,011
P34cRec	Aut./MEI/Comerc.	10,000	0,672	0,672	2,208	0,014
P33bRec	AF Cur. Téc.	12,000	0,672	0,672	2,441	0,007
P57a	Não tem háb. de ler	9,000	0,752	0,752	2,336	0,010
P52j	filmes/séries-	9,000	0,885	0,885	2,749	0,003

APÊNDICE O - Dendrograma de construção dos clusters

